

LÉA BARBOSA DE SOUSA

**AFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR DA
EDUCAÇÃO INFANTIL: RELEVÂNCIA PARA A
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Orientadora: Maria Neves Gonçalves

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia
Instituto de Educação**

Lisboa

2014

LÉA BARBOSA DE SOUSA

**AFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR DA
EDUCAÇÃO INFANTIL: RELEVÂNCIA PARA A
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Educação para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação no Curso de Mestrado em Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria Neves Gonçalves

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2014

“A afetividade precisa ser algo permanente na convivência familiar, escolar e na sociedade em geral. Sem afeto as relações humanas são prejudicadas”.

(Léa Barbosa de Sousa)

Às duas escolas, particular e pública, gestores, professores pela disponibilidade em me atender;

Em especial aos pais das duas escolas, pública e particular em que esta pesquisa de campo aconteceu;

Aos pais que procuram dar o melhor que podem aos filhos dedico este trabalho;

Ao meu esposo Moacir pelas horas que sentado ao meu lado me ouvia questionar alguns assuntos ao escrever esta dissertação, a você meu amor, muito obrigada;

Aos meus três filhos: Caio, Calebe e Caiolon, a vocês meus amores, dedico este trabalho.

Desenvolver este trabalho não foi fácil, foi preciso muita dedicação e muitas leituras, ajustes, porém gratificante. Essas dificuldades só fizeram com que enxergássemos o quanto o conhecimento é valioso para concretizar um sonho.

Este trabalho não teria sido realizado sem a participação especial de pessoas que de alguma forma colaboraram para este resultado, orientando, motivando, acompanhando, ouvindo, sugerindo, dando dicas importantes para se tornar relevante.

Agradeço primeiramente a Deus por existir e tornar a minha vida cheia de sentido, pelo seu amor incondicional por mim e por ter me ajudado sempre, dando-me forças para caminhar e inteligência para estudar.

À Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias pelo acolhimento e oportunidade de realização do curso de mestrado.

À Professora Eliza Angélica, pela atenção e motivação constante.

À minha orientadora Doutora Maria Neves Gonçalves por ter me orientado da melhor forma possível.

À Professora mestre Marisa Pascarelli Agrello, amiga, profissional dedicada em tudo que faz uma pessoa sensível e determinada, agradeço pelo carinho e atenção. À você, querida amiga, Marisa, o meu sincero agradecimento.

Às escolas que gentilmente abriu as portas para que a pesquisa de campo fosse realizada juntamente com a contribuição pessoal de cada envolvido neste estudo: crianças, pais, professores e gestores, obrigada pela disponibilidade e por ter feito parte deste trabalho que para mim tem um valor significativo.

Ao meu esposo Moacir pelas horas de escuta, incentivo e paciência. A você meu amor, companheiro, amigo para todas as horas, muito obrigada, quero dizê-lo que o meu amor é cada vez maior e intenso por você.

Aos meus três filhos: Caio, Calebe e Cailon, que aos longos desses anos me mostram como é gostoso compartilhar tantos sentimentos juntos, e o maior deles o amor, a vocês obrigada por tantas horas de ausência, mas ao mesmo tempo juntos, pois o amor e a afetividade que nos une mesmo estando longe é forte.

Aos meus queridos filhos agradeço a realização desta dissertação de mestrado.

À minha mãe Zeneida que aos 83 anos de idade, muito me incentivou e sempre acreditou no meu trabalho.

Aos meus irmãos e irmãs, em especial Isabel, que nas horas que precisei, mesmo longe, em outro estado (Rio de Janeiro) me ouvia e me dizia o quanto eu era capaz de realizar não só este sonho, mais muitos outros, como cursar um doutorado, obrigada pelo carinho de todos vocês.

Todos vocês são co-autores deste trabalho.

RESUMO

No presente trabalho, com o título *Afetividade no contexto escolar da Educação Infantil: relevância para a aprendizagem significativa* buscou-se fazer um estudo bibliográfico complementado com uma pesquisa de campo enfocando as questões do afeto, tendo como objeto de estudo a afetividade na aprendizagem significativa com crianças de 05 (cinco) anos. É indiscutível a importância do vínculo afetivo para aprendizagem. As crianças que não recebem afeto têm sérios comprometimentos em várias áreas: cognitiva, psicológica e social. As ações educacionais precisam estabelecer um vínculo afetivo entre escola e família. As questões familiares estão presentes na vida do aluno, permitindo assim uma discussão entre a instituição escolar e familiar. A escola e a família devem estabelecer uma relação recíproca, onde ambas necessitam uma da outra. Este trabalho faz uma análise sobre a questão dos afetos na relação da criança com os professores, com a família e consigo mesma. Para isso foram trabalhados seis desenhos com cinco crianças da Educação Infantil, da Escola Pública e da Escola Particular; entrevista com cinco pais, professores e gestores. Os resultados foram analisados e observou-se que as crianças em sua maioria estão bem afetivamente, sentem-se cuidadas e amadas pelos seus pais. No entanto, verificou-se a necessidade de trabalhar mais os afetos nas duas escolas. Sendo assim, a proposta aqui apresentada tem como intuito esclarecer ao leitor a importância da afetividade no desenvolvimento saudável da criança, como também, discutir vários assuntos pertinentes da Educação Infantil. O embasamento teórico pontua-se em autores que, ao longo dos anos, têm contribuído muito com a questão dos afetos, a saber: Wallon (1968), Piaget (1971), Vygotsky (1991), Winnicott (1971), Maturana (2004), Almeida (1999), Zagury (2004) entre outros abordados nesta dissertação de mestrado, que nos esclarece ainda que educar demanda tempo, paciência e dedicação, tanto no âmbito familiar quanto escolar.

Palavras-chave: Aprendizagem-significativa. Afetividade. Cuidar. Família. Educação Infantil.

ABSTRACT

In this work, with the title *Affectivity in the school context of early childhood education: relevance for meaningful learning* we sought to make a bibliographical study complemented by a field study focusing on the issues of affection, having as object of study affectivity in meaningful learning with five (05) years old children. It is undisputed the importance of affection attached to learning. Children who do not receive affection have serious impairments in several areas: cognitive, psychological and social. The educational programs need to establish an emotional bond between school and family. Family issues are present in the student's life, thus allowing a discussion between the school and family institutions. The school and family should establish a reciprocal relationship where both need each other. This paper makes an analysis on the question of affection on the child's relationship with teachers, family and herself. For this were worked six drawings with five children from Kindergarten, Public and Private Schools; interviews with five parents, teachers and administrators. The results were analyzed and it was observed that children are mostly well emotionally, they feel cared for and loved by their parents. However, there is a need to work more affection in both schools. Thus, the proposal presented here has as aim to clarify to the reader the importance of affectivity in the healthy child development, as well as discuss various relevant issues of early childhood education. The theoretical background is based in authors who, over the years, have contributed a lot to the question of affections, namely: Wallon (1968), Piaget (1971), Vygotsky (1991), Winnicott (1971), Maturana (2004), Almeida (1999), Zagury (2004) among others discussed in this dissertation, which clarifies that educate demands time, patience and dedication, both in the family as the school environment.

Keywords: Meaningful learning. Affectivity. Caring. Family. Early Childhood Education.

LISTA DE ABREVIATURAS

ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação

CFB – Constituição Federal do Brasil

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OCEI - Orientações curriculares para educação infantil

OCEI - Orientações Curriculares para Educação Infantil

ONO – Organização das Nações Unidas

PAR - Plano de Ações Articuladas

PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais

PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação

RCN – Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil

SEM - Secretária de Educação do Município

SES – Secretaria de Educação de Sobral

UNESCO - Organização Educacional Científica e Cultural das Nações Unidas

ÍNDICE GERAL

RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
LISTA ABREVIATURAS.....	7
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I: A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	18
1.1 HISTÓRIA DA INFÂNCIA NO BRASIL A PARTIR DA DÉCADA 70.....	19
1.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	24
1.3 A EDUCAÇÃO INFANTIL NA CIDADE DE SOBRAL - CEARÁ.....	34
1.4 REFLEXÕES SOBRE O MODELO DE EDUCAÇÃO INFANTIL BRASILEIRO (PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS).....	45
CAPÍTULO II: PERCURSO TEÓRICO.....	54
2.1 TEORIAS DA APRENDIZAGEM.....	55
2.2 CARACTERÍSTICAS DAS TEORIAS DA APRENDIZAGEM.....	85
2.3. OBJETO DE ESTUDO DAS TEORIAS DA APRENDIZAGEM.....	86
2.4. REFLEXÕES SOBRE AS TEORIAS DA APRENDIZAGEM.....	87
CAPÍTULO III: A RELEVÂNCIA DA AFETIVIDADE PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA.....	92
3.1- CONCEITUAÇÕES DE AFETIVIDADE.....	93
3.2 DIFERENCIAÇÕES ENTRE AFETIVIDADE E PERMISSIVIDADE.....	98
3.3 A FAMÍLIA E A ESCOLA: UM DIÁLOGO EQUILIBRADO NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA.....	105
3.4 AFETIVIDADES, REGRAS, LIMITES E VALORES.....	114
CAPÍTULO IV: METODOLOGIA: PESQUISA DE CAMPO.....	126
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	128

4.2 APRESENTAÇÃO DO “LOCUS” DA PESQUISA.....	129
4.3 UNIVERSO DA PESQUISA.....	132
4.4 TIPO DE PESQUISA: QUALITATIVA.....	132
4.5 NATUREZA DA PESQUISA.....	134
4.6 SUJEITOS DA PESQUISA.....	137
4.7 INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	139
CAPÍTULO V: RESULTADO E REFLEXÃO SOBRE A INVESTIGAÇÃO.....	141
CONCLUSÕES.....	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	173
APÊNDICES.....	I
APÊNDICE I – ENTREVISTA COM OS PROFESSORES E GESTORES DAS DUAS ESCOLAS PESQUISADAS, PÚBLICA E PARTICULAR.....	II
APÊNDICE II - ENTREVISTA COM OS PAIS DAS DUAS ESCOLAS PESQUISADAS....	III
APÊNDICE III – DESENHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS DAS DUAS ESCOLAS PESQUISADAS.....	IV
APÊNDICE IV - TERMO DE AUTORIZAÇÃO.....	V
APÊNDICE V- CARTAS DE APRESENTAÇÕES.....	VI
APÊNDICE V.1- CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA DE DISSERTAÇÃO (COLÉGIO 1).....	VI
APÊNDICE V.2- CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA DE DISSERTAÇÃO (COLÉGIO 2).....	VII
ANEXOS.....	VIII
ANEXO 1 - ENTREVISTAS DOS GESTORES DA ESCOLA PÚBLICA NETINHA CASTELO-SOBRAL-CEARÁ.....	IX

ANEXO 2 - ENTREVISTAS DOS GESTORES DA ESCOLA PARTICULAR VER CRESCER. SOBRAL-CEARÁ.....	XXII
ANEXO 3 - ENTREVISTAS DOS PAIS DA ESCOLA PÚBLICA.....	XXIV
ANEXO 4 - ENTREVISTAS DOS PAIS DA ESCOLA PARTICULAR.....	XXIX
ANEXO 5 - CARTAS DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO.....	XXXV
ANEXO 6 – DECLARAÇÃO.....	XXXVIII
ANEXO 7 - DESENHOS DAS CRIANÇAS - ESCOLA PÚBLICA E PARTICULAR....	XXXIX

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO – 1 Atendimento nas Creches entre 2000 a 2011.....	37
GRÁFICO – 2 Total de Matrículas entre 2000 a 2011.....	38
GRÁFICO – 3 Amostragem Geral de Matrículas em Creches e Pré – Escolas em Sobral entre 2000 a 2011.....	39

INTRODUÇÃO

Afetividade no contexto escolar da Educação Infantil: relevância para a aprendizagem significativa é o título dessa dissertação de mestrado. Não podemos esquecer que houve uma mudança significativa na vida das pessoas nas últimas décadas: a globalização, a competitividade cada vez maior, os pais trabalhando cada vez mais, as crianças estudando num ritmo acelerado. A aprendizagem significativa ocupa o lugar de destaque na vida das crianças.

Para AUSUBEL (1963, p. 58),

Aprendizagem significativa é o mecanismo humano, por excelência, para adquirir e armazenar a vasta quantidade de ideias e informações representadas em qualquer campo de conhecimento. A essência da aprendizagem significativa requer um ambiente acolhedor e não arbitrário.

É fundamental que professores entendam o grau de conhecimento que cada criança tem armazenado ao chegar à escola. Aproveitando o início da escolarização para trabalhar a afetividade na relação professor e aluno.

Há possibilidades que a Teoria de Ausubel (1978) e suas possíveis práticas para o ensino e aprendizagem sejam sintetizadas na seguinte asserção de sua autoria (1978, p. 4).

Se tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um só princípio, diria o seguinte: o fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe. Averigüe isso e ensine-o de acordo.

Entende-se nesta citação de Ausubel (2008) que a criança tem o conhecimento prévio de um determinado assunto e precisa ser trabalhado no que há de melhor na estrutura cognitiva, ou seja, aprimorar o pouco que a criança já tem e torná-lo significativo dando oportunidades de crescimento cognitivo para o estudante.

Ausubel (2008) esclarece como a aprendizagem significativa acontece em crianças com idade pré-escolar, destaca que a formação de conceitos característica da criança nesta fase do desenvolvimento é a aquisição espontânea de ideias genéricas por meio da experiência empírico-concreta. É um tipo de aprendizagem por descoberta, envolvendo de forma primitiva, certos processos psicológicos (Moreira, 1982, p. 10).

Já na assimilação de conceito pontua que é característica de crianças mais velhas, bem como os adultos, adquirirem novos conceitos pela recepção de seus atributos criteriosos e pelo relacionamento desses atributos com ideias relevantes já estabelecidas em estrutura cognitiva (Moreira, 1982, p. 10).

Ficaram elucidadas nas palavras de Moreira (1982) baseada na Teoria de AUSUBEL a importância e a relevância do trabalho afetivo na Educação Infantil sobre a aprendizagem significativa para uma criança que está em fase de desenvolvimento cognitivo. É preciso entender a criança e observar o que ela já tem construído dentro de si. Por mais que sejam ideias espontâneas elas precisam ser valorizadas, aceitas e argumentadas.

A educação passa por grandes transformações, novas tecnologias, o excesso de atividades, a busca das escolas por estatísticas, o incentivo ao estudante em ser o melhor. Tudo isso compromete a relação da afetividade, não possibilitando às crianças vivenciarem a infância e a descoberta do mundo que a rodeia pela experimentação como aborda Piaget (1980) no período sensório-motor onde esta é ação e movimento e só se apropria do mundo a partir do próprio corpo em movimento.

A principal função da escola, portanto seria propiciar a esta criança a oportunidade de se socializar, pois por estar vivenciando a fase do “egocentrismo” necessita da convivência com o outro e o professor tem um papel importante de “mediador” de conflito. Nesta fase a criança passa pela crise da consciência corporal, onde adquire certa autonomia, mas é pela afetividade que também se socializa.

É preciso repensar a educação do século XXI; que mentes se pretende formar? Qual a importância do profissional na formação da criança? Hoje em dia cada vez mais professores da Educação Infantil estão preocupados em ensinar conteúdos acadêmicos e esquecendo ou mesmo não se apropriando da real importância da Educação Infantil que é não trabalhar com as estruturas básicas para a aprendizagem formal, mas principalmente propiciar às crianças a convivência harmoniosa com o outro. Esta se dá pela afetividade. O estudante não tem mais seu mestre como referencial e a afetividade na Educação Infantil está deixando de existir.

A pedagogia exercida atualmente nas escolas é para ser uma Pedagogia de Autonomia, que se inicia na Educação Infantil, como defendia Paulo Freire, mas esta pedagogia só existe na teoria, os educandos não podem exercer a liberdade de se expressar, pois os conteúdos são extensos e acadêmicos. A aprendizagem significativa só

acontecerá a partir de uma interação entre educador e educando na qual a afetividade esteja efetivamente presente.

A proposta dessa dissertação de mestrado é contribuir para que o mestre seja um exemplo para seu aprendiz e a afetividade entre ambos possa ser constante, autorizando o saber e possibilitando que sejam evidenciadas as habilidades, competências e capacidades. É na troca de informações que acontece o vínculo de afeto e confiança entre educador e educando. O ambiente onde a criança está inserida faz toda diferença em seu aprendizado. A escola deve ser um lugar favorável à aprendizagem prazerosa, acolhedora, possibilitando a vivência, criatividade, o brincar, a ludicidade, tão importantes nesta fase do desenvolvimento infantil segundo Piaget (1971), Vygotsky (1993) e Wallon (1968).

A criança não está preparada psicologicamente para desenvolver as funções cognitivas como a escola realmente quer. Percebemos que a criança na fase escolar infantil não está tendo a devida atenção. Atenção esta que merece ser vista pelos educadores e pela escola. Os pais ficam a mercê da instituição, acreditando no que ela lhe propõe, querendo que seus filhos sejam os melhores e para isto exigem muito mais do que podem e devem responder não valorizando as fases do desenvolvimento infantil que é de fundamental importância para sua saúde física e emocional.

Toda criança tem talento próprio e o professor não pode esquecer que esta é a porta de entrada do desenvolvimento dela. A criança é autora do seu próprio desenvolvimento, mas precisa de um mediador, cuja principal figura é o professor.

A função do educador é uma tarefa excepcional. Adequar as propostas pedagógicas à afetividade específica de cada criança é a tarefa mais delicada que todo adulto, pai, educador ou professor, deve ter sempre em mente. Para isso é preciso levar em consideração a própria visão do mundo infantil que o adulto forma, possibilitando assim o ressignificar e a resiliência.

É preciso compreender que a criança é um ser afetivo e precisa de cuidados para evoluir bem no seu aprendizado. O adulto precisa conectar-se com as suas próprias vivências da infância, para assim poder brincar com a criança e nessas brincadeiras possibilitar a construção dos aprendizados.

Quando há cuidado, há aprendizado significativo.

Tem-se na fala de Montserrat (1999) que a educação da afetividade precisa levar em consideração a vertente racional e emotiva dos conceitos e fatos que os alunos estão

aprendendo. É preciso pensar em educação da afetividade e principalmente no educando que é a razão maior da existência do sistema educacional, se não fosse os estudantes não existiria escolas e educadores.

Morin (2002) destaca que a educação do futuro deverá estar centrada na condição humana, considerando que o homem da racionalidade é também o da afetividade.

A relevância do referido estudo é com base na afetividade entre as crianças, pais, professores e gestores; colocando que somos referências para as crianças, seja na escola, em casa ou para a sociedade. Não podemos ficar longe quando o tema é afetividade, pois precisamos ser sensíveis diante dos sujeitos que nos cercam.

Como educadora e atuando no atendimento psicopedagógico clínico, tenho visto crianças com dificuldades na aprendizagem devido à busca desenfreada por resultados nas escolas em que as mesmas estão inseridas; e incentivadas pelos pais que acreditam que esse, é o caminho correto.

Vejo que os estudantes da Educação Infantil têm uma responsabilidade muito grande no quesito conteúdo acadêmico e deixam de vivenciar a infância. São crianças e não são respeitadas como tais. A escola as vê como estudantes e quer os resultados do que está sendo transmitido pelo professor e esquece algo muito importante que é o brincar como elemento fundamental da aprendizagem infantil onde todos os sonhos, desejos, alegrias, medos e descobertas são elaborados por meio dessa atividade lúdica e prazerosa.

O Referido trabalho está estruturado da seguinte forma: Capítulo I A Educação Infantil no Brasil. Neste capítulo faz-se apontamentos históricos da Educação Infantil no Brasil como também de outros países, mencionando principalmente as contribuições de alguns autores sobre a infância que se acha relevante destacar neste trabalho.

O Capítulo I está dividido em quatro tópicos com a finalidade de compreender melhor a trajetória da Educação Infantil no Brasil e suas principais mudanças; onde se apresenta primeiramente a História da Infância no Brasil a partir da década de 70. Logo após enfatizam-se os Aspectos Históricos da Educação Infantil no Brasil destacando a Educação Infantil na cidade de Sobral – Ceará. Para finalizar reflete-se sobre o Modelo de Educação Infantil Brasileiro (pontos positivos e negativos).

Contamos ainda com a contribuição de vários autores que corroboram tão bem a infância no Brasil e em outros países, entre eles citamos: Farias & Palhares (1999) relatam

com precisão a Educação Infantil após a LDB (1996), Piaget (1971), Ariés (1981), entre tantos outros que enriqueceram esta pesquisa.

Usamos ainda neste trabalho vários documentos de propriedade dos governos: Federal, Estadual e Municipal.

No capítulo II: Percurso Teórico. “Aprendizagem Significativa no Modelo da Educação Infantil”, afigura-se no importante trabalho de diversos autores que apresentam suas teorias sobre essa temática. Está dividido em quatro partes. No tópico 2.1 é abordada as Teorias da Aprendizagem, a importância de cada uma para o aprendizado humano. No tópico 2.2 são discutidas as características das Teorias da Aprendizagem e sua importância na educação. No tópico 2.3 destacam-se os objetivos das Teorias da Aprendizagem. No tópico 2.4 para concluir apresenta-se uma reflexão entre as teorias da aprendizagem.

Temos no Capítulo III: “A Relevância da Afetividade para a Aprendizagem Significativa”, tema este tão importante nos dias atuais, pontuados por autores, tais como: Wallon (1968), Piaget (1971), Vygotsky (1984), Winnicott (1971), Maturana (2004), Almeida (1999), Zagury (2004), entre outros autores imprescindíveis que têm contribuído com a aprendizagem na Educação Infantil.

Entende-se como afeto os sentimentos que estão intrínsecos em cada sujeito e de forma diferente, entre estes sentimentos vale citar: carinho, atenção, acolhimento, vínculo, respeito mútuo, entre outros.

No Capítulo IV falaremos sobre a Metodologia da Pesquisa de Campo, que contou com a colaboração de duas escolas, sendo uma pública e a outra particular na cidade de Sobral-Ceará. Nesta pesquisa procurou-se saber como estavam as questões dos afetos entre as crianças, professores, gestores e pais, que foram os sujeitos trabalhados na pesquisa de campo.

Para finalizarmos esta introdução temos ainda o capítulo V que trata do Resultado e Reflexão sobre a Investigação.

Foi feita análise dos dados colhidos nas entrevistas e nos desenhos das dez crianças, sendo cinco da escola pública e cinco da escola particular na cidade de Sobral-Ceará. Realizamos uma reflexão sobre a afetividade nas relações humanas, o quanto é importante este sentimento na aprendizagem das crianças que estão na Educação Infantil. Destacamos ainda neste capítulo as falas dos pais e dos gestores com relação à afetividade na Educação Infantil.

É imprescindível para o educador, pais e responsáveis do século XXI tratar as questões dos afetos com mais atenção, é preciso que estejamos mais sensíveis diante do papel da afetividade, seja em casa, na escola e na sociedade.

Finalizaremos este trabalho com a conclusão destacando a relevância da dissertação, e do que foi realizado no decorrer da pesquisa.

CAPÍTULO I

A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

“O professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir. Cria situação-problemas”.

Jean Piaget (1948. p. 102)

O presente capítulo faz uma retrospectiva sobre as principais mudanças ocorridas na Educação Infantil no Brasil. Sabe-se que a educação de modo geral no Brasil vem atravessando mudanças significativas, e a Educação Infantil primeira etapa da Educação Básica, nos últimos anos têm sido assistida como a base fundamental, a estrutura e formação do ser humano pelos Governos: Federal, Estadual e Municipal.

Neste capítulo far-se-á apontamentos históricos da Educação Infantil no Brasil como também de outros países, mencionando principalmente as contribuições de alguns autores sobre a infância que é relevante destacar nesta pesquisa.

O capítulo foi desenvolvido e dividido em quatro tópicos com a finalidade de compreender melhor a trajetória da Educação Infantil no Brasil e suas principais mudanças onde se apresenta primeiramente a História da Infância no Brasil a partir da década de 70. Logo em seguida, apresentar-se-á os Aspectos Históricos da Educação Infantil no Brasil destacando a Educação Infantil na cidade de Sobral – Ceará. Finalizando assim o capítulo com o Modelo de Educação Infantil Brasileiro (pontos positivos e negativos).

1.1 História da Infância no Brasil a partir da década 70

É interessante iniciar este tópico com uma epígrafe de Quintana que diz: “Quando guri, eu tinha de me calar, à mesa; só as pessoas grandes falavam. Agora, depois de adulto tenho de ficar calado para as crianças falarem”. (2006, p. 167).

Pode-se perceber que Mário Quintana quis dizer que a criança foi notada, não podendo ser mais olhada como um ser inerte, mas como um ser em transformação, que merece atenção em todas as fases de seu desenvolvimento, mas que nem sempre foi assim.

Na Idade Média (séc. XV) a criança era vista pelos adultos como uma pessoa que não podia se expressar, pois não era depositado valor nenhum em seus sentimentos (AIRÈS 1981). Não era o foco da atenção, não se falava em crianças e nem a deixavam falar.

A História da Infância no Brasil não é muito diferente dos demais países. Antes de falar sobre a Infância no Brasil fala-se sucintamente da Infância na Idade Média, onde justamente nesta época surgiu o interesse em pesquisar e falar sobre a criança.

O historiador muito conhecido no meio educacional Ariés (1981), já citado neste trabalho, se interessou e pesquisou sobre a infância trazendo informações pertinentes, resgatando a História da Criança e da Família Medieval. O estudo realizado pelo autor mencionado esclarece que a criança sempre existiu, e foi citado nos primeiros registros históricos. Porém, o sentimento de infância, cuidado, educação, valores, afeto, preocupação

da sociedade em relação às crianças e seu bem estar só veio acontecer com a Modernidade.

Ariés, (1981) retrata muito bem a História da Infância e da Família. Procurou traçar um panorama da criança e da família registrando lentamente suas transformações. Para este estudo minucioso o historiador precisou pesquisar em diários, testamentos, igrejas, túmulos, pinturas e vestimentas, dessa forma, tornou - se um pesquisador importante que resgatou a História da Infância trazendo informações esclarecedoras.

No século XI as crianças vestiam-se como adultos, sua fisionomia e forma física eram de adultos. Os pequenos eram adultos em miniatura.

No século XII desconhecia - se a infância, sentimento de infância, tratar a criança como criança, não existia. O sentimento de infância ocorre na emoção ocidental no século XIII. É importante ressaltar neste escrito, que no século XIII não era visto crianças com características de criança, e sim, adultos em miniatura, homens em tamanho menores.

O assunto infância foi descoberto através da História da Arte, tema bastante comentado na religião. Conforme a História da Infância, ela foi de fato reconhecida no final do século XV.

É interessante descrever que no dia a dia as crianças misturavam-se aos adultos, fazendo as mesmas atividades, trabalhando, passeando e jogando.

Os pintores da época se encantavam pelo modo divertido que as crianças demonstravam, eram repletas de graça e devido a esse comportamento os pintores retratavam as crianças inseridas nos grupos e em locais com a presença de muitas pessoas.

Observa-se neste relato que mesmo inseridas no meio adulto, as crianças eram diferentes, por isso chamavam tanto a atenção dos pintores da época.

A História da Infância relata que no século XV o retrato e a imagem de garotinhos começam a surgir, significando que o sentimento de infância estava sendo valorizado.

A História da Criança vem sendo mudada aos poucos e pode-se observar que tais mudanças foram imprescindíveis para efetivar os seus direitos perante a sociedade.

Vê-se que estas transformações ocorreram com veemência na cultura, na sociedade, na religião e no que diz respeito à forma de ensinar e educar os pequenos. Essas mudanças fizeram toda a diferença, sabendo que o ser humano se constrói à medida que se sente útil no meio social e é valorizado pelo mesmo. Com a criança não é diferente.

Pode-se destacar na fala de Larrosa (2004) que a criança não é nem antiga nem moderna, não está antes e nem depois, mas agora, atual, presente. Acrescenta ainda que o tempo da criança não é linear nem evolutivo, nem genético, nem dialético, nem sequer narrativo. A criança é um presente inatual, intempestivo, uma figura do acontecimento.

Não foi dado o devido valor que a criança necessitava, pois conforme o autor supracitado cada época tem sua cultura, seus valores e crenças e a criança não era vista como alguém que precisava de estrutura para se afirmar no mundo cada vez mais complexo. Faltou na visão do adulto entender que cada época tem suas peculiaridades, mas a criança sempre será uma criança, que crescerá e se firmará na sociedade conforme a educação que recebeu do adulto ou responsável.

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio, e isto porque, através das interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios. (PCN's, 1998, p. 21)

Conforme descrito na citação acima, é preciso compreender a criança desde a mais tenra idade, respeitando o seu desenvolvimento, mas acima de tudo ensinar a conviver com o outro, mostrando e ensinado as regras de convivência e a importância e o porquê do limite, isto é, demonstrar afeto a criança e dizer que ela é importante.

No entanto no Brasil a preocupação pela criança ocorreu no final do século XIX. A infância no Brasil foi marcada por vários acontecimentos, entre eles a exploração da mão de obra infantil, ainda atualmente muito presente no solo brasileiro.

Destaca-se em poucas linhas a História da Infância no Brasil começando pelo Brasil Colônia que ocorreu entre 1500 a 1808. Naquela época a imagem de criança não era vista na sua totalidade, mas, sim aos pedaços. Dessa forma surge ocultamente e sem compreensão a primeira personagem infantil da História do Brasil, a criança indígena.

As crianças indígenas (curumins) eram fortemente disciplinadas pelos Jesuítas. (1549-1759) que segundo eles, o “muito mimo” deveria ser repudiado. (FARIA, 2005). Observa-se que a História da Infância brasileira foi marcada desde o início por fortes repressões. Ainda o autor pontua:

Nesse sentido, os curumins foram considerados pelos Jesuítas mais como alvos ideais para o processo de aculturação, catequização, do que para escolarização. Não eram compreendidos como sujeitos intelectualmente capazes de construir conhecimento, mas sim, como “massas moldáveis” ou “papel em branco”, intermediários na tentativa de domesticação dos índios adultos. (FARIA, 2005, p. 47)

A afetividade não existia. As crianças eram retiradas de suas famílias e levadas para os colégios jesuítas para serem ensinadas a religião e a educação. Dessa forma as

crianças eram ensinadas a romper com a cultura indígena. Seus sentimentos eram substituídos por ensinamentos que interessavam exclusivamente aos jesuítas.

Conforme a citação acima as crianças indígenas não eram dignas de credibilidade por parte dos jesuítas. Elas as viam como um papel em branco que seria preenchido conforme eles (jesuítas) quisessem. Não dando sequer oportunidades as crianças de se expressar, mas moldando-as de acordo com o que eles julgavam importantes, ou seja, a religião era o que importava, as crianças deveriam aprender sobre religião, afetividade era uma palavra fora de questão, educar no afeto não era o ideal jesuíta.

Na cultura indígena as crianças eram obrigadas a seguir as regras e as normas estabelecidas pelos mais velhos (FARIA, 2005). Até onde podia seguia o que era ensinado, aceitavam porque eram obrigados, quando atingiam a maturidade fugiam.

O filho servia como instrumento para família. O pai tinha todo poder sobre o filho e estava pronto para servi-lo. Era passivo, só obedecia, não podia expressar os sentimentos. As crianças eram punidas com castigos físicos duros, e não podiam reclamar.

Pode-se observar que a infância no Brasil Colônia foi marcada por grandes acontecimentos, mas que nenhum foi favorável ao bem estar da criança. Afetividade na relação familiar não existia, as crianças viviam o que lhes ensinavam. Não tinham o direito de falar; eram crianças que possuíam as cordas vocais intactas, maturidade, mas que não podiam utilizar.

Fica visível que a afetividade humana por diversas vezes é menosprezada. Sabe-se da importância do afeto na sociedade e como é importante para o desenvolvimento global do ser humano.

Ainda sobre a História da Infância no Brasil, faz-se um breve relato do Brasil Império que corresponde ao ano de 1808 a 1889.

Durante o Brasil Império, nada de novo aconteceu em relação à infância. A criança negra era escrava, também não podia se expressar era testemunha silenciosa de seu tempo. Eram analfabetas não porque queriam, mas por vontade expressa da classe dominante, quanto menos conhecimento, melhor para a burguesia. Eram menosprezados pela burguesia, humilhados e tratados como seres incapazes de se relacionar.

A história se repete tal qual o Brasil Colônia. A questão infância não era prioridade, e mais uma vez a criança era tratada como alguém que não necessitava de mais nada, além de uma alimentação precária.

A História da Infância no Brasil República ocorrido em 1889 até os dias atuais surgiu com a Proclamação da República em 1889. Novos discursos ocorreram e entre estes discursos, médicos e juristas demonstraram grandes preocupações com a infância no Brasil, principalmente com a criança pobre.

As crianças de baixa renda, de famílias pobres sempre trabalharam, foram exploradas desde cedo, foram escravas da Colônia e do Império, como é sabido de todos que conhecem a História do Brasil.

Conforme Sousa (1996, p. 41) destaca que:

A partir da década de 1970, o tema infância passou a ser considerado de interesse pelos setores oficiais, graças ao processo de industrialização acelerado, conclamando o trabalho feminino e alternando os costumes da família, aliado à influência das recomendações dos organismos internacionais e aos estudos e trabalhos realizados por profissionais interessados na criança.

Observa-se que com o crescimento econômico do país e a precisão de mão de obra feminina, o olhar à criança começa a existir, não foi algo natural como deveria ser.

Cabe fazer uma ressalva no que diz respeito à afetividade no contexto deste trabalho. A afetividade não era abordada na família, na escola e no meio social, vê-se nos escritos que este sentimento estava distante, não havia lugar de destaque na relação humana.

Hoje em dia já se sabe a importância da afetividade na vida humana, e como é essencial na Educação Infantil, a criança que é amada, valorizada e aceita, tem outro comportamento, não dizendo aqui que uma criança que não recebe afeto seja uma criança rejeitada, mas, com certeza será uma criança que lhe falta algo.

A ONU (Organização das Nações Unidas) fazendo referência em seu relatório coloca que a “Família constitui o primeiro lugar de todas e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas”.

A afetividade se inicia no lar, junto aos familiares, é a partir dessa relação que a criança cresce e aprende este sentimento tão importante e tão preciso em todo o seu desenvolvimento.

Sabe-se da importância da família na vida da criança, ela é essencial para que a criança ganhe confiança em tudo que realiza, precisa ser valorizada, bem assistida, dessa forma sentirá amada. O afeto tem que estar presente em todos os momentos da vida da criança, no preparo de algo, na compreensão dos problemas que afligem os pequenos ao longo do seu desenvolvimento.

A UNESCO (Organização Educacional Científica e Cultural das Nações Unidas) na Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (1996, p. 95), pontua que a relação familiar é atualmente muito diferente do passado, antes não existia o sentimento de

família e vida familiar, nos dias atuais há preocupação dos pais com o desenvolvimento da criança, e cada fase é acompanhada por seus genitores com mais atenção.

É relevante ressaltar que em relação à afetividade familiar, ainda há ajustes a fazer, o crescimento de famílias desestruturadas só aumentam no Brasil.

A afetividade está presente a partir do momento que o sujeito busca conhecimento, quando é estabelecida uma relação entre os objetos. Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em quaisquer atividades.

Todo ser humano passou e passará por esta fase chamada infância, uma fase fundamental para um crescimento equilibrado, onde o afetivo e o cognitivo andam juntos.

Não existe educação sistemática e assistemática sem afetos, uma completa a outra, entretanto a melhor educação é aquela em que se ensina com amor, acreditando na capacidade cognitiva do aprendiz e no seu potencial. Para que isto ocorra é essencial uma família equilibrada e sólida; que aja acompanhamento, diálogos e o que é fundamental afetividade entre os pares.

A História da Infância no Brasil não registra até a década de 70 a importância da afetividade no processo ensino/aprendizagem, hoje em dia pouco se fala nas questões dos afetos e a importância do vínculo afetivo na educação das crianças.

Espera-se que este trabalho possa despertar e ajudar a resgatar este sentimento tão importante no século XXI. Pois sem afetividade a sociedade caminha em uma direção individualista e egoísta, e isto é, prejudicial aos pequenos que estão em formação.

1.2 Aspectos Históricos da Educação Infantil no Brasil

Antes de abordar a Educação Infantil no Brasil, é importante destacar alguns autores e a importância dos trabalhos desenvolvidos por eles sobre a criança, estes autores tinham uma visão de infância que marcaram o seu tempo; e suas ideias ainda hoje em dia são pesquisadas, estudadas e analisadas pela área educacional. A contribuição de cada um foi essencial para a Educação Infantil.

Destaca-se inicialmente Comenius (1592 – 1670) cuja importância e o valor a infância foi uma marca deixada por este autor; ele foi um dos primeiros a valorizar o termo infância para o desenvolvimento do homem. Pode-se entender que a preocupação com a infância e um desenvolvimento saudável já era um assunto discutido pelo referido autor. Nota-se também que não foi valorizado em seu tempo o vínculo afetivo.

Também Rousseau (1712–1778) alerta sobre as necessidades da criança no que diz respeito as fases do desenvolvimento, diz ainda que cada fase deve ser analisada com

atenção pelos adultos, acrescenta pontuando que a educação deveria forma-se na própria vida. Vê-se que o autor se interessava pela infância e pela vida da criança, este questionamento leva a refletir como o ambiente familiar, escolar e social são essenciais para cada fase do desenvolvimento infantil, outro ponto a ser colocado é a questão dos afetos, que no século XVIII não eram questionados.

Fica subentendido na colocação do autor que a criança é um ser afetivo e precisa ser acolhida e compreendida desde o nascimento até a formação da personalidade.

Outro a contribuir com a História da Educação Infantil foi Pestalozzi (1746-1827) onde seu método era voltado para a intuição, valorizava o saber e atribuía grande poder ao amor. É interessante pontuar a palavra amor neste trabalho, percebe-se que o autor apreciava o contato afetivo, pois é sabido de todos que a relação que se dá através do afeto abre oportunidades de grandes aprendizados.

Não podemos esquecer-nos de referendar Froebel (1782–1852); para este autor a pré-escola, etapa fundamental no desenvolvimento infantil, deveria propiciar meios que integrasse a criança socialmente. Percebe-se na fala do autor a importância do vínculo afetivo e o quanto é relevante na interação humana, principalmente na Educação Infantil.

Acreditamos que a afetividade na interação humana é um dos fatores que contribuem para o êxito no processo de ensino e aprendizagem, favorecendo a criança um aprender significativo.

No decorrer deste trabalho aborda-se um pouco mais sobre os autores supracitados e outros que contribuíram com a Educação Infantil. Com efeito, foram nos séculos XVII e XVIII, que nasceu o pensamento pedagógico moderno, trazendo novas perspectivas educacionais, repercutindo na Educação Infantil.

Conforme Oliveira:

Neste período e junto com o ideário criado no seio dos movimentos religiosos da época, foram organizadas escolas para pequenos na Inglaterra, França e outros países europeus, onde leitura e escrita eram ensinadas a crianças a partir dos seis anos, embora dentro de um objetivo maior de ensino religioso. (2008, p. 12).

Viu-se que a criança pequena aos poucos foi inserida na educação, mesmo que fosse através do ensino religioso. Observou-se a necessidade de colocar a criança em um ambiente que fosse favorável ao seu desenvolvimento. É importante ressaltar que Comenius

(1592-1970) já possuía a ideia de educar crianças menores de 6 anos e em situação menos favorecida, enquanto a Europa se voltava para atender crianças maiores.

Ainda Oliveira (2008, p. 13) afirma que Comenius em seu livro *The School of Infancy*, publicado em 1628, propunha um nível inicial de ensino que era “o colo da mãe”. Defende-se que o processo de aprendizagem se iniciava pelos sentidos. Sendo assim a família tinha o dever de educar a criança pequena e só depois colocá-la em uma escola.

Nota-se que Comenius (1592-1970) já se preocupa com a questão dos afetos, pois, os sentidos estão ligados à afetividade, o que a criança sente, necessita, tem medo, as angústias, tudo isto é sentido pela criança, sendo assim é necessário o acompanhamento do adulto.

Rousseau (1712-1778) fez colocações que beneficiaram a educação das crianças acerca do naturalismo e da necessidade de experimentar desde cedo coisas e situações de acordo com seu próprio ritmo, com seu processo maturacional (OLIVEIRA, 2008).

Froebel (1782-1852), já citado neste trabalho, pensou na criança pequena criando o Jardim de Infância. Segundo ele as crianças eram “pequenas sementes que, adubadas e expostas a condições favoráveis em seu meio ambiente, desabrochariam em um clima de amor, simpatia e encorajamento”, acrescenta dizendo que “estariam livres para aprender sobre si mesmas e sobre o mundo” (OLIVEIRA, 2008). Vê-se que Froebel (1782-1852) também pontuou sobre o afeto ilustrando a criança como sendo sementes, toda semente para germinar precisa de cuidados especiais, assim é a criança, precisa de um olhar amplo em todas as áreas do desenvolvimento.

A História da Educação Infantil conta ainda com Montessori (1870-1952) como pioneira e construtora de ideias pertinentes ao crescimento saudável das crianças pequenas. Sugeriu reformas no ambiente físico da pré-escola e confeccionou diversos jogos para trabalhar a percepção e o desenvolvimento da criança.

Montessori (1870-1952) também tratou da questão dos afetos, oferecendo a criança um ambiente propício ao seu desenvolvimento, no qual a criança era o centro, era o ator principal que merecia atenção e compreensão dos adultos.

É interessante falar e analisar alguns aspectos da forma que se deu a evolução da Educação Infantil. Resgatando um pouco da História, tem-se na fala de Oliveira (2008) a seguinte afirmação:

As instituições pré-escolares nasceram no século XVIII em resposta à situação de pobreza, abandono e maus-tratos de crianças pequenas cujos pais trabalhavam em fábricas, fundições e minas, pela Revolução Industrial que se implantava na Europa Ocidental (2008, p. 16).

Até então as crianças não tinham um lugar adequado para ficar. É importante ressaltar que a proposta inicial era que crianças pobres não tivessem acesso à pré-escola, pois não seria bom para a sociedade. A exclusão e o abandono a estas crianças já era um fato e as mesmas eram cuidadas por mulheres que as ensinavam a ler a Bíblia e a fazer tricô. Depois de algum tempo, Pestalozzi (1746-1827), Decroly (1871-1932) e Montessori (1870 -1952) criam propostas de trabalho educacional para pré-escolares filhos de operários (OLIVEIRA, 2008).

Foi visto que o trabalho de Pestalozzi (1746-1827), Decroly (1871-1932) e Montessori (1870-1952) era destinado a atender crianças em situação desfavorável e excluídas do convívio social, aos poucos as propostas dos mesmos foram aceitas por educadores conceituados. Ainda nos dias atuais estes autores são bastante referenciados no meio acadêmico, principalmente no Curso de Pedagogia, os mesmos têm contribuído muito na formação do pedagogo.

A Educação Infantil etapa inicial da Educação Básica, reconhecida como direito da criança e dever do Estado em vários documentos e atualmente presente na Legislação Brasileira, atende as crianças de 0 a 6 anos. A creche atende a criança de 0 a 3 anos e a pré- escola 4 a 6 anos de idade.

Falar da creche ou da educação infantil é muito mais do que falar de uma instituição, de suas qualidades e defeitos, da sua necessidade social ou da sua importância educacional. É falar da criança. De um ser humano, pequenino, mas exuberante de vida. (DIDONET, 2001, p. 12).

A Educação Infantil tem crescido expressivamente no mundo, e no Brasil não tem sido diferente. Este crescimento tem ocorrido em função da preocupação da família em oferecer um ensino de qualidade que eduque e cuide das crianças pequenas; a contribuição científica que avança cada vez mais nas descobertas sobre o processo ensino/aprendizagem das crianças pequenas; a legislação que aponta a criança desde o nascimento como pessoa de direitos e cuidados; direito dos trabalhadores, pais e responsáveis em colocar os seus filhos e dependentes em uma creche/pré-escola conforme a Constituição Federal (1988). O artigo 29 esclarece:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis

anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Dessa forma o desenvolvimento da criança se dá em conjunto, é um processo, e todos devem contribuir com a comunidade, sociedade e família. A escola colaborará com o desenvolvimento da criança complementando a ação da família, trabalhando as potencialidades e habilidades de cada criança.

Segundo o Referencial Curricular Nacional (1998), acrescenta:

A expansão da educação infantil no Brasil e no mundo tem ocorrido de forma crescente nas últimas décadas, acompanhando a intensificação da urbanização, a participação da mulher no mercado de trabalho e as mudanças na organização e estrutura das famílias. Por outro lado, a sociedade está mais consciente da importância das experiências na primeira infância, o que motiva demandas por uma educação institucional para crianças de zero a seis anos. (1998. p. 13. vol.1).

É importante não esquecer que por mais que a criança seja amparada pela Lei, ela é um ser afetivo, é fundamental que além dos aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, o afetivo esteja também na pauta das decisões governamentais e escolares.

A criança ao nascer já é cidadã e possui direitos civis, humanos e sociais; entre esses direitos o ingresso à Educação Infantil. Para garantir esse direito à Educação Infantil foi destaque na Constituição de 1988, depois outras Leis confirmaram esse direito, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e a LDB nº 9. 394 (1996).

As Leis são bem elaboradas e assegura todos os direitos que a criança e familiares tem, mas é importante lembrar que uma criança em fase de desenvolvimento, está descobrindo muitas coisas ao mesmo tempo e o sentimento afetivo é um deles.

Conforme o artigo 30 complementa dizendo que a Educação Infantil será oferecida em dois níveis, nas seguintes instituições:

- I. Creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;
- II. Pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade.

Observa-se que o direito a Educação Infantil está na Lei, e o país precisa oferecer o melhor a estas crianças, além de uma sala de aula, professores e recursos materiais, elas precisam de afeto, cuidado e atenção. Se a relação entre professores e alunos é baseada na afetividade, os resultados são visíveis.

No que se refere à Educação Infantil, a postura do educador deve ser de mediador, fazer a conexão da criança com o brincar, observando com carinho cada passo alcançado pela criança no seu dia a dia.

Quando há afetividade na relação educadora e educando o desenvolvimento global da criança é mostrado no decorrer das atividades realizadas.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1988) considera as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas das crianças de zero a seis anos, a qualidade das experiências oferecidas que podem contribuir para o exercício da cidadania e deve estar embasada nos seguintes princípios:

- O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.;
- O direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;
- O acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;
- A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;
- O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade.

Ainda com base nestes princípios o RCN acrescenta que as crianças têm direito, antes de tudo, viver experiências prazerosas nas instituições (1998, p. 16, vol. 1).

O conhecimento da criança é elaborado a partir do momento em que ela se coloca em movimento, os mediadores devem acompanhar atentamente o seu progresso e fazer as intervenções pedagógicas no que diz respeito à ação, pensamento e linguagem de cada uma.

Oliveira (2008) escreve:

A criança constrói assim conhecimentos conforme estabelece relações que organizam e explicam o mundo. Isso envolve assimilar aspectos dessa realidade, apropriando-se de significados sobre a mesma, através de processos ativos de interação com outras pessoas e objetos, modificando ao mesmo tempo sua forma de agir, pensar e sentir (2008, p. 51).

Sendo assim, é fundamental a mediação dos adultos, pais, professores e responsáveis no acompanhamento diário da criança, oferecendo meios que lhe permita desenvolver-se em todas as áreas.

A Educação Infantil no Brasil a partir das leis e a consolidação das mesmas observa-se que houve um salto qualitativo no que diz respeito a esta modalidade de ensino. Moreira (1999, p.165) faz um comentário da Legislação anterior colocando que alcança significativo nível de institucionalização, com a especificação de seus fins, níveis, sua avaliação e formação dos docentes.

As Leis nº 4.024/61 (artigos 23 e 24) e 5.692/71 (artigos 19 e s 2º) faziam menções muito frágeis à educação de zero a seis anos.

A Educação Infantil era de cunho assistencialista, um lugar para criança ficar no caso das creches para as mães trabalharem.

O governo vem se esforçando para oferecer à Educação Infantil um ensino de qualidade voltado para o pleno desenvolvimento da criança. As creches e pré-escolas estão sendo melhores equipadas, os profissionais formados e treinados, a qualidade de serviço tem melhorado graças aos esforços de todos, Governo Federal, Estadual, Municipal e a sociedade de modo geral.

Mas nem sempre foi assim, a Educação Infantil não era vista com seriedade e a criança passava por privações. Conforme Fonseca (1999, p. 198), o movimento em favor da Educação Infantil no Brasil adquiriu maior força na luta pela democratização do País. Acrescenta colocando que esta força foi possível por ocasião da Constituinte encarregada de elaborar a Constituição, que foi aprovada em 05 de outubro de 1988, quando houve muitos debates e manifestações reivindicando a inclusão da pré-escola como direito.

Ainda o autor, diz que valeu o esforço, pois a Constituição atual reconheceu como dever do Estado o atendimento em creches e pré-escolas.

A Educação Infantil no Brasil é palco de grandes discussões. É fundamental dar uma pausa na Educação Infantil no Brasil para fazer um breve recorte comentando a sua trajetória histórica na sociedade ocidental.

A educação e cuidado da criança pequena era responsabilidade da família. Com o passar do tempo a criança pequena passou a ser vista com outro olhar.

Voltando a falar da Educação Infantil no Brasil, os primeiros movimentos em relação a esta modalidade de ensino que aos poucos vem conquistando um espaço que é de direito, surgiram a partir do contexto econômico e políticos nas décadas de 70 e 80 ;impulsionados pelas operárias e feministas ocorrendo no quadro da luta pela

democratização do país e pelo combate às desigualdades sociais tão presentes naquela época. Hoje em dia não mudou muito, as crianças passam por muitas dificuldades onde a desigualdade social ainda é bastante presente.

Pode - se destacar também três grandes momentos da Educação Infantil no Brasil: O primeiro aconteceu na década de 1970 e 1980, onde houve uma grande discussão sobre um modelo de Educação Infantil no Brasil. O segundo momento foi os movimentos sociais após a ditadura, e o terceiro podendo-se dizer o mais importante aconteceu com a aprovação da LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96.

As primeiras instituições brasileiras que demonstraram interesse em amparar as crianças de zero a seis anos tiveram sua origem na época do Império (1889), com o objetivo de cuidar das crianças desamparadas, muitas delas encontradas nas ruas das grandes cidades.

Igualmente ao continente europeu, em alguns países, o cuidado da criança pequena era responsabilidade da família, principalmente da mãe. Claro, com características próprias de cada país, o que se prolongou por muito tempo. Com o desenvolvimento do Brasil e o crescimento da indústria e da urbanização, as mulheres precisavam deixar os filhos em algum lugar e reivindicavam creches que oferecessem aos filhos boas condições, lavanderias coletivas e restaurantes a preços populares.

No primeiro momento as creches surgiram para dar suporte às mães que trabalhavam fora de casa. Não eram de caráter pedagógico, mas sim, assistencialista. Na mesma época surgiram creches particulares, estas atendiam aos pais com poder aquisitivo maior e ofereciam além do cuidar, o educar.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) descrevem que: “a educação e o cuidar das crianças acontecem de maneira indissociável. Cuidar é bem mais do que atenção aos aspectos físicos e educar é muito mais do que garantir à criança acesso a conhecimentos”. Acrescenta descrevendo que educar e cuidar das crianças, nessa faixa de idade, é dentre outras coisas:

Atender suas necessidades oferecendo-lhes condições, de se sentir confortável, em relação a sono, fome, sede, higiene, dor etc.; acolher seus afetos e alimentar sua curiosidade e expressividade; dar-lhes condições para explorar o ambiente e construir sentidos pessoais, sobre o mundo e sobre si, apropriando-se de formas de agir, sentir e pensar existentes em sua conduta. (Diretrizes Curriculares para Educação Infantil 2009).

É fundamental fazer uma reflexão sobre os pontos citados acima e que a Educação Infantil é a primeira etapa do desenvolvimento da criança, e precisa ser vista com atenção; os educadores precisam ter novas atitudes e repensar a sua prática, visando oferecer o melhor a estas crianças. Para que isto ocorra é preciso capacitar profissionais que atendam as necessidades das crianças e formação continuada, pois lidar com crianças exige-se profissionais qualificados e que entendam sobre desenvolvimento infantil. É fundamental que as instituições educacionais contratem educadores preparados para atender este público, profissionais que gostem de estar com crianças, que sejam afetivos.

Em 1988, a Constituição reconhece que a Educação em Pré-Escolas é um direito da criança e dever do Estado. Vê-se que definitivamente a educação nos primeiros anos de vida está assegurada pela Lei.

Atualmente o papel das instituições é promover o crescimento e desenvolvimento da criança. O cuidar e o educar são um direito garantido por lei ao infante, sendo assim começa a se falar em Educação Pedagógica. Mas o que é educação pedagógica?

Oliveira (2008) destaca como sendo um trabalho que reconhece as potencialidades e habilidades da criança, e procura desenvolver atividades que tenham um valor definido para a vida cotidiana, e que a partir daí novos conhecimentos sejam adquiridos.

Para que isto ocorra Oliveira (2008) fala da importância de uma proposta pedagógica bem orientada:

Elaborar uma proposta pedagógica orientadora do trabalho realizado em creches e pré-escolas requer que se investigue como se estruturam as condições de vida das crianças pequenas, os múltiplos contextos sociais que constituem seus recursos de desenvolvimento e como elas constroem significações (2008, p. 18).

É importante ressaltar que a Educação Infantil além de cuidar, também insere o educar, onde a proposta pedagógica em relação ao educar é fazer com que a criança pequena passe por todas as etapas do desenvolvimento sendo acompanhada e orientada. Para que seu desenvolvimento ocorra de maneira saudável é necessário conhecer a história de vida de cada criança, e a partir daí realizar um planejamento respeitando o ritmo e tempo do aprendiz.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros, em uma atitude de aceitação, respeito

confiança, e o acesso pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998, p. 23).

A proposta pedagógica deve contar ainda com um planejamento curricular bem elaborado pelas instituições e que venha contemplar todas as etapas do desenvolvimento da criança, principalmente a afetiva.

Além do acesso garantido por lei às crianças de 0 a 6 anos, que foi uma conquista notável no ensino brasileiro, é imprescindível determinar uma proposta pedagógica que esteja ao alcance do desenvolvimento da criança.

Até há pouco tempo, vigoravam nas instituições escolares as ideias inatistas e empiristas, sabe-se o valor que ambas têm, mas outras ideias passaram a fazer parte da educação para crianças pequenas, o construtivismo foi uma delas.

A criança aprende com as pessoas que estão em sua volta, aprendem a falar com os adultos, o restante é feito por si só, esta é uma ideia inatista. A questão abordada é uma proposta pedagógica pensada, na qual o sujeito é a parte mais importante desse processo.

Sabe-se que o aprender é um processo que se estabelece sobre a interação com um ambiente material e social, e as escolas precisam estar organizadas para oferecer o que há de melhor às crianças. Não é possível desenvolver a habilidade cognitiva e a social sem que a emoção seja trabalhada. É fundamental nesta interação social pensar sobre a questão da emoção, trabalhar com ela requer paciência, pois é um processo em mudança.

Espera-se que a legislação seja de fato cumprida e a Educação Infantil no Brasil seja referência para outros países, sabendo que no cenário atual as discussões sobre a criança nesta fase ainda é bastante pontuada.

Nos dias atuais a compreensão sobre a Educação Infantil é bem mais profunda, e, a criança aos poucos é reconhecida perante a sociedade. Entende-se que a criança é notada como um sujeito de direitos dentro do contexto histórico, a partir do momento que o cuidar e o educar passam a ser essenciais nesta faixa etária de 0 a 06 anos.

O cuidar e o educar fazem referência ao afeto, se for cuidado e educado é porque é amado, e este sentimento nos leva a pensar sobre a afetividade na relação humana.

O carinho das pessoas que estão em volta da criança, seja em casa ou na escola é essencial para um desenvolvimento saudável. Os adultos devem ser atenciosos com quem está no início do processo de desenvolvimento.

O trabalho com a Educação Infantil não pode ser feito de qualquer forma, é necessário que a criança seja assistida integralmente. Precisa-se compreender que são seres que possuem suas especificidades e necessitam de atenção e principalmente de carinho.

É preciso elaborar um Projeto Educacional que vá ao encontro com as necessidades da criança de 0 a 06 anos, e nestes projetos não se esquecer de destacar as questões dos afetos.

A creche, a pré-escola e a alfabetização são etapas que devem ser acompanhadas com dedicação dos professores e dos familiares, os primeiros escritos, o incentivo a leitura, os brinquedos pedagógicos são fundamentais no processo ensino/aprendizagem, mas, o importante, além do já citado, é a presença dos adultos, nada substitui esse carinho.

Finalizando este tópico conclui-se que junto com o amor têm-se o compromisso, o respeito e a necessidade de continuar realizando um bom trabalho; entretanto se não houver cumplicidade, dedicação, carinho pelas crianças, de nada vale o trabalho realizado.

Os recursos materiais são fundamentais na Educação Infantil, porém as questões emocionais devem ser analisadas pelos educadores e familiares, só assim teremos crianças e consequentemente adolescentes e adultos equilibrados psicologicamente e afetivos.

Quando há orientação e acompanhamento nota-se no aprendente uma evolução no comportamento, pois, quando se é amado, aceito e valorizado tudo se torna mais fácil, tanto para a família quanto para a escola, sociedade e sujeito.

1.3 A Educação Infantil na Cidade de Sobral - Ceará

A cidade de Sobral está localizada na Região Noroeste do Estado do Ceará, há 240 km da Capital. Possui uma área de 1.129 km² e, conforme dados do IBGE (Censo 2010), possui uma população de 200.000 habitantes, onde 86% localizam-se na zona urbana.

Ao longo dos seus 239 anos de História destacam-se como centro de referência para a região Noroeste do Estado nas áreas política, cultural, religiosa e econômica. Entretanto, até 1996 a realidade do município era marcada pela ausência de formulação e execução de políticas públicas.

A partir de 1997, Sobral conta uma nova história político-administrativa por meio de uma gestão compartilhada com sua população, onde as políticas públicas municipais em

articulação com as políticas estaduais e federais potencializam os recursos públicos e exercitam a construção da cidadania no município.

Estes recursos articulados entre as três esferas políticas trouxeram benefícios significativos para a Educação. A Educação Infantil primeira etapa da Educação Básica teve um grande avanço no que diz respeito ao atendimento de crianças nas creches e pré-escolas.

Em Sobral muito tem sido as discussões que envolvem a Educação Infantil. Os fóruns são práticas realizadas com frequência para debater os seus avanços e retrocessos.

O atendimento as crianças de 0 a 06 anos é da competência da Secretária de Educação do Município – SEM. A Secretaria vem desenvolvendo um trabalho qualitativo e quantitativo na Educação Infantil. Mesmo que o número de crianças ano após ano tenha um aumento significativo nas creches de Sobral, a Secretaria prima pela qualidade do serviço oferecido a esta modalidade de ensino, trabalhando para oferecer as crianças um espaço físico adequado, recursos materiais e pedagógicos.

A melhoria na Educação Infantil em Sobral aconteceu de fato no ano de 2000, até então, o Ensino Fundamental era prioridade. Desde 1997 a Secretaria de Educação do Município de Sobral vem trabalhando para cumprir o que a Lei determina para a Educação Infantil, somente no ano de 2000 houve melhorias nesta modalidade de ensino.¹

Os municípios em todo país, assim como em Sobral trabalham para oferecer uma educação onde o foco é o desenvolvimento pleno e saudável da criança. De acordo com a Secretaria de Educação, muito foi feito para melhorar a Educação Infantil, mas admite que há muito ainda a fazer, há um longo caminho a percorrer, porém, o trabalho está sendo feito.

Têm-se informações importantes que demonstram a atuação da Secretária de Educação de Sobral e seus colaboradores na qualidade e melhorias na Educação Infantil.

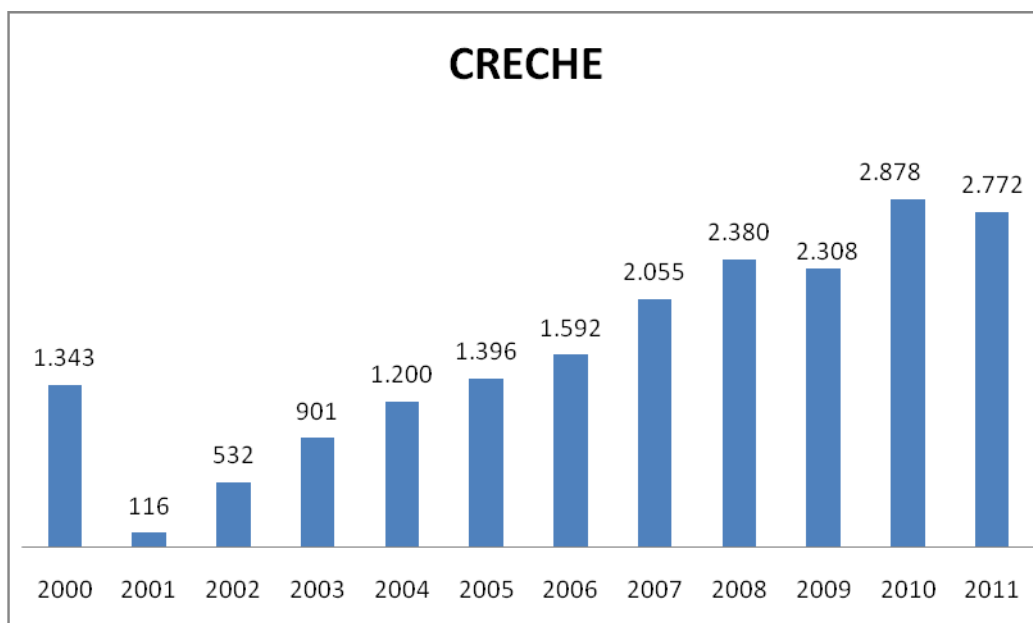
É relevante citar a importância que um país, um estado, um município dá as crianças. Mas é também importante ressaltar que além de creches, escolas, bons funcionários, boa alimentação, bom espaço físico (infelizmente ainda é uma realidade distante em muitos municípios no Brasil, e em Sobral não é diferente); é imprescindível que

¹ Com relação à fala acima sobre as melhorias na educação infantil em Sobral terem de fato acontecidos somente a partir do ano 2000 em diante, foi com base em uma entrevista cedida gentilmente por uma diretora que atuou mais de 10 anos como gestora de uma escola de educação infantil na mesma cidade.

as pessoas sejam sensíveis, que olhem em volta e percebam que a família também deve ser trabalhada.

Conforme dados da Secretaria de Educação do Município de Sobral, o atendimento a Creches em 2000 a 2011 foi bastante significativo². O **gráfico 01** mostra este avanço:

Gráfico 01: Atendimento nas Creches entre 2000 a 2011.



Observa-se no **gráfico 01** que houve oscilação ao longo dos anos, e após 2010 um equilíbrio. A Educação Infantil em Sobral cresceu bastante e este crescimento deve-se ao desenvolvimento local. A instalação de indústrias na cidade, oferecendo oportunidades de trabalhos as mães, e as crianças precisando de um espaço que não fosse só para brincar, mas para ser cuidada e educada.

Em relação à pré-escola houve um avanço significativo, em 2000; é pertinente destacar que tanto a creche como a pré-escola é essencial para um desenvolvimento saudável da criança, no entanto, a parte afetiva deve ser pontuada sempre, entende-se que ter um desenvolvimento saudável implica também à área afetiva da criança e de sua família.

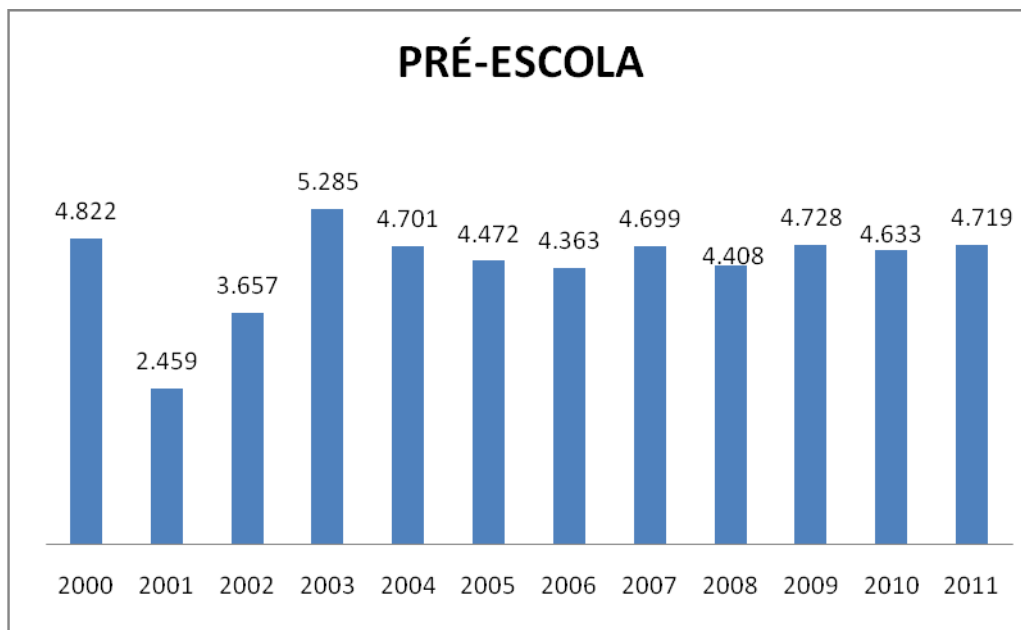
Sabe-se como é fundamental o trabalho com as famílias. As escolas precisam acrescentar em seu projeto político-pedagógico o acompanhamento familiar, embora saibamos o quanto está cada vez mais difícil unir família e escola, mas não podemos desistir.

²Os Gráficos 01, 02 e 03 foram construídos com dados gentilmente cedidos pela coordenadora da Educação Infantil da Secretaria de Educação de Sobral.

A parceria escola/família ajuda na formação e desenvolvimento da criança.

O gráfico 02 mostra em valores numéricos o crescimento da pré-escolar no município de Sobral.

Gráfico 02: Total de Matrículas entre 2000 a 2011.



Conforme o **gráfico 02**, o total de crianças matriculadas na pré-escola em Sobral foi 4.822, em 2001 houve um decréscimo 2.459 matrículas efetuadas. Em 2002 houve um aumento, 3.659. Em 2003, 5.285 crianças, em 2004, 4.701, 2005, 4.472. Em 2006, 4.363. Em 2007, 4.699, em 2008, 4.408, em 2009, 4.728. 2010 4.633 e no ano de 2011, 4.719 crianças faziam parte da pré-escola no município de Sobral.

Conforme dados estatísticos supracitados, o governo local investiu na Educação Infantil, oferecendo um número significativo de vagas tanto na creche quanto na pré-escola.

Em geral a creche e a pré-escola em Sobral são bem assistidas pela Secretaria de Educação. É importante enfatizar a importância da educação nas creches e pré-escola, é onde ocorre o contato das crianças com outras, é nessa interação que acontece a socialização e a linguagem passa a ser fundamental para uma aprendizagem significativa. É também nesta interação social que a criança se adapta e aprende com as outras crianças sobre compartilhar os brinquedos, dividir o material pedagógico. A questão dos afetos é também vivenciada por estas crianças na creche.

De acordo com Oliveira (1992, p. 52) acrescenta que é com a experiência, que as crianças pequenas passam a exibir maior coordenação dos papéis que assumem nas situações em que realizam ações conjuntas, como pode ser observado, em especial, nas brincadeiras infantis.

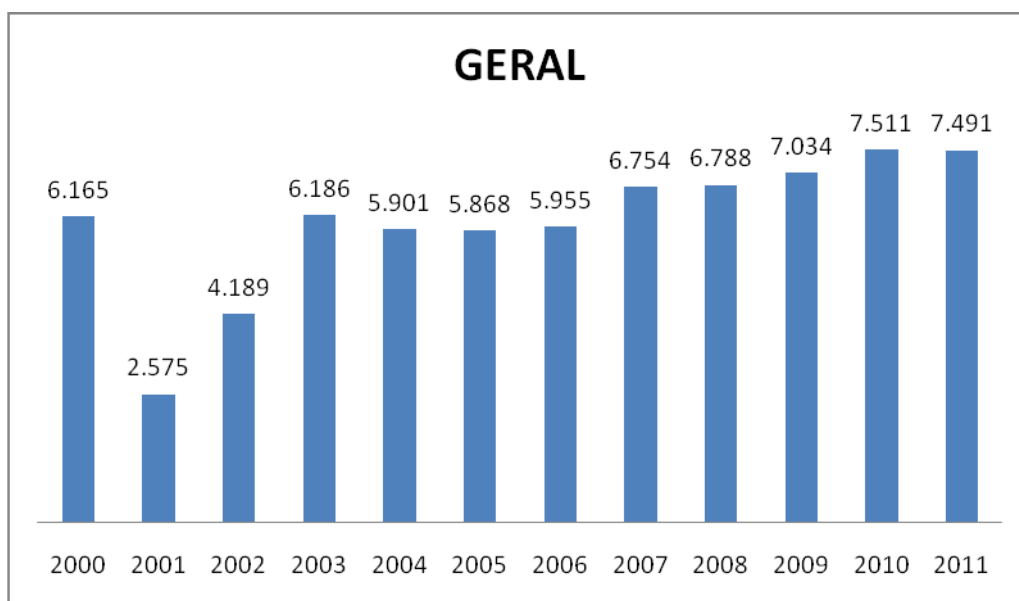
(...) nelas a criança vai gradativamente aprender a supor o que os outros pensam, buscando coordenar ativamente seu comportamento com o de seus parceiros. Para que consiga isso irá brincar de ser muitas gentes: de ser mãe, pai, ou bebê, depois de ser motorista, ou Glub-Glub, ou Xuxa, posteriormente (1992, p. 52).

Vê-se a importância do brincar juntamente com outras crianças, esta socialização aproxima as crianças, elas também podem demonstrar sentimentos como não aceitação, não dividir os brinquedos entre outros, mas que com o passar do tempo, a própria criança observará as outras e mudará de atitude.

É importante ressaltar neste escrito, que o professor como mediador facilitará a compreensão da criança no que diz respeito ao compartilhar.

No **gráfico 03**, tem-se uma amostragem geral das matrículas nas creches e pré-escolas do município de Sobral.

Gráfico 03: Amostragem Geral de Matrículas em Creches e Pré – Escolas Em Sobral entre 2000 a 2011.



A

s mudanças ocorridas de 2000 a 2011 de acordo com a Secretaria de Educação beneficiaram as creches e pré-escolas. Foi oferecido concurso para professores, programa

de formação em serviço para docentes, material didático de qualidade para os alunos, material de apoio pedagógico para alunos e professores, rotina de sala de aula, aquisição de jogos e brinquedos, tudo isso ocorreu com o intuito de oferecer o melhor às crianças que frequentam a creche e a pré-escola.

Percebe-se que o melhor está sendo pensado e oferecido para as crianças através de recursos materiais, mas não se deve esquecer que muitas vezes o que estas crianças necessitam é de carinho e atenção, e isto as creches e pré-escolas não devem esquecer-se de oferecer.

Conforme a Secretária de Educação acrescenta informando que para uma educação de qualidade acontecer é preciso oferecer mensalmente formação a todos os professores, estes encontros ocorrem todo mês totalizando 8 (oito) horas garantidas dentro da jornada de trabalho, na qual é focado o material didático utilizado pelos educadores. É também discutido no encontro de formação de professores o conceito de cuidar e educar a criança, são trabalhados os seguintes eixos: música, movimento, artes e contação de história. Ainda a Secretaria de Educação acrescenta colocando que o planejamento pedagógico é quinzenal na escola, e está dentro da jornada de trabalho do professor.

Todas estas ações são essenciais para o desenvolvimento da Educação Infantil, trazendo grandes contribuições para o ensino/aprendizagem das crianças envolvidas. Entende-se que a partir do momento que algo é planejado e discutido, procura-se melhorar, e a Educação Infantil deve ser pensada e oferecida às crianças o que há de melhor.

Outro ponto a destacar é o acompanhamento e monitoramento da Secretaria e as ações da escola, como:

Visitas sistemáticas às escolas - Superintendência Escolar e Coordenações Pedagógicas da Secretaria; análise dos resultados relacionados à aprendizagem, frequência, tarefas de casa, dias letivos, organização escolar, perfil das escolas; reuniões com as escolas para maiores informações sobre a apresentação dos dados, acompanhamento da lotação dos professores; reuniões de diretores; reuniões individuais com o núcleo gestor (Secretaria de Educação do m Município de Sobral).

A Secretaria de Educação tem metas asseguradas em relação à melhoria da Educação Infantil no município e afirma a universalização de 04 e 05 anos a pré-escola, ampliação do atendimento de 0 a 03 anos em creche, garantia de um bom processo pedagógico permeado pelo cuidar e o educar e estabelecimento de uma portaria de matrícula que define a relação adulto /criança.

Nota-se que a Secretária de Educação no município de Sobral tem valorizado a Educação Infantil, pensando em oferecer cada vez mais o melhor a estas crianças.

Entende-se que o cuidar e educar leva a criança a pensar com afeto, sendo assim, a relação do adulto com as mesmas passa a ser compartilhada através da afetividade, por isso é essencial que o adulto estabeleça laços de amizade, confiança com o pequeno.

O trabalho que a coordenação da Educação Infantil vem desenvolvendo no município é fundamental, pois são ações como estas que as crianças e os pais necessitam.

Os eventos infantis têm cada vez mais um número expressivo de crianças dispostas a participarem, isto demonstra a qualidade que a Educação Infantil vem alcançando, e o envolvimento dos pais nestes eventos demonstram a confiança no trabalho que a Secretaria de Educação vem realizando nos últimos anos em Sobral.

Esta parceria é sem dúvida essencial para que a criança goste cada vez mais do espaço escolar e tenha prazer em voltar, fica visível também a afetividade nesta parceria, se não houvesse entrosamento por parte da escola junto à família, com certeza não haveria uma participação efetiva.

Discorrendo sobre a História da Educação Infantil, fazem-se referências às atuais Diretrizes Curriculares que muito tem contribuído para o crescimento e desenvolvimento da criança de zero a seis anos em Sobral. Conforme as Diretrizes as instituições que oferecem o Ensino de Educação Infantil cumprem sua função sócio-política e pedagógica à medida que:

- a) Oferecem condições e recursos para que as crianças usufruam seus direitos civis, humanos e sociais. É sem dúvida uma boa proposta, mas será que são ofertados condições e recursos a estas crianças?
- b) Outro ponto bastante interessante, pontuado nas Diretrizes é o cuidar não só da criança, mas da família: assumem a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e do cuidado às crianças com as famílias? Aqui fica fácil de entender que a proposta é a parceria entre família e escola, anda longe de ser consumada, porém não é impossível. Com base nas Diretrizes Curriculares da Educação Infantil é colocado que:

O trabalho com as famílias requer das equipes de educadores “a compreensão” como parceira, reconhecendo-as como criadoras de diferentes ambientes e papéis para

seus membros, que estão em constante processo de modificação de saberes, fazeres e valores em relação a uma série de pontos, dentre eles o cuidado e a educação dos filhos.

c) Outra Diretriz que chama bastante a atenção é a interação da criança e adultos. Leia-se: Possibilitar tanto a convivência entre crianças e adultos e crianças quanto à ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas. Entende-se aqui que os adultos são referenciais para as crianças, elas aprendem o que vivenciam e esta vivência está além das creches e das pré-escolas.

d) No que diz respeito ao próximo ponto, é colocado que todas as crianças possuem direitos iguais e devem ser respeitadas. Promover a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais, no que se refere ao acesso à bens culturais e possibilidades de vivência da infância.

e) O último ponto vem fechar dizendo que as novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguístico e religioso.

Este último ponto merece uma maior discussão no que se refere à sustentabilidade, nos últimos anos é uma palavra bastante comentada e é tema de debate nos meios de comunicação, escolas e universidades. Devem-se ensinar as crianças da Educação Infantil o cuidar do planeta, preservando o meio ambiente e com hábitos simples do cotidiano, como preservar a água, cuidar do lixo, entre outros.

Como foram destacadas, estas Diretrizes foram bem elaboradas, e o que se espera é que as instituições cumpram todas elas. São pontos que merecem uma reflexão por parte dos docentes, pois, a criança é sem dúvida um sujeito de direitos, e o mais importante é um ser em pleno desenvolvimento, onde o afetivo está ligado ao cognitivo.

A partir do momento que se trata as questões raciais como outros preconceitos bem presentes na sociedade estão trabalhando a questão dos afetos, o respeito ao próximo.

O Referencial Curricular Nacional (1998), rico em conteúdo, adverte que:

Dependendo da maneira como é tratada a questão da diversidade, a instituição pode auxiliar as crianças a valorizarem suas características étnicas e culturais, ou pelo contrário, favorecer a discriminação quando é conivente com preconceitos (1998, p. 14).

Ensinar a criança que independente da cor ou raça é um ser humano e merece da mesma forma um cuidado especial, são valores como este de respeito que é preciso trabalhar na Educação Infantil. Vê-se que a fala do professor é importantíssima na Educação Infantil, o educador é referência para o educando, o que ele diz pode ter sim um efeito positivo e negativo dependendo da maneira como se diz.

É necessário e urgente que a afetividade faça parte na relação educadora e educando, pois sem afetos é difícil conquistar a atenção e o carinho dos pequenos.

Ainda o Referencial Curricular Nacional (1998) tem a seguinte afirmação:

A instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação (1998, p. 23).

As crianças aprendem o que vivenciam. O poder do exemplo dos pais e dos educadores na educação dos filhos e alunos é de fundamental importância. Vale lembrar que a maneira do sujeito ver a si próprio depende da forma como está sendo visto pelo outro.

O diálogo que é uma forma de afeto entre duas ou mais pessoas deve ser uma prática constante na relação familiar e escolar, desde os primeiros passos dados pela criança, a escola, os pais e professores devem manter uma relação de confiança. Se houvesse mais conversas entre as famílias e até na própria escola, os sentimentos afetivos seriam bem maiores.

O Referencial Curricular (1998) acrescenta:

O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados (1998, p. 24)

A Educação Infantil hoje em dia deve ser entendida e praticada como espaço de escuta, interação, cuidado e educação de cidadãos desde o nascimento. Para garantir este direito outra proposta foi lançada, os Parâmetros Nacionais para Educação Infantil que têm como objetivo cumprir a meta do MEC. Este documento foi elaborado conforme apresentação (2008) por grandes colaboradores, entre eles Secretários, Conselheiros, Técnicos, Especialistas, Professores e outros profissionais.

No documento fala sobre a qualidade na Educação Infantil destacando que a criança de zero a 6 anos no Brasil tem uma história e divide em quatro períodos:

- A concepção de criança e de pedagogia da Educação Infantil. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais é destacado que a criança é um sujeito social e histórico que está inserido em uma sociedade na qual partilha de uma determinada cultura. É nesta cultura que aprende e se desenvolve conforme o meio social; ela aprende conforme lhe é ensinado. FARIA (2007) acrescenta dizendo que a criança não é uma abstração, mas um ser produtor e produto da história e da cultura.
- O debate sobre a qualidade da educação em geral e o debate específico no campo da educação da criança de zero até 6 anos. Seguindo a mesma linha de pensamento os Parâmetros Curriculares Nacionais para Educação Infantil traz colocações da última década falando sobre os vários discursos realizados sobre a qualidade na educação. Continua colocando que este discurso ocupou um espaço significativo no debate educacional e direcionou políticas implantadas no quadro das reformas educacionais nos diversos países (2008, p. 19). Cabe ressaltar que estes debates fizeram com que a Educação Infantil no Brasil melhorasse em todas as áreas, incluindo espaço físico, material pedagógico, saúde, nutrição, contratação de pessoal qualificado entre outras melhorias.

Muito se fala em qualidade, Moss (2002) a define da seguinte forma:

A qualidade é um conceito relativo, baseado em valores; definir qualidade é um processo importante por si mesmo, oferecendo oportunidades para compartilhar, discutir e entender valores, ideias, conhecimentos e experiências; o processo deve ser participativo e democrático, envolvendo grupos diferentes, que incluem alunos, famílias e profissionais; podem divergir; portanto, definir qualidade é um processo dinâmico, contínuo, requer revisões e nunca chega a um enunciado definitivo. (MOSS, 2002. p. 20-21).

Qualidade na Educação Infantil é um olhar atento ao desenvolvimento da criança, respeitando os seus limites e anseios. Como foi exposto pelo autor acima requer revisões e nunca é definitivo, ou seja, a qualidade na Educação Infantil pode e deve ser um debate constante, pois a mesma não é pronta e acabada.

- Os resultados de pesquisas recentes. Neste tópico é destacado que já existe um conhecimento acumulado, a criança que frequenta a Creche e Pré-Escola, ao chegar ao Ensino Fundamental à construção do conhecimento está bem elaborada. Vale ressaltar que a criança quanto mais brinca, aprende, e desenvolve suas potencialidades e habilidades.

- A qualidade na perspectiva da legislação e da atuação dos órgãos oficiais do país. Aqui é feita uma amostra dos resultados obtidos na Educação Infantil através das políticas educacionais e a legislação vigente. A começar pela década de 1980, a Educação Infantil ganhou um grande impulso, em seguida a Constituição Federal de 1988 que reconhece o dever do Estado e o direito da criança a ser atendida em creches e pré-escolas, mencionada anteriormente neste trabalho.

Em 1999 o Estatuto da Criança e do Adolescente ratifica os dispositivos na Constituição e 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

É importante acrescentar que neste intervalo muitos trabalhos foram realizados em prol da Educação Infantil no Brasil. O MEC segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para Educação coordenou o Movimento Criança Constituinte, internacionalmente a Conferência de Jomtien na Tailândia, foi uma Declaração Mundial sobre Educação para Todos realizada em 1999 e o objetivo dessa Conferência foi satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem; universalizar o acesso à educação e promover a equidade; concentrar a atenção na aprendizagem; ampliar os meios e o raio de ação da Educação Básica; propiciar um ambiente adequado à aprendizagem; fortalecer as alianças; desenvolver uma política contextualizada de apoio; mobilizar os recursos e fortalecer a solidariedade internacional. Coordenou o I Simpósio Nacional de Educação Infantil (1994).

Entre 1994 e 1996, o MEC realizou vários seminários e debates com a participação de diferentes segmentos e organizações sociais, buscando contribuir para a construção de uma nova concepção para educação das crianças de zero a 6 anos (2008, p. 30 -31).

Conforme já mencionado, o MEC tem se esforçado para que a Educação Infantil no Brasil seja sucesso, e as políticas educacionais com as suas respectivas legislação sejam cumpridas e a Educação Infantil passe a ter ainda mais qualidade no que diz respeito ao desenvolvimento da criança.

A História da Educação no Brasil tem sido bastante discutida por educadores, gestores e governo, mas, ainda percebe-se que há necessidade de muito estudo sobre a infância e outra questão que deve ser discutida com mais veemência que é a questão dos afetos

1.4 Reflexões sobre o modelo de Educação Infantil Brasileiro: pontos positivos e negativos

As poucas conquistas reivindicadas pelas mães e responsáveis pelas crianças pequenas no Brasil, não aconteceram sem conflitos, foi preciso que suas vozes ecoassem nos quatro cantos do país para serem ouvidas.

O desenvolvimento do país com a chegada das indústrias e urbanização da cidade oferecia vagas de empregos para muitas mulheres. O problema era as crianças que não estavam na pauta da discussão sobre o progresso, crescimento e desenvolvimento do país. Os empresários no primeiro momento não pensavam nas crianças e sim, no crescimento e produção de suas empresas.

Com os movimentos operários as mulheres ganham mais forças e passam a reivindicar melhorias trabalhistas e um lugar seguro para deixar os filhos. Os empresários sentiram-se ameaçados, pois não queriam que suas empresas parassem de produzir, começaram a reagir e a agir.

Os donos das fábricas, por seu lado, procurando diminuir a força dos movimentos operários, foram concedendo certos benefícios sociais e propondo novas formas de disciplinar seus trabalhadores. Eles buscavam controle do comportamento dos operários, dentro e fora da fábrica. Para tanto, vão sendo criadas vilas operárias, clubes esportivos e também creches e escolas maternas para os filhos dos operários. O fato dos filhos das operárias estarem sendo atendidos em creches, escolas maternas e jardins de infância, montadas pelas fábricas, passou a ser reconhecido por alguns empresários como vantajoso, pois mais satisfeitas, as mães operárias produziam melhor. (OLIVEIRA, 1992, p. 18)

Educação Infantil não era assunto interessante; as creches e pré-escolas ainda não existiam; a única instituição que existia era Roda de Expostos (PASCHOAL e MACHADO, 2009). Os grandes movimentos partiram de pessoas que lutavam por direitos que não estavam na lei.

Sobre direito Bobbio (1992) coloca que é um processo. Argumenta que o direito humano no mundo contemporâneo, no que diz respeito aos direitos sociais, para se converterem em direitos positivos, ou seja, no campo de ação das Constituições e das Leis passam por várias mudanças até se concretizarem.

Ainda o autor, descreve que os direitos adquiridos pelo sujeito por mais que sejam essenciais, são direitos alcançados através de movimentos, de luta (1992), enfrentando pessoas que estão no poder.

As crianças não tinham direito a educação de qualidade, na verdade não existia educação para as crianças. Em um período muito extenso da História da Educação, a Educação Infantil não era prioridade.

Conforme pesquisas e leitura até o final da década de 70 pouca atenção foi dada a Educação Infantil no Brasil. Levou aproximadamente um século para que se efetivassem os direitos fundamentais da criança pequena, foi somente em 1988 com a Constituição Federal.

De acordo Abramowicz (1999), a instituição de Educação Infantil passou por várias nomenclaturas, entre elas Jardim de Infância, Escola Maternal, Sala de Asilo, Escola de Tricotar, Pré-Primário, Creches e Pré-Escolas, acrescenta dizendo que cada nomenclatura representa uma conquista, mas também uma luta para universalizar a Educação Infantil no país.

Fonseca (1987) nos esclarece sucintamente as funções atribuídas à Educação Infantil ao longo de sua história:

- Asilo refúgio, proteção, depósito de crianças.
- Educação compensatória.
- Correção de desvios contra o fracasso escolar.
- Preparação para o 1º grau.
- Substituto e/ou complemento familiar.
- Escola precoce.
- Valor intrínseco: educação e assistência.

A História da Educação Infantil passou por todas essas nomenclaturas até se tornar o que é atualmente.

Sendo assim o debate sobre Educação Infantil no Brasil é cada vez maior, pois existem ainda lacunas que precisam ser preenchidas, e uma delas é a questão da afetividade. Sabe-se que a criança que recebe afeto transmite o afeto que recebeu ao outro, é uma atividade mútua que é preciso desenvolver entre os seres humanos, começando no lar, junto à família.

Garcia (1993) destaca que o grande desafio da escola é o que fazer e como fazer, no sentido de contribuir para cada aluno, independentemente de sua condição de classe, raça ou gênero. “A preocupação com a criança pequena deve fazer parte das prioridades estabelecidas pelos responsáveis pelas políticas educacionais no país”. (1993, p.12).

A creche e as pré-escolas são atualmente um direito da criança e dever do Estado. Vê-se que houve um grande avanço na Educação Infantil, mas reforçando, ainda há muito que fazer em prol dos pequeninos no Brasil. Há relatos de pais falando que faltam vagas para as crianças nas creches do país e estes relatos são ouvidos e assistidos nos

telejornais, é preciso valorizar a criança pequena, oferecendo a ela condições de crescimento saudável.

O Brasil tem investido nas últimas décadas na capacitação de professores, recursos materiais, entre outros, mas há ainda muito para melhorar em relação o cuidar e o educar, e um ponto relevante é a afetividade nesta relação de cuidar e educar.

Os noticiários abordam com frequência as violências ocorridas, e que ocorrem com as crianças, profissionais desabilitados a cuidar de crianças, espancam crianças indefesas, e esta prática está se tornando comum em muitas creches e escolas no país, é preciso conhecer estes profissionais, como foi sua criação, os pais eram afetivos? Perguntas como estas devem ser feitas ao longo das contratações.

As melhorias em relação ao atendimento dessas crianças devem começar nas mudanças de profissionais, ou seja, um curso preparatório é indispensável às pessoas que querem realmente cuidar de crianças.

Conforme Palhares & Faria (1999) destacam que a relação entre cuidar e educar a criança pequena vem sendo tratada no Brasil há algum tempo.

O Parecer Institucional da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação, publicada na Revista Brasileira de Educação (1998) e os trabalhos coordenados/encomendados e publicados pelo MEC entre 1994 e 1996. Estes trabalhos sem dúvida surgem em um momento importante para a consolidação da Educação Infantil no Brasil.

A criança que frequenta a creche e pré-escola são crianças onde os pais trabalham fora, a questão é esclarecer aos pais o que essa modalidade de ensino tem para oferecer aos seus filhos.

Sabe-se que esta modalidade de ensino melhorou muito no país nos últimos anos, como também a criança que frequenta a creche ela passa a conviver e interagir com outras crianças, a socialização é fundamental para o desenvolvimento saudável de qualquer criança.

Os pontos positivos das creches e pré-escolas no Brasil são favoráveis à rotina e desenvolvimento da criança. Elas aprendem que para tudo tem um tempo, mesmo pequenas aprendem que existem regras e passam a ser independentes; a dependência psicológica pela mãe sofre uma alteração no comportamento e elas se divertem, aprendem a se defender mesmo longe do olhar super protetor dos pais.

Na creche a criança desenvolve o seu período sensório-motor, marcado pela inteligência prática, “o mundo é algo a experimentar e conhecer por meios dos órgãos dos sentidos e das ações corporais” (MACEDO, 1994).

Ainda Macedo (1994) destaca que a criança aprende presa à experiência imediata, ela necessita da presença dos objetos concretos, são estes objetos que farão com que a criança coloque seus esquemas de ação em funcionamento, como: olhar, agarrar, ouvir, alcançar com a boca ou sentir com a pele; e a creche deve propiciar tudo isso à criança, mas, não podemos esquecer algo que é essencial neste trabalho, a afetividade, ser o mediador e se não tiver afetividade ao lidar com as descobertas das crianças, será um trabalho em vão.

As creches e as pré-escolas não podem deixar de dar atenção e incentivar a linguagem verbal, importante no desenvolvimento da criança. As histórias, as músicas, a imitação, são essenciais que existam na Educação Infantil, outro ponto importante é valorizar o que a criança fez, pois cada uma tem o seu ritmo e deve ser respeitado.

Macedo (1994) esclarece que o pensamento da criança na pré-escola é principalmente substitutivo e imitativo. Substitutivo porque ela descobre que objetos, pessoas e ações podem ser trocados ou evocados por outros. Imitativo porque ela entra no universo da ficção: imagina e faz correspondências.

O mesmo autor fala do desenvolvimento das linguagens que as crianças utilizam como faz de conta, acrescenta dizendo que a criança realiza esforço de tradução. Ela não é velha, mas representa esse papel no jogo simbólico. Também não é um bicho, mas pode imitá-lo. Essa representação de papéis aumenta o repertório das diversas linguagens, como desenho, a fala, música e a dança.

Ainda o autor coloca que se deve aproveitar a capacidade de representação da criança. A criança descobre simbolicamente a importância do adulto em sua vida e as diferenças entre ambos. Isso ocorre, por exemplo, quando ela faz de conta que é mãe e repreende o filho. Cabe ao professor, portanto, possibilitar que ela entenda essa assimetria e, ainda que intuitivamente, o valor do adulto.

A Educação Infantil no Brasil é um processo e requer atenção e dedicação dos governantes, é imprescindível uma educação voltada para o crescimento e desenvolvimento da criança, e deve ser prioridade em um país.

Os avanços na legislação têm sido importantes, mas não suficientes. Há muitas crianças fora da creche e da pré-escola. O governo precisa oferecer mais vagas e profissionais qualificados.

A Educação Infantil era de cunho assistencialista, nos dias atuais é reconhecida como dever do Estado e direito da família.

O Brasil é um país que elabora muitos programas, e o Pró-infância foi mais um Projeto - Referência para beneficiar as creches e escolas de Educação Infantil no Brasil.

De acordo com o Governo Federal a Educação Infantil só terá qualidade no ensino se for bem assistida, entretanto é preciso investimento no espaço físico e a aquisição de equipamentos para a rede física escolar desse nível educacional indispensável.

Conforme o MEC o Programa foi instituído pela Resolução nº 6, de 24 de abril de 2007, e é parte das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) do Ministério da Educação. “Tendo como principal objetivo prestar assistência financeira, em caráter suplementar, ao Distrito Federal e aos municípios que efetuaram o termo de Adesão ao Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação e elaboraram o Plano de Ações Articuladas (PAR)”.

Para FARIA & PALHARES (1999) a organização do espaço físico das instituições de Educação Infantil deve levar em consideração todas as dimensões humanas: o imaginário, o lúdico, o artístico, o afetivo, o cognitivo e outros.

As crianças estão inseridas em um espaço físico pequeno que não oferece o mínimo de conforto; elas deveriam brincar correr, pular, são obrigadas a ficar paradas sem poder extravasar a energia contida, que segundo especialistas não faz bem para o seu desenvolvimento.

A autora coloca que as dimensões estão contempladas nos critérios para atendimento em creches e pré-escolas que respeitem os direitos fundamentais da criança, documento inovador da COEDI/MEC (1995) elaborado por Fúlvia Rosemberg e Maria Célia Malta Campos.

As crianças estão amparadas pela lei, no entanto, na prática não são cumpridas, não funciona como deveria. Conforme os critérios para atendimento em creches e pré-escolas serão necessários garantir a criança:

a) O direito à infância sem antecipar a escolaridade do Ensino Fundamental (no entanto, sem esquecer-se da necessidade de levar em conta a continuidade destes segmentos de educação das crianças principalmente daquelas de zero a 10 anos).

b) Um ambiente educativo que contemple a indissociabilidade do cuidado/educação das crianças pequenas.

c) O respeito aos direitos fundamentais das crianças.

d) Otimização das condições e dos recursos materiais e humanos para que se possam implantar no país redes de qualidade com todos os aspectos que o referido documento propõe.

Não resta dúvida de que estes critérios são importantíssimos para as creches e pré-escolas, e principalmente para as crianças que fazem parte dela. Conforme Faria & Palhares (1999, p. 75) cabe às instituições de Educação Infantil verdadeiramente oportunizar ambientes de vida em contexto educativo, onde as crianças pequenas possam expressar nas mais diferentes intensidades suas cem linguagens, conviver com todas as diferenças (de gênero, de idade, de classe, de religião, de etnias, cultura, entre outras).

Para que tudo isto, ocorra, possibilitando que sejam construídas todas as dimensões humanas (a lúdica, a artística, a fantasia e a imaginação, etc.) e que as crianças possam dormir acordar, tomar banho, molhar-se, secar-se, tomar sol, conviver com a natureza, crescer, criar brincar, conviver com diferentes adultos e crianças de várias idades, ficar sozinho, comer, movimentar-se das mais variadas formas, amar, ficar brava e manifestar os diferentes sentimentos e emoções, com certeza precisamos inspirar-nos também em outros ambientes da vida [...]. (FARIA & PALHARES, 1999, pp. 75-76).

O desenvolvimento saudável da criança é fundamental e requer dos governos nas três esferas fazer cumprir o que está na Lei.

Ainda com referência aos critérios e servem de reflexão, é no que diz respeito aos itens que não foram mencionados aos critérios para atendimento em creches e pré-escolas que respeitem os direitos fundamentais da criança (FARIA & PALHARES, 1999, p. 85):

- o ambiente é adequado para trabalhar e fazer experiências com os quatro elementos: água, terra, ar e fogo?

- tem sombra para as crianças brincarem ao ar livre?

- tem local coberto para brincar nos dias de chuva?

- o ambiente é agradável e bem projetado?
- o ambiente é prazeroso do ponto de vista estético?
- o ambiente é desafiador do ponto de vista da curiosidade infantil?
- os locais são iluminados, ventilados e acolhedores?
- os locais são aquecidos no inverno e frescos no verão?

Aqui foi mencionando alguns itens, pois há mais. É isso que falta nas creches e pré-escolas, espaço físico para as crianças se movimentarem, pois para as crianças aprenderem necessitam de ação que implicam em movimento com significado.

As creches e pré-escolas que se tem no Brasil são pequenas e não oferecem área de lazer, muitas vezes as crianças pequenas desenvolvem as atividades recreativas dentro da própria sala, não tendo como diz Winnicott (1990), o “recrear”, que é “criar novamente” estando ligado ao nosso “recreio”.

As instituições de educação infantil no Brasil, devido à forma como se expandiu, sem os investimentos técnicos e financeiros necessários, apresenta, ainda, padrões bastante aquém dos desejados [...] a insuficiência e inadequação de espaços físicos, equipamentos e materiais pedagógicos; a não incorporação da dimensão educativa nos objetivos da creche; a separação entre as funções de cuidar e educar, a inexistência de currículos ou propostas pedagógicas são alguns problemas a enfrentar.(BARRETO, 1998, p. 25).

Muitas leis, programas, projetos, não contribuem para que os direitos da criança sejam de fato respeitados.

As propostas para a Educação Infantil no Brasil são muitas, o que de fato se espera é que aconteça na realidade dessas crianças que tanto necessitam de cuidado e de educação, acrescentando ainda o principal precisam de afeto, tudo isto que foi colocado é fundamental para o desenvolvimento saudável do infante, mas sem amor e carinho por parte dos responsáveis pelas crianças não tem efeito positivo no processo de ensino/aprendizagem, pois entendemos que é na Educação Infantil que se inicia as bases de uma aprendizagem significativa.

Afirmando a fala acima, temos as seguintes informações sobre aprendizagem significativa no Referencial Curricular Nacional (1998):

O processo que permite a construção de aprendizagens significativas pelas crianças requer uma intensa atividade interna por parte delas. Nessa atividade, as crianças podem estabelecer relações entre novos conteúdos e os conhecimentos prévios (conhecimentos que já possuem), usando para isso os recursos de que dispõem. Esse processo possibilitará a elas modificarem seus conhecimentos prévios, matizá-los, ampliá-los ou diferenciá-los em função de novas informações, capacitando-as a realizar novas aprendizagens, tornando-as significativas. (RCN 1998, p. 33)

Cabe ao professor ser o mediador nesse processo tão fundamental no desenvolvimento infantil. Percebe-se hoje em dia em muitas instituições a não valorização dos conhecimentos prévios das crianças. Cada uma tem uma história e deve ser valorizada, há todo um contexto histórico que elas trazem a sala de aula, o afetivo, o cognitivo e o social, é preciso que o professor atente-se a estas informações e aproveite em sala de aula para explorar.

Ainda com base no Referencial Curricular Nacional (1998) temos:

Detectar os conhecimentos prévios das crianças não é uma tarefa fácil. Implica que o professor estabeleça estratégias didáticas para fazê-lo. Quanto menores são as crianças, mais difícil é a explicitação de tais conhecimentos, uma vez que elas não se comunicam verbalmente. (RCN 1998, p. 33).

É necessário que haja uma mediação profissional, estimular as crianças a se expressarem mais em sala de aula é uma tarefa do professor, no entanto, é através dele que se inicia um diálogo colocando-as para falarem o que já sabem e conhecem, mesmo não tendo ainda o domínio verbal.

Piaget (1976) nos esclarece que sem afeto o aprendizado da criança é prejudicado, acrescenta destacando que:

(...) vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão (PIAGET, p. 16).

Vimos como a afetividade no ensino/aprendizagem é importante para a criança compreender a própria matéria. Se o docente não for afetivo, até para transmitir o conteúdo fica difícil, pois, a criança não dará crédito ao que está sendo transmitido.

Que os educadores se conscientizem sobre a importância dos afetos, e procurem exercê-los da melhor forma possível. Uma criança quando gosta de alguém ela expressa ao

se aproximar, mas o adulto também precisa dá abertura a esta criança, caso não aconteça isso, há uma barreira que impede essa aproximação e a aprendizagem significativa não acontece.

É pertinente acrescentar ainda que a Educação Infantil em qualquer que seja o lugar deve ser apreciadas por educadores que realmente ame estar com crianças, se não existir afeto entre educador e educando, a aprendizagem significativa não existirá.

Sabe-se da relevância e atuação de um educador que esteja realmente preparado para lidar com os pequenos, pois, exigirão do mesmo um posicionamento de educador mediador e facilitador da aprendizagem na Educação Infantil.

CAPÍTULO II

PERCURSO TEÓRICO APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO MODELO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

“A escola percebe na criança facilidades, dificuldades e outras facetas que em casa não são observadas, muito menos avaliadas”. Içami Tiba (2008. p. 30).

Este tema afigura-se no importante trabalho, pois, pretendemos compulsar diversos autores e apresentar as teorias que cada um defende sobre esta temática.

Interessante destacar que cada autor e sua teoria, fala sobre a aprendizagem e como ela acontece na vida do sujeito. As transformações sociais são consequências claras de ações coletivas, sendo assim cada autor traz sua contribuição sobre o aprender e como se processa no indivíduo.

O capítulo II foi dividido em quatro partes. No tópico 2.1 é abordada as Teorias da Aprendizagem, a importância de cada uma para o aprendizado humano. No tópico 2.2 são discutidas as características das Teorias da Aprendizagem e sua importância na educação. No tópico 2.3 destacam-se os objetivos das Teorias da Aprendizagem. No tópico 2.4 apresenta-se uma reflexão sobre as teorias da aprendizagem.

2.1 Teorias da Aprendizagem

É pertinente iniciar este tópico fazendo algumas considerações sobre o que é Teoria da Aprendizagem.

Antunes (1999) conceitua aprendizagem como uma mudança relativamente permanente no comportamento e se manifesta como uma forma de adaptação ao ambiente.

O mesmo autor escreve:

(...) no caso das crianças, particularmente os bebês, um importante elemento condicionador da aprendizagem é a maturação, não existem estímulos que façam uma criança falar até que suas cordas vocais estejam prontas e seu cérebro tenha amadurecido o suficiente para atribuir significados aos sons. A maturação, portanto, não depende da aprendizagem, mas representa condições necessárias para que a aprendizagem aconteça (ANTUNES, 1999, p. 35)

A colocação do autor é relevante no que diz respeito ao desenvolvimento da criança e de sua aprendizagem, mas não se deve esquecer que os estímulos são fundamentais, eles funcionam motivando as crianças a aprenderem, pais e professores devem aplicá-los com sabedoria e quando houver vontade da criança em recebê-los.

É muito comum ouvir de alguns pais ou responsáveis pela vida escolar da criança a seguinte frase: “O que você aprendeu hoje na escola? O que os professores ensinaram?” (BOCK, 2007, p. 149).

Essas questões sempre serão indagadas, entretanto, com o passar do tempo será modificada, pois não se aprende só na escola, aprende-se em todos os lugares, pode-se

dizer que a aprendizagem acontece aonde tem pessoas interessadas em aprender, seja uma aprendizagem sistemática ou assistemática.

Outra pergunta bastante feita é: “O que você aprendeu até hoje?” Pode-se responder sem hesitar, muita coisa foi aprendida pelo ser humano durante sua caminhada diária.

O conceito de aprendizagem é complexo, pois existem vários fatores que envolvem o ato de aprender. O ser humano aprende Matemática, Português, Literatura, Dança, e a lidar com a Internet, entre outros. Este sempre aprendendo, evoluindo e por toda vida está apto a aprender coisas novas. Durante todo o desenvolvimento humano até a velhice estar-se-á em constante atividade cognitiva, isto é, aprendendo sempre.

Tem-se na ótica de alguns autores o que é teoria da aprendizagem. Campos (2007, p. 28) conceitua aprendizagem de acordo como alguns psicólogos sendo:

- a) Um processo de associação entre uma situação estimuladora e a resposta, como se verifica na teoria conexionista da aprendizagem.
- b) O ajustamento ou adaptação do indivíduo ao ambiente, conforme a teoria funcionalista.
- c) Um processo de reforço do comportamento, segundo a teoria baseado em um sistema dedutivo-hipotético, formulado por HULL (1943).
- d) Um condicionamento de reações, realizado por diversas formas, tal como se verifica, por exemplo, no condicionamento contíguo de GUTHRIE (1948) ou no condicionamento operante de SKINNER (1953).
- e) Um processo perceptivo, em que se dá uma mudança na estrutura cognitiva, de acordo com as proposições das Teorias Gestálticas.

A aprendizagem é um processo que modifica o indivíduo em seu aspecto comportamental seguida por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Neste sentido, está relacionado às mudanças, à significação e à ampliação das vivências internas e externas do indivíduo. Ao que ele pode e necessita aprender dentro de cada cultura (NUNES e SILVEIRA, 2008).

Aprender traz consigo a possibilidade de algo novo incorporado ao conjunto de elementos que formam a vida do indivíduo, relacionando-se com a mudança dos conhecimentos que ele já

possui. Traz também, a perspectiva de algo específico para cada pessoa, ou seja, ninguém aprende pelo outro, assim como ninguém aprende da mesma forma. Cada ser humano é singular em sua formação individual, mas ao mesmo tempo, necessita dos outros para aprender [...] (2008, p. 13).

Conta-se um com os outros para que a aprendizagem seja efetivada em cada ser, cada indivíduo aprende de forma diferente e conforme a cultura da qual faz parte. Um sujeito que mora na cidade aprende de forma diferente do sujeito que mora na zona rural; ambos aprendem sobre o que fazem especificamente em cada localidade conforme suas particularidades. Tem-se ainda na colocação de vários teóricos que a aprendizagem acontece de várias formas, e o sujeito está apto e aberto para aprender.

A aprendizagem acontece em vários contextos, seja em situações formais ou informais, de forma planejada ou espontânea. Por conseguinte, é diversificada e contínua, isto é, está-se o tempo todo em situações que se colocam como aprendizes ao longo da vida (LA ROSA, 2004). Aprende-se constantemente e isto é que deixa mais ávido, querendo sempre aprender mais, adquirir novos conhecimentos sobre variadas coisas e assuntos; é essa ansiedade pelo aprender que impulsiona a buscar sempre mais.

Sabe-se que as teorias da aprendizagem são muitas, as que se consideram as mais relevantes para o presente momento serão abordadas. Serão elencados alguns teóricos cognitivistas. Os cognitivistas procuram explicar o processo de construção do conhecimento humano e o desenvolvimento da inteligência.

Têm-se como principais teóricos cognitivistas: Jean Piaget (1896-1980) na Suíça e Lev Semynovitch Vygotsky (1896-1934) na Rússia. Estes dois teóricos são considerados os mais importantes no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo.

Na ótica dos teóricos cognitivistas, o processo de conhecimento é a aprendizagem em si.

Para esclarecer melhor como esta busca pelo conhecimento ocorre, têm-se várias explicações, que se chamam de Teorias da Aprendizagem. Vários autores estudaram e pesquisaram com profundidade sobre cada uma delas e trouxe um leque de informações esclarecendo como a aprendizagem acontece na vida do indivíduo, a saber:

- **Teorias psicodinâmicas da aprendizagem.** Sigmund Freud (1856-1939) influenciou de tal maneira o pensamento psicológico, que qualquer estudo das teorias da aprendizagem seria inteiramente incompleto, sem que se tratasse de alguma de

suas contribuições. (CAMPOS, 2007). Freud estudou o psiquismo humano e contribuiu fortemente na área da Psicologia, como também na Educação.

Freud (1856-1939), sem sombra de dúvida deixou sua marca no ensino e aprendizagem, e contribui ainda nos dias atuais com sua teoria no comportamento da criança, levando o educador a entender melhor como a criança se comporta mediante o seu processo de desenvolvimento psíquico e educativo.

Segundo o autor a aprendizagem pode ser controlada por meio de recompensas e da punição, pois determina prazer e desprazer em quem aprende. Relacionou o prazer e a quantidade de excitação, em que o desprazer corresponde a um aumento da excitação e o prazer a uma diminuição.

Para o sujeito aprender é preciso ter prazer no que faz, e o ambiente deve favorecer ao aprendiz este prazer.

A escola, por exemplo, precisa ser afetiva com os educandos, e os educadores mais ainda. Quando se força uma criança a aprender através da punição, a criança passa a sentir aversão ao estudo, pois foi transmitido a ela como algo ruim, precisou ser punida para aprender. Não houve compreensão por parte de ambos, escola e família. A afetividade precisa ser um sentimento vivido diariamente.

Cunha (2008) destaca em sua fala a importância da aprendizagem para o sujeito, reporta-se aos educadores como sendo um ator de suma importância na afetividade desenvolvida na escola, acrescenta dizendo:

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamento agressivo na escola, hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz (p. 51).

Como vimos, o autor destaca a relevância da afetividade na aprendizagem, relatando o papel primordial que os educadores têm no contexto escolar.

Hilgard (1966) enumera alguns aspectos que segundo ele é importante que a educação considere, coloca ainda, que não são considerados pelos psicólogos acadêmicos, conforme o autor os educadores e os acadêmicos em Psicologia deveriam

valorizar os fatores abaixo descritos por ele como sendo fundamental para conhecer o aluno e o envolvimento com a aprendizagem.

- **Relação da aprendizagem com os estágios do desenvolvimento**

A psicanálise tem sido considerada como uma teoria tanto genética, quanto dinâmica, isto é, a continuidade da vida do indivíduo deve sempre ser levada em conta, justamente com o que está acontecendo no presente (HILGARD, 1966 s/p).

As crianças e os adolescentes são bastante influenciados pelo meio, sabe-se que esta influência deixa marcas que podem ser levadas por toda a vida, sendo assim a Psicologia da Aprendizagem deve se preocupar com este comportamento da criança, que se tornará um adolescente saudável ou não conforme a sua interação com meio.

- **Obstáculos à aprendizagem**

Na história pessoal daquele que aprende, são encontrados obstáculos à aprendizagem, tais como: o professor, simbolizando a figura paterna, pode despertar falsas expectativas ou renovar batalhas contínuas entre pais e filhos; alguns símbolos, empregados no ensino, podem ser tão carregados de conteúdos pessoais, a ponto de provocarem defesa: conflitos de autoridade podem resultar em deficiência, em leitura e ortografia, que apresentam muitas formas arbitrárias. (HILGARD, 1966, s/p.)

Alguns teóricos estão estudando sobre os assuntos descritos acima, mas é preciso que se pesquise mais sobre a vida da criança na escola, no lar e no meio social. Sabe-se que quando a escola procura conhecer a história de vida do seu aluno, a educação passa a ser melhor, porém deve ser destacado as questões da afetividade e dos vínculos que este sujeito possui.

- **Psicodinâmica do pensamento**

Embora já se possam encontrar importantes estudos dedicados ao simbolismo (incluindo sonhos, experimentalmente provocados), à motivação do pensamento, ao pensamento fantasista e à patologia do pensamento, mostrando a possibilidade de utilizar a psicanálise no estudo da psicologia do pensamento, as sugestões psicanalíticas ainda não foram inteiramente incorporadas ao estudo experimental do pensamento (HILGARD, 1966, s/p.)

Segundo Hilgard (1966), os sonhos e fantasias da criança são fundamentais para que os educadores deem atenção, pois a mídia repassa a essas crianças muitos estímulos que predispõe a viverem num mundo fantasioso, que com excesso é prejudicial ao sujeito.

- **A terapia como aprendizagem**

“A Psicologia Experimental estará afastada de alguns dos mais importantes aspectos da psicanálise, se não empregar, também, seus métodos, como a associação livre, a transferência etc.” (HILGARD, 1966, s/p).

A psicopedagoga clínica percebe em seu trabalho a importância da terapia nas dificuldades de aprendizagem. O trabalho da Psicologia muito tem contribuído no sucesso das crianças que se atende diariamente, pois a parceria entre estes profissionais só fortalece os vínculos e a autorização do saber pela afetividade. É na relação de confiança entre profissional e aprendente que a aprendizagem acontece, e esta relação inspira conquista.

Dessa forma, os fatores destacados acima conforme HILGARD (1966) é desvalorizado pela psicologia acadêmica, vimos que tais fatores são necessários na aprendizagem humana, pois, cada ponto mencionado tem-se o sujeito como prioridade bem como os acontecimentos recorrentes com o mesmo.

Vivemos um século onde o trabalho da psicologia é inerente ao sujeito e os conflitos interiores e se tratando da criança hoje mais do que antes a necessidade do acompanhamento psicológico é essencial para compreendermos as necessidades reais de cada sujeito.

- **Teoria Funcionalista.** Esta teoria teve como fundador John Dewey (1858-1952). Elaborou um famoso trabalho sobre o conceito de arco reflexo, em Psicologia (1896), por sua definida oposição ao elementarismo predominante, marcou o início do novo protesto. Há outros nomes ligados a esta teoria que também colaborou para a expansão da mesma, em Chicago, Angell e H. Carr, conforme Campos (2007), Woodworth (1959) ensinou a Teoria Funcionalista aplicada à Psicologia Dinâmica na Universidade de Colúmbia.

Segundo esta teoria os aspectos funcionais do processo de aprendizagem não foi aprofundado como merecia, sendo assim fez uma pequena análise da aprendizagem resumindo em tópicos os seguintes problemas experimentais, tais como:

A motivação, Woodworth (1959) foi o primeiro funcionalista a dar um tratamento, em estilo moderno, à motivação. Preparou, também, o terreno para a proeminência que impulsos e motivos viriam ter, na Psicologia (1971).

Observa-se que a motivação pontuada por Woodworth (1959) é bastante comentada na atualidade. O que leva uma criança ir à escola? Qual a motivação que a mesma criança tem para aprender? A resposta para as duas perguntas está na afetividade, no afeto que esta criança recebe, se há atenção recíproca, a vontade de ir à escola e aprender acontecem naturalmente, pois o sujeito é estimulado a aprender.

Campos (2007, p. 243-244) escreve que Carr (1905) concordou com os pontos de vista de Woodworth (1959), em relação à motivação. Aceitou também a sua colocação em relação ao comportamento, destacando que o princípio de todo o comportamento é iniciado por estímulo. “O motivo é um estímulo, relativamente persistente, que domina o comportamento de um indivíduo, até que reaja de tal forma que não seja mais afetado por aquele”. Sendo assim, o motivo passa a ser o que alguns chamam de estímulo mantedor.

O afeto é essencial para a criança aprender, quando ela é estimulada a fazer algo, é porque recebeu do outro, atenção e confiança para continuar fazendo. Recebeu estímulo, foi motivada a não desistir.

Outro aspecto funcional do processo de aprender destacado pela Teoria Funcionalista é o descobrimento inicial da resposta adequada, sobre este ponto tem-se Melton (s/d) que contribui com sua fala destacando que a descoberta inicial pode constituir problema, em certos tipos de aprendizagem. Acrescenta dizendo que na interpretação da aprendizagem, a controvérsia entre ensaio – e erro gira, em parte, em torno da natureza dessa descoberta inicial da solução correta. Conforme Campos (2007) os funcionalistas não tomam partido, porque é crítico e espera os experimentos definitivos.

A orientação e a imitação também citadas por Malton (s/d) são descritas como papéis que não são relevantes na teoria da aprendizagem. De acordo com o autor a orientação é a descoberta de resposta correta pode ser facilitada pelo professor, pela manipulação do meio ou de quem aprende. A imitação, o autor coloca que a solução pode ser descoberta, quando quem aprende observa outro organismo a encontrar a solução para o problema.

Dialogando com o autor, pode-se citar aqui a importância da afetividade na relação educador/educando. O professor tem um papel importantíssimo na aprendizagem infantil,

dando oportunidades às crianças para descobrir algo que desejam, o professor é um mediador.

A orientação e a imitação são duas palavras necessárias na área educacional, no entanto o que difere uma da outra é a forma como são colocadas diante do sujeito que aprende.

O terceiro aspecto mencionado pelo funcionalista em relação à aprendizagem é a fixação das respostas adequadas e eliminação das inadequadas. Os funcionalistas destacam que para a fixação e eliminação de respostas, é aceita a Lei Empírica do Efeito. Conforme Campos (2007, p. 247) para a explicação do efeito, já existem teorias como as da contiguidade e do reforço. Acrescenta pontuando que os teóricos funcionalistas demonstraram relutantes enquanto a escolha de uma das duas: contiguidade ou reforço, sendo assim preferiu aguardar resultados mais definitivos da experimentação.

No entanto é importante destacar que a relação de afeto entre professor e aluno leva a criança a guardar as respostas mais relevantes se as mesmas tiverem sido passada ao aluno com cuidado pelo professor, e dependendo da explicação do educador as respostas inadequadas são eliminadas com facilidade pela criança. Requer um estudo aprofundado sobre esta teoria, pois a mesma tem muito a contribuir com o ensino/aprendizagem.

O quarto aspecto trazido pelos funcionalistas diz respeito aos fatores que determinam o ritmo da aprendizagem. Relatam que quando a aprendizagem é reduzida às mais simples relações essenciais entre estímulo e resposta, sejam quais forem seus princípios básicos, não é difícil organizar situações sob as quais a mesma ocorre.

Este aspecto leva a uma reflexão a respeito da afetividade por parte do professor e da família. Acredita-se que o ritmo da aprendizagem de uma criança depende de vários fatores, a saber: o interesse em assistir as aulas, o acompanhamento dos pais em relação aos estudos da criança e a parceria entre escola e família. Outro fator fundamental é a comunicação da criança com os colegas de sala.

Há um quinto aspecto falado pelos funcionalistas que é a transferência de treino e retenção. De acordo com a teoria funcionalista é o estudo da permanência relativa da aprendizagem, quando testada em situações essencialmente semelhantes às dificuldades da aprendizagem original, constitui o estudo da retenção, enquanto que o estudo dos efeitos

de aprendizagem em situações novas é frequentemente, discutido como transferência de treino. (CAMPOS, 2007).

O último aspecto pontuado pelos funcionalistas traz uma abordagem interessante sobre as dificuldades de aprendizagem. Sabe-se que as dificuldades de aprendizagem são inúmeras na atualidade. Muitos conteúdos, muitas informações e as crianças ou parte delas, apresentam um pouco mais de dificuldades para aprender, e mais uma vez a questão dos afetos é discutida. Acredita-se que, se a escola e os educadores procurassem compreender melhor o ritmo de cada criança e respeitasse o tempo de cada uma, a aprendizagem ocorreria mais prazerosa, e as mesmas seriam mais felizes, pois, seriam compreendidas pela escola e a família; sendo assim teriam um melhor aprendizado e teriam maior interesse em aprender.

A retenção é uma função de atividade que ocorre antes e depois da aprendizagem original.

- **Teoria clássica da Gestalt.** Esta teoria surgiu na Alemanha, em 1912, e foi trazida para os Estados Unidos em 1920. Os autores desta teoria são Ehrenfels (1859-1932) e Krüger (1874-1948). Conforme Campos (2007) partiram do estudo da percepção. Verificaram que os dados sensoriais comportam duas espécies de qualidades:

- a) qualidades sensíveis (resultantes da atividade sensorial).

- b) qualidades formais ou forma (advindas não da atividade sensorial, mas do trabalho mental – percepção de relações). Acrescenta ilustrando uma melodia, em que as qualidades sensíveis são as notas e as qualidades de forma são a melodia.

Existem mais dois teóricos que contribuíram com a Teoria da Gestalt, Wertheimer (1890-1943) e seus seguidores Köhler e Koffka (1887-1967) Campos (2007). O seu início foi o problema da percepção visual do movimento, que Wertheimer (1943) chamou de “phifenômeno”. Sendo assim o estudo da percepção estabeleceu a base das Teorias da Gestalt ou de Campo.

As ideias centrais da Gestalt descrevem a experiência imediata; determina as condições de uma melhor estrutura na percepção e as leis de sua transformação.

A vida mental não consiste numa soma de elementos, que é a interpretação da situação, pela percepção das relações dos

elementos. Os elementos não constituem toda a realidade; o todo o conjunto, a “forma” também é real e resulta da descoberta de relações entre as partes. Assim, uma pessoa pode ver três pontos em uma folha de papel e percebê-lo como um triângulo. Não há nada em cada um dos pontos que sugira isso, apenas as relações entre os mesmos é que determina a configuração. Os objetos não aparecem na percepção tal como existe em si. O sujeito cognoscente tende a estruturar coisas apenas justapostas, ou levar à perfeição formas apenas esboçadas. Ao invés de interpretar o que ocorre, em termos de mera soma de elementos, o faz em termos de estrutura total organizada, ou gestal (CAMPOS, 2007, p. 210).

A Gestalt é uma teoria bastante interessante, sua contribuição para educação diz respeito a parte sensorial e a percepção que estudam também os processos psicológicos e que implicam diante de um estímulo e como este é notado pelo sujeito.

O conceito de Gestalt é forma ou estrutura, significa um “conjunto de coisas que se prendem se apoiam e se determinam reciprocamente. Fazendo-o, determinam uma estrutura global que as dominam e que assinala a cada qual, na qualidade de parte de um todo, uma função, um papel a desempenhar nesse todo, assim como uma localização determinada”. (CAMPOS, 2007, p.211). Em uma definição bem simples:

Gestalt quer dizer um padrão organizado ou um todo organizado, em contraste a uma coleção de partes. A “forma” afirma a prioridade do todo em relação às partes, cuja natureza depende de sua função no todo. (CAMPOS, 2007).

Outra forma de Gestalt é o insight, quando um indivíduo encontra uma situação problema e consegue estruturá-la. Para escola gestaltista, a melhor definição de insight é dada por Hartmann (s/d): designa um processo equivalente ao do fechamento de uma estrutura.

Campos (2007, p. 211) destaca que há duas maneiras de definir insight: 1- É entendido como pura discriminação de um resultado obtido. Exemplo: Fulano descobriu o funcionamento do brinquedo – teve um *insight*; 2- É considerado como princípio explanatório ou processo. Exemplo: Uma pessoa aprende por insight (ou por ensaio - e - erro). O termo insight foi incorporado ao gestaltismo, por Köhler (s/d).

A definição de aprendizagem, conforme a Gestalt:

Enfatizam a percepção, no processo da aprendizagem, ao invés da resposta, como ocorre nas teorias conexionistas ou associacionistas, em geral. A resposta é considerada como sinal de que a aprendizagem ocorreu e não como uma parte integral do processo. As teorias de campo, como são chamadas as teorias gestaltistas, não enfatizam a sequência

estímulo-resposta, mas o contexto ou campo, no qual o estímulo ocorre, e o insight derivado, quando a relação entre o estímulo e o campo é percebida pelo aprendiz (CAMPOS, 2007, p. 215).

A aprendizagem ocorre por meio do processo perceptivo, ou seja, quanto mais o aprendiz é estimulado a descobrir algo, novas estruturas vão sendo reforçadas. “A aprendizagem, para os gestaltistas, é determinada pelo padrão, ou configuração, ou Gestalt dos estímulos”. (CAMPOS, 2007, p. 215). Ainda a autora coloca que a aprendizagem não consiste, portanto, numa simples aquisição de reações mecânicas, numa mera formação de reflexos condicionados ou simples resultado de “ensaio-e-erros”. A aprendizagem é um processo ativo, inteligente e global. Constitui uma aquisição de “estruturas”, de “formas”, implicando sempre discernimento, compreensão da situação.

- **Teoria da Equilibração de Piaget.** Nascido na Suíça em 1896, Jean Piaget contribuiu notavelmente como Especialista em Psicologia evolutiva na área da educação, além de ser um grande pesquisador do desenvolvimento humano, destacou-se como filósofo, lógico e educador. Piaget (1974) desde cedo, ainda criança se dedicava a estudos científicos, principalmente os que envolviam a Biologia, mais tarde doutorando-se em ciências naturais no ano de 1918.

A Teoria da Equilibração defendida por Piaget (1974) é concebido como um mecanismo de transição, que impulsiona o desenvolvimento da criança, através da sucessão ontogenética. Piaget procurou estudar o desenvolvimento do indivíduo desde a fecundação até a maturidade para a reprodução. Segundo o autor desta teoria o processo de equilíbrio opera continuamente, propiciando estados de equilíbrio sucessivos, essencialmente descontínuos, isto é, sistemas de ação organizados, como o sensório-motor, o perceptual, o operacional concreto dentre outros.

O estágio sensório motor é destinado a crianças de zero a dois anos, onde há toda liberdade para praticar as ações que lhe levará a outro estágio que é colocado por Piaget (1974) como o estágio simbólico (2 a 04 anos), suas principais características é o aparecimento da função semiótica. A criança torna-se capaz de evocar mentalmente os objetos, idade da fantasia, do faz de conta, egocentrismo, brinca e conversa sozinha e outros.

O estágio intuitivo (4 a 06 anos), desperta a criança para um novo aprendizado, idade dos porquês, centrada em seu ponto de vista, entre outros. O estágio operatório concreto (6/7 a 10/12 anos), já está com a estrutura mental bem desenvolvida, ver uma

situação por diferentes ângulos, organiza o mundo de forma lógica; é capaz de ordenar elementos de acordo com suas características, usando critérios de conjuntos, dentre outros.

O último estágio desenvolvido e estudado por Piaget (1974) é o operacional formal (11/12 a 15/16 anos). O adolescente neste estágio já está com estrutura mental completa, pensamento dedutivo, interessa-se pelas transformações sociais, mantém diálogos, coopera, colabora, entre outros.

Sendo assim o processo de equilíbrio para Piaget (1974) é uma sucessão de estruturas, que entram em equilíbrio. Para que a aprendizagem ocorra de forma bem estruturada a criança passa por vários estágios como citados anteriormente, ou seja, a aquisição de nova estrutura complementa graças às estruturas aprendidas anteriormente. A equilíbrio ocorre entre outros dois processos: Acomodação e assimilação.

Para Piaget (1974) a aprendizagem depende do nível de desenvolvimento já alcançado pela criança. O desenvolvimento é que cria as condições de aprendizagem, ou seja, é anterior a aprendizagem, desta forma é importante que todos os estágios do desenvolvimento sejam vivenciados pela criança.

A construção do conhecimento para Piaget (1971) é entendida como resultantes de adaptações da criança ao meio, envolvendo dois mecanismos reguladores: Assimilação e acomodação.

“Assimilação esta fase já poderá produzir um fenômeno de aprendizagem, sob a forma de transferência de reação, como ocorre no processo de condicionamento, em que a reação a um excitante incondicionado passa a ser produzida por um excitante novo”. (PIAGET, 1971, p. 260).

A assimilação acontece através da qual a criança exercita os esquemas já construídos, entra em contato, recebe, interage com os dados novos.

“Acomodação Corresponde ao processo de aprendizagem sob a forma, mas geral, de modificação do esquema de reação propriamente dito, sob o efeito do êxito. Portanto, graças a experiências, que se tornará anterior diante de uma situação posterior, é conseguida a satisfação da necessidade”. (PIAGET, 1971, p. 260).

A acomodação é a apropriação desses dados, incorporando-os e também transformando seus esquemas iniciais de assimilação.

A construção do conhecimento é sustentada num sistema de ação que visa equilíbrio sucessivas. O indivíduo assimila, acomoda e alcança um novo equilíbrio que é

sempre provisório; fica pronto para ser novamente desafiado, entra em desequilíbrio. Assimilar o novo é continuar o processo. Piaget (1974) é categórico em afirmar que o conhecimento não está pronto ou acabado, mas sempre em construção, e isto acontece porque o sujeito está o tempo todo interagindo com o meio físico e social.

Campos (2007, p. 261) acrescenta que o equilíbrio rompido quando o sujeito não dispõe de esquemas para assimilar a realidade é compensado pela diferenciação dos esquemas na acomodação, que torna necessária a variação dos esquemas iniciais, para determinar a aprendizagem. Este equilíbrio progride, sendo pouco estável, inicialmente, nas aprendizagens de nível inferior, para atingir certa estabilidade com a organização das estruturas lógico-matemático, na adolescência.

A Teoria de Piaget (1974) é de suma importância para o ensino e aprendizagem. É uma teoria bastante estudada nas ciências humanas, principalmente no Curso de Pedagogia.

Entender como o processo de aprendizagem acontece na vida humana é importante para quem ensina e quem aprende. Piaget (1974) com toda sua curiosidade em estudar os moluscos quando criança, já estava pensando em estudar com profundidade o desenvolvimento humano e graças ao seu trabalho incansável, tem-se hoje em dia segundo a sua teoria, mais conhecimento em relação às fases do desenvolvimento e como o ser humano se adapta em cada uma delas.

Não pode esquecer a importância do afeto no desenvolvimento intelectual do ser humano. Na teoria de Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e outro afetivo (WADSWORTH, 1996 p. 22). Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral. Piaget (1971) entendeu que existem aspectos do afeto que se desenvolvem.

Para criança aprender é preciso levar em consideração a questão da afetividade. Piaget (1971) cita que se pedir a uma criança para ler um livro sobre construção de casas de madeira (em vez de ler um livro sobre Guerra Civil), se eu assimilar o conteúdo do livro em minha estrutura cognitiva eu vou ampliar meus esquemas sobre construção de casas de madeira (mas não sobre Guerra Civil). (WADSWORTH, 1996 p. 22). Na visão piagetiana, esta seleção não é provocada pelas atividades cognitivas, mas pela afetividade, neste caso, o interesse.

Como se vê o aspecto afetivo tem uma grande influência sobre o desenvolvimento intelectual. A afetividade é importantíssima na aprendizagem, acelera ou diminui o ritmo de desenvolvimento intelectual, por isso é fundamental que os professores e familiares observem as crianças.

Piaget (1971) argumenta destacando que a criança que gosta de matemática terá ótimo progresso, já a que não gosta não avançará em matemática. Sendo assim, a criança que não é bem recebida pelo professor, pelos colegas e pela escola apresentará um sentimento de desprazer pelo aprender, não tendo interesse nenhum em voltar à escola.

Piaget (1974) é sem dúvida, um grande teórico, e sua contribuição para educação e educadores no presente século tem sido de muita valia.

- **Teoria sócio - histórica** – Vygotsky nasceu em 1896 e faleceu em 1934, deixou muitos escritos relevante para o desenvolvimento humano. Sua teoria nasceu na ex-União Soviética impulsionada pela revolução de 1917 e pela Teoria Marxista. No ocidente, esta teoria ganharia importância nos anos 70, sendo um referencial para a Psicologia do Desenvolvimento, a Psicologia Social e para a Educação. “No Brasil chegou por volta dos anos 80 através da Psicologia Social e da Psicologia da Educação, tendo grande importância no meio acadêmico.” (BOCK, 2007, p.113).

Esta teoria trouxe uma nova abordagem teórica. Vygotsky (1991) buscou construir uma Psicologia que superasse as tradições positivistas e estudasse o homem e seu mundo psíquico como uma construção histórica e social da humanidade. Vygotsky (1991) atribuía um papel importantíssimo às relações sociais nesse processo, de tal maneira que a corrente pedagógica que nasceu de seu pensamento é chamada de sócio-construtivismo ou sócio-interacionismo. (BOCK, 2007, p. 113).

Vê-se quanto o vínculo afetivo entre as pessoas já era significativo na teoria de Vygotsky (1991). A interação sócio-construtivista era uma questão bastante relevante para o autor.

Conforme Vygotsky (1991) o mundo psíquico que temos atualmente, não foi nem será sempre assim, pois sua caracterização está diretamente ligada ao mundo material e as formas de vida que os homens vão construindo no decorrer da história e da humanidade. (BOCK, 2007, p. 113.).

É do conhecimento de todos que atua na Psicologia e na Educação que Vygotsky (1991) morreu muito jovem, não dando continuidade a sua grande obra, mas contribuiu deixando alguns princípios teóricos, hoje em dia, fundamental para entender o ser humano; e como se dá a construção do mesmo no meio social e cultural. Esta construção é estabelecida através da afetividade, da atenção, do carinho recíproco. Vygotsky (1991) não abre mão do que estudou e não é a favor da psicologia positivista colocando que o homem aprende conforme o meio cultural inserido. Destaca as principais teorias afirmando que:

A compreensão das funções superiores do homem não pode ser alcançada pela psicologia animal, pois animais não têm vida social e cultural.

As funções superiores do homem não podem ser vistas apenas como resultados da maturação de um organismo que já possui, em potencial, tais capacidades.

A linguagem e o pensamento humano têm origem social. A cultura faz parte do desenvolvimento humano e deve ser integrada ao estudo e à explicação das funções superiores.

A consciência e o comportamento são aspectos integrados de uma unidade, não podendo ser isolados pela Psicologia. (BOCK, 2007, p.113).

A importância que este teórico dá ao ser humano e ao meio são fundamentais para compreender sua história. Não há cultura que não tenha história, e Vygotsky (1991) mostrou que todo ser é dotado de um início, meio e fim. Tem uma história e merece ser respeitada e principalmente ser compreendida.

Brandão (2012, p.13) acrescenta dizendo que não é possível realizar qualquer reflexão sobre a questão da transformação social sem remetê-la ao exame de um contexto mais amplo, que se refere ao modo como se estrutura a sociedade atual [...] seguindo a mesma linha do autor é importante frisar que a história da sociedade precisa ser ainda mais explorada, compreendida, valorizada, e aprofundada.

Vygotsky, Uria & Leontiev (1991) desenvolveram também uma estrutura teórica marxista para a Psicologia:

Todos os fenômenos devem ser estudados como processo em permanente movimento e transformação.

O homem constitui-se e se transforma ao atuar sobre a natureza com sua atividade e seus instrumentos.

Não se pode construir qualquer conhecimento a partir do aparente, pois não se captam as determinações que são construtivas do objeto. Ao contrário, é preciso rastrear a

evolução dos fenômenos, pois estão em sua gênese e em seu movimento as explicações para sua aparência atual.

A mudança individual tem sua raiz nas condições sociais de vida. Assim, não é a consciência do homem que determina as formas de vida, mas é a vida que se tem que determina a consciência. (2007, p. 113).

É interessante o que Vygotsky, Uria & Leontiev (1991) descreveram acima, vê-se o real valor que este teórico dá ao desenvolvimento histórico do ser humano, que os fenômenos devem ser estudados com aprofundamentos, pois, vive-se o tempo todo nos movimentando e o mundo social se transformando.

Enquanto ao sujeito que faz parte dessa mudança, o que foi feito pensando nele e no melhor para ele? Pensou-se no que foi afetado culturalmente? Seus valores éticos e morais como estão? É necessário que nesta constante transformação social valorize o sujeito e o seu meio.

Vygotsky (1993) contribuiu significativamente nos problemas de aprendizagem. Para este autor a aprendizagem acontece nas relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre mediada pelo outro.

A afetividade é uma ponte que dá acesso ao conhecimento, isto é, quando há um vínculo positivo em quem ensina e quem aprende.

Conforme Vygotsky (1993), o desenvolvimento é um processo que se dá de fora para dentro. É no processo de ensino-aprendizagem que ocorre a apropriação da cultura e o consequente desenvolvimento da cultura (BOCK, 2007).

A aprendizagem da criança inicia-se muito antes de sua entrada na escola, isto porque desde o primeiro dia de vida, ela já está exposta aos elementos da cultura e à presença do outro, que se torna o mediador entre ela e a cultura. A criança vai aprendendo a falar e a gesticular, a nomear objetos, a adquirir informações a respeito do mundo que a rodeia, a manusear objetos da cultura; ela vai se comportando de acordo com as necessidades e as possibilidades. (BOOCK, 2007, p. 162)

Como se vê a criança aprende primeiramente convivendo com sua cultura. É fundamental que os educadores sejam facilitadores do ensino e aprendizagem, valorizem o que os educandos já sabem, valorizem seus sentimentos, sua história de vida, seus anseios, saiba interpretar seus medos e motivem a conquistar seu espaço, estimulando-os sempre a caminhar para uma direção de sucesso.

Podemos citar que a contribuição de Vygotsky (1993) na educação foi o conceito de zona de desenvolvimento proximal, a convivência com o outro, é nesta relação proximal que o sujeito aprende, o adulto é o mediador, os professores e os responsáveis. Quando há um bom relacionamento entre os sujeitos, as crianças aprendem melhor, relacionamento interpessoal, elas são sensíveis para identificação de suas intenções, motivações e circunstâncias que os tornem diferentes de todos os outros seres humanos (ANTUNES 1999, p.11). Ainda o autor acrescenta colocando que na dimensão intrapessoal pode ser sentida por todos quantos vivem bem consigo mesmos e mostram forte autoestima.

Antunes (1999) afirma, que:

“Sentem-se como que envolvidos pela presença de um “educador de si mesmo”, administrando seus sentimentos, emoções e projetos como “alto astral” de quem percebe suas limitações, mas não fortalece sentimentos de culpa ou complexos de inferioridade. Não gostam de errar, é evidente, mas sabem tirar proveito de seus erros e de seus momentos de solidão. Modelos marcantes de autoestima talvez não tenham se projetado na história como espécies singulares de gênios, mas descobrem a felicidade na simplicidade e alegria no cotidiano”. (ANTUNES, 1999, p.12).

É notável quando há uma relação harmônica entre os pares e seu ambiente. A citação acima faz lembrar a importância da convivência humana, quando há vínculo positivo, valorização do sujeito e do seu ambiente, a aprendizagem ocorre naturalmente.

Conforme Vygotsky (1993) a zona de desenvolvimento proximal refere-se às potencialidades da criança que podem ser desenvolvidas a partir do ensino sistemático.

Segundo Bock (2007),

“A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas pela criança, e o nível de desenvolvimento potencial, determinando pela solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros”. (BOCK, 2007, p. 163).

É interessante o conceito colocado pelo autor, porque permite um olhar mais amplo do desenvolvimento da criança. Fica claro que a criança precisa da mediação do outro para resolver situações que para ela parece difícil, mas, com ajuda do adulto ela consegue solucionar, e esta ajuda está no convívio social, na interação da criança com o outro, está ligada a afetividade, quando há afeto há mais possibilidades de aprender, quando não, as dificuldades se tornam maiores.

Sendo assim, não se pode ver o ensino e aprendizagem separadamente, a escola é um espaço social, onde pessoas interagem uma com as outras e o seu aprendizado é multiplicado. Todo ser humano tem uma história, faz parte de uma cultura, de um mundo social, que tem sentimentos e devem ser valorizados.

A afetividade é um sentimento que deve ser visto com mais atenção pelos educadores, ser mais estudada e compreendido. Vemos hoje este sentimento cada vez mais distante das pessoas, a preocupação hoje do sujeito é com o ter, o ser ficou em último plano, e os afetos também, é necessário fazer este resgate, os sentimentos não podem jamais deixar de existir no ser humano.

• **Teoria da aprendizagem significativa.** David Paul Ausubel (1918-2008) filho de imigrantes judeus, o pesquisador sofreu durante anos na escola por não ter sua história pessoal considerada pelos educadores. Vê-se a total falta de sensibilidade da escola em que o autor relata em sua época de estudante, não muito diferente das escolas atuais. A falta de afeto entre educadores e educando tem prejudicado e muito o processo de aprendizagem significativa na atualidade.

Antunes (1999) pontua que a linha de desenvolvimento educacional tentada por diferentes escolas no país, percebe-se que, com raras exceções, sua essência é apenas conteudista, não valorizando o que o aluno sabe.

(...) em outras palavras, a criança é vista pela escola apenas como um “aprendiz de conteúdos”, poucas vezes se instrumentalizando para, em verdade, priorizar suas habilidades e destas fazer as ferramentas para o domínio dos conteúdos. Os temas da geografia, história, ciências ou mesmos os desafios da língua portuguesa e da matemática não poderiam ser um fim em si mesmos, mas gerar meios para que o aluno aprendesse a comparar, analisar, sintetizar, relacionar, descrever e muitas outras habilidades. Nessa mesma linha, seria indispensável que se trabalhasse sua alfabetização emocional, não para que domesticasse seus comportamentos ou ouvisse temas sobre emoções, mas para que encontrasse um espaço social para discutir amor, ódio, frustração, autoestima, autoconhecimento. E também seria indispensável que se trabalhasse sua comunicação interpessoal e outros conteúdos que certamente não “caem” no vestibular, mas essenciais à vida (1999, p. 43).

O autor citado tem uma percepção aguçada sobre os afetos e a importância dos mesmos no ensino/aprendizagem, é relevante destacar que a sensibilidade está cada vez mais longe dos corredores escolares e conseqüentemente da vida do sujeito. A aprendizagem significativa ela acontece no meio social, é aprendida no seio familiar e com os professores.

Para Ausubel (2008) a aprendizagem é um elemento que provém de uma comunicação com o mundo e se acumula sob a forma de uma riqueza de conteúdos cognitivos. Para Bock (2007, 153.) a aprendizagem “é um processo de organização de informações e integração do material pela estrutura cognitiva”.

Ausubel (2008) destaca que o conhecimento prévio é a chave para a aprendizagem significativa. Acrescenta que quanto mais se sabe, mais se aprende. Segundo o autor o que mais influencia o aprendizado é aquilo que o aprendiz já conhece.

O vínculo afetivo na aprendizagem significativa é fundamental, quando uma criança expressa algo que aconteceu, vê-se a sua alegria ao relatar o acontecido, quando o mediador faz interferências, rapidamente ela pede que espere que a deixe concluir. Em outros casos, crianças mais tímidas não têm o incentivo do professor para falar, e em alguns casos o professor não dá abertura para as crianças falarem, o que é ruim para a aprendizagem.

É imprescindível que os educadores e pais privilegiem a aprendizagem significativa em suas crianças, permitam que relatem o que já está guardado em sua estrutura cognitiva, demonstrem afeto pelas crianças e por sua linguagem.

Vygotsky (1984, p. 39) destaca que às vezes, a fala expressa os desejos da criança; outras vezes, ela adquire o papel de substituto para o ato real de atingir o objetivo.

Antunes (1999, p. 43) acrescenta destacando que a aprendizagem significativa inicia-se com o resgate de seus saberes e, depois, com as conexões entre estes e os novos saberes que aparecem.

Conforme Bock (2007) a abordagem cognitivista diferencia a aprendizagem mecânica da aprendizagem significativa:

Aprendizagem mecânica refere-se à aprendizagem de novas informações com pouca ou nenhuma associação com conceitos já existentes na estrutura cognitiva.

Aprendizagem significativa processa-se quando um novo conteúdo (ideias ou informações) relaciona-se com conceitos relevantes, claros e disponíveis na estrutura cognitiva, sendo assimilado por ela. (BOCK, 2007, p.153)

A aprendizagem mecânica acontece de uma forma vazia, é como decorar algo sem realmente ter aprendido de verdade, é uma aprendizagem superficial, enquanto, a aprendizagem significativa exige que o sujeito já tenha algo concreto em sua estrutura

cognitiva, ou seja, se estamos ensinando a uma criança o alfabeto, ela já deve ter noção de qual alfabeto estamos ensinando.

Antunes (1999, p. 42) cita outro exemplo bem esclarecedor, uma criança de 05 anos precisa aprender. O que deve ser levado em conta para que a aprendizagem significativa seja estimulada e, efetivamente, ela “aprenda” coisas novas? Suponha que existam três elementos básicos que devam ser considerados e que, naturalmente, você deve conhecer na criança.

- 1- A autoimagem e autoestima da criança, desenvolvidas em suas experiências anteriores de aprendizagem.
- 2- A capacidade cognitiva, determinada pelo fato de que ela possui boa saúde mental; e assim o cérebro apresenta as ferramentas da aprendizagem (inteligência, raciocínio e memória) capazes de realizar a tarefa proposta.
- 3- A criança possui um conjunto de instrumentos (linguagem, representação gráfica e numérica), estratégias (um meio de fazer, pesquisas, organizar informações, ler e compreender um texto) e habilidades gerais (sublinhar, anotar, resumir, comparar, relacionar, dentre outras) que, adquiridos em contextos diferentes, o tornam apto à aprendizagem.

Ainda o autor acrescenta que a aprendizagem da criança será tanto mais significativa quanto mais relação (como sentido) for capaz de estabelecer entre o que já conhece e o novo conteúdo que for apresentado como objeto da aprendizagem (ANTUNES, 1999, p. 42).

Sendo assim é imprescindível o diálogo entre escola e pais, a criança precisa ser escutada. A atenção dos educadores e responsáveis é fundamental na valorização da aprendizagem significativa.

A aprendizagem significativa conta também com os pontos de ancoragem que de acordo com Bock (2007) são formados com a incorporação, à estrutura cognitiva, de elementos (informações ou ideias) relevantes para a aquisição de novos conhecimentos e com a organização destes, de forma que, progressivamente, generalizarem-se, formando conceitos. Bock (2007, p. 154) destaca que o contato com o mundo permite incorporar elementos relevantes.

Ilustrando os pontos de ancoragem pode-se dizer que uma criança pequena desde cedo ao ter contato com a natureza, plantar uma semente e vê-la se transformando em uma flor, possuir um animal de estimação, um gato, por exemplo, e vê-lo ter outros filhotes, e ainda ter contato com outros seres inanimados, a partir desse contato com o meio e ter adquirido estas noções básicas, elas estão aptas a aprender outros conteúdos, “falamos de aprendizagem significativa e de pontos de ancoragem sempre que algum conteúdo novo deva ser aprendido” (BOCK, 2007, p. 154).

Antunes (1999) contribui exemplificando como a aprendizagem ocorre na prática e esclarece o seguinte:

A criança precisa aprender sobre o clima. Ela possui inúmeros conhecimentos sobre calor, frio, chuva e sabe que o estado desses fenômenos chama-se tempo (conceito), e que este muda muito de um dia para o outro e também de um lugar para outro. Que conforme o estado do tempo usa-se roupas diferentes (procedimentos) e que não é bom para a saúde não se agasalhar bem (normas). A criança agrega a estas outras explicações próprias, diversas atitudes em relação a elas e suas experiências pessoais. (1999, p. 43).

É fundamental a mediação do adulto na aprendizagem significativa, entender e compreender a criança é dizer como é importante fazer parte do seu progresso, valorizar as pequenas ações, porque para ela é grande, é uma conquista, é mais um passo na aquisição do conhecimento, indo mais além diríamos que é uma demonstração de afeto e cuidado pelo ser humano em desenvolvimento.

- **Teoria do ensino de Bruner (1971)** Este teórico concebeu o processo de aprendizagem como “captar as relações entre os fatos”, adquirindo novas informações, transformando-as e transferindo-as para novas situações. Partindo daí, ele formulou uma teoria do ensino. (BOCK, 2007). Para essa teórica o aluno deve receber a matéria de forma organizada e eficiente, sendo assim, o papel do educador vai além de se preocupar com a extensão da matéria, mas também com a estrutura.

A aprendizagem, que deve ser sempre capaz de nos levar adiante, está na dependência de como se domina a estrutura da matéria estudada, isto é, a natureza geral do fenômeno; as ideias mais gerais, elementares e essenciais da matéria. Para se garantir este “ir adiante”, é necessário ainda o desenvolvimento de uma atitude de investigação. (BOCK, 2007, p. 119).

A aprendizagem segundo Bruner (1971) deve ser colocada de uma forma compreensiva, o educador deve ser afetivo com o seu aluno, é preciso que entenda o que

está sendo ensinado, mostrando afetividade pelos seus alunos, descrevendo o passo a passo do aprender com satisfação. Bock (2007) coloca que na matéria de Física é necessário começar pela noção de energia, em Psicologia pela noção da vida psíquica e em História pelas noções de homem, natureza e cultura e assim com as demais matérias.

Bruner (1971) propõe que o educador tenha como auxílio as fases do desenvolvimento de Piaget para compreender melhor o seu aluno e o aprendizado se tornem eficiente, acrescenta ainda que todo educador precisa investigar a história de vida do educando.

Outro aspecto importante colocado por Bruner (1971) é a motivação. A motivação conforme Bock (2007) ainda continua sendo um complexo tema para a Psicologia e, particularmente, para as Teorias da Aprendizagem e Ensino. Pontua dizendo que se atribui à motivação tanto a facilidade quanto a dificuldade para aprender. Acrescenta destacando que vai depender do professor às condições motivadoras, o sucesso ou o fracasso ao tentar ensinar algo aos seus alunos (2007, p. 120).

É pertinente acrescentar que o sujeito que aprende é um sujeito dotado de sentimentos, é necessário que os educadores o observem e tentem compreender o seu contexto, como se sente, o que lhe falta, como está a família, como este sujeito está psicologicamente. A questão do afeto é primordial na relação professor/aluno.

Entretanto, é pertinente ao educador conhecer a história de vida de seu educando, o que almeja na vida, a realidade social, o comportamento na escola, em casa, com os amigos. Quando há conhecimento sobre o educando, criam-se meios que facilitam sua aprendizagem e o aprender torna-se relevante.

Sabe-se atualmente o quanto está sendo difícil motivar os alunos no ensino/aprendizagem, as novas tecnologias, o desinteresse, a facilidade em ter acaba deixando de lado o ser. É fundamental colocar que para uma aprendizagem acontecer é preciso que o aluno queira aprender, e, portanto prioriza-se a motivação. Segundo BOCK (2007) o estudo da motivação considera três tipos de variáveis, a saber:

O ambiente, segundo a autora Bock (2007) é o lugar onde o sujeito está inserido e dele tira sua motivação para aprender algo.

As forças internas ao indivíduo, como necessidade, desejo, vontade, interesse, impulso, instinto. Fica claro neste tópico que para o indivíduo ter motivação, é necessário que as forças internas sejam impulsionadas, e através dessa força o sujeito tenha

interesse em aprender, entendemos aqui que é algo muito peculiar do sujeito, é preciso querer aprender, e esta força deve partir de dentro para fora, sabendo que o ambiente tem uma grande importância na aprendizagem.

O objeto que atrai o indivíduo por ser fonte de satisfação da força interna que o mobiliza, a autora esclarece que este objeto de atração na motivação para aprender pode ser algo que tenha chamado atenção do sujeito, e nos dar um exemplo simples, ilustra o interesse de um jovem em ler um livro, diz que este interesse foi devido a outras pessoas que leram o mesmo livro e o sujeito se interessou em saber o que há de importante no livro, e assim por diante. Bock (2007, p. 158) Explica que para motivação acontecer com eficácia é necessário as três variáveis citadas acima, sem elas o sujeito não será ativo, ficando passivo ao que acontece em volta dele.

A motivação tem como aliada as três variáveis, mas, se o sujeito não tomar as iniciativas nenhuma das três valerão a pena. É preciso que o indivíduo se alerte, uma vez que a motivação é o processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação.

Observa-se que a tríade está relacionada ao sujeito, e que a motivação vai depender intrinsecamente e extrinsecamente do indivíduo. Pensa-se que o ambiente deve ser favorável a motivação do sujeito, acolhedor, onde as pessoas se comunicam umas com as outras, há harmonia na relação mútua, são questionamentos que não se pode deixar de fazer. A afetividade deve estar inserida nesta relação, caso não esteja, o sujeito não terá motivação para aprender.

Bock (2007, p. 159) pontua que motivar o aluno é um dos desafios do trabalho educacional. Sem dúvidas a autora está correta em sua afirmação, estamos presenciando atualmente alunos desmotivados, sem interesse em aprender e os fatores são inúmeros, alguns já destacados neste trabalho, outros merecem maior aprofundamento. Mas uma coisa não pode deixar de citar, a questão dos afetos na motivação do estudante, é preciso que a educação de modo geral entenda e compreenda que a afetividade está ligada a aprendizagem e desde a Educação Infantil precisa ser trabalhada, só assim teremos alunos motivados a aprender.

Para tornar a aprendizagem mais significativa para o educando é preciso criar interesse, cabe a cada educador propiciá-lo. Bruner (1971) destaca que é possível tornar o ensino mais instigante para o estudante a partir de iniciativas como estas:

Propiciando a descoberta. O aluno deve ser desafiado, para que deseje saber, e uma forma de criar interesse é dar a ele a possibilidade de descobrir.

Desenvolver nos alunos uma atitude de investigação, uma atitude que garanta o desejo mais duradouro de saber, de querer saber sempre. Desejar saber deve passar ser um estilo de vida.

Falar ao aluno sempre uma linguagem bem acessível, de fácil compreensão.

Os exercícios e tarefas deverão ter um grau adequado de complexidade. Tarefas muito difíceis, que geram fracasso, e tarefas fáceis, que não desafiam, levam à perda do interesse.

Compreender a utilidade do que se está aprendendo é também fundamental. Não é difícil para o professor estar sempre retomando em suas aulas a importância e utilidade que o conhecimento tem e poderá ter para o aluno. (2007, p. 159).

É importante que o educador do século XXI repense em sua forma de dar aulas, quais as motivações estão despertando no sujeito que está apto a aprender, que incentivos os educandos estão recebendo para que a aprendizagem seja significativa .

Bruner (1971) postula que os educadores despertem em seus alunos o interesse em aprender partindo de questionamentos. O ensino assim como a aprendizagem deve ser para os alunos um momento de descobertas interessantes, e não simplesmente a aula expositiva que não o aproxima do concreto.

O vínculo entre os colegas de sala deve ser proposto pelos professores, à aproximação, a troca de conhecimentos fará com que os educandos se interessem mais pelo aprender; os educadores também devem demonstrar este vínculo positivo uns com os outros, pois, é através do exemplo que os alunos aprendem e crescem intelectualmente.

- **Teoria do vínculo.** “Esta teoria foi desenvolvida por Enrique Pichon-Rivière nasceu na Suíça em Genebra em 25/06/1907 e faleceu em 16/07/1977; foi um psicanalista e psiquiatra nascido na Suíça e nacionalizado argentino”. Ele teve grande importância na divulgação da Psicanálise na Argentina e foi considerado um importante renovador da Psiquiatria, com a criação da teoria dos Grupos Operativos. Sua teoria foi de grande originalidade e baseada em uma interpretação dialética do funcionamento de grupos, sendo considerada por críticos como “a maior contribuição latina americana para uma teoria unificada do funcionamento grupal”.

Enrique Pichon-Rivière foi um grande renovador da Psiquiatria. A Teoria do Vínculo, desenvolvida e estudada por ele parte de uma teoria predominantemente

intrapsíquica, ou seja, dentro da mente, dá uma contribuição notável para a relação professor-aluno em três dimensões – mente, corpo e mundo exterior, que se integram dialeticamente, levando em consideração a dimensão mais importante - a humana.

A Teoria do Vínculo contribui para desenvolver: solidariedade, companheirismo, prazer de viver, otimismo, inteligência interpessoal. O vínculo define a qualidade da relação, superando as expectativas pela criatividade e sinceridade. Desta forma conquistam-se os inconquistáveis.

Esta teoria aborda a afetividade e a importância da mesma na construção da amizade. O sujeito pode expressar o que sente e dessa forma sentir-se melhor consigo mesmo, pois, a partir do momento que a pessoa encontra alguém em quem possa confiar, ela desabafa, colocando para “fora” seus medos, angústias, enfim encontra alguém com quem possa se relacionar.

Esta teoria pode-se dizer que é enriquecedora no desenvolvimento humano, pois, a mesma permite que o sujeito construa uma amizade de confiança e a criança precisa dessa interação com o meio social.

Acrescenta-se ainda que a Teoria de Pichon-Rivière tem muito a contribuir na aprendizagem pelo fato de que o ser humano aprende na convivência com o outro e juntos trocam informações pertinentes à aprendizagem.

O vínculo é construído na comunicação entre as pessoas, o que cada um fala, sendo assim é importante que tenham cuidado no que falam principalmente aquelas pessoas que fazem parte da convivência diária da criança. Os professores muitas vezes dizem palavras de encorajamento, de motivação, mas demonstram reações contrárias ao que dizem, sendo intolerantes, agressivos, parciais, deixando o educando confuso, contribuindo para uma relação cada vez mais distante entre educador e educando, e ainda prejudicando-o emocionalmente.

- **Teoria Ecológica.** Finaliza-se este tópico acrescentando a Teoria do Desenvolvimento Humano (Ecológica) desenvolvida por Urie Bronfenbrenner (1970). Esta teoria traz informações importantíssimas no que se refere ao desenvolvimento humano e o ambiente. Bronfenbrenner (1970) faz sérias críticas no que diz respeito ao modelo atual de se estudar o desenvolvimento humano, dizendo que há muitas pesquisas sobre o desenvolvimento humano, porém não enfatizam o ser humano completo, seu

ambiente, suas influências, o que vive e passam dentro do ambiente, não consideram os sujeitos e o que eles viviam (BRONFENBRENNER, 1977; 1996).

Nota-se que Bronfenbrenner (1970) demonstra uma preocupação com o sujeito e o seu meio, fica nítido neste início do relato, que há no autor um sentimento mais profundo pelo ser humano e o seu espaço, ele passa através de suas colocações que se precisa compreender o sujeito integralmente e não fragmentado, o que leva a crer que para o autor o sentimento de afeto pelo ser humano e o ambiente no qual situa é apreciado.

Não se pode falar de desenvolvimento humano sem inserir no contexto deste desenvolvimento, como vivem, o que fazem; qual a relação desse sujeito com meio ambiente, o que há de errado, o que precisa ser melhorado. Precisa-se fazer parte dele; só o estudo biológico não é o suficiente, é preciso mais, é preciso interagir, conhecer de perto o desenvolvimento humano e suas necessidades intrínsecas e extrínsecas.

O autor nas duas últimas décadas tem trabalhado com afinco para reformular sua abordagem, e apresentar um novo modelo de pesquisa, considerando a bidirecionalidade em relação ao ser humano e ao ambiente em que ele está inserido.

Destaca que as crianças influenciam os próprios ambientes no qual estão, acrescenta dizendo que quando iniciam uma atividade nova, ou quando começam a estabelecer algum tipo de vínculo com outras pessoas, rapidamente são influenciadas pelas pessoas que o cercam.

O vínculo afetivo dá-se na troca, na convivência harmônica entre as pessoas e com as crianças não é diferente.

Conforme o autor esta nova abordagem ou modelo enfatiza não só a interação do sujeito em desenvolvimento com outros sujeitos, mas com objetos e símbolos. (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998)

Sabe-se da importância da interação entre sujeitos para que o seu desenvolvimento ocorra de uma forma plena. Observa-se que para o autor supracitado, a interrelação é destacada com entusiasmo, para ele o sujeito influencia e é influenciado.

A criança tem seu meio e habita nele, só que, ela tem vários modelos a seguir, aqui o que está sendo pontuado é o desenvolvimento do ser humano contextualizado, qual o contexto dessa criança que influencia e ao mesmo tempo é influenciada. O que ela capta e o que ela envia através do seu pensamento, de suas ações. Sem titubear, a criança

influencia e é influenciada pela motivação, pelo estímulo e principalmente pelo vínculo afetivo. O afeto faz parte desta influência, pois há uma relação mútua entre duas pessoas que se entendem e que almejam aprender juntas.

Bronfenbrenner e Morris (1998) com sua nova abordagem sobre o modelo ecológico de desenvolvimento humano introduziu também um olhar diferenciado no que se refere às propriedades da pessoa em desenvolvimento. Eles propuseram no novo modelo que em vez de ecológico chamariam de bioecológica, estudando mais e dando ênfase as características biopsicológicas do sujeito em desenvolvimento.

Propuseram ainda no novo modelo o construto teórico “*processos proximais*” compreendidas aqui como formas particulares de “interação entre organismo e ambiente”, “acrescenta destacando que esta interação opera ao longo do tempo e compreendem os primeiros mecanismos que produzem o desenvolvimento humano”. (BRONFENBRENNER MORRIS, 1998, p. 994)

De acordo com os autores no novo modelo reformulado por eles, são reapresentados quatro aspectos multidirecionais e interrelacionados, destacado por eles como modelo PPCT: “pessoa, processo, contexto e tempo”. Para o autor este modelo é essencial para conhecer o desenvolvimento humano. Descreve cada um deles enfatizando a importância na vida do sujeito em desenvolvimento.

a) Pessoa: para os autores está relacionado ao fenômeno de constâncias e mudanças na vida do ser humano em desenvolvimento; estas constâncias e mudanças prevalecem durante toda sua existência.

O ser humano durante todo o percurso de vida está sujeito a mudanças e estas mudanças vão acontecer conforme ele queira que aconteça. É relevante pontuar que o autor coloca em seu novo modelo que é importante considerar as características do sujeito em desenvolvimento, quais suas convicções, nível de atividade, temperamento, além de suas metas e motivações.

Ainda os autores, Bronfenbrenner e Morris (1998), acrescentam que dentro desse novo modelo que denominaram de bioecológico, há três tipos de características do sujeito que influenciam e moldam o curso do desenvolvimento humano, a saber:

Disposição que podem colocar os processos proximais em movimento e continuam sustentando a sua operação. Recursos bioecológicos de habilidade, experiência e conhecimento para que os processos proximais sejam efetivos em determinada fase de

desenvolvimento e o último a demanda que convidam ou desencorajam reações do contexto social que pode nutrir ou romper a operação de processos proximais.

b) Processo: segundo os autores está relacionando a diferentes níveis, e estão constituídos pelos papéis e atividades do cotidiano do sujeito em desenvolvimento. O desenvolvimento intelectual, emocional, social e moral do ser humano seja ele criança ou adulto, necessita a mesma coisa: participação ativa, para que isso ocorra há a necessidade de interagir com outras pessoas.

c) Contexto: para o autor está diretamente ligado ao meio ambiente, um ambiente integral, onde o sujeito está situado.

d) Tempo: para o autor é entendido como o desenvolvimento humano no sentido histórico, o que se passou com o sujeito durante o processo de desenvolvimento. Sua história de vida, sua cultura, seus hábitos, Sua família.

Ainda os autores Bronfenbrenner e Morris (1998),

Acrescentam dizendo que eventos históricos podem alterar o curso de desenvolvimento humano, em qualquer direção, não só para indivíduos, mas para segmentos grandes da população. A passagem de tempo em termos históricos tem efeitos profundos em todas as sociedades. Pequenos episódios da vida familiar, como a entrada da criança na escola, o nascimento de um irmão ou a mudança de trabalho dos pais, podem ter significativa influência no desenvolvimento das pessoas da família num dado momento de suas vidas. Outro exemplo de como o tempo influencia o desenvolvimento da pessoa, é a diferença na maneira dos pais criarem seus filhos, na década de 40 e na década de 80, ou na atualidade. (1998, p. 994 *online*).

Este último exemplo merece um comentário no que diz respeito à criação de filhos. Estamos no século XXI, as novas tecnologias, informações de massa e a mídia ensinam como se cria uma criança, um adolescente, entre outras informações transmitidas pelos diversos meios de comunicação. Tudo isto é importante, mas, deve-se avaliar como tais informações chegam até as crianças e seus responsáveis.

Sem afetividade na relação mútua, muita coisa fica a desejar, é necessário que as pessoas conversem mais, escutem mais, se interessem mais uns pelos outros e no quesito família, a tríade colocada é fundamental para um relacionamento aberto e saudável.

A Teoria de Bronfenbrenner (1970) é fundamental para o desenvolvimento humano, o autor preocupa-se com o ser humano completo e real, ele estuda e pesquisa o mesmo junto ao meio ambiente, as pesquisas não são feitas em laboratórios e sim naturalmente.

Para Bronfenbrenner (1996, p. 6) a concepção de desenvolvimento dos processos psicológicos tradicionais como percepção, motivação, pensamento e aprendizagem é de fundamental importância para o autor uma vez que, o conteúdo desses processos é percebido pela pessoa, “o que é temido, pensado ou adquirido como conhecimento, acrescenta destacando que importa-se mais como a natureza desse material psicológico pode ser alterada em função da exposição e interação do ser em desenvolvimento com o seu ambiente”.

Bronfenbrenner (1996) explica desenvolvimento humano como sendo:

Mudança duradoura na maneira pela qual uma pessoa percebe e lida com o seu ambiente, (...) é o processo através do qual a pessoa desenvolvendo adquire uma concepção mais ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico, e se torna mais motivada e mais capaz de se envolver em atividades que revelam suas propriedades, sustentam ou restituíram aquele ambiente em níveis de complexidade de semelhante ou maior de forma e conteúdo (1996, p. 5).

Observa-se que para o autor o desenvolvimento humano é complexo, mas interessante, ele coloca que o ser humano se desenvolve a partir do momento que enxerga o que se passa no dia a dia no seu ambiente, quando as mudanças são percebidas pelo sujeito, segundo o autor leva tempo, o ambiente passa a ser mais gratificante para o sujeito.

Bronfenbrenner e Morris (1998) também revisaram este conceito de desenvolvimento humano, dando uma nova explicação acrescentando que o desenvolvimento humano é “o processo que se refere à estabilidade e mudanças nas características biopsicológicas dos seres humanos durante o curso de suas vidas e através de gerações”. (p. 995)

Com base na colocação de Bronfenbrenner e Morris (1998), os autores colocam que o desenvolvimento “infantil ocorre conforme a criança se envolve ativamente com o ambiente físico e social, assim como ela o compreende e o interpreta”. (p.6)

Haddad (1997) completa nos informando que:

O reconhecimento da possibilidade de relações entre os ambientes, associado à capacidade de compreender as linguagens falada e escrita, faz com que a criança seja capaz de compreender a ocorrência e natureza dos eventos em

ambientes ainda desconhecidos, como a escola, ou que jamais conheçam como o local de trabalho dos pais, um país estrangeiro, ou o mundo da fantasia de outra pessoa. (HADDAD, 1997, p. 38).

Vale ressaltar a importância das relações interpessoais, o vínculo positivo de afeto que podem ser trocados entre duas pessoas. A partir do momento que se interessa pelo outro e diz o quanto ele é importante para o desenvolvimento diário, está se abrindo uma ponte de confiança e amizade que não terá fim.

Com a criança não é diferente, é um ser humano em desenvolvimento e quando elas prestam atenção e são notadas elas passam a ver o mundo de outra forma. Sendo assim é essencial que o adulto possa cultivar esta relação de confiança desde a mais tenra idade.

A afetividade se inicia a partir do momento em que a criança é gerada, o desenvolvimento dela no útero é um momento de relações mútuas entre mãe e filha, como o passar dos meses este bebê virá ao mundo e continuará se desenvolvendo no meio ambiente no qual o espera, e este ambiente está pronto para influenciá-lo e receber influências.

Pode-se dizer que todas as teorias são relevantes para o desenvolvimento infantil, e cada uma é peculiar à visão do autor que a desenvolveu, a teoria da ecologia também é importante, busca uma relação próxima do desenvolvimento humano e o ambiente, o ambiente natural, contextualizado, aprofunda-se na relação do sujeito e o seu envolvimento no meio ambiente.

Todas as teorias têm sua especificidade, mas algo em comum, o desenvolvimento humano, e aqui neste trabalho a importância de cada uma na aprendizagem humana e o vínculo afetivo.

Nota-se que cada abordagem leva-nos a mencionar o vínculo afetivo entre os pares.

Finaliza-se este tópico fazendo uma breve síntese das teorias da aprendizagem para entender melhor como se dá a aprendizagem na vida do ser humano e a importância da mesma no processo de aprender. Referenciam-se alguns autores e suas respectivas teorias e o que cada um traz para compreensão da aprendizagem humana e a importância do vínculo como meio facilitador.

2.2. Características das Teorias da Aprendizagem

- a) **Epistemologia Genética de Piaget:** Nesta teoria que foi estudada por Piaget, tem como principal característica a estrutura cognitiva do sujeito, as quais mudam conforme os processos de adaptação que inclui a assimilação e acomodação. A assimilação acontece no contato do sujeito com o meio, com o objeto de conhecimento, retira-se desse algumas informações, que são retidas na estrutura cognitiva. Na acomodação há uma organização mental que é modificada, acomodando-se a novas informações. O sujeito assimila e interpreta junto ao meio, na relação mútua, isto nos mostra que o sujeito é afetivo, pois parte dele o interesse em aprender, portanto a assimilação e a acomodação só acontecem se houver mediação, o papel social nesta abordagem é fundamental, pois, a aprendizagem acontece na interação entre os sujeitos.
- b) **Teoria Construtivista de Bruner:** Para este teórico a característica de sua teoria é o aprendizado como um processo ativo, ou seja, é baseado em seus conhecimentos prévios e os conhecimentos que estão sendo adquiridos pelo sujeito. O sujeito separa e transforma o novo conteúdo, deduz hipóteses e toma decisões. O sujeito é participante ativo no processo de aprendizagem relacionada a contextos e experiências pessoais. Esta teoria se assemelha a de Piaget. O sujeito precisa do outro como mediador para adquirir o conhecimento, só aprendemos alguma coisa quando estamos inseridos em um contexto e este contexto nos transmitem algo de significativo, e isto só é possível acontecer quando estamos juntos, trocando ideias e fazendo parte do meio social.
- c) **Teoria Sócio-Cultural de Vygotsky:** Conforme os estudos desse grande teórico, as características da aprendizagem para ele começam na interação do sujeito com o seu meio. O sujeito aprende conforme o que lhe é transmitido pelo seu grupo social. “O desenvolvimento cognitivo é limitado a um determinado potencial para cada intervalo de idade (ZPD); para só depois ser interiorizado”. De acordo com o autor a aprendizagem ocorre na interação do aluno com o professor e com outros alunos. Aqui fica evidente que a afetividade é um ponto relevante para esta teoria.
- d) **Teoria da Inclusão de Ausubel:** Para Ausubel, o essencial na aprendizagem do ser humano é o que ele já sabe, ou seja, o autor destaca que é preciso valorizar na educação o que a criança tem em sua estrutura cognitiva e ser valorizada. O mesmo salienta que para a aprendizagem acontecer é preciso dar crédito aos conceitos relevantes e inclusivos disponíveis na estrutura cognitiva do indivíduo. “A

aprendizagem ocorre quando uma nova informação ancora-se em conceitos ou proposições relevantes pré-existentes”. O autor pontua a importância da relação afetiva entre as pessoas, principalmente no contexto escolar, é preciso que professores e comunidades escolares apreciem e reconheçam o que as crianças já sabem e valorize-as. Os sentimentos afetivos são relevantes na relação entre as pessoas, é a partir dessa relação social que o vínculo afetivo fica mais forte. Entender e compreender o outro é mostrá-lo que acreditamos no que ele diz e o que diz é importante; as crianças e os adolescentes precisam disso, que os educadores tenham apreço pelos conhecimentos prévios que cada um tem.

- e) **Teoria do vínculo.** A principal característica da teoria do vínculo para Pichoné o grupo como um conjunto de pessoas, que unidas no tempo e no espaço articulam-se e interagem de diferentes formas, sendo assim o vínculo afetivo é fundamental nesta teoria, a partir do momento que há confiança entre o grupo a socialização melhora.
- f) **Teoria ecológica.** Para o autor a principal característica de sua teoria é a pessoa e o meio ambiente, para ele o importante é a pessoa e o seu contexto. A interação do ser humano com as mudanças ambientais deve ser levada em consideração. Esta teoria é importante no que diz respeito ao sujeito e ao meio, se neste meio há pessoas que se preocupam umas com as outras, há sentimento afetivo, há compreensão, como também pode haver sentimentos negativos.

Vimos nas características supracitadas que todas elas têm como principal objetivo, o sujeito e o que acontece com ele. Vimos como o ser humano foi estudado por pesquisadores e cientistas; e ainda hoje o comportamento humano é estudado, mas, essas teorias mesmo sendo estudadas e analisadas há muitos anos, ainda são atuais, pois o ser humano a cada dia que passa recebe do meio, informações que são pertinentes ao seu desenvolvimento.

2.3. Objeto de Estudo das Teorias da Aprendizagem

Tem como principal objeto de estudo o sujeito que aprende, como se dá essa aprendizagem e de que forma ela acontece. Saber como as pessoas aprendem e as condições necessárias para a aprendizagem é o objetivo das teorias da aprendizagem.

Para os teóricos cognitivistas, esta teoria aborda o estudo do cérebro e da inteligência, estudam os processos centrais do sujeito, o conhecimento e como o sujeito os adquire. O processo de informação é um dos objetivos para os teóricos cognitivistas.

É de interesse dos cognitivistas os aspectos pelos quais o sujeito adquire conhecimentos, levando em consideração os estímulos ambientais, a organização de dados internalizados pelo sujeito, entre outros fatores ligados a vida do sujeito no seu cotidiano.

O ensino e aprendizagem para os teóricos cognitivistas, principalmente Piaget (1971) é desenvolver a inteligência, criar oportunidades para a criança ser criativa, dessa forma o ambiente social deve ser favorável ao seu desenvolvimento. A aprendizagem tem como objetivo assimilar o objeto aos esquemas mentais, ou seja, o estágio em que o sujeito apresenta em contra partida a escola tem um papel fundamental, criar oportunidades e estratégias para o aluno aprender e desenvolver suas habilidades da melhor forma possível.

É importante destacar que o professor tem como papel criar situações que levem os alunos a pensarem, não oferecendo aulas prontas e acabadas, agindo assim, não está contribuindo para o processo de aprendizagem, o sujeito tem que criar. A rotina e os hábitos devem ser eliminando. O professor deve assumir o papel de facilitador da aprendizagem.

Enquanto ao aluno, a sua função é de observador ativo e participativo do processo de aprendizagem, deve buscar soluções para os problemas levantados, não parar, buscar sempre. Quanto mais busca, pesquisa e investiga mais acha.

No ensino/aprendizagem não se pode esquecer que há uma tríade: o aluno, o professor e a aprendizagem. Destacam - se que estes elementos são essenciais para que a aprendizagem aconteça. O aluno precisa querer aprender, o professor entra como facilitador, mediador, dando abertura ao processo de aprender, e a situação de aprendizagem, quesitos indispensáveis para uma boa aprendizagem, mais uma observação é preciso neste contexto, sem afetividade na relação professor/aluno o aprendizado não é o mesmo, quando há acolhimento, interesse de ambos, tudo torna-se mais fácil e melhor, se aprende com prazer.

2.4. Reflexões sobre as Teorias da Aprendizagem

Neste tópico faz-se uma breve reflexão sobre as teorias da aprendizagem. Far-se-á referência apenas aos teóricos cognitivistas, mesmo sabendo que a Teoria Comportamental teve sua importância na aprendizagem humana.

Segundo os teóricos cognitivistas a inteligência humana e em seguida a aprendizagem acontecem através da maturação biológica, do conhecimento prévio, com o desenvolvimento da linguagem, a interação social e a afetividade, sem estes elementos é impossível a inteligência e a aprendizagem acontecer.

Para Piaget (1971) a aprendizagem acontece através da adaptação ao meio. As pessoas desenvolvem sua inteligência em conexão ao meio ambiente e as complexas atividades que se realizam.

Pode-se citar como referência neste tópico o que Piaget (1971) estudou e mostrou sobre a aprendizagem humana. Ele cita quatro fatores importantes para que o sujeito aprenda, são eles: o fator biológico, tão importante para aquisição da aprendizagem, se o sujeito não adquiriu um crescimento orgânico e maturação do sistema nervoso, conforme este autor o sujeito não está pronto para aprender. O segundo fator são as experiências adquiridas pelo sujeito na ação dos objetos. O terceiro são as interações sociais, que segundo o autor se inicia com a linguagem e a educação e para por último o fator equilíbrio, este é importante na ação do sujeito na procura de respostas para resolver os problemas, aqui é importante salientar que antes acontece a desequilíbrio para depois ocorrer a equilíbrio.

É na interação do sujeito com o mundo que ele se desenvolve e aprende com eficácia. O sujeito desenvolve a inteligência através do intercâmbio direto com o meio.

Outro teórico bastante conhecido, Vygotsky (1993). Ressalta que a maior preocupação foi entender a influência da linguagem ou da comunicação para um bom desenvolvimento cognitivo do sujeito, tendo como principal referência o contexto social no qual o sujeito está inserido. Para o referido autor o contexto social e o desenvolvimento cognitivo andam juntos.

O processo de aprendizagem se desenvolve na interação do sujeito com outros sujeitos, sendo assim, o desenvolvimento cognitivo do sujeito é um processo de assimilação ativa do conhecimento histórico social existente na sociedade em que cada sujeito nasceu. Neste processo, segundo o autor, a linguagem exerce um papel fundamental na relação entre sujeitos.

Os dois teóricos são importantes para compreender como ocorre o processo de aprendizagem no sujeito, o trabalho de ambos tem oferecido aos professores esclarecimentos fundamentais para serem aplicados em sala de aula. Apontam com profundidade um ensino-aprendizagem baseados em conteúdos organizados, que são transmitidos através da interação social e que andam juntos com outros fatores determinantes para uma boa aprendizagem que são: o cognitivo, o afetivo, o cultural, e o social.

Apesar de suas diferenças, as suas teorias acabam se complementando, despertando em vários pesquisadores preocupados com o processo de aprendizagem o interesse em pesquisar e saber ainda mais sobre estas teorias que são ainda nos dias de hoje tão importantes para entender como o sujeito aprende.

As propostas piagetianas e vigotskianas devem ser sempre entendidas e analisadas como propostas complementares, apesar de apresentarem algumas diferenças básicas. Piaget (1971) dá ênfase aos aspectos estruturais e biológicos no desenvolvimento cognitivo do sujeito, enquanto Vygotsky (1986) dá ênfase as contribuições da cultura, da interação social e da linguagem, sendo porta de entrada para a formação cognitiva do sujeito.

Bruner (1971), outro teórico cognitivista, defende a aprendizagem como processo interno, mediado cognitivamente, e não um fator externo ao sujeito que aprende. Acredita na aprendizagem por descoberta. O seu trabalho é direcionado ao educador e a sua principal preocupação é o educando.

Bruner (1971) segue a linha de Piaget (1971) e principalmente a de Vygotsky (1996), acredita na interação social e no diálogo como ferramenta indispensável ao aprendizado eficaz.

Conforme este autor sua teoria é baseada na forma como o ser humano aprende. Ele estudou minuciosamente o aluno em sala de aula usando um método muito simples: a observação. De acordo com o autor é preciso de três fatores que estão ligados à aprendizagem, a saber:

a) Enativa ou ativa: a representação de mundo pelo sujeito se dá pela ação, a criança se comunica com as pessoas pela ação, a criança interage com os objetos, um exemplo é a maneira como a criança diz que bebeu leite no copo, o copo é a função que ele representa para criança que é beber leite no copo, assim é com as demais ações representadas pela criança. Sendo assim, Bruner (2007) se preocupou com a linguagem do educador em relação ao educando, a intenção é levar até a criança um aprendizado que ela compreenda e qual a importância desse aprendizado para sua vida.

O autor destaca o segundo fator que para ele é fundamental no aprendizado da criança nomeando como icônica.

- b) **Ícônica:** que significa figura, imagem. Aqui a criança não manipula mais os objetos, ela já consegue representar mentalmente, sem fazer uso dos gestos ou ações. Nesta fase a criança gosta de desenhar na escola e em casa.
- c) O terceiro aspecto estudado e observado pelo teórico é o que ele chamou de **simbólica**, este estágio é o mais avançado de todos; a criança está com o seu processo cognitivo bem aguçado e já se relaciona com o meio através de símbolos e de forma abstrata, sem a necessidade do uso de ações e imagens, citando um exemplo à linguagem.

Bruner (2007) estudou com dedicação quatro princípios que para ele são fundamentais para a aprendizagem humana. A motivação, estrutura, sequência e reforço.

Para o autor a motivação para aprender é inerente ao sujeito, acrescenta dizendo que há três motivos para a aprendizagem acontecer, a curiosidade da criança em querer aprender, a competência e a reciprocidade. Nota-se que são três fatores importantes e relevantes para aprendizagem. É pertinente acrescentar que sem afetividade com certeza vai ser difícil a criança aprender, colocar sua curiosidade em ação, se não houver interesse do professor em estimular a curiosidade à criança ficará inerte, a interação é a base para despertar na criança o desejo de saber. Em relação à competência, todos nós somos competentes em algo, as crianças também são. Somos também sujeitos recíprocos, pois fazemos parte de uma sociedade, a criança necessita dessa reciprocidade, compreendemos aqui a importância da afetividade entre os sujeitos.

Já a estrutura é repassada pelo autor como a forma de organização do assunto estudado ou assimilado pela criança; acrescenta dizendo que cada assunto deve ser repassado com clareza à criança, para que ela possa entender e guardar em sua estrutura cognitiva.

Temos na sequência conforme o autor o grau de dificuldade do aluno para compreender a matéria. Sendo assim é pertinente ao professor que use uma linguagem fácil, onde os alunos possam compreender com facilidade o que está sendo transmitido.

E finalmente, o reforço, o autor destaca como sendo um quesito fundamental para a aprendizagem, pois verifica os resultados das ações e os objetivos alcançados pelos alunos.

Para Ausubel (2008), a diferença em relação aos autores já referenciados neste trabalho, é priorizar a organização cognitiva dos conteúdos aprendidos, acrescenta-se

dizendo que esta aprendizagem deve ocorrer de forma ordenada, dando possibilidades ao educando de uma sucessão de ideias até que ele adquira novos conhecimentos.

Já Bronfenbrenner (1970) diferencia-se dos demais autores em relação ao sujeito em desenvolvimento e a questão ambiental.

Pretendeu-se neste breve relato destacar as diferenças entre as teorias da aprendizagem. Ficou pontuado neste tópico que todos os teóricos cognitivistas cooperaram e cooperam com o ensino e aprendizagem do sujeito, trazendo contribuições pertinentes ao sujeito que está em construção cognitiva.

Entretanto sem afetividade as relações humanas sofrerão prejuízos, pois quando há afeto entre as pessoas, há compreensão, respeito mútuo, dignidade, honestidade, e o que é essencial neste trabalho, aprendizagem significativa.

CAPÍTULO III

A RELEVÂNCIA DA AFETIVIDADE PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

“A arte de ser mãe e pai é desenvolver os filhos para que se tornem independentes e cidadãos do mundo”. Içami Tiba (2008. p. 14).

Neste capítulo fala-se sobre a relevância da afetividade na aprendizagem significativa. Tema esse, tão importante nos dias atuais pontuados por autores, tais como: Wallon (1968); Piaget (1971); Vygotsky (1984); Winnicott (1971); Maturana (2004); Almeida (1999); Zagury (2004) entre outros autores, imprescindíveis que têm contribuído com a aprendizagem na Educação Infantil.

As relações de afetividade na Educação Infantil sejam na sala de aula com os professores ou em casa com os familiares, é um assunto que merece atenção e uma boa discussão. Neste sentido temos um teórico que inovou ao pesquisar e dizer que a afetividade é uns dos aspectos centrais do desenvolvimento Wallon (1968). Falaremos mais sobre a Teoria de Wallon (1968) no decorrer deste trabalho.

Entende-se como afeto os sentimentos que estão intrínsecos em cada sujeito e de forma diferente, entre estes sentimentos vale citar: carinho, atenção, acolhimento, vínculo, respeito mútuo, entre outros. A afetividade é fundamental nas relações humanas; julga-se o tema importante na formação do sujeito, onde o principal ator é o desenvolvimento pleno do educando. Sendo assim a afetividade está presente no processo de ensino/aprendizagem, dando ênfase a Educação Infantil como base as outras aprendizagens. É na Educação Infantil que se inicia a construção do limite, das regras e dos valores essenciais na constituição do indivíduo, transformando-o em um cidadão de direito e conscientemente também de deveres.

O capítulo está desenvolvido da seguinte forma: No tópico 3.1 discutem-se as conceituações de afetividade. No tópico 3.2 pontuam-se as diferenciações entre afetividade e permissividade. Destacando no tópico 3.3, a família e a escola: um diálogo equilibrado na formação da criança, e finalmente no tópico 3.4 Afetividade, regras, limites e valores.

3.1- Conceituações de afetividade

Wallon (1968) destacou a afetividade como sendo um dos aspectos centrais e mais importante para o desenvolvimento da criança. Ele coloca que a interação e o estímulo é a base para uma aprendizagem bem estruturada. Pontua a importância da relação saudável abrindo portas para o ser humano e a criança aprender.

Fazendo uma breve ilustração da interação e estímulo entre adulto e criança, pode-se citar o exemplo de uma criança que está começando a dar os seus primeiros passos, com os braços abertos e as mãos estendidas para o bebê e o adulto interagir, estimulando e encorajando as crianças a executarem a ação do andar. Com este movimento a criança amplia os seus conhecimentos e é estimulada a aprender a andar, que para ela é algo muito

prazeroso de fazer, é descoberta, e tudo que a criança descobre sente o desejo intrínseco de fazer novamente.

No entanto nesta ação de aprender a andar ela se sente segura, pois o outro a autoriza a executar esta atividade com acompanhamento e acolhimento.

Wallon (1968) aborda que o processo de evolução resulta da função biológica e do ambiente no qual o sujeito faz parte. Acrescenta dizendo que o ambiente o afeta de alguma forma. O sujeito nasce com a função orgânica, que lhe capacita mediado através dos recursos. No entanto, o meio vai permitir que esses recursos desenvolvam-se de forma plena no sujeito. Uma situação bem interessante, uma criança tem sua audição bem desenvolvida e escuta muito bem, esta criança só desenvolverá a fala se o ambiente em que ela está a desperte para isto; a criança precisa ouvir, falar e se desenvolver, entretanto é necessário que haja estímulo.

Wallon (1968) também dividiu as etapas do desenvolvimento. Sabe-se que Piaget (1971) também fez sua divisão e mostrou como o sujeito se desenvolve no decorrer da vida.

Para Wallon (1968) o desenvolvimento humano passa por cinco etapas, impulsivo-emocional; sensório-motor e projetivo; personalismo; categorial e puberdade e adolescência.

No estágio impulsivo-emocional é o estágio que abrange o primeiro ano de vida da criança.

Galvão (1995) escreve:

(...) o colorido peculiar é dado pela emoção, instrumento privilegiado de interação da criança com o meio. Resposta ao seu estado de imperícia, a predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas, as quais intermediam sua relação com o mundo físico; a exuberância de suas manifestações afetivas é diretamente proporcional a sua inaptidão para agir diretamente sobre a realidade exterior (GALVÃO, 1995, p. 43).

Vê-se a importância da afetividade no desenvolvimento da criança ainda no seu primeiro ano de vida. O mais importante é a mediação do adulto no desenvolvimento saudável dessa criança.

Ainda Galvão descreve como se dá o desenvolvimento do estágio sensório motor e projetivo.

No estágio sensório motor e projetivo, que vai até o terceiro ano, o interesse da criança se volta para a exploração sensória

motora do mundo físico. A aquisição da marcha e da preensão possibilita-lhe maior autonomia na manipulação de objetos e na exploração de espaços. Outro marco fundamental deste estágio é o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem. O termo “projetivo” empregado para nomear o estágio deve-se a característica do funcionamento mental neste período: ainda nascente, o pensamento precisa do auxílio dos gestos para exteriorizar, o ato mental “projeta-se” em atos motores. Ao contrário do estágio anterior, neste predominam as relações cognitivas com o meio (inteligência prática e simbólica). (1995, p. 44).

Percebe-se que a criança neste estágio se envolve com o meio e os objetos que fazem parte, e um desses elementos é a mediação do adulto. Para a criança se firmar no ambiente é preciso da interação constante do adulto.

No estágio do personalismo Galvão esclarece:

(...) cobre a faixa dos três aos seis anos, a tarefa central é o processo de formação da personalidade. A construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, reorienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetiva (1995, p. 44).

Como se viu é de fundamental importância a criança ter uma relação de afeto positiva com as pessoas que a cercam, ao contrário terá prejuízos na formação da personalidade, pois esta faixa de idade é essencial para a formação da personalidade, irá aprender com o meio social a qual faz parte.

Ainda Galvão fala sobre o estágio categorial:

(...) por volta dos seis anos, inicia-se o estágio categorial, que, graças à consolidação da função simbólica e à diferenciação da personalidade realizadas no estágio anterior, traz importantes avanços no plano da inteligência. Os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior, imprimindo às suas relações como meio preponderância do aspecto cognitivo (1995, p. 44).

Afigura-se muito interessante este estágio do desenvolvimento, pode-se ressaltar a importância do afeto na relação aluno/professor, já que é uma etapa de descobertas intelectuais, a busca pelo conhecimento exterior foi despertada e a vontade de interagir com outro.

O último estágio é muito importante, não que os anteriores não sejam, mas este é voltado para a adolescência; se os estágios anteriores não tiverem sido bem desenvolvidos, provavelmente este último será mais difícil para o adolescente.

Conforme Galvão pontua o seguinte:

(...) a crise pubertária rompe a “tranquilidade” afetiva que caracterizou o estágio categorial e impõe a necessidade de uma nova definição dos contornos da personalidade, desestruturados devido às modificações corporais resultantes da ação hormonal. Este processo traz à tona questões pessoais, morais e existenciais, numa retomada da predominância da afetividade (1995, p. 44-45).

Relevante este estágio no amadurecimento do adolescente, nota-se que por mais que seja difícil este estágio mostra a maturação que o mesmo terá em relação a sua vida e as reações que terá frente aos obstáculos encontrados. Wallon (1975) contribui eficazmente com o desenvolvimento humano e a questão da afetividade; este sentimento tão fundamental na vida do ser humano.

Para Piaget (1982), o desenvolvimento intelectual é movido por dois componentes que segundo ele são fundamentais para o sujeito aprender: o cognitivo e o afetivo. O afetivo está relacionado aos sentimentos de interesses, desejos, tendências, valores e emoções. O cognitivo se desenvolve juntamente com o afetivo.

Para Piaget (1971):

A vida afetiva, como a vida intelectual é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura. (PIAGET, 1971, p. 271)

Fica visível a importância do afeto na construção da inteligência. A criança assimila o que aprende com satisfação se o afeto estiver bem desenvolvido na sua relação com a aprendizagem.

Para Wadsworth (1996):

Durante o segundo ano de vida, três aspectos do desenvolvimento afetivo são dignos de nota. Primeiro, os sentimentos começam a ter um papel na determinação dos meios usados para alcançar os fins tanto quanto na determinação dos fins. As coisas que são úteis na obtenção dos fins começam a adquirir valor para a criança. (WADSWORTH 1996, p. 39)

É interessante pontuar quanto o afeto é essencial nos primeiros anos do desenvolvimento da criança. A criança conforme vai adquirindo conhecimento e entendendo o que se passa em seu ambiente vai atribuindo interesse e realiza as ações com prazer.

Ainda Wadsworth (1996) destaca:

As crianças começam a experimentar “sucesso” e “fracasso” do ponto de vista afetivo. Os sentimentos associados a ações particulares ou a atividades são preservados (lembrados). As crianças são atraídas pelas atividades em que são bem sucedidas. (WADSWORTH, 1996, p. 39)

Interessante a colocação do autor neste segundo aspecto, nota-se a evolução da criança em relação ao afeto. O que é relevante para criança é recordado, se é recordado ela faz novamente porque foi agradável. É relevante fazer uma reflexão em relação à escola e às atividades escolares, se a criança elaborou todas as atividades propostas pela escola de uma forma prazerosa, provavelmente ela não esquecerá o que aconteceu e vai querer retornar à escola, caso não tenha sido agradável, é bem provável que não queira voltar.

WADSWORTH escreve:

No período 5 e 6, as crianças começam a investir afetividade em outras pessoas (transferir afeto para). Até este momento, os sentimentos eram voltados para si mesmos. Com a diferenciação cognitiva que ela faz de si em relação aos objetos (conceito de objeto), sentimentos como gostar e não gostar pode começar a ser dirigidos para os outros. O investimento do afeto em outras pessoas é o primeiro passo do desenvolvimento “social”. (1996, p. 39)

Vê-se a importância do afeto destacado pelo autor como sendo importantíssimo para o desenvolvimento saudável e equilibrado na criança. A relação entre os pares precisa está amparada no afeto e procurar desenvolvê-lo da melhor forma possível. O meio social tem um papel fundamental na promoção da afetividade.

Fez-se um breve relato sobre o desenvolvimento afetivo, deixando claro que foi com base nos primeiros anos de vida; sabe-se que Piaget deu ênfase ao afeto em todos os estágios do desenvolvimento humano, sendo assim, discute-se um pouco mais no decorrer desse trabalho.

Para Vygotsky (1991) a questão da afetividade foi abordada com cautela, pois sua teoria está voltada para a interação social, porém com brevidade pontuou algo sobre afetividade, destacando mais o lado crítico. Ele diz que o aluno é aquilo que ele próprio realizará, e não o que recebe. Nota-se que este autor por mais que seja sócio interacionista não acredita muito na relação afetiva entre as pessoas e o seu meio.

Segundo sua teoria, ele valoriza as interações sociais, logo se pensa em mediação, o adulto é um mediador de informações, ensina os valores conforme sua cultura. Entende-

se que este processo inicia-se com a família, e posteriormente na escola e em outros meios sociais que o sujeito venha a frequentar.

A afetividade faz parte desta mediação, o sujeito que é tratado com afeto pela família e pelas demais instituições que lhe cercam, tem uma melhor interação no meio em que vive, com certeza terá um melhor desenvolvimento.

Para Morales (2003, p.54) a qualidade das relações interpessoais manifesta-se de muitas maneiras: dedicar tempo à comunicação com os alunos, manifestando afeto e interesse, elogiando com sinceridade, interagindo com os alunos com prazer.

Esta comunicação interpessoal deve ter início na convivência familiar onde às crianças se comunicam com mais segurança.

A afetividade na relação familiar é de suma importância para as crianças que estão em desenvolvimento psicológico, família nada mais é que um conjunto de pessoas que unidas pelo desejo de estarem juntas, planejam-se e se complementam. É através desse relacionamento familiar que os pais se tornam mais humano, dando exemplo aos filhos de humanismo, aprendem a viver e conviver juntos, trabalhando a afetividade de maneira adequada.

Para a afetividade acontecer no seio familiar é preciso de referências positivas, pessoas encarregadas de estabelecer os limites quando necessários, ensinar as crianças com paciência e coerência, só assim teremos crianças afetivas e com uma personalidade emocionalmente equilibrada.

3.2 Diferenciações entre Afetividade e Permissividade

Sabe-se que existem fatores que predominam o comportamento das pessoas, a saber: a herança genética, o aprendizado adquirido com o meio, e as influências culturais recebidas pelo sujeito.

Na relação pais e filhos todo cuidado é preciso para que os papéis não se invertam. É preciso deixar claro para criança o que é afetividade e o que permissividade.

TIBA (1996) escreve sobre o valor da permissividade destacando que a permissão para os pais funciona como uma autorização para os filhos.

Destaca:

Criar é fácil, difícil é educar. Assim, não basta permitir, mas conferir à permissão um caráter educativo. Muitas permissões nascem da impaciência, do cansaço, da preguiça, do comodismo e da perda de referência dos pais para educar. Educar dá muito trabalho. E essa permissão, às vezes, está implícita no olhar ou até mesmo no tom de voz, apesar de a frase ser “não pode” (1996, p. 32).

A educação dos filhos requer dos pais grandes responsabilidades, para isto é necessário que façam uma introspecção em relação à sua pessoa, procurar conhecer a si para depois conhecer o outro, fazer análise dos sentimentos e controlar as emoções, é necessário. Pois os pais e responsáveis pela criança precisam conviver melhor com os filhos para exigir controle e firmeza nas palavras.

Para confirmar a fala acima temos ainda a contribuição de TIBA:

A criança está descobrindo o mundo. Tudo é novidade. O pode/não pode é um critério estabelecido pelos pais que terá consequências na conceituação da liberdade pessoal. É muito diferente o pai que transmite ao filho o verdadeiro conceito de liberdade daquele que exigindo demais, toma o filho um eterno revoltado (1996, p. 33).

Existem pais autoritários que não sabem dialogar com seus filhos, só sabem dá ordens, e isto pode causar prejuízo no desenvolvimento da criança. São pais que dão pouco afeto, onde não existe diálogo; e o filho não participa de decisões importantes que por vezes está incluído nesta decisão, a criança neste caso é passiva. São pais que impõe muitas regras e limites, deixando a criança sufocada, pois não pode desobedecer e nem questionar o que é colocado pelo pai.

Conforme Weber (2007, p. 63), comenta que os filhos desses pais tendem a ter um desempenho escolar razoável, poucos problemas de comportamento, mas são crianças submissas, com baixa autoestima, estressadas e ansiosas.

Acrescenta Mussen, Conger e Kagan (1977, p, 339), “as crianças que crescem em lares autoritários, podem ser punidas por manifestarem curiosidade, espontaneidade ou autoafirmação”.

O importante no relacionamento familiar é dosar, nada além da medida, e conversar, quando há liberdade de expressão no lar, tudo flui tranquilamente e com muita paz.

O pai permissivo também gera problemas na relação familiar. É aquele que permite que o filho faça tudo, pode tudo. O afeto é dado sem medida não participa com efetivação

das escolhas do filho, sempre dizendo sim para tudo. É um lar onde os filhos desconhecem limites e regras. Os pais que educam os filhos com permissividade estão contribuindo para um baixo desempenho escolar, são crianças que terão problemas de aprendizagem e de socialização. De acordo com Mussen, Conger e Kagan (1977, p. 340) “os filhos de pais permissivos são imaturos, dependentes e pouco autoconfiantes”.

Existe também aquele pai negligente que não presta atenção ao interesse dos filhos, não valoriza o diálogo, não olha no olho do filho, simplesmente não age como pai. Não existe afeto e nem participação, há também a falta de regras e limites. O filho terá tendência a comportamentos antissociais, os estudos são afetados, será propenso à depressão, pessimismo e estresse. Segundo Mussen, Conger e Kagan (1977, p. 356) “os pais negligentes não conseguem exercer um controle parental apropriado, ou são inconsistentes no uso da disciplina”.

É preciso saber educar, usar com sabedoria o papel de pai, não abusar, mas ensinar, mostrar, dialogar, ser criterioso, e acima de tudo respeitar. A relação entre pais e filhos é fundamental para que a criança tenha confiança no que irá realizar.

A participação dos pais na vida do filho o deixará mais seguro e animado. Os pais participativos demonstram ao filho afeto, interesse pelo o que faz; estabelecem regras e limites, o respeito é entendido, e a criança sente-se valorizada, amada e tem prazer em viver, tornando-se uma criança comunicativa que gosta de fazer amizades.

Conforme Mussen, Conger e Kagan (1977, p. 354) os filhos “são calorosos e receptivos. É provável que o filho desses pais seja bastante pró-ativo, expansivo, socialmente assertivo, independente e criativo”.

Nota-se na colocação do autor que uma criança feliz, sabe o que são regras e limites e aceita naturalmente. É importante que os filhos sejam criados com amor, acima de tudo sabendo lidar com todas as situações que ao longo da vida será imposta a elas.

Antunes (1999) escreve:

É indispensável que os pais possam educar seus filhos com doçura, sendo coerentes, não se deixando subornar nem recuando ante o primeiro choro, exercendo a autoridade com firmeza sem jamais delegá-la a outro (“quando seu pai chegar, você vai ver”) e decidindo com determinação, justificando por que fez, e sem demorar muito para chegar à conclusão. Até os 3 anos, explicações curtas são suficientes, dos 3 aos 5, necessitam de uma abrangência um pouco mais ampla (1999, p. 54).

Vê-se na colocação do autor a importância dos pais na educação dos filhos, ele traz um alerta no que diz respeito à firmeza que os pais devem ter em seus diálogos com os filhos.

Ainda Antunes (1999) esclarece a importância de estabelecer limites e dizer “não” nem sempre é fácil e, é claro, não é recebida com aplausos pela criança. Acrescenta dizendo que se a criança “apronta”, é necessário agir com rapidez. Educar para o “sim” é fácil; educar para o “não”, imprescindível.

O mesmo autor destaca algumas reações das crianças e nos dá sugestões sobre como fazer da “birra” um caminho para a educação, a saber: Uma repreensão firme, de vez em quando, mostra caminhos. Não exagere, não mostre raiva, mas repreenda com firmeza e nem pense em compensar com um carinho logo a seguir argumenta, Antunes (1999).

Muitos pais cometem o mesmo erro sempre, chamam a atenção dos filhos, corrigem com dureza e em seguida um beijo do filho já o faz mudar de ideia e acabam cedendo. Os pais não podem agir dessa forma, precisam se esforçar para cumprir a repreensão até ao fim.

Antunes (1999) acrescenta que toda a família necessita falar a mesma língua. Pai e mãe e, se possível, tios e avós devem ajustar seus ponteiros e combinar os “sins” e os “nãos” a serem trabalhados. Se não houver coerência entre todos, que pelo menos exista entre o casal.

Outro erro bastante perceptível entre os familiares, o pai dá uma ordem, a mãe tira, a avó recoloca e a confusão mental na cabeça da criança é grande, são muitos dando ordem, exigindo ou facilitando algo na vida da criança. Concorde-se com o autor quando diz que é necessário que a família fale a mesma língua.

Ainda Antunes (1999) relata que é preciso construir um conjunto de regras e de sanções correspondentes. Discuta essas regras, verifique se não está sendo excessivamente rigoroso e faça delas um código, uma constituição a seguir com energia, docilidade e serenidade.

Essa atitude dos pais em ensinar as regras no lar é essencial para um crescimento e adaptação da criança no meio social, uma vez que tenha aprendido a elaborar as regras de convivência em casa aplicará em outros ambientes.

Conforme Antunes (1999) é preciso um olhar de reprovação. Habitue-se a conhecer as mensagens de seus olhares de aprovação e restrição. Em momento de calma, vale até treiná-los. Este ponto é relevante, na medida em que hoje em dia muitos pais não dominam mais este olhar, pois a carga de trabalho de ambos é dura e já não conseguem treinar seus olhares de aprovação ou reprovação. No entanto, é necessário que ambos dialoguem sobre a educação que querem passar para os filhos.

É preciso que os pais tomem atitudes como estas e sejam firmes, não desanimando. Quando disserem “não” mantenham sua decisão, pois a criança tentará utilizando várias estratégias para tornar o “não” em “sim” para saber qual é a “fragilidade dos pais”. As crianças precisam entender porque os pais estão agindo firme em determinada ação cometidas por elas, agora recuar não ajudará em nada em termos de educação.

A escuta também é fundamental em famílias que há mais de um filho, cada um deve ser escutado pelos pais, ouvir a fala deles é dizer a eles que todos são importantes e tem um valor inestimável para os pais. A partir do momento que cada filho é ouvido pelos pais, sentem-se valorizados.

Cuidado com as restrições prolongadas. Toda experiência sobre tempo é proporcional à experiência de vida. Um dia para nós adultos representa muito menos tempo do que para os filhos. É necessário evitar sanções prolongadas.

Este ponto é importante para os pais, algumas vezes as crianças são punidas e nem sabem o motivo; os pais devem ficar atentos e saber dosar o tempo da punição, crianças menores, punições menores, crianças maiores, punições maiores.

É essencial em um lar e na escola dizer “não”. Verificarmos se a criança sabe ou não se está fazendo algo errado. Se souber, é fundamental agir com firmeza no “não”, propondo outra opção.

A importância da explicação dos “nãos”, é imprescindível pois toda criança deve saber porque os pais estão dizendo “não”, muitas delas ainda sem entendimento acabam fazendo a mesma coisa e o “não” é dito várias vezes; o correto é explicar o porquê do “não” e, isto requer dos pais, paciência.

Dar explicações adequadas à capacidade de compreensão do cérebro da criança entre 02 ou 03 anos, as explicações necessitam ser claras e curtas, devendo tornar-se mais abrangentes depois aos 06 anos, a abrangência deve ir até o limite do interesse. (ANTUNES 1999).

Outro ponto interessante é preciso saber conversar com as crianças, dar explicação a elas sobre qualquer coisa que esteja fazendo que aos olhos dos pais e das convenções sociais esteja errado, deve ser pontuado com atenção para criança compreender.

Não existe um manual pronto e acabado para criar filhos, até porque cada família é única e requer de cada pai e cada mãe uma linguagem coerente onde todos falem a mesma linguagem quando se trata da criação de filhos, é importante que estreitem os relacionamentos, agindo assim, os pais estão cooperando e ajudando a criança a se descobrir como um sujeito de diferentes emoções.

Vale ressaltar que a leitura de bons livros também ajuda aos pais a se conhecerem melhor e educar os filhos da melhor maneira possível, mas sem carinho, atenção, paciência e dedicação se tornam difícil. As crianças sentem e necessitam do amor dos pais e das pessoas que a cercam para viver melhor. A afetividade faz a diferença na educação.

Antunes sugere:

Esteja sempre atento para perceber a emoção das crianças. O que dizem é sempre menos importantes do que o que as leva a dizê-lo.

Reconheça na emoção uma oportunidade de intimidade e um meio para a sua educação, legitimando-a. Isto é, jamais se deixe levar pela ideia de que é desejável que a criança sinta ódio, frustração ou desapontamento.

Ouçã a criança com empatia, buscando sentir o que ela está sentindo.

Ajude a criança encontrar palavras para identificar o que, realmente, está sentindo.

Estabeleça limites, mas aceite discutir e, junto com a criança procure estratégias para a solução de seus problemas.
(ANTUNES, 1999, p. 56-57)

As sugestões citadas acima são de fundamental importância na relação pais e filhos, quando os pais observam e participam ativamente da vida dos filhos o diálogo, a confiança, o respeito mútuo fluem, mas não se deve esquecer que os limites devem ser colocados sempre que necessário.

Para Capelatto (2008) a afetividade pode dizer que é uma dinâmica mais profunda e complexa que o ser humano pode participar, tendo início no momento que o ser humano tem contato com outro, e este contato se dá pelo amor, sentimento este que liga duas pessoas diferentes, mas com algo comum: o afeto.

A permissividade é uma palavra bastante ouvida e observada no dia a dia de muitos lares, os pais deixando os filhos fazer tudo que querem sem nenhuma restrição, os avós por outro lado deixa as crianças fazerem o que tem vontade, ao invés de trabalhar o mais importante, ensinar a criança o que pode fazer e o que não pode.

Os pais permissivos são afetuosos, mas deixam os limites à parte, sabe-se a importância dos limites para criação de filhos equilibrados emocionalmente. Estes mesmos pais tornam-se ausentes, pois permitem tudo aos filhos, deixando-os a vontade.

Vivemos em um tempo de grande permissividade, pais que não podem dizer “não” aos filhos. Conforme especialistas, a violência que hoje assistimos nos jornais e vemos diariamente é consequência de um lar permissivo.

Os maiores referenciais para os filhos são os pais, as referências são pessoas, o diálogo, os gestos, tudo isto vão proporcionar a formação da identidade da criança, que se tornará um adolescente e um adulto. Para os filhos amadurecerem confiantes de si mesmos, é importante que os pais sejam maduros emocionalmente.

As crianças que estabelecem vínculos positivos e harmoniosos nos seus momentos de frustrações e medos, estes recebem amor e compreensão dos pais e responsáveis pois desenvolverão uma identidade mais saudável, conseguirão adaptar-se as diversas crises, principalmente as frustrações, sabendo assim lidar com as mesmas até que esteja pronto para realizar seus desejos; isto só será possível se esta criança crescer em um lar afetivo, onde foi ensinada à mesma a diferença entre afetividade e permissividade.

É correto afirmar que em muitas famílias brasileiras o que é visto, são pais que acreditam ser mais positivo para um bom relacionamento com os filhos quando lhes dão total liberdade, esta ideia de libertar os filhos antes de estarem preparados para alçar “voos” pode ser perigoso, o resultado é um mau comportamento.

As crianças e os adolescentes que se deixam levar pelos impulsos em direção a permissividade autorizada pelos pais podem ser prejudicados no desenvolvimento de sua personalidade, eles entenderão mais tarde, que os pais os deixaram fazer isto, não dialogando e ensinado que as coisas fora do lar são bem diferentes. O que foi permitido pelos pais será sentido pela criança ou adolescente como falta de afeto, pois alçaram “voos” antes de estarem prontos.

A família tem a função de cuidar e amar os filhos, procurando sempre se socializar uns com os outros. Visualizamos com frequência nos jornais e nas pesquisas estudos onde

as crianças e adolescentes problemáticos são frutos de uma família desestruturada, independentemente do nível sócio-econômico, os filhos estão desamparados afetivamente. Tem-se visto também que os maus comportamentos das crianças e dos adolescentes acontecem tanto na classe menos favorecidas quanto na classe média e alta.

É necessário que a família esteja sempre junta, não importa qual seja a situação, quando há amor, harmonia, há compreensão. O grande diferencial na relação familiar é o vínculo afetivo, este une a família na alegria, na tristeza, no amor e nas frustrações.

Quando os filhos experimentam estes sentimentos juntamente com a família, demonstram maturidade diante dos problemas que enfrentarão no decorrer do seu desenvolvimento.

Sendo assim, é imprescindível a participação de todos que compõem a família no dia a dia, ouvirem um ao outro, intervir quando necessário, praticar os afetos sempre.

Quando pertencemos a uma família que valoriza uns aos outros, tudo se torna mais agradável, a afetividade é algo natural, quando a criança quer fazer algo, logo pensa se vai ser bom ou não para ela, pois foi ensinada da forma correta, respeitando aos pais ou responsáveis, foi uma criança criada sabendo distinguir a afetividade e a permissividade.

Por que está tão difícil educar os filhos no século XXI? Por que os pais optam pela permissividade? São duas perguntas fáceis de responder: a correria dos pais, a competitividade cada vez maior exige mais de ambos, não restando muito tempo para amenizar as situações e os conflitos familiares. Mas há ainda outro questionamento: e aí? Como crescerão estas crianças, que valores passarão como viverão emocionalmente?

Como foi visto no decorrer deste trabalho, é preciso sim investir na relação familiar, ser afetivo, mas também está presente, acompanhar o desenvolvimento dos filhos, ver quais são suas necessidades e ajudá-los a amadurecer com autonomia e responsabilidade.

Mesmo que o mercado de trabalho exija muito dos pais, é preciso arranjar um tempo para se dedicar também aos filhos, mostrá-los que estão por perto sempre que precisarem. Sabe-se que educar filhos não é fácil, exige comprometimento dos pais e responsáveis.

3.3 A família e a Escola: um diálogo equilibrado na formação da criança

Considera-se este tópico de suma importância, não que os outros tópicos não tenham a mesma importância que este o que diferencia é a relação entre a família e a

escola, um diálogo cada vez mais difícil de existir, mas essencial. Conforme Capelatto (2008, p. 63), “a escola hoje tem de se conscientizar de que é uma instituição afetiva, que complementa a família”.

Sem dúvida a relação da escola hoje em dia com seus educandos é uma relação que a afetividade deve fazer parte, mas a família deve estar mais presente e acompanhar os filhos mais de perto, só assim a qualidade do ensino será melhor.

Os benefícios que o diálogo entre família e escola traz para a vida acadêmica dos filhos são importantíssimos. A integração entre estas duas esferas institucionais faz com que a aprendizagem das crianças seja cada vez melhor. Quem afirma isto é Gomide (2007, p. 45): “O afeto é um excelente mediador para a aprendizagem”. Chapman e Campbell (2002, p. 149) completam dizendo que “o desenvolvimento emocional pode provocar uma tremenda diferença no processo de aprendizagem e rapidez de compreensão de uma criança, e esta é uma área em que os pais mais podem ajudar”.

A ajuda dos pais é indiscutível no relacionamento saudável dos filhos com a escola. A presença da família na escola estreita a relação entre professor, coordenador e diretor, enfim, de todos que compõem a comunidade escolar.

A família é o primeiro grupo de convivência pessoal, ela é sem dúvida exemplo para os filhos e para a vida. A família independente de sua estrutura é modelo para a criança, ela aprende conforme o meio social em que está, desse meio ela absorve o que vê e entende como algo importante para sua formação.

É no espaço familiar que os filhos aprendem com os exemplos passados pelos pais e neste convívio implica envolvimento, comprometimento e colaboração. Sendo assim, a família é o lugar privilegiado para a divulgação da educação das crianças em todos os aspectos.

Tem-se na perspectiva de Gomide (2007) que os valores morais e os padrões de conduta são adquiridos essencialmente através do convívio familiar. Quando a família deixa de transmitir estes valores adequadamente, os demais veículos formativos ocupam o seu papel.

Vê-se na fala da autora a importância do papel da família na formação do caráter dos filhos. Sendo assim é imprescindível que a escola lute para que os pais façam parte da vida escolar dos filhos e os acompanhem em todos os aspectos; lutem para que haja

sintonia, compartilhem de um mesmo ideal, para que juntos escola e família possam resolver os conflitos e dificuldades cada vez mais presentes no contexto escolar.

Sabe-se que cada um tem um papel fundamental na educação da criança, tanto a família quanto a escola tem papéis separados, mas juntos são mais fortes. O aluno também tem o seu.

Entende-se que o papel primordial dos pais é com a disciplina de seus filhos, fixando regras adequadas e equilibradas de vida. Tem como reforço a fala de Zagury (2004, p. 28) que complementa dizendo que o objetivo maior da educação é dotar os filhos de capacidades de reflexão e análise, de poder de decisão, calcado em valores morais e éticos, que os afastarão de grande parte dos perigos dessa vida.

A escola também deve deixar clara as regras e as normas que devem ser seguidas por todos. Antunes (2005, p. 122) comenta que um dos quatro focos da indisciplina na escola é a ausência de clareza quanto às normas estabelecidas por parte da equipe pedagógica.

O segundo foco de indisciplina pode estar conforme Antunes (2005) centralizado na conduta dos alunos. Aqui entra a pergunta: Será que o aluno está sendo respeitado em seus direitos? Precisa-se observar como o aluno também está sendo tratado. O terceiro foco da indisciplina citado pelo autor pode ser a família do aluno. Outra pergunta cabe neste escrito, será que os professores têm meios para saber um pouco da história de vida de cada aluno, o que se passa no lar, na comunidade de onde vem este aluno. O autor pontua como o último foco da indisciplina sendo proveniente da atuação dos professores.

É pertinente destacar que a educação infantil necessita também de um olhar mais abrangente em relação à indisciplina, quando a criança desde pequena é trabalhada com para ser disciplinada crescerá sabendo respeitar as regras de uma sociedade, por isso é fundamental que a escola veja como atua dentro da Educação Infantil.

O autor supracitado relata ainda que a escola precisa valorizar os professores, incentivando-os a serem assíduos no trabalho; a pontualidade deve ser reforçada. Cobramos, mas não fazemos a nossa parte para dar um bom exemplo de disciplina. A disciplina deve estar presente na escola e no lar também. Os pais e responsáveis devem ensinar as crianças a serem disciplinadas.

Conforme alguns especialistas conceituam disciplina como sendo uma relação de subordinação do aluno ao mestre ou instrutor. Ordem que convém ao funcionamento regular

de uma organização, exemplificando podemos citar a organização militar e escolar. Temos ainda como disciplina a observância de preceitos ou normas. Para finalizar temos como disciplina o ensino, instrução e educação. (TIBA 1996, p. 96).

O mesmo autor citado acima destaca ainda que a palavra “disciplina” carrega em si um ranço de autoritarismo e de falta de diálogo que era comum no comportamento das gerações anteriores. Tiba (1996, p. 96) continua discorrendo que os pais dos adolescentes e das crianças de hoje sentem até certo mal-estar diante dessa palavra, a ponto de praticamente a banirem da educação dos filhos. O autor coloca que é difícil dar um novo significado a algo já consagrado como disciplina.

Tiba (1996, p. 97) acrescenta em linhas gerais que a disciplina é um conjunto de regras éticas utilizadas para atingir um objetivo. Destaca dizendo ainda que a ética é entendida, aqui, como critério qualitativo do comportamento humano que envolve e preserva o respeito ao bem-estar biopsicossocial.

O mesmo autor acrescenta dizendo que é dentro de casa, na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para num futuro próximo, ter saúde social. Diz ainda que seus maiores professores, mestres e modelos são os pais ou alguém que cativa sua admiração.

Conforme Gomide (2007, p. 52), afirma que os pais são os principais mediadores entre a criança e o mundo. É importante que os pais deem atenção ao filho, o que eles têm a dizer, mostrar interesse pelos assuntos, por mais desinteressante que seja para o adulto, para a criança não é, parar para ouvi-los é dizer que se importa com eles e com o que dizem.

Ainda a autora destaca:

Embora a escola, os clubes, os companheiros e a televisão exerçam grande influência na formação da criança, os valores morais e os padrões de conduta são adquiridos essencialmente através do convívio familiar. Quando a família deixa de transmitir estes valores adequadamente, os demais veículos formativos ocupam seu papel. (GOMIDE, 2007, p. 9).

Outro papel importante dos pais e que merece atenção, é questão moral, os pais são exemplos para os filhos, entretanto é fundamental que os pais ajam com justiça, respeito, solidariedade, vivenciando valores como honestidade e empatia.

A escola também tem seu papel, sua função é a apropriação do conhecimento, fazer com que o aluno compreenda e faça parte de um ambiente que seja favorável à discussão, oportunizando melhores condições de aprendizagem.

O papel da criança é cumprir o que se encontra determinado em cada proposta escolar no que diz respeito a seus direitos e deveres, entretanto é de suma importância que a família seja parceira da escola neste quesito, pois, se em casa a criança segue as regras e normas estabelecidas pelos pais, na escola ela também cumprirá sem problemas.

As boas interrelações promovem um ambiente mais agradável e isto possibilita oportunidade de um processo ensino/aprendizagem mais eficaz, que enriquece o trabalho de ambos, professor/ensinante e aluno/aprendente.

Em relação a questão das regras em sala de aula é importante para a organização do ensino e da aprendizagem, assim como em qualquer outro ambiente de convivência. No entanto saber usar o vocabulário em sala de aula, entender o educando e o mesmo entender e compreender o educador, é uma atitude de carinho onde ambos contribuíram para uma educação cada vez mais prazerosa, onde o carinho será constantemente presente.

Sabe-se que a parceria família e escola é uma tarefa bastante desafiadora e difícil; porém com afeto esta questão poderá ser resolvida; a escola precisa propiciar meios que oportunizem momentos harmoniosos com os familiares, dando-lhes oportunidade de falar, de participar em conjunto.

Conforme Óscar (2008, p. 107):

(...) a escola é uma instituição pública, concebida no século XVIII para responder aos anseios de democratização e das necessidades de formação da época. Os Estados Ocidentais, nos finais do séc. XIX e princípios do século XX, conscientes da importância da qualificação dos seus cidadãos, e reconhecendo o direito de todos à educação, tornaram a escola estatal, universal e gratuita.

A informação supracitada é relevante no contexto deste trabalho, pois conforme o autor nos chama atenção sobre a importância dado à cidadania e ao acompanhamento diário subentendido da família, em todos os quesitos, principalmente o que está aprendendo na escola e como está aprendendo.

Ainda o autor completa abordando o assunto cultura como sendo relevante na sociedade de hoje e principalmente no âmbito familiar.

Óscar (2008, p. 107) esclarece:

A cultura a que temos acesso através da família e da comunidade em que nos inserimos é, pela própria natureza do homem, plural nos conteúdos, diversificada nas formas e orientada para finalidades e valores similares, contrários e até contraditórios, que tanto nos aproximam como nos distanciam. Essa abertura ao plural é um direito que cabe à criança e a qualquer cidadão, como é também inevitável em tempos de globalização. A esse direito corresponde igualmente o dever de a comunidade zelar para que as aprendizagens e as práticas se façam no estrito respeito pelos direitos fundamentais do homem, pelos princípios democráticos que lhe servem de base, expressos pela defesa intransigente da dignidade humana, princípios esses assentes na igualdade, na reciprocidade, no respeito mútuo, na justiça e na solidariedade. Qualquer indivíduo à nascença deve ser iniciado na defesa dos seus direitos como treinado na prática dos seus deveres de filho, colega, parceiro, cidadão.

É interessante a colocação do autor, percebe-se o quanto ele fala com propriedade sobre a cultura e a formação cidadã, pontua destacando que é necessário respeitar os direitos que todas as crianças têm como também destaca que os mesmos têm seus deveres a cumprir.

Estes direitos e deveres estão além do lar, na escola e na sociedade, entende-se também que toda a família e comunidade escolar estejam juntas neste processo de formação da criança.

Os pais também têm um papel importante a exercer junto à escola, participar mais da vida dos filhos, a participação dos pais deve acontecer com frequência, participar só quando recebe o boletim, não é uma participação ativa, é preciso se aproximar mais do cotidiano da criança, acompanhar o que está acontecendo na escola, fortalece os laços entre pais e filhos.

Parolin argumenta:

Cabe a família a tarefa de estruturar o sujeito em sua identificação, individuação e autonomia. Isso vai acontecendo à medida que a criança vive o seu dia a dia inserido em um grupo de pessoas que lhe dá carinho, apresenta-lhe o funcionamento do mundo, oferece-lhe suporte material para suas necessidades, contam-lhe histórias, fala sobre as coisas, fatos, conversa sobre o que sente e pensa, ensina-lhe a arte da convivência (2010, p.35).

Parolin (2010) reforça a importância do diálogo na relação pais e filhos, e consequentemente esta relação de convivência harmoniosa no lar é estabelecida em outros ambientes, principalmente na escola. Acrescenta dizendo que essa convivência é a forma

que uma família tem de marcar ou registrar o sobrenome da família na criança, entendendo que o sobrenome significa toda vivência sócio-afetiva naquele grupo familiar.

É importante que os pais diferenciem atenção afetiva da atenção material, quando a criança não vai à escola, é preciso que os pais vejam o que está acontecendo e simplesmente não dizer que não falta nada para o filho, talvez falte amor e carinho.

A questão do carinho é necessária, os pais devem mostrar o afeto que sentem pelos filhos, isto tornará os filhos mais afetivos. Tiba (1996) articula que autoridade não significa ser autoritário. Autoridade e carinho são apenas dois critérios diferentes: um refere-se ao afeto no relacionamento e o outro à posição de poder.

Ainda o autor destaca:

A autoridade e o carinho devem estar sempre presentes no processo educativo. Muitos pais confundem autoridade com dureza, rigidez, brutalidade e acham que não exercer autoridade é ser fraco e mole. O carinho, para esses pais, está erroneamente associado à fraqueza. Tal distorção gera dois modelos equivocados: de um lado, a mãe carinhosa e submissa; do outro, o pai autoritário e estúpido (TIBA, 1996, p. 120).

Tiba (1996) acrescenta dizendo que carinho cabe em qualquer lugar e deve estar presente em toda relação em que existe amor. O carinho faz a ordem chegar ao coração.

Os educadores precisam e devem ser carinhosos com os educandos, pois agindo com carinho e atenção à aprendizagem significativa será relevante tanto para quem ensina quanto para quem aprende.

É sabido de todos que trabalham com a educação, que o trabalho pedagógico da escola é cuidar da formação do educando, para isto, é necessário que alunos cumpram com as regras e limites impostas pela escola. No entanto, para dar certo é preciso que se trabalhe com afeto, mesmo sabendo que é difícil. Os momentos de afetividade presenciados e vividos na escola pelas crianças e adolescentes são fundamentais para a formação de uma personalidade equilibrada e saudável. Não esquecendo o principal, este sujeito aprenderá mais e melhor.

Infelizmente algumas escolas estão mais preocupadas com a questão dos conteúdos do que com as questões dos afetos. Quer saber mais de quantidade de informações que são passadas para os alunos ao invés de afeto que muitos necessitam. Sendo assim, afastando-se cada vez mais do ser humano, tratando os alunos como

números, repassando o conteúdo e nada mais, esquecendo-se que estes alunos passam metade de seus dias durante 200 dias por ano na escola, e a mesma perde a oportunidade de ajudá-los a desenvolver a afetividade.

Conforme Zagury (2009), afeto e carinho são sempre positivos, mas não determinam por si sós, a aprendizagem. Com base na análise dessa autora sobre o afeto e carinho em sala de aula não ser o suficiente para a aprendizagem, considera-se que há outros fatores que ajudam nesse processo.

O diálogo entre escola e família não pode acabar jamais, são duas instituições educativas, embora tenham outras, porém a escola e a família são as mais importantes.

O que a criança aprende em casa, automaticamente ela transfere na escola. Parolin destaca:

Na escola, a repercussão de uma criança que não recebe limites pode se dar em termos de dificuldades com a aprendizagem, pois para aprender, uma pessoa necessita de atitudes que estão relacionadas à autonomia do pensar, à possibilidade de realizar coisas, além da compreensão de regras e de procedimentos. A criança sem limites não quer fazer os exercícios, não quer ouvir, não quer ler, acredita que os outros devem ler para ela, fazer para ela, ou ainda, o que é pior, considerar que os que propõem ações voltadas à sua aprendizagem estejam perturbando sua paz. “O professor fica me alugando, dando tarefa todo dia...” diz um adolescente que não compreende por que não o deixam “na sua” Esse “na sua” significa fazer apenas o que lhe dá prazer imediato, sem esforço algum (2010, p. 42).

É interessante a colocação da autora. Trabalhando no atendimento psicopedagógico clínico há 05 cinco anos, tenho visto situações como estas pontuadas na citação acima.

Atendendo uma criança de cinco anos do Infantil Cinco se observa atitudes de adulto, diz que a escola passa tarefas demais e não dá tempo para ela fazer o que quer, foi perguntado o que quer fazer, respondeu dizendo quero brincar, ouvir música, assistir televisão, brincar com as amigas, um detalhe, todas com idade maior que a dela, e desfilas. Outro dia a mãe nos ligou dizendo que não sabe mais o que fazer para a filha obedecer e pediu-nos ajuda para criar e educar a filha, para nós é uma tarefa quase impossível, pois a criação de filhos envolve participação dos pais, diálogos permanentes, disciplina, limite, regras e o principal: acompanhamento dos pais diariamente.

Ainda Parolin (2010) contribui dizendo que é em família que uma criança constrói seus primeiros vínculos com a aprendizagem e forma o seu estilo de aprender. Acrescenta

dizendo que nenhuma criança nasce sabendo o que é bom ou ruim e muito menos sabendo do que gosta e do que não gosta.

A tarefa dos pais, dos professores e dos familiares é a de favorecer uma consciência moral, pautada em uma lógica socialmente aceita, para que, quando essa criança tiver de decidir, saiba como e por que está tomando determinados caminhos ou decisões (2010, p. 42).

É importante que a escola envolva mais os pais em seus eventos e programações escolares, esta união fortalecerá o vínculo positivo entre família e escola. Ela deve tomar consciência de que é uma instituição afetiva que complementa a família, caso pense ao contrário, ter-se-á crianças e adolescentes que aprenderam, mas não saberão por em prática sua aprendizagem, porque afetivamente não aprenderam nada. A criança e o adolescente só terão prazer em ir à escola a partir do momento que se sentem cuidados, amados, sem afetividade o progresso será lento.

Em outras palavras Parolin argumenta:

Educar implica, antes de tudo, apresentar o mundo habitado por outros que também têm desejos; apontar caminhos para que a própria criança possa desenvolver seu senso crítico, podendo avaliar a sua realidade com base em valores morais e não no senso comum (2010, p. 42).

Para apresentar as crianças este mundo complexo e ao mesmo tempo repleto de desafios, requer do responsável postura e posicionamento.

De acordo com Parolin (2010) muitos pais não repreendem seus filhos na tentativa de os pouparem das frustrações e dos insucessos. Esquecem, no entanto, que experimentar tais sentimentos é caminho para o amadurecimento e a competência.

Em síntese a autora argumenta:

Elogiar os filhos pela sua capacidade, ou repreendê-los pela “falta” dela, e não por seus esforços em conseguir algo (mesmo que não tenha obtido sucesso em seu intento), pode impedi-los de entender e aceitar o fracasso como parte de sua vida. Muitas crianças e jovens tornam-se extremamente exigentes consigo mesmos e não se permitem experimentar nada que desconheçam ou não dominem, tornando-se resistentes a novas aprendizagens (2010, p. 44).

É essencial que os pais e a escola trabalhem de forma que integrem os educandos nas diversas atividades do dia a dia na escola e em casa, mostrando os desafios e a força de vontade para enfrentá-los; estimulando-os e confiando no progresso que terão.

É muito comum nos lares brasileiros os pais pouparem seus filhos, alegando que a única responsabilidade que eles têm é estudar, com certeza o estudo é uma responsabilidade do filho, mas há outras, e é preciso esclarecer as crianças. Desta forma os pais estão ajudando seus filhos a valorizar os estudos e outras atividades cotidianas que necessitam da ajuda deles.

Nota-se com frequência em muitas famílias a fragilidade dos pais em tomar posicionamento em relação aos filhos, acham natural a atitude e comportamentos inadequados para uma boa convivência familiar, alegando que age dessa forma ou daquela porque “puxou” ao pai ou a mãe, indo mais longe, porque a bisavó era assim. A hereditariedade é importante, porém vale ressaltar que a personalidade da criança é moldada conforme o modelo que recebe de seus pais, a conduta, os valores, os limites e os princípios que são transmitidos no dia a dia. Não resta dúvida de que a educação, a estrutura familiar e o ambiente social são grandes influenciadores no comportamento da criança,

Portanto reforçando o que já foi escrito anteriormente, os pais são os principais responsáveis pelo desenvolvimento do filho, cabe a eles moldar a personalidade e transmitir à criança os valores morais e éticos para viver em sociedade.

3.4 Afetividades, regras, limites e valores.

Inicia-se este último tópico como sendo um dos mais relevantes para o tema em questão, falando sobre a afetividade, regras, limite e valores. Percebe-se que tais sentimentos estão investidos na sociedade atual, precisando de uma atenção mais profunda e uma discussão mais ampla por parte da sociedade de modo geral. O questionamento é: por que tais valores não estão sendo trabalhados de uma forma intensa pela sociedade? Por que as regras, os limites e os valores estão sendo menosprezados, e os pais, a escola e a família não sabem mais o que fazer para contornar a situação em que se encontram atualmente?

Parolin (2010) define que a afetividade é um conceito bem abrangente, em cujo bojo encontra-se o desenvolvimento da pessoa.

Destaca:

“Ela é tão importante enquanto a inteligência e é, portanto, ponto de partida para o desenvolvimento de uma pessoa. A partir da interação com o outro, a criança socializa-se e começa a manifestar-se emocionalmente. A afetividade e a inteligência constituem um par inseparável e que evolui a partir das

experiências vividas. Modifica-se e fica mais elaborado à medida que a criança amadurece suas relações. A emoção é a expressão da afetividade e a afetividade integra sentimentos e emoções. A afetividade tende a tornar-se mais moral, pois à medida que sofre influências da atividade racional, ela se modifica. A vida afetiva sofre influência da vida intelectual, e vice-versa. Estas são, ao mesmo tempo, antagônicas e complementares, pois, enquanto um indivíduo se desenvolve, suas necessidades afetivas vão tornando-se prioridades cognitivas”. (2010, p. 56).

Diante do exposto a afetividade é importante para o aprendizado de uma criança. Quando as coisas não vão bem o interior é afetado, a afetividade é essencial na vida do sujeito e em seu desenvolvimento.

Almeida sintetiza:

A emoção é um estado fisiológico que perturba o comportamento do indivíduo. Sua presença é marcada por manifestações que perturbam, ou até mesmo impossibilitam a atividade do indivíduo. Com efeito, consubstanciam-se como o próprio WALLON afirma, em verdadeiras Síndromes particulares. Cada emoção contém um determinado conjunto de sintomas que a caracteriza (1999, p. 75-75).

Entretanto, é imprescindível que os responsáveis pelo amadurecimento das emoções nas crianças e nos adolescentes estejam presentes no seu cotidiano. A escola também precisa estar atenta ao desenvolvimento do indivíduo, observando-o além do cognitivo, mas também o afetivo. A importância da afetividade na relação mútua é fundamental para uma vida mais prazerosa e feliz.

Maturana (2004) contribui com a palavra afetividade destacando que:

Do ponto de vista biológico, o amor é a emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como é no presente, sem expectativas em relação às consequências da convivência, mesmo quando seja legítimo esperá-las. O desenvolvimento biológico sadio de uma criança requer uma vida de amor e aceitação mútua – e sem expectativas sobre o futuro –, com sua mãe e os outros adultos com os quais ela convive (2004, p. 223).

A autora citada acrescenta dizendo que se vive numa cultura que as emoções são desvalorizadas e isto acontece em favor da razão. Precisa-se ser racional em relação à existência humana, mas não se pode deixar de levar em conta as emoções.

A afetividade acontece na interação da criança com seus familiares e as pessoas que fazem parte de sua convivência. É através dessa convivência que a criança aprende a controlar suas emoções.

A criança necessita ser amada do jeito que ela é, da forma como ela elabora o seu pensamento e como ela produz, é um ser peculiar e o adulto não deve colocar tantas expectativas na criança, cobrando aquilo que ela não está pronta para oferecer.

A mãe precisa ter cuidado e atenção na linguagem, no que vai falar para filha, pois a partir da relação de desencontro podem surgir conflitos emocionais que não é bom para o desenvolvimento saudável da criança. Conforme Maturana escreve que:

Se esse desencontro emocional ocorre na relação mãe-filho a criança não cresce de modo natural, tanto em seu desenvolvimento sensório motor como no desenvolvimento de sua consciência corporal e autoconsciência. Ela cresce como uma criança incapaz de participar de relações interpessoais naturais de mútua aceitação e respeito na vida adulta (2004, p. 150).

Vê-se constantemente a realidade colocada pela autora no dia a dia de muitas crianças que não são autorizadas a falar, colocar o que estão sentindo e acabam reprimindo-se por não ser permitido expressar-se. Ainda com base na citação acima, a mesma autora nos permite conhecer melhor a criança destacando sete itens fundamentais para o seu desenvolvimento.

Maturana, Romicim & Verden-Zöller (2004, p. 146) falam de sete itens importantíssimos para o desenvolvimento da criança no que diz respeito ao seu desenvolvimento corporal, a saber:

- a) A consciência individual surge a partir do desenvolvimento de sua consciência corporal, na relação com seu próprio corpo, nas suas possibilidades e na interação com os outros. Isso ocorre como um fator normal do desenvolvimento, onde os aspectos sensório-motor, emocional e intelectual acontecem a partir da aceitação e da confiança que a criança estabelece com a mãe e o pai.

Vê-se como é importante a relação saudável entre os familiares. É a partir dessa relação que a criança constrói o seu pensamento e começa a entender a realidade que está exposta a ela.

- b) Se não há por parte da mãe ou do pai a troca de olhares com o bebê ou os pais não demonstram satisfação aos sons que o bebê produz a partir de suas interações; a criança se torna um indivíduo sem identidade nem

referência. É a partir da troca com o outro que as coordenações sensório-motoras faz do indivíduo um ser social, um ser humano.

Não fica dúvida que os pais são os mais importantes no desenvolvimento motor da criança, a linguagem, seja qual for ela é importante para que esta relação seja cada vez mais intensa e a criança cresça bem em todas as áreas de seu desenvolvimento.

- c) A criança só adquire sua consciência social e autoconsciência quando interage e atua sobre seu corpo. Isso só ocorre quando ela o faz numa relação de confiança com o outro. É essa confiança que dá à criança a possibilidade de crescer em auto aceitação e auto respeito que possibilita que ela aceite o outro, o que forma a vida social.

É fundamental que desde o nascimento os pais trabalhem o movimento corporal da criança, conforme o seu crescimento auxiliando a mesma a se adaptar ao meio, brincando, engatinhando e tendo contato com outras crianças.

- d) Quando nos tornamos adultos, geralmente, perdemos a capacidade de brincar. Para sermos realmente pais e mães que agem e interagem com seus filhos se faz necessário readquirir essa prática.

Sem dúvida alguma as crianças precisam dessa interação com os membros da família, brincar juntos é também fortalecer os laços familiares e tornar uma família cada vez mais unida.

- e) Brinca-se quando se está atento ao que se faz no momento em que se faz. Brincar é estar no presente. Uma criança que brinca está envolvida no que faz enquanto o faz, sem se preocupar com o futuro. Brincar não é uma preparação para nada, é se entregar para o que se está fazendo neste momento.

Neste ponto discordamos da autora, acreditamos que a brincadeira é fundamental para o desenvolvimento intelectual da criança, o brincar leva a criança a conhecer, manipular e observar. Pois a partir da observação e manipulação ela alcança um patamar de descobertas cada vez maior e tudo isto é através do brincar e conforme o seu desenvolvimento motor.

- f) Desenvolvemos consciência corporal ao crescer quando há aceitação do corpo a partir das relações de brincadeiras com nossas mães e pais. A consciência corporal se desenvolve conforme nos afirmamos como seres sociais através da aceitação e confiança que prevalecem no brincar materno infantil.

Destacamos que é fundamental o envolvimento dos pais no acompanhamento motor do filho. Os pais contribuem consideravelmente no desenvolvimento corporal e também em todos os outros, como no desenvolvimento psicológico e social da criança.

- g) A brincadeira é uma atitude fundamental e facilmente perdível, pois requer total inocência. Brincadeira é qualquer atividade humana praticada da eminência, isto é, qualquer atividade realizada no presente e com a atenção voltada para ela própria e não para os seus resultados.

A colocação da autora não condiz com a nossa observação no momento do brincar. Percebemos que é um momento grandioso para criança, a mesma procura sim, atingir os seus objetivos, seus resultados no que está fazendo.

Conforme Parolin escreve:

Brincar faz parte do desenvolvimento da criança. A criança brinca para entender o seu mundo, para expressar-se, organizar-se e, principalmente, para socializar-se. Os jogos, as brincadeiras e os brinquedos são atividades fundamentais para uma infância sadia e um desenvolvimento adequado. As atividades lúdicas, sejam elas jogos ou brincadeiras, viabilizam que a criança se desenvolva sob os aspectos da organização das coisas relacionadas ao seu cotidiano, desenvolvem a linguagem e seus significados, as estruturas do pensamento, a criatividade, a concentração, enfim, os inúmeros aspectos da ordem do desenvolvimento e, portanto, da aprendizagem (2010, p. 103).

A brincadeira é fundamental no desenvolvimento infantil, a criança brinca e ao mesmo tempo desenvolve suas habilidades cognitivas, cresce intelectualmente ao brincar.

Confirmando a colocação, temos na fala de Kishimoto a seguinte afirmação:

Admite-se que o brincar represente certas realidades. Uma representação é algo presente no lugar de algo. Representar é corresponder a alguma coisa e permitir sua evocação, mesmo em sua ausência. O brinquedo coloca a criança na presença de reproduções: tudo que existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas. Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los (1997, p. 18).

Sempre soubemos da importância do brincar na vida da criança, quantas construções são imaginadas e produzidas por elas, elas dão “asas” à imaginação e brincam com episódios da realidade. Quem nunca viu uma criança representar a mãe brava ou carinhosa ao tratar o filho? Quem de nós nunca presenciou uma criança com um cabo de vassoura representando um cavalo e se envolvendo na brincadeira como se fosse real? A brincadeira é importante na vida da criança e na vida afetiva também. Na relação com o outro nasce a afetividade.

São muitos os autores que falam a respeito da afetividade na relação mútua. Temos Winnicott (1971) que reforça a afetividade na relação mãe e filho. É um autor que

traz considerações relevantes em relação à afetividade e o desenvolvimento cognitivo e se importa com o vínculo afetivo entre a mãe e o bebê.

O mesmo autor destaca que as funções emocionais das crianças se processam logo nos primeiros anos de vida. Acrescenta dizendo que o comportamento adulto é reflexo da educação que a criança recebeu ainda na infância, nos primeiros anos de vida.

Ainda o autor (1971), descreve que desde bebê o ser humano utiliza a emoção para comunicar-se com o mundo. Uma pequena ilustração é as necessidades fisiológicas do bebê, quando está molhado chama a atenção dos pais ou de quem cuida dele através do choro, e rapidamente, é atendido, aqui a linguagem falada ainda não existe.

É importante ressaltar que devemos sim, atender a criança conforme nos solicitam atenção, mas os pais ou responsáveis desde cedo devem mostrar aos pequeninos limites, regras e valores.

Para Winnicott (1971), destaca a importância da família como base para uma vida adulta alicerçada em regras, limite e valores. Ele diz que a criança precisa de um lar que lhe ofereça o melhor, que a criança precisa de modelo para identificar-se, precisa de um ambiente acolhedor, um ambiente emocional estável e saudável que lhe ofereça oportunidades de crescimento, nesta fase tão importante do seu desenvolvimento. Coloca que a criança precisa de equilíbrio emocional e ela adquire no seio familiar.

Vejamos a citação abaixo para melhor reflexão sobre o tema exposto:

Vai por mal caminho o bebê cuja mãe trate dele, ainda que o faça na melhor das intenções, acreditando que os bebês pouco mais são, no princípio, do que um feixe de fisiologia, anatomia e reflexos condicionados. Sem dúvida, esse bebê será bem alimentado, poderá alcançar uma boa saúde física e ter um crescimento normal, mas se a mãe não souber ver no filho recém-nascido um ser humano, haverá poucas probabilidades de que a saúde mental seja alicerçada com uma solidez tal que a criança, em sua vida posterior, possa ostentar uma personalidade rica e estável, suscetível não só de adaptar-se ao mundo, mas também participar de um mundo que exige adaptação (WINNICOTT, 1971, p. 118).

Winnicott (1971) é categórico afirmar que os pais ou responsáveis pela criança precisam desenvolver um papel em que o infante possa se identificar. Independente da educação oferecida aos filhos é assim, que eles serão na fase adulta.

Se os pais agem com permissividade achando que estão oferecendo o melhor aos seus filhos estão proporcionando-lhe aquilo que o mundo vai negá-los. Desde a mais tenra

idade os valores, as regras e os limites devem ser impostos mesmo que cause sofrimento a ambos, responsáveis e filhos.

Zagury acrescenta dizendo:

Vivemos hoje uma crise de valores. Cada dia mais e mais pessoas afirmam e criticam a situação angustiante atual. Cada um pensa só em si, passa por cima dos outros, tenta conseguir o melhor para si, mesmo que seja a custa de outros (...) (2009, p. 37).

É pertinente a colocação acima, vivemos em uma sociedade que incentivada pela mídia, é mais valorizado aquele que desrespeita ao próximo, parece ser muito natural, valorizar a lei dos mais fortes. Que exemplo estamos passando para as crianças, que legado será deixado sobre moral para as futuras gerações?

A autora prossegue falando que é fundamental estabelecermos os padrões que nortearão nossa conduta educacional, a linha que pretendemos seguir, não podendo jamais esquecer sobre ética e moral.

O legado moral que passamos aos nossos filhos poderá, a meu ver, determinar futuramente até mesmo uma mudança de valores na nossa sociedade. Se cada pai em sua casa desenvolver nos seus filhos condutas éticas-pensem!-, multiplicando-se isso pelo número de lares, então teremos muitos e muitos indivíduos preocupados com os seus semelhantes. Se, por outro lado, fantasiarmos que só os nossos filhos terão tal tipo de orientação (e, apoiados nessa ideia, não os orientamos), então vamos incentivar a que eles, no futuro, sejam desonestos, não se preocupem com ninguém a não ser consigo próprios. Estaremos, inclusive, selando o nosso próprio destino, porque eles não terão desenvolvido sentimentos positivos nem mesmo em relação aos próprios pais. (ZAGURY, 2009, p. 38)

A citação supracitada é relevante para que tenhamos uma sociedade mais justa, onde os valores é a mola mestra para vivermos em uma sociedade mais íntegra. Esperamos que haja realmente mudanças, que os pais possam desenvolver o seu papel da melhor da forma possível, pois se entende que é na família que os filhos recebem as primeiras noções de valores através dos exemplos, ensinamentos e atitudes dos pais.

Os pais devem compreender que ensinar os valores, pôr regras e limites faz bem para o filho, eles aprendem a conviver harmoniosamente em sociedade, quando não possuem noções de regras e limites os conflitos são maiores e isso prejudicará a relação pais e filhos e consequentemente a relação com os membros sociais.

Em qualquer lugar que o sujeito frequenta tem regras, no trabalho dos pais, no supermercado, no consultório médico, na escola, e em casa não pode ser diferente, tem que existir regras também. Não podemos esquecer que de acordo com o crescimento da criança as regras podem ser mudadas. É importante dar limites sem perder o controle.

Tiba (1996) contribui com a palavra limites pontuando como foi ontem e como é hoje em dia. No passado, o limite era castrador e o castigo, corporal.

(...) mesmo que o pai estivesse sem fazer nada, os filhos não podiam se aproximar. “seu pai precisa descansar porque trabalhou” dizia a defensora ferrenha dessa condição, sua esposa. Ou então: “Não sobrecarregue seu pai com essas coisas”. Muitos pedidos dirigidos ao pai não eram verdadeiramente necessidades, mais vontade de conviver com ele (1996, p. 33).

Nota-se que a afetividade na relação pai e filho no passado eram distantes, não era algo presente, dar amor, atenção, nem pensar! O pai não podia ser incomodado porque era o provedor do lar. (TIBA, 1996)

Cabia ao pai conforme Tiba (1996) a tarefa de dar castigo quando a criança desobedecesse à mãe.

(...) como resultado, esse tipo de educação gerou nos filhos uma revolta íntima e formou dentro deles um grande desejo: “quando me tornar pai, serei diferente: carinhoso, afetivo, aberto a conversas, amigo do meu filho” com esse desejo, havia também o de sair de casa (1996, p.33).

É fundamental que os limites sejam uma prática na família, mas da maneira correta, onde o afeto seja valorizado até na hora de dar limites a uma criança, pois acreditamos que dessa forma a criança crescerá mais saudável e se tornará um ser humano melhor.

Vale lembrar que os limites, regras e normas devem ser trabalhadas com as crianças tanto em casa quanto na escola, antes mesmo da Educação Infantil. É na infância que os pais e o educador educacional trabalham os valores citados anteriormente, pois, sabe-se que é uma idade ideal para ensinar as crianças.

Ainda Tiba acrescenta dizendo que hoje em dia o comportamento familiar mudou. Os pais do passado atualmente se tornaram antirrepreensivos, com dificuldades para impor limites aos filhos.

(...) quando as crianças passam da conta, o medo de reprimir é tanto que os pais simplesmente as deixam fazer o que querem. Esse medo pode ser traduzido por: Não devo dizer não, caso contrário, vou me sentir um pai autoritário e distante,

assumindo o odioso comportamento do pai que eu mesmo tive.
(1996, p. 96).

Como podemos observar os pais dos dias atuais estão com mais dificuldades para dar limites aos filhos, pois não querem cometer o mesmo erro de seus pais. Só que o mundo mudou, as coisas mudaram não se podem criar filhos deixando-os fazer o que querem; sem dúvidas no decorrer do tempo estas crianças sofrerão, pois não receberam dos pais os ensinamentos necessários para viver em sociedade.

Tiba (1996) comenta que é impressionante os pais agirem dessa forma sem limites, sem regras e sem valores com os filhos. Estamos em um século que dialogar e ensinar o que é certo e o que é errado aos filhos são imprescindíveis.

Precisamos ter paciência, sabedoria, afeto e dedicação, se quisermos ter uma sociedade mais justa onde os limites, regras e valores são respeitados por todos, e isto deve iniciar em casa, no lar, junto às pessoas que são referências para os filhos, à família.

Podemos ainda ilustrar limites como sendo fronteiras que demarcam o que é permitido ou não pela criança, o que ela pode ou não fazer, até onde ela pode ir. É relevante que os pais ensinem o que é certo e o que é errado para as crianças, estabeleçam regras e limites.

A respeito de limites, Parolin ainda esclarece:

Ao tentar adquirir tudo o que a criança pede em termos de materiais, não conseguem ser mais presentes, porque precisam trabalhar mais para ganhar mais: dão presentes por não estarem presentes. Essa atitude, entretanto, gera insatisfação nos filhos, que quanto mais recebem de bens materiais (o que de fato não precisam), mais desejam a atenção que deixaram de receber de seus pais (2010, p. 40).

Sobre moral podemos definir como sendo um conjunto de regras e princípios. Percebemos que tais regras e princípios não estão sendo respeitados pela sociedade, o que nos leva a refletir como esses princípios e regras estão sendo passados de pais para filhos.

Educar exige posicionamento de quem educa não se pode educar sem antes deixar claro às regras. Assim deve ser o relacionamento entre pais, responsáveis e educadores, ensinar as crianças a ter limites e respeitá-los.

Os valores são imprescindíveis para manter a ordem em qualquer que seja a esfera. As pessoas precisam de princípios, normas e padrões para se firmarem na sociedade.

Zagury (2009, p. 71) coloca que os nossos valores, o nosso código de ética é que devem orientar à ação junto aos filhos. Leva os pais e responsáveis a refletir antes de agir perante aos erros cometidos pelos filhos, destacando que o diálogo ainda é a melhor coisa a fazer. Diz ainda que mostrar o caminho e fazer os pequenos pensar sobre a atitude tomada é uma atitude educativa.

A autora com muita propriedade sobre o assunto criação e educação de filhos, acrescenta (2012, p. 23) que dar limite é:

“Ensinar que os direitos são iguais para todos; ensinar que existem outras pessoas no mundo; fazer a criança compreender que seus direitos acabam onde começa os direitos dos outros; dizer “sim” sempre que possível e “não” sempre que necessário; só dizer não aos filhos quando houver uma razão concreta; mostrar que muitas coisas podem ser feitas e outras não podem ser feitas; fazer a criança ver o mundo com uma conotação social (conviver) e não apenas psicológica (o meu desejo e o meu prazer são as únicas coisas que contam); ensinar a tolerar pequenas frustrações no presente para que, no futuro, os problemas da vida possam ser superados com equilíbrio e maturidade (a criança que hoje aprendeu a esperar sua vez de ser servida à mesa amanhã não considerará um insulto pessoal esperar a vez na fila do cinema ou guardar três ou quatro dias até um chefe dê um parecer sobre sua promoção); desenvolver a capacidade de adiar satisfação (se não conseguir hoje, continuará a lutar sem desistir, ou, caso não tenha desenvolvido esta habilidade, agirá de forma insensata e desequilibrada, partindo, por exemplo, para a marginalidade, o alcoolismo ou a depressão); evitar que seu filho cresça achando que todos no mundo têm de satisfazer seus mínimos desejos e, se tal não ocorrer (o que é mais provável), não conseguir lidar bem com a menor contrariedade, tornando-se aí sim, frustrado, amargo ou pior, desequilibrado emocionalmente; saber discernir entre o que é uma necessidade dos filhos e o que é apenas desejo; compreender que direito à privacidade não significa falta de cuidado, descaso, falta de acompanhamento e supervisão às atividades e atitudes dos filhos, dentro e fora de casa; ensinar que a cada direito corresponde um dever e, principalmente, dar o exemplo (quem quer ter filhos que respeitem a lei e os homens tem de viver seu dia a dia dentro desses mesmos princípios - ainda que a sociedade não tenha apenas indivíduos que agem dessa forma)”.

O que a autora destacou acima sobre dar limites é pertinente para os dias atuais, todas as palavras descritas são relevantes, cabe a cada família, comunidade escolar fazer o melhor que podem, pois só assim teremos futuros cidadãos do bem e que agirão conforme a educação que receberam de seus pais ou responsáveis.

Se os pais ou responsáveis souberem educar os filhos, sem dúvida teremos famílias mais ajustadas, cidadãos críticos que cooperarão para uma sociedade mais justa.

Os pais são modelo moral para os filhos, deve agir com justiça, respeito mútuo, vivenciando valores como honestidade, solidariedade e empatia. Se não desempenha estes valores estão mostrando aos filhos que agir sem respeito, sem honestidade é natural. É importante lembrar que o modelo dos pais para os filhos vão definir que cidadão pretende

formar. As atitudes dos pais e os valores passados aos filhos, dependendo da forma que foi passada, formarão crianças, adolescentes e um adulto melhor, e conseqüentemente teremos um mundo com pessoas melhores.

Zagury (2012, p. 27) destaca o que pensa sobre dar limites não é:

Bater nos filhos para que eles se comportem (quando se fala em limites, muitas pessoas pensam que significa aprovação para dar palmadinhas, bater ou até mesmo espancar); Fazer só o que vocês, pai ou mãe, querem ou estão com vontade de fazer; Ser autoritário (dar ordens sem explicar o porquê, agir de acordo apenas com seu próprio interesse, da forma que lhe aprouver, mesmo que a cada dia sua vontade seja inteiramente oposta à do outro dia, por exemplo); Deixar de explicar o “porquê” das coisas, apenas impondo a lei do mais forte”; Gritar com as crianças para ser atendido; Deixar de atender as necessidades reais (fome, sede, segurança, afeto, interesse) dos filhos, porque você hoje está cansado; Invadir a privacidade a que todo ser humano tem direito; Provocar traumas emocionais (toda criança tem capacidade de compreender um “não” sem ficar com problemas, desde que, evidentemente, este “não” tenha razão de ser e não seja acompanhado de agressão físicas ou morais. O que provoca traumas e problemas emocionais é, em primeiro lugar, a falta de amor e carinho, seguida de injustiça, violência física (bater nos filhos é uma forma comum de violência física, que, em geral, começa com a palmadinha leve no bumbum), humilhações e desrespeito a criança.

São interessantes as colocações supracitadas, vale ressaltar que este trabalho não pretende ditar receita de como educar os filhos, mas levar o leitor a refletir e a agir diante do que se presencia hoje em dia em relação à educação dos filhos. Levar aos leitores que é necessário agir dentro dos princípios que norteiam a educação de um filho, agir moderadamente, mas com firmeza, atenção, cuidado, e não negligenciar o papel de educador.

Sabe-se que atualmente a educação de filhos não está sendo fácil; os pais precisam repetir várias vezes o que é certo e o que é errado, até as crianças assimilarem. Outro problema são as dificuldades e a falta de infraestrutura da vida moderna, as mulheres tendo que trabalhar fora para ajudar no orçamento doméstico, a influência do meio de comunicação que nem sempre repassam para os filhos boas informações, causando certo descontrole na vida familiar.

Zagury (2009, p. 72) destaca dizendo que o grande problema da geração atual de pais é: insegurança e culpa. Sentimentos que atualmente se tornaram presente de maneira inequívoca e, por vezes, avassaladora. Acham-se inseguros por não terem tempo para brincar, orientar, acompanhar o desenvolvimento dos filhos; mas acreditamos que tempo sempre há; agora falta organização e administração desse tempo.

Vale lembrar ainda que o ritmo de vida que o mundo globalizado exige de todos nós, não é fácil, mas é preciso ter equilíbrio e tentar fazer o melhor, pois todos sairão ganhado no que diz respeito à afetividade, os limites e os valores na relação familiar.

Nada mais prazeroso do que ter uma família feliz e harmônica, onde todos os membros da família se respeitam, se ajudam, se compreendem, tudo isso deve-se ao diálogo, a escuta, aos limites que foram estabelecidos desde a mais tenra idade. A afetividade na Educação Infantil é essencial na sociedade, principalmente no lar e na escola.

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA: PESQUISA DE CAMPO

“A tarefa de todo educador, não apenas do professor, é a de formar seres humanos felizes e equilibrados”. Gabriel Chalita (2001, p. 7).

Neste capítulo centrar-me-ei sobre a pesquisa de campo realizada em duas escolas, sendo uma pública da rede municipal de ensino de Sobral-Ceará e a outra da rede particular de ensino, também localizada na mesma cidade.

1. Problemática

O interesse pela temática surgiu a partir de observações, experiências profissionais e relatos de crianças da Educação Infantil que demonstraram em suas falas a insatisfação com o atual cenário educacional, bem como a postura dos educadores em relação à afetividade significativa.

A partir da pesquisa de campo, indagamos quais os resultados que iremos obter na Educação Infantil em uma escola com uma proposta pedagógica que tem como princípio a educação baseada na afetividade e quais os resultados que iremos obter numa escola tradicional conteudista?

O professor que não expressa em seu comportamento às atitudes que deseja formar em seus alunos, não poderá esperar alcançar os objetivos desejados pelo mesmo.

O problema da pesquisa está relacionado com os seguintes questionamentos que muito nos preocupam:

Quais são os fundamentos teóricos que afirmam a importância da relação entre a afetividade e o desenvolvimento cognitivo?

Qual a importância da interrelação professor e aluno na aprendizagem significativa?

Sabe-se que a função da escola, portanto seria proporcionar às crianças a oportunidade de se socializar, pois por estar vivenciando a fase do “egocentrismo” necessita da convivência com o outro e o professor tem um papel importante de “mediador” de conflitos. Nesta fase a criança passa pela crise da consciência corporal, onde adquire certa autonomia, mas é pela afetividade que também se socializa.

É preciso repensar a Educação do século XXI, que mentes pretendemos formar? Qual a importância do profissional na formação da criança? Hoje em dia cada vez mais professores da Educação Infantil estão preocupados em ensinar conteúdos acadêmicos e esquecendo ou mesmo não se apropriando da real importância da Educação Infantil que é proporcionar às crianças a convivência harmoniosa com o outro; e não trabalham com as estruturas básicas para a aprendizagem formal. O alicerce para uma relação recíproca afetiva no processo ensino aprendizagem dá-se pela afetividade. O estudante não tem

mais o seu mestre como referencial e a afetividade na Educação Infantil está deixando de existir.

2. Objetivos

É relevante destacar neste capítulo que esta dissertação de mestrado tem como objetivo geral analisar a relevância da afetividade na Educação Infantil propiciando à criança base para um melhor aprendizado.

Os objetivos específicos que presidiram à elaboração deste trabalho foram os seguintes:

Conhecer as contribuições da afetividade no processo da aprendizagem significativa das crianças da Educação Infantil.

Comparar as realidades entre duas propostas pedagógicas diferenciadas na Educação Infantil estabelecendo o paralelo de ensino – aprendizagem.

Conhecer a opinião dos professores a cerca da dimensão afetiva na relação pedagógica.

Todos os questionamentos supracitados foram respondidos e estão citados nesta dissertação.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

É pertinente destacar o conceito de pesquisa na ótica de Minayo (2009). Para esta autora, a pesquisa entende-se como a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. E como atividade de ensino que atualiza frente à realidade do mundo. Acrescenta dizendo que embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.

Toda investigação se inicia por uma questão, por um problema, por uma pergunta, por uma dúvida. A resposta a esse movimento do pensamento geralmente se vincula a conhecimentos anteriores ou demanda a criação de novos referenciais. (MINAYO, 2009, p. 16).

É relevante a colocação de MINAYO (2009) no que diz respeito às investigações, pois elas surgem sem dúvida de um questionamento, de uma situação problema, onde se não tem a solução daquele problema pelo menos procurar entender.

Minayo (2010, p. 47) fala sobre pesquisa destacando que:

É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino. Pesquisar constitui uma atitude e uma prática teórica de constante busca e, por isso, tem a característica do acabado provisório e do inacabado permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados, pensamento e ação.

Sabe-se da importância da pesquisa para entendermos o que se passa com os sujeitos. A pesquisa alimenta com certeza a atividade de ensino, é uma busca que motiva o pesquisador chegar aos dados que se pretende alcançar.

Minayo (2010, p. 48) acrescenta dizendo que hoje todas as modalidades de conhecimento convivem concomitantemente, buscando soluções para dramas humanos e para o avanço da humanidade.

Com certeza, podemos citar a relevância deste trabalho, destacando a afetividade nas relações humanas, como estão as questões dos afetos entre os sujeitos pesquisados.

Alves (1991, p. 55) esclarece:

Não se pode, no processo de investigação, deixar de valorizar a imersão do pesquisador no contexto com os participantes, procurando aprender o significado por eles atribuído aos fenômenos estudados. É também compreensível que o foco de estudo vá sendo progressivamente ajudando durante a investigação, e que os dados dela resultantes sejam predominantemente descritivos expressos através das palavras.

Conforme o autor citado é pertinente destacar que houve uma aproximação entre o pesquisador e os participantes, tudo ocorreu de uma forma natural.

4.2 APRESENTAÇÃO DO “LOCUS” DA PESQUISA

A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas na cidade de Sobral, sendo uma pública e a outra particular. Com o principal objetivo: observar e saber como estava às questões dos afetos entre as crianças e as pessoas que elas convivem no dia a dia.

A proposta para a escola pública era verificar como estava à questão dos afetos, por ser uma escola pública e atender crianças e adolescentes de uma classe social desigual. Pretendia-se saber se as crianças eram afetivas, se recebiam carinho dos professores, dos pais, enfim, das pessoas que as mesmas conviviam. Investigar se as

crianças eram felizes nas condições financeiras que se encontravam, se os pais com suas poucas condições lhes ofereciam atenção, amor e carinho.

A proposta da escola particular era saber como estavam às questões dos afetos, por serem crianças de classe social mais elevada, com um poder aquisitivo melhor, queríamos saber se recebiam mais atenção, amor e carinho em relação à escola pública.

Dessa forma optou-se em fazer a pesquisa de campo começando pela Escola Pública Netinha Castelo na cidade de Sobral-Ceará. A referida escola oferece atendimento educacional da Educação Infantil III ao 8º ano. A escola atende no total de 1.166 alunos do Infantil III ao 8º ano do Ensino Fundamental. Na modalidade Educação Infantil atende 70 crianças, sendo 34 pela manhã e 36 à tarde. A escola atende a uma clientela bem significativa. Todas as crianças e adolescentes moram próximos à escola e adjacência.

Uma observação feita pela pesquisadora foi em relação à recreação. As crianças brincam na própria sala, sabe-se que a criança precisa de espaço para brincar, correr e extravasar as energias acumuladas durante a aula. Recebem o lanche na própria sala, e ali mesmo ficam.

Sabe-se da importância do brincar para o desenvolvimento completo da criança, ela precisa se movimentar, e o espaço físico da escola oferecia isto.

Sobre a importância das brincadeiras temos a fala de Kishimoto (2002, p. 150) que esclarece:

Crianças que brincam aprendem a decodificar o pensamento dos parceiros por meio da metacognição, o processo de substituição de significados, típico de processos simbólicos. É essa perspectiva que permite o desenvolvimento cognitivo. Uma educação que expõe o pré-escolar aos contos e brincadeiras carregadas de imagens sociais e culturais contribui para o desenvolvimento de representações de natureza icônica, necessários ao aparecimento do simbolismo. Possibilitar que o ser humano desenvolva-se pelo movimento (inativo), pelo grafismo e imagens mentais (icônico) e atinja o lógico-científico (simbólico) significa respeitar suas formas de representação do mundo.

Foi questionando junto à coordenação porque as crianças não brincavam em outro lugar, já que a escola oferecia um espaço físico que permitia as crianças brincarem mais livremente. A resposta foi justificada pela coordenadora da Educação Infantil dizendo que dentro da sala de aula era mais cômodo, pois o professor podia observar todas as crianças, na quadra, ou em outro local da escola, seria mais difícil. Foi pontuada a importância do

brincar, ela disse saber muito bem, pois participavam das formações mensalmente oferecidas pelo município.

Sem mais questionamentos, observou-se que as crianças têm muita vontade de explorar outros ambientes na escola, mais durante as horas e os dias em que a pesquisadora ficou na escola, as crianças faziam tudo dentro da sala, que, aliás, era pequena.

Ainda sobre a importância do brincar livremente temos na fala de Galvão (1996, p. 45) a importância dos movimentos nas ideias que auxiliam no desenvolvimento infantil, a saber:

(...) a motricidade desempenha um papel fundamental no processo mental, constituindo-se num importante suporte para a expressão do pensamento – os gestos, as mudanças de postura apoiam a expressão de ideias. Nesse sentido, impedir a criança de se mexer pode significar impedi-la de pensar. Diferente da impulsividade, essas outras dimensões do movimento não requerem, obrigatoriamente, contenção. Ao contrário, é preciso dar à criança a possibilidade de exprimir-se por seu corpo, necessidade fundamental nesta idade e, porque não dizer em qualquer idade.

Vale ressaltar que é prazeroso para a criança brincar livremente, correr, pular, trocar ideias com os colegas, decidirem qual brincadeira brincar, enfim as crianças sabem o que fazer quando estão juntas, lógico que é necessário a supervisão de um adulto.

A pesquisa de campo na rede particular foi no Colégio Ver Crescer localizado na Rua Clodoveu de Arruda, nº 575, Bairro Domingos Olímpio na cidade de Sobral – CE. O colégio funciona no turno da manhã, oferecendo o infantil II ao 7º ano, com uma estrutura física ampla, um quadro de funcionários qualificado, sendo um total 20 funcionários entre a diretora, administrador escolar, coordenadora, professores e serviço gerais.

A escolha da pesquisadora em fazer a pesquisa de campo no colégio supracitado foi depois de ter ido a vários outros colégios e não ter tido um retorno satisfatório em relação à pesquisa.

Infelizmente há muitos colégios privados que fecham as portas para pesquisa não colaborando. Sendo assim foi feito um trajeto em quatro colégios da rede particular de ensino em Sobral de médio e pequeno porte em relação à estrutura física e humana, mas, nenhuma abriu espaço para pesquisa de campo, justificando-os que no momento não estavam abrindo espaço para pesquisa de campo, sem muito questionamento a pesquisadora só teve que agradecer.

Sendo assim a pesquisadora saiu em busca de outros colégios para fazer a pesquisa e foi em um colégio menor, com um número bem pequeno de alunos (87), porém muito bem recebida.

A pesquisa de campo teve início em fevereiro de 2013, mês em que se iniciam as aulas nas escolas particulares, mas só em março que aconteceu de fato a pesquisa na escola já mencionada devido aos contratempos já citados.

O total de horas para a pesquisa realizada na escola particular foi de 200 horas, devido ser uma escola menor ajudou a pesquisadora a ter mais rendimento no que diz respeito às observações, entrevistas, técnicas projetivas realizadas pelas crianças, interpretação dos desenhos e escrita da pesquisadora na escola.

4.3 UNIVERSO DA PESQUISA

O Sistema Educacional Brasileiro está dividido da seguinte forma:

- a) **Nível:** Educação Básica e Educação Superior.
- b) **Etapas da Educação Básica.** A Educação Básica organiza-se em três etapas: Educação Infantil – 1ª etapa Ensino Fundamental – 2ª etapa Ensino Médio – 3ª etapa.
- c) **Modalidades de ensino:** Educação de Jovens e Adultos (EJA). Educação Profissional e Tecnológica. Educação Especial. Educação à distância. Educação Indígena.

Como este trabalho fala sobre a afetividade e a aprendizagem significativa na Educação Infantil, a proposta era saber como estava a afetividade entre as crianças.

A escolha teve também como consideração a base das aprendizagens que é a Educação Infantil.

O universo pesquisado foi a Educação Infantil V.

4.4. TIPO DE PESQUISA: QUALITATIVA

Os autores costumam dividir a pesquisa em dois tipos básicos: qualitativa e quantitativa.

A pesquisa utilizada neste trabalho foi a qualitativa. (LAKATOS, 2001) esclarece que a pesquisa qualitativa tem como principal objetivo as investigações empíricas, e sua

finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, entre outras observações feitas pelo pesquisador/investigador.

Conforme Minayo (2010, p.54) cita que o conhecimento científico se produz pela busca de articulação entre teoria e realidade empírica. Acrescenta destacando que o mérito tem uma função fundamental: tornar plausível a abordagem da realidade a partir das perguntas feitas pelo investigador.

É relevante pontuarmos que segundo Minayo (2010, p. 57):

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.

Vimos que a autora relata a importância da pesquisa qualitativa com propriedade, pois, entende que é uma área do conhecimento importante para compreender mais ainda as relações humanas.

Ainda Minayo (2009, p. 21) destaca:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificados. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (...).

A citação supracitada cabe bem no contexto deste trabalho, pois foi pensando neste sujeito que pensa que age e que tem muito ainda a alcançar de bom na vida que foi realizado a pesquisa de campo.

Para a presente dissertação foi realizado uma leitura bibliográfica sobre o tema e qual a relevância da pesquisa de campo para este trabalho, pois pretendia saber como estavam as crianças da Educação Infantil com relação aos afetos e a aprendizagem escolar.

No primeiro momento a pesquisadora foi apresentando a equipe gestora e demais profissionais da educação, colocando o que pretendia realizar na escola e o quanto contava com a colaboração de todos, se assim fosse o desejo da escola em recebê-la. Logo em seguida das observações realizadas pela pesquisadora nas duas escolas partiu-se para as entrevistas com os diretores, coordenadores, professores, crianças e pais.

4.5 NATUREZA DA PESQUISA

Neste trabalho optou-se por utilizar a pesquisa de campo, tendo como principal objetivo conseguir informações, conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, conhecer melhor e chegar a uma conclusão, mesmo que não seja a esperada pela pesquisadora, mas que houve pretensão de buscar saber por que tal fenômeno acontece.

Como procedimento metodológico, este trabalho seguiu a linha descrita a seguir:

- Pesquisa bibliográfica, leituras, fichamentos de obras que mencionam o tema em questão.
- Pesquisa de campo, através de observações em grupo e individual, entrevista com pais, os pais entrevistados serão os pais das crianças que participaram dos desenhos, gestores (diretores e coordenadores) professores das crianças que participaram dos desenhos, no total de 10 crianças, cinco da escola particular e cinco da escola pública com enfoque na afetividade. Pesquisa de campo em duas escolas, pública e particular.
- Comparações entre as duas escolas pesquisadas com relação aos dados obtidos durante a pesquisa.

Com a presente pesquisa pretendeu-se saber como as crianças, os professores e os gestores pensavam sobre a afetividade. Buscou-se compreender como se estabeleciam as relações de afetividade entre a criança e o adulto, e quais as influências da afetividade no processo ensino e aprendizagem.

É pertinente acrescentar o que Minayo (2009) fala sobre pesquisa de campo. Conforme a autora (2009, p. 26) diz:

O trabalho de campo consiste em levar para a prática empírica a construção teórica elaborada na primeira etapa. Essa prática combina instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados, levantamento de material documental e outros. Ela realiza um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação e refutação de hipóteses e de construção de teoria.

Como vimos, a pesquisa de campo é fundamental para obtermos mais informações sobre o tema pesquisado, mas não é só isso, segundo Minayo (2009, p. 27) destacam-se três etapas para que uma pesquisa de campo seja rica, a primeira fase exploratória; segunda trabalho de campo e última análise e tratamento do material empírico e documental, não

aprofundaremos nas etapas, pois o que nos interessa aqui é fundamentar a pesquisa de campo, tendo como referência o que Minayo (2009) esclarece.

A pesquisa de campo na escola pública teve um total de 300 horas, divididas da seguinte forma: apresentação e conversa da pesquisadora com a direção (diretor, vice-diretor, coordenador) e professores (manhã e tarde) - 17 horas; conhecendo o espaço físico - 5 horas; observação dos pais durante a chegada e a saída das crianças (manhã e tarde) - 50 horas; escolha das cinco crianças para participar dos testes projetivos na escola - 5 horas; conversa com os cinco pais sobre a entrevista (manhã e tarde) - 10 horas; entrevista com os gestores e professores - 15 horas; entrevista com os cinco pais das crianças que participaram dos testes projetivos - 15 horas, testes projetivos com cinco crianças (manhã e tarde) - 100 horas. É relevante ressaltar que a pesquisadora permaneceu na escola 83 horas (manhã e tarde) para interpretação e análise dos dados coletados, entre outros procedimentos, como escrita e fechamento das entrevistas, totalizando 300 horas. Devo ressaltar que a pesquisa de campo teve uma duração de 4 meses, iniciando em setembro de 2012 e finalizado em dezembro do mesmo ano.

Na escola particular totalizou 200 horas, também com o cronograma semelhante da escola pública. A diferença de horas da escola pública para escola particular é em relação à menor quantidade de alunos que a pública; os gestores puderam dar mais atenção e a agilidade era bem maior que na escola pública.

Apresentação à equipe gestora e professores, 11 horas, conhecendo o espaço físico - 3 horas, observação dos pais na chegada e na saída das crianças na escola - 25 horas, escolha das cinco crianças para participar dos testes projetivos na escola 3 horas, conversa com os cinco pais sobre a entrevista 3 horas, entrevista com os gestores e professores 18 horas, entrevista com os cinco pais das crianças que participaram dos testes projetivos 15 horas, testes projetivos com cinco crianças 100 horas. A pesquisadora permaneceu na escola para anotações sobre análise dos desenhos das crianças 22 horas, totalizando 200 horas. A pesquisa teve início em março de 2013 e finalizado em junho do mesmo ano como já mencionado anteriormente.

Para Minayo (2009, p. 64) entrevista é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo, quer tomada no sentido amplo de comunicação verbal, quer no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico.

Ainda Minayo (2009, p. 64) diz o seguinte:

Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de tomar igualmente pertinentes com vistas a este objetivo.

Partindo da citação acima foi elaborado um momento de conversa, de escuta sobre o tema proposto neste trabalho.

As técnicas projetivas foram escolhidas conforme as idades das crianças. Como o foco da pesquisa é Educação Infantil, as técnicas escolhidas foram um total de seis, a saber: Par educativo, os quatro momentos do dia, Família educativa, o dia do meu aniversário, minhas férias e fazendo o que mais gosta.

Os desenhos foram aplicados durante um mês. A coordenadora juntamente com as professoras da Educação Infantil V manhã e tarde escolheram cinco crianças. Não houve um critério de seleção, elas perguntaram as crianças quem gostaria de fazer alguns desenhos, prontamente a sala toda levantou a mão, mas apenas cinco poderiam fazer, sendo assim foram escolhidas as cinco crianças e durante 30 dias foram aplicadas as provas. O trabalho foi desenvolvido dessa forma para não cansar as crianças.

Cada criança realizava dois desenhos e assim por diante, todos os dias na escola o procedimento era este, as crianças já sabiam; quando nos via chegar logo se levantavam com um sorriso largo no rosto.

O mesmo procedimento foi utilizado com os pais; como era uma entrevista, eles iam só responder o que o entrevistado perguntava, foi mais rápido, a duração foi de uma hora a duas para alguns pais, outros demonstravam mais dificuldades para entender, levando mais tempo para responder as perguntas.

Como se trata da Educação Infantil foi mais fácil falar com os pais, como também observá-los durante a chegada à escola para deixar os filhos; logo nos primeiros dias de observação percebeu-se os pais carinhosos dos que não são, porém devemos ressaltar que todos os pais levavam os filhos até a sala de aula, alguns se despediam com beijo ou um abraço, outros ameaçavam o filho *“se não se comportar quando chegar em casa já sabe né? Peia”*. (sic)

É pertinente destacar as provas projetivas utilizadas nesta dissertação de mestrado, a saber:

- **Par Educativo:** tem como objetivo investigar o vínculo de aprendizagem, o material usado é: folhas de papel sem pauta, lápis de escrever preto e borracha. O procedimento: Pede-se à criança que desenhe dois personagens: um que ensina e outra que aprende. Em seguida pede à criança que fale um pouco sobre o que desenhou, como se chamam as pessoas do desenho, qual a idade que possuem o que está se passando no desenho. Pede-se que dê um título ao desenho e finalizando pede que a criança escreva algo sobre o que desenhou.
- **Os quatro momentos do dia:** tem como objetivo investigar o vínculo familiar; como o sujeito estabelece os vínculos familiares ao longo do dia. É dada à criança uma folha sulfite dobrada em quatro partes iguais e pede-se que desenhe os quatro momentos de seu dia, desde a hora que acorda até a hora que vai dormir.
- **A família educativa:** investiga o vínculo de aprendizagem com o grupo familiar e cada um dos membros da família. Pede-se a criança que desenhe sua família, dizendo o que cada um sabe fazer. Em seguida pede à criança que responda quem são estas pessoas, a idade e o nome de cada um deles, o que cada um está fazendo e como. Pede que a criança dê um título ao desenho e por último pede à criança que escreva algo sobre o desenho.
- **O dia do aniversário:** tem como objetivo conhecer a representação que se tem si e do contexto físico e sócio- dinâmico em um momento de transição de uma idade a outra (VISCA, 2008, p. 159). Permite-se conhecer os vínculos de aprendizagem que o sujeito estabelece com seus desejos e interesses.
- **Minhas férias:** observam-se as atividades praticadas no período das férias escolares. Permite conhecer os vínculos do sujeito consigo mesmo e suas aprendizagens passadas e futuras. Pede-se a crianças que desenhem o que elas fizeram nas férias, utilizando os materiais sobre a mesa (folha, lápis preto e borracha). Após o desenho pede-se que as mesmas relatem o que está passando no desenho. Que outras coisas a criança fez nas férias. Pede-se que escreva algo sobre o desenho e que dê um título ao desenho.
- **Fazendo o que mais gosta.** Tem como objetivo observar o tipo de atividade que mais gosta de fazer, o tipo de vínculo que possui consigo mesmo, em termos de seus interesses, necessidades e limitações internas e externas na aprendizagem. Pede-se a criança que se desenhe fazendo o que mais gosta. Em seguida pede que ela responda algumas perguntas já formuladas pelo autor das técnicas (VISCA, 2000). O que está acontecendo neste desenho? Onde está ocorrendo esta cena? Quando isto aconteceu? Caso necessite podem ser feitas outras perguntas caso haja necessidade para complementar a atividade.

Foram trabalhadas com as cinco crianças da rede municipal e cinco crianças da rede particular de ensino as seis técnicas projetivas. As crianças demonstram entusiasmo em desenhar, não colocando obstáculos na realização das mesmas. Cada técnica desenhada pelas crianças levou em média de 30 a 45 minutos, foi deixada a criança bem à vontade. As técnicas foram divididas por horário e dias alternados para não cansar a criança.

4.6 SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa realizada nas duas escolas teve o mesmo procedimento. Primeiramente foi feita uma reunião com os gestores da escola para esclarecer como seria a pesquisa e queríamos saber qual ou quais os dias da semana a pesquisadora poderia ir. Foi informado que precisaríamos ter um encontro com os pais das crianças que trabalharíamos no decorrer da pesquisa na escola; prontamente os gestores de ambas as escolas nos atendeu.

Com as crianças foram enfocados os desenhos, pois devido a pouca idade, as crianças ainda não têm estruturada a fala. Com os adultos foram realizadas entrevistas com perguntas dirigidas a temática já mencionada: a afetividade.

Conforme Minayo (2009, p. 64) entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo.

Ainda Minayo (2009, p. 64) diz o seguinte:

Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de tomar igualmente pertinentes com vistas a este objetivo.

Partindo da citação acima foi elaborado um momento de conversa, de escuta sobre o tema proposto neste trabalho.

Os sujeitos da pesquisa nas duas escolas foram:

Duas professoras da Educação Infantil V, uma coordenadora, um vice-diretor, um diretor, cinco crianças da Educação Infantil e cinco pais, todos os sujeitos entrevistados contribuíram para que este trabalho fosse fundamentado e a pesquisadora obtivesse informações sobre a questão dos afetos entre estes atores.

Com as crianças foram usados às Técnicas Projetivas de Visca (1995), que trabalham a afetividade das crianças com quem cuidam delas ou ensinam. Segundo o autor as técnicas projetivas são um recurso entre outros que permitem investigar esta dimensão entre o afetivo e o vínculo que o sujeito estabelece com o aprendizado.

Ainda o autor acrescenta que estas técnicas têm como objetivo investigar os vínculos em três grandes domínios: o escolar, o familiar e consigo mesmo, pelos quais é possível reconhecer três níveis em relação ao grau de consciência dos distintos aspectos que constituem o vínculo de aprendizagem.

Weiss (2004, p. 117) observa:

O princípio básico é de que a maneira do sujeito perceber e estruturar o material ou situação reflete os aspectos fundamentais do seu psiquismo. É possível, desse modo, buscar relações com a apreensão do conhecimento como procura, evitar, distorcer, esquecer algo que lhe é apresentado. Podem-se detectar, assim, obstáculos afetivos existentes nesse processo de aprendizagem de nível geral e especificamente escolar.

Conforme a citação à pesquisa de campo teve como principal objetivo observar o vínculo afetivo das crianças em relação às pessoas que fazem parte do seu convívio diário; sendo assim compreender melhor como o processo de ensino e aprendizagem está sendo construído pela criança.

4.7 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Com uma vasta leitura sobre a temática, pudemos ver e observar o quanto é importante e fundamental a instrumentalização para uma pesquisa de campo.

A pesquisa de campo faz com que o olhar do pesquisador observe atentamente a instituição e reflita sobre os vários olhares que cada um tem de si mesmo e do outro.

Oliveira (2000) nos adverte para a necessidade da construção de um olhar de pesquisador que não abandone a experiência de quem observa, mas que possa ser construído na qualidade das relações. “Os atos de olhar e de ouvir são, a rigor, funções de um gênero de observação muito peculiar, por meio do qual o pesquisador busca interpretar ou compreender a sociedade e a cultura do outro ‘de dentro’ em sua verdadeira interioridade”. (OLIVEIRA, 2000, p. 34)

Foi com este pensamento que nos propomos a realizar esta entrevista para compreender e entender melhor como anda a questão dos afetos entre estes profissionais da Educação Infantil e principalmente sobre a relação da afetividade na Educação Infantil.

Foram feitas 10 perguntas aos professores e gestores das duas escolas. Na escola pública foi entrevistado um professor do turno da manhã e outro do turno da tarde, as entrevistas tiveram a duração de 2 h e 30 min., todas as entrevistas tinham horário marcado, conforme disponibilidade do entrevistado.

Na escola particular foram entrevistadas duas professoras do turno da manhã. As mesmas perguntas foram direcionadas aos gestores que compõem o quadro de funcionários das escolas pesquisadas. Todas as perguntas foram voltadas para as questões dos afetos na relação professor/aluno e gestores. (Ver anexo).

Também foi realizada uma entrevista com cinco pais; os pais escolhidos foram os pais das crianças que fizeram os testes projetivos, pois era interessante saber se os pais eram afetivos conforme algumas crianças desenharam. Queríamos saber se a fala dos pais era compatível com os desenhos das crianças. Os horários das entrevistas foram marcados conforme o tempo disponível de cada pai, o entrevistador ficou a disposição dos pais.

A pesquisa contou também com o olhar abrangente do pesquisador em relação à questão da afetividade entre a comunidade escolar.

A entrevista com os pais foi com a finalidade de saber o que eles acham da afetividade na relação escola/aluno, filhos/pais, todos autorizaram suas falas na realização da entrevista, porém ficou esclarecido que a pesquisadora usaria um nome fictício para cada fala, como também para as crianças que participaram da pesquisa.

CAPÍTULO V

RESULTADO E REFLEXÃO SOBRE A INVESTIGAÇÃO

“Há um mundo a ser descoberto dentro de cada criança e de cada jovem. Só não consegue descobri-lo quem está encarcerado dentro do seu próprio mundo”. Augusto Cury (2003, p. 11).

O presente capítulo discorrerá sobre os resultados da investigação realizada durante a pesquisa de campo.

A análise dos dados coletados será feita pela análise de conteúdo, tomando como referência teórica as propostas de Bardin (2004).

As informações coletadas de todos os sujeitos envolvidos nesta pesquisa foram submetidas a uma análise, interpretação e reflexão, contribuindo para a pesquisadora compreender as relações de afetividade entre as crianças, os educadores, gestores e familiares.

Vale ressaltar ainda a relevância da pesquisa e os pontos importantes que queremos chegar a respeito do contexto afetivo em que os sujeitos se encontram.

Para análise das entrevistas feitas nas duas escolas, temos na fala de Chizzotti (1991, p. 79) a seguinte colocação:

O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

É relevante a fala do autor, pois a pesquisadora se envolveu muito neste processo de conhecimento do sujeito com suas ações.

Ainda o autor Chizzotti (1991, p. 80) destaca:

A pesquisa não pode ser produto de um observador postado fora das significações que os indivíduos atribuem aos seus atos; deve, pelo contrário, ser o desvelamento do sentido social que os indivíduos constroem em suas interações cotidianas.

Sendo assim pretende-se fazer uma breve análise do que foi observado no decorrer da pesquisa, entretanto colocamos as falas dos educadores, gestores e pais sobre o que acham da afetividade nas relações humanas. Em relação às crianças destacamos as análises conforme Visca (1995) pontua.

Minayo (2009, p. 79) esclarece que há três observações importantes para introduzir na análise e interpretação de dados na pesquisa qualitativa; chama a atenção no que diz respeito ao fato de uma pesquisa qualitativa não ter como finalidade contar opiniões ou pessoas, mas sim explorar o conjunto de opiniões dadas pelos entrevistados.

A pesquisa de campo foi essencial para este trabalho, sabe-se o quanto é relevante conhecer o que as pessoas pensam em relação a certos assuntos, e saber a opinião dos professores, dos pais, dos gestores e das crianças sobre afetividade.

Considerando que nossa pesquisa está ancorada nas Ciências Sociais, compreendemos que houve uma perfeita identidade entre sujeito e objeto e como diz Lévi-Strauss (1982, p. 215). “Numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação”. Buscou-se o ponto de equilíbrio para manter o distanciamento necessário, a fim de não comprometer o resultado da pesquisa.

Faremos agora a análise dos dados obtidos durante a pesquisa de campo relatando primeiramente os desenhos das crianças. Para isto destacaremos o autor usado neste trabalho e suas técnicas (VISCA, 2001).

a) Área emocional: vínculo escolar, familiar e consigo mesmo.

No vínculo escolar foi desenhado o par educativo, o procedimento foi realizado conforme o autor nos orienta.

Foi observado que tanto as crianças da escola pública quanto da escola particular se saíram bem neste teste, demonstrando vínculo positivo com a aprendizagem e uma relação de amizade saudável com os professores.

Foi verificado ainda com relação à computação do par educativo as seguintes observações:

- **Tamanho total:** as crianças desenharam no centro da folha demonstrando saber direcionar bem os desenhos, que conforme o autor demonstra vínculo positivo com a aprendizagem, com exceção de uma criança que desenhou tomando todo espaço da folha e bem grande, dizendo que o professor de sua escola é um gigante porque sabe muita coisa.
- **Tamanho dos personagens:** os desenhos das crianças de ambas as escolas foram razoavelmente dimensionados indicam uma relação equilibrada onde o “negativo” e o “positivo” se integram adequadamente.
- **Tamanho dos objetos:** neste quesito os desenhos das crianças das duas escolas também foram compatíveis, não tão grandes e nem tão pequenos. Mostra-nos que a proporcionalidade dos desenhos distribuídos no espaço gráfico revela a aproximação com a realidade e, portanto maturidade gráfica compatível com a faixa etária.

- **Posição e distância entre os personagens:** foi visto que há uma adequada distância entre quem ensina e quem aprende, conforme o autor, o ensinante é aquele que utiliza os conteúdos como instrumentos para ensinar e aprender e consequentemente hierarquizar o ato de ensinar.
- **Título do desenho:** quase todas as crianças colocaram títulos em seus desenhos, outras não sabiam o que era um título. Conforme a análise do autor, as crianças demonstram um vínculo positivo com a aprendizagem.
- **Relato:** todas as crianças demonstram-se interessadas com a aprendizagem e bastante afetivas, revelando um carinho imenso pelos professores, profissionais da escola e pelos colegas de sala, ficou evidenciado nas falas das crianças que a escola é um lugar que elas gostam de estar e a aprendizagem é positiva na vida das crianças.

No vínculo familiar foi trabalhado a família educativa e fazendo o que mais gosta. O objetivo da técnica família educativa é investigar o vínculo de aprendizagem com o grupo familiar e cada um dos membros da família. Na técnica fazendo o que mais aprecia o objetivo é observar o tipo de atividade que mais gosta de fazer, o tipo de vínculo que possui consigo mesmo em termos de seus interesses, necessidades e limitações internas e externas na aprendizagem (VISCA, 2008).

Foi visto nos desenhos das crianças, tanto da escola pública quanto da escola particular que há um vínculo familiar de carinho, de atenção, mas também de disciplina.

É interessante relatar que as crianças conforme desenhavam demonstravam alegria ao falar dos momentos alegres em família, mas relatavam também que os pais chamavam atenção quando faziam algo de errado.

Nos desenhos realizados pelas crianças ficaram evidenciados que há uma aproximação familiar, independente da classe econômica, todos fazem algo, uns ensinando aos outros.

Com base nas interpretações de Visca (2008) coloca que o vínculo da criança com a família é positivo, pois toda a família está junta e fazendo algo.

Pode-se analisar segundo Visca (2008) que os desenhos das crianças estão compatíveis no que diz respeito à posição dos personagens, encontrando-se em meio ao processo, conforme o autor, o meio familiar é um referencial de modelos de aprendizagem para o desenvolvimento saudável da criança.

Nos desenhos fazendo o que mais gosta, foi outro momento marcante para a pesquisadora. As crianças desenhavam, e ao mesmo tempo faziam os gestos das brincadeiras. Elas diziam assim: "tia aqui neste desenho sou eu e o meu irmão brincando de vídeo game, sabe tia eu fico em pé e vou colocando o carro para andar bem rápido na rua, não pode atropelar ninguém". (sic)

Conforme análise os desenhos realizados pelas crianças não apresentaram nenhuma alteração, tudo estava dentro do esperado, o tamanho do desenho, a posição e o tamanho dos personagens, a representação do desenho na folha, sempre no centro. (VISCA, 2008)

Durante a pesquisa de campo, nos testes projetivos, uma criança estava desenhando a família educativa e disse: - "tia aqui é o meu pai trabalhando no hospital, ele trabalha para nos alimentar e comprar as coisas para nossa família, ele disse que é para eu estudar e ser gente grande, mas estou ficando grande não estou tia"? Levantou-se para eu ver o tamanho dele. - "Você sabe onde fica o hospital, você sobe, vai direto, depois sobe de novo e vai direto de novo e chega ao hospital, você já sabe tia aonde é o hospital em que o meu pai trabalha"? (sic) É muito interessante o que as crianças dizem e desenharam.

Conforme Cox (2010, p. 4) a maioria das crianças pequenas mostra interesse e prazer em desenhar e, nas creches e nas escolas, professores tiram partido desse entusiasmo, acreditando que a atividade artística é parte importante do desenvolvimento infantil.

Acreditamos que o desenho é essencial no desenvolvimento da criança, pois é através do desenho que a criança se expressa, ela procura se aproximar da realidade.

Temos nas palavras de Cox (2010, p. 9):

Durante a primeira infância até a idade aproximada de oito anos, as crianças produzem composições encantadoras, ainda que desajeitadas, nas quais partes de uma cena normalmente fora de vista parecem estar torcidas de modo que possamos vê-las. Na verdade, parece que as crianças estão mais preocupadas em que os objetos que desenharam sejam claramente reconhecíveis do que estejam "corretamente" desenhados sob determinado ponto de vista. As crianças, entretanto, não são sensíveis a essa distinção e, em certas circunstâncias, decidem apresentar a cena de maneira mais realista.

Durante as aplicações das técnicas projetivas podemos perceber o que a autora cita e esclarece. São muito interessantes os desenhos realizados pelas crianças. Elas

desenham e ao mesmo tempo falam do local dos objetos em suas casas como se a pesquisadora soubesse, conhecesse a casa de cada uma das crianças. Uma criança desenhou as duas árvores que ficam em frente à casa em que mora e nos perguntou se havíamos visto os dois ninhos de passarinho com filhotes na copa da árvore.

No vínculo consigo mesmo foi trabalhado o dia do meu aniversário, minhas férias e os quatro momentos do dia. O objetivo dos testes é conhecer a representação que o sujeito tem de si e do contexto físico e sócio-dinâmico em um momento de transição de uma idade a outra (VISCA, 2008, p. 159). Neste teste é permitido ao entrevistador conhecer os vínculos de aprendizagem que o sujeito estabelece com seus desejos e interesses.

Todas as crianças que participaram da pesquisa desenharam o seu aniversário, podemos ver que havia alegria em seus rostos durante o desenho, o tempo todo interagiam com o que estavam desenhando, falavam e sorriam, foi um momento interessante. Vale ressaltar neste trabalho que três crianças da escola pública desenharam umas mesas com presentes caros e que desejavam muito tê-los.

Visca (2008) nos alerta a conhecer a situação financeira da criança. Baseado nos relatos acima, as crianças pertencem a uma família onde só o pai trabalha, ganhando menos de um salário. O desenho mostra que há desejo em realizar o aniversário, porém as condições financeiras da família não permitem.

Algumas crianças expressaram em seus desenhos a família, outros desenharam muitos colegas.

Na análise, Visca (2008) esclarece que o desenho rodeado de pessoas mostra que a criança está capacitada a aprender em termos quantitativos e qualitativos. Pode-se observar neste desenho que há vínculo de aprendizagem entre as crianças.

No teste as minhas férias o objetivo é observar as atividades praticadas no período de férias escolares. Permite ao entrevistador conhecer os vínculos do sujeito consigo mesmo e suas aprendizagens passadas e futuras.

Conforme análise de Visca (2008), algumas crianças demonstram criatividade, outras não. As crianças da escola pública demonstram saudade da escola nas férias, desenharam brincando de escola em casa com os colegas e disseram que queriam estar na escola.

Será que a criança que realiza o desenho fazendo a mesma atividade de quando não está em férias, significa que gosta muito do que faz ou possivelmente não sabe fazer algo diferente e falta-lhe criatividade? Precisamos refletir e conversar com a criança antes de tirar conclusões precipitadas.

Podemos acrescentar que as crianças que participaram da atividade demonstram vínculo com a aprendizagem, algumas são mais criativas outras precisam de mais estímulos.

As crianças das duas escolas se saíram bem e demonstram alegria no período das férias e dos estudos também. Uma criança relatou que pergunta aos pais o tempo todo quando as aulas vão começar.

Esta pesquisa de campo nos mostrou que a classe menos favorecida é feliz, embora não tenham muito dinheiro, brinquedos caros, entre outros. Podemos ver que as questões dos afetos existem entre os pares e isto ficou claro com os desenhos das crianças, cada um desenhando seus colegas, seus familiares e colocando a atenção que recebia dos pais e da escola.

As crianças que participaram desta pesquisa são espontâneas, desenhavam e falavam sobre o que estavam desenhando, elas queriam chegar o mais real que pudessem, muitas vezes indagando ao pesquisador como uma pessoa que fazia parte do dia a dia dela.

Foi gratificante trabalharmos com os desenhos e entender um pouco mais as questões dos afetos na realidade de cada criança que foi trabalhada as técnicas projetivas.

Diante do exposto o trabalho em questão teve como principal objetivo percebermos como estão as questões dos afetos nos lares dessas crianças e no espaço escolar.

Entendemos que a criança revela seja através do corpo, do desenho, da fala o que acontece no seu dia a dia, e ficou esclarecido através dos desenhos e das falas das crianças que a afetividade existe tanto no âmbito familiar quanto no escolar. As crianças sentem-se felizes com o que aprendem na escola e em casa com os familiares.

É importante destacar que durante os dias que a pesquisadora esteve na escola, observou que os professores, gestores, funcionários da escola e as crianças eram atenciosos uns com os outros.

Toda comunidade escolar dava atenção às crianças. Os pais traziam as crianças no horário e as buscavam também, alguns chegavam antes e ficava aguardando a saída dos filhos, outros chegavam depois.

Podemos concluir neste primeiro relato que as crianças das duas escolas pesquisadas demonstraram ser crianças afetivas e que são correspondidas no meio em que estão inseridas.

Todas as 10 crianças que participaram das atividades demonstraram ser carinhosas. Foi um momento gratificante para a pesquisadora conhecer crianças tão dóceis, amáveis, carinhosas e contentes, não importa a situação financeira que se encontram, não importa se mora em uma casa confortável com muitos brinquedos, ou em uma casa simples, o que importa é que são crianças e com um futuro pela frente.

Portanto vale destacar, com base nos desenhos realizados pelas crianças, que tanto as crianças da escola pública quanto da particular são afetivas e demonstraram um vínculo positivo com a aprendizagem.

A análise dos dados com relação às entrevistas dos professores e gestores das duas escolas está bem parecida, os educadores das duas escolas destacaram seus pontos de vista e deram as respostas conforme o que estavam pensando ou pensavam a respeito das perguntas feitas.

Acreditamos que é relevante colocarmos neste trabalho algumas falas dos professores entrevistados, gestores e pais das duas escolas, e suas respostas com base nas perguntas feitas.³

Aos professores e gestores da escola pública foi dado um nome fictício usando a letra A e na escola particular a letra B E P, escola particular.⁴

- 1) Em relação ao conceito de afetividade as professoras e gestores das duas escolas relataram o seguinte:

“O que define a palavra afeto é a atenção, quando você dar atenção a uma criança o resto acontece, vem o carinho, amor, tudo isto é consequência da atenção”. Coordenadora da Educação Infantil.

“O afeto é um dos sentimentos que mais gera autoestima entre as pessoas, principalmente entre crianças, jovens e idosos, é um sentimento que

³As demais falas dos gestores, professores e pais estão anexadas na referida dissertação.

⁴As letras E, e P são as iniciais das palavras Escola Particular.

garante o bem estar do corpo e da mente. Um conjunto de fenômeno psíquico que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões”. Professora titular da educação infantil V. B1. EP.

“Conceituar afeto é dizer que tenho apreço por alguém e respeito. É amar e ajudar a quem precisa, é acima de tudo oferecer o que há de melhor em cada um de nós. Se temos algo bom, é porque somos pessoas afetuosas”. Coordenadora pedagógica da escola e do infantil V.EP.

“Conceituar afeto é difícil, mas vou tentar. Quando temos atenção ao outro, quando ajudamos as pessoas que precisam de nós, vejo tudo isto como uma forma de afeto, se não sou uma diretora afetuosa com os meus alunos, pais e demais pessoas que fazem parte do meu dia-a-dia e não as trato bem, não sou digna de sua atenção. A definição de afeto para mim é amor, afeição, carinho, dedicação e participação na vida um do outro”. Diretora da escola. EP.

Podemos observar nas falas supracitadas que afeto é importante nas relações humanas, no entanto precisamos saber utilizá-los, falamos muito sobre os sentimentos, mas poucos valorizaram o que o outro sente ou está sentindo, afeto é se colocar no lugar do outro e entender que cada ser humano é único e especial, mesmo com suas especificidades.

Saltini reforça os comentários acima acrescentando algo relevante sobre educadores.

Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas tomam um sentido, um peso e um respeito, enfim, onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião (SALTINI, 1997, p. 89).

Esta citação nos lembra a fala da diretora da escola particular, onde pontua que sem afetividade a relação dela com os clientes (alunos e pais) não seria da mesma forma que é hoje, embora estejam pagando mensalidades, o respeito ao próximo deve existir acima de qualquer coisa.

2) Foi perguntado aos professores e aos gestores qual a importância da afetividade na construção da aprendizagem significativa?

Vejamos o que responderam:

“Na conquista entre educador e criança, você consegue chegar à aprendizagem significativa, você dá tempo à criança, ela te responde coisas que você imaginava que ela não soubesse responder, para mim é aprendizagem significativa, ela aprendeu antes de chegar à escola” (Professora A1)

“Super importante. Se dar bem com os meninos é o que mais valorizo como diretor. Quando você interage, procura entender os alunos você está abrindo portas para o relacionamento ser mais afetivo. Está contribuindo com a aprendizagem significativa”. Diretor.

“Eu acho importantíssimo à afetividade na aprendizagem, porém deve ser construída em casa e a escola só continuar. Não sei o que é aprendizagem significativa, por isso não vou falar”. Professora auxiliar educação infantil. B2EP.

“Essencial, sempre falo nos planejamentos que o docente deve e precisa estar atento ao que os alunos já sabem, pois eles sabem sim de alguma coisa, eles não chegam a escola vazios intelectualmente, mas é necessário que haja estímulo por parte dos professores”. Diretora Escolar. EP

Vimos que as colocações dos professores e dos gestores diferem em relação à afetividade na aprendizagem significativa. A resposta da primeira se aproxima muito do que entendemos por aprendizagem significativa.

Os gestores acrescentam colocando que a afetividade na aprendizagem significativa é um ponto crucial para que a educação se desenvolva com eficiência.

É relevante pontuar a fala do diretor da escola pública durante a entrevista. Ele diz que sente falta de um trabalho mais consistente sobre afetividade na relação professores/alunos/pais e comunidade escolar, acrescenta destacando que nos dias de hoje, onde não há mais respeito entre os seres humanos, é necessário dar atenção e importância ao tema afetividade nas escolas.

Foi visto pelos relatos que a afetividade na aprendizagem significativa é importante, e fundamental para o ensino, os professores devem ficar atentos e perguntar, mas, devem colocar os alunos para falar o que sabem. Muitas crianças têm os pais como sendo seus primeiros professores e todos eles repassam uma base que a criança vai construindo e aprendendo ao observar e ao praticar também.

3) Perguntamos aos professores e aos gestores como veem a relação da aprendizagem significativa e afetividade, eles responderam da seguinte forma:

A partir do momento que eu valorizo o conhecimento do aluno, eu direciono o meu trabalho. “As duas andam juntas, aprendizagem e afetividade, precisamos ter afeto para que cada criança aprenda com significado” (professora A2).

“Uma depende da outra, se eu tenho afeto por ele (aluno) vou respeitar o que ele já sabe a bagagem que ele tem e traz de casa, do seu meio social”. Coordenadora.

“As duas andam juntas”. Só afetividade não adianta, o aluno precisa entender e saber discernir o que é afetividade e o que é aprender a

respeitar o professor. “Importante também ter domínio do conteúdo e da sala, não confundir os afetos dos direitos e deveres”. Diretor.

“Sem titubear, esta pergunta é importantíssima, sabe-se da relevância da afetividade na construção da aprendizagem significativa. Uma não vive sem a outra, é o que penso. Precisamos investir mais como escola os afetos no ensino e na aprendizagem significativa”. Diretora escolar. EP.

As respostas dos três gestores são pertinentes à pergunta feita. Sabe-se da importância da afetividade na construção da aprendizagem. Sem atenção, sem carinho, não é possível que a criança aprenda com prazer e dedicação. Cabe ao docente, escola, família trabalharem juntas estes dois aspectos: “atenção” e “carinho” que a nosso ver é necessário à educação de hoje em dia.

As respostas são bem diferentes uma da outra, entretanto são os pensamentos que cada um tem em relação à aprendizagem significativa e a afetividade.

É certo afirmar que quando uma criança se socializa com outras crianças, ela aprende mais, é no convívio social que a aprendizagem significativa acontece. O respeito ao outro também é construído nas relações humanas.

4) Foram perguntadas aos professores e aos gestores o que significa afetividade na relação educador/aluno. As respostas estão abaixo:

“A afetividade na relação professora/aluno acontece a partir do momento em que o professor tem contato com a criança e a criança tem contato com o professor. É preciso fazer com que ambos se aproximem e trabalhem o afeto, não é algo que acontece da noite para o dia, é na convivência diária que esta relação vai ser boa ou não” (professora A1).

“Super. importante esta afetividade. Precisamos cobrar mais do professor, dos funcionários da escola, mas primeiramente eu como diretor devo dar maior exemplo, saber mais sobre os meus alunos, se estão bem, como vai a aprendizagem, qual sugestões poderiam dar para melhorar o ensino, acima de tudo o respeito pelo aluno”. Diretor.

“Indispensável na relação escolar, professor/aluno devem estar em sintonia, um se interessando mais pelo outro, aqui me refiro ao professor, é através dele que se inicia a relação de afetos, vai depender muito como este professor vai chegar perto do educando, a maneira como a relação acontecerá vai fazer a diferença”. Coordenadora escolar e da educação infantil. EP.

“Essencial, não consigo vê uma sem a outra, se complementam, e as crianças saem ganhando, agora, é necessário que haja estímulo por parte do professor. A família também exerce um papel relevante na relação da afetividade significativa e afetiva”. Coordenadora escolar e da educação infantil. EP.

Pode-se ver que todos os entrevistados responderam o que significa afetividade na relação educador/educando. Todos deram sua resposta destacando a importância da relação entre os pares.

Vale ressaltar neste trabalho que é impossível uma educação que não seja baseada na afetividade. Referimos aqui à Educação Infantil, que é a base de todas as aprendizagens.

É coerente a reposta das professoras, e dos gestores, a afetividade na relação professor/aluno requer muita sabedoria, conquista é o termo mais apropriado para a colocação da professora, a falta de afeto está justamente nesta falta de conquista entre as pessoas, todo relacionamento humano se inicia com a conquista.

O respeito também ao outro é fundamental, a partir do momento que se respeita, há uma reflexão e o outro passa a enxergar mais e melhor o seu semelhante.

5) Em outro momento foi perguntado aos professores e aos gestores das duas escolas como eles veem a atuação da escola em relação à afetividade.

Pontuaram dizendo:

“Para mim a escola é a 2ª casa da criança, então ela precisa sentir-se acolhida pela escola como todo, quando me refiro ao todo, estou me referindo desde o porteiro que recebe as crianças todos os dias e seus familiares a serviços gerais que limpa o ambiente escolar. Para a criança sentir-se bem precisa ser bem cuidada por toda comunidade escolar” não vejo acontecer essa aproximação dos funcionários da escola, “cada um na sua” (professora A1).

“É muito relativo, há crianças e pais que são abertos. Quando há abertura há relação de afetividade entre educador e educando, vejo que a afetividade na relação educador/educando começa em casa, primeira com os pais e depois na escola com os professores e outros funcionários, há crianças que não podemos chegar perto, para mim é reflexo do lar”. Coordenadora.

“Para mim a escola deve trabalhar nos encontros pedagógicos tema como este afetividade, só assim as relações entre professores e alunos melhorar, pois hoje atualmente não existe afeto entre os professores e alunos, o que para mim é lamentável”. Vice-diretora.

“Gosto muito de conversar com os meninos, lido melhor com os alunos com os meninos do fundamental I. Sempre procuro dá atenção ao que eles me dizem. Relaciono-me bem com educação infantil, mas com os meninos maiores há um diálogo mais coerente. A minha função de diretor me impede

desse contato mais próximo, de perto, queria muito ter mais tempo para poder estar mais com os meninos e conversar mais com eles” Diretor.

É interessante a colocação dos entrevistados, tem um pensamento diferente, mas ao mesmo tempo se completam. É preciso refletir mais sobre este ponto e tentar contribuir com um ambiente escolar mais harmonioso e afetivo. Na fala dos gestores vimos também disparidade enquanto suas colocações, cada um pensa de um jeito diferente, mas é essencial relatar que a afetividade aproxima as pessoas e tudo ocorre tranquilamente, pois há respeito e cooperação de todos.

Vimos nos depoimentos dos entrevistados da escola particular que há uma demonstração afetiva entre os funcionários, mas destaca que é preciso fazer mais.

Acreditamos que em termos de afetos nunca é demais, temos que trabalhar o tema, conversar com os educandos, os pais e os educadores. Sabe-se que através da afetividade tudo de bom acontece, quando não temos afetos pelas pessoas, as coisas não funcionam como gostaríamos.

6) Foi perguntado aos professores e aos gestores das duas escolas se consideravam educadores afetivos e por quê? As respostas foram:

“Sim, sou uma professora afetiva, existem muitos professores que não são afetivos, eu sou afetiva e procuro ser sempre assim, atenciosa com os meus alunos, com os pais, pois, lidar com educação infantil requer educadores afetivos, é a base, é o início, se não trabalharmos os afetos estas crianças não saberão ser amáveis com os demais. Quando tratamos bem as crianças e os familiares tudo fica melhor, o diálogo, a amizade, enfim, sem afeto nada caminha, fica tudo parado”. Professora A2.

“Sim, sou uma educadora afetiva”. O meu trabalho é com contato direto com as pessoas, só sei trabalhar assim, através do contato. A área de humanas pede isso, o contato com as pessoas, se você não gostar de estar com as pessoas e do que faz acaba se frustrando profissionalmente. Considero-me uma educadora que trabalha com a questão dos afetos. Coordenadora.

“Na verdade quando há vínculo afetivo entre professor e aluno há afetividade. Considero um diretor afetivo, pois estou sempre falando aos meus professores a importância de valorizar o ser humano, pois o aluno além de ser aluno é um ser humano que pensa que sofre que tem uma família, que vive sem afeto, enfim, valorizar o outro é o caminho para a afetividade”. Diretor.

“Sim, mesmo não estando em sala de aula, sou uma educadora, pois as crianças estão me observando e eu estou sendo exemplo para ela, estou educando através da minha postura, dos meus posicionamentos”. Diretora escolar. EP.

Sobre esta pergunta todos se colocaram como educador afetivo, destacando que se importa com o outro, que dá atenção ao próximo. Isto é muito importante, pois devemos

ser afetuosos uns com os outros em qualquer que seja o lugar, não importa se é em casa, na escola ou na rua, o importante é que estamos lidando com vidas, com pessoas que tem sentimentos e que são sensíveis.

Vimos ainda nas falas dos professores e dos gestores que se consideram educadores afetivos, todos expressaram o que sentem como educador. Acrescentaram dizendo que sem afeto, sem vínculo afetivo as coisas não caminham na mesma direção, é verdade, precisa-se rever e mudar algumas atitudes que interferem na relação afetiva. Lidar com o ser humano é dizer o quanto são significativos e importantes.

7) Foi perguntado aos professores e aos gestores qual o vínculo afetivo entre educador e aluno.

Responderam:

“Muito grande, a ponto de chorar, pois estão no infantil V, estão indo para o 1º ano. Me dediquei o ano todo a eles, ensinando a ler e a escrever e no próximo ano estarei com outras crianças, novo vínculo de afetividade será formado. Eles são tão apegados que é preciso muita conversa com as crianças, pois as mesmas gostam muito da professora e eles também sofrem no 1º ano, pois querem continuar conosco. Professora A1.

“Acredito que é um vínculo mais próximo possível”. Fazemos muitas vezes vários papéis, de mãe, psicóloga, assistente social, médica, conselheira de casamento, é incrível o que fazemos com as crianças e seus familiares. Para mim tudo isto é vínculo positivo entre educador/aluno/pais. Coordenadora.

“Muito bom. Consigo perceber este vínculo através das minhas atitudes em relação a eles. Percebo que há um vínculo afetivo entre mim e os alunos”. Diretor.

“Ótimo, sou diretora, mas educadora. Quando preciso chamar a atenção chamo com carinho e respeito e eles me atendem, algumas vezes é necessário aumentar o tom da voz, nada que prejudique a relação educador/educando”. EP.

São relevantes as colocações dos educadores nesta pergunta, todos se colocaram dando sua resposta precisa e sincera, ser afetivo é isto, falar o que realmente vive. Falar da convivência saudável que todos têm com certeza as crianças também vivem isto, se sentem bem no ambiente escolar, pois é acolhedor e quando necessário chama-se a atenção, e tudo se resolve na harmonia e compreensão.

Ficou esclarecido na fala dos entrevistados como cada um percebe o vínculo de afetividade na relação educador/educando, são respostas peculiares. É relevante citar a importância das falas dos entrevistados, pois os mesmos passam o ano inteiro se relacionado com os alunos e os seus familiares, como foi colocado pela coordenadora da

escola pública, que muitas vezes exercem vários papéis para amenizar o sofrimento e angustia de muitos pais das crianças atendidas na escola.

Ainda com base na fala da coordenadora, nos contou que uma mãe estava se separando por motivos bobos, e notou a criança distante, isolada e triste, procurou saber o porquê estava agindo diferentemente, já que era uma criança alegre e feliz. Os pais estavam se separando e ela não queria que acontecesse isso, pediu que a coordenadora falasse com os pais; no dia posterior os pais vieram à escola e ela colocou para eles a conversa que havia tido com a criança, filha do casal. Segundo a coordenadora passaram uma hora conversando e o casal resolveu não se separar, pois pensaram na filha e os dois mereciam mais uma chance. Achamos este relato importante e de acordo com a coordenadora outros casos acontecem com frequência na escola.

8) Perguntamos ainda aos entrevistados o que eles tinham a nos dizer sobre distinguir a criança que recebe afeto da que não recebe. Vejamos o que falaram:

“Percebo que demonstra afeto aquela criança que recebe afeto em casa, não importa de quem seja, da avó, do avô, da tia, tio, percebemos no ato, há aquelas que pedem mais atenção o tempo todo, vejo que são as crianças que os pais não dão amor, atenção e carinho. São crianças que sentem carência de afeto”. Professora A2.

“Percebo através das atitudes dos alunos”. Quando uma criança recebe afetos em casa por parte da família e familiares, ela age diferente das que não recebe. “São atenciosas conosco educadores, nos respeita e faz o que a gente pede”. Vice-diretora.

“Percebo através das atitudes dos alunos, é claro e transparente a diferença entre a criança que recebe afeto da criança que não recebe” Diretor.

“Sim, as que recebem afeto dos familiares são espontâneas, criativas, alegres e participativas, já as que não recebem são fechadas, caladas e demonstram um semblante triste”. Professora titular. B1. EP.

Como foi visto nos relatos dos professores e dos gestores, são nítidas as crianças que não recebem afeto dos familiares. Não conseguem ser espontâneas, não conseguem interagir. Mais uma vez vimos a importância dos afetos na relação familiar. É pertinente a escola trabalhar este tema e mostrar aos pais e responsáveis que a educação com base nos afetos é fundamental para as crianças.

Vimos nas colocações dos entrevistados que é notável quando a criança é querida pelos familiares, quando são amadas, valorizadas, percebe-se nas ações, e tudo isto fica

mais visível, quem convive com elas mais tempo, neste caso os professores e os gestores da escola.

9) Foi perguntado aos entrevistados como definiam a afetividade no século XXI. Cada um deu a sua resposta, veremos abaixo:

“Vejo que ainda tá longe de existir afetividade, até parece que as pessoas nem sabem o que é isso, por isso acho pesquisas como esta, importante para a educação. Estamos no século onde educador e as escolas deixam muito a desejar em relação à educação da afetividade. Ainda é preciso muito trabalho na escola para os alunos e os familiares entender a questão dos afetos, se inicia no lar, eu diria que ainda no ventre. Se fosse fácil à questão dos afetos, não tínhamos escolas com alunos difíceis, incompreensíveis, agressivos e outras coisas mais. Eu acredito que sempre é tempo de se trabalhar os afetos na relação humana, precisamos querer e ter paciência para isto acontecer”. Professora A2.

“Em minha opinião está longe de existir, parece que quanto mais o tempo passa a questão dos afetos deixam de existir”. Vice-diretora.

“Precisa melhorar muito, a questão dos afetos é um tema bastante importante e deve ser discutido mais, até as pessoas absolverem sua importância nas relações humanas”. Professora auxiliar. B2. EP

“Não muito boa, mas acredito que os alunos desta escola ao saírem daqui farão a diferença. daremos mais ênfase a este assunto. Devo ressaltar que a partir de agora, depois dessa pesquisa, dessa entrevista, estou vendo o quando é necessária a discussão sobre afetividade na educação dos filhos, dos educando e dos educadores, a escola vai promover mais debates sobre o tema em questão”. Diretora escolar. EP.

Como se vê, todas as falas são voltadas para educação baseada na afetividade no século XXI, estamos vendo que não está boa, no entanto, todos pensam positivamente e acreditam que pode melhorar.

É preciso que este assunto seja mais divulgado, que as pessoas possam se interessar mais uma pelas outras, que o diálogo seja constante, que possamos fazer a diferença.

Ficou registrada na fala dos entrevistados a descrença em relação à afetividade no século XXI. Quase todos não acreditam na afetividade e tem suas razões para não acreditar. Entretanto não podemos aceitar isto, mas cada um deve fazer sua parte para que as relações humanas sejam melhores, e elas só serão melhores a partir do momento em que decidirmos fazer o nosso papel de educador.

Sampaio (2004, p. 30) escreve:

Estamos vivendo uma crise global profunda, onde o vazio existencial e afetivo, provocado pela manipulação e

desmandos, favorece a miséria, violência, a corrupção, o medo, a insegurança, resultado da fragilidade das relações e dos valores humanos.

Vivemos uma geração do imediatismo, das coisas fáceis e rápidas, porém a afetividade não se constrói rápido, mas leva tempo, sabedoria, paciência e entendimento.

Precisa-se valorizar o outro, o que sente, o que dói, e não simplesmente ignorar. Acreditamos que a afetividade no século XXI pode ser melhor se todos nós cooperarmos e fizermos a nossa parte.

Ainda Sampaio (2004, p. 67), nos esclarece:

A educação emocional é de fundamental importância na formação do educador, para que possa ampliar a clareza da sua missão e possa agir coerente com ela, exercitar as habilidades e competências emocionais que lhe dê uma estrutura capaz de comprometer-se e responsabilizar-se pela formação dos seus alunos.

10) Finalmente foi perguntado aos entrevistados como viam a brincadeira na Educação Infantil e o desenvolvimento da aprendizagem significativa. Podemos constatar suas respostas a seguir:

“Essencial. Aqui na escola trabalhamos um programa do governo municipal que é Brincando aprende e aprendendo brincando. A prefeitura disponibilizou muitos brinquedos, o que proporcionou as crianças um aprendizado com mais facilidade. A criança que não brinca tem mais dificuldade para aprender. Para mim a aprendizagem significativa também acontece com que os pais disponibilizam aos seus filhos em casa, seja na conversa sobre um determinado assunto, sobre jogos e os brinquedos”. Professora A1.

“A criança aprende brincando e a aprendizagem significativa começa a partir daí, o mediado orienta e deixa a criança a vontade para aprender a manusear os objetos, acho incrível o que elas fazem a partir da brincadeira”. Vice-diretora.

“As brincadeiras são muito importantes na educação infantil. O lúdico é um mecanismo estratégico de desenvolvimento da aprendizagem, pois propicia o envolvimento do sujeito aprendiz e possibilita a apropriação significativa do conhecimento”. Professora titular. B1. EP.

“Eficaz. Pois brincando estimula a aprendizagem da criança”. Auxiliar administrativo. EP.

O lúdico não pode ficar fora do desenvolvimento da aprendizagem significativa. A importância das atividades lúdicas desperta nas crianças a criatividade.

Os entrevistados fizeram breves relatos sobre o que pensam desta atividade, e todos afirmam ser importante o trabalho com o lúdico na Educação Infantil.

Finalizando este último tópico sobre as respostas dos entrevistados, podemos ver que todos concordam com a brincadeira na Educação Infantil, acrescentam dizendo que é a partir da brincadeira que a criança aprende melhor. Não podemos deixar de relatar que é também brincando que a criança aprende a viver e conviver com outras crianças, e a partir desse relacionamento aprendem a respeitar umas as outras.

Foi observada na fala de uma professora da escola pública a preocupação com o brincar, relatando que no ensino fundamental as crianças não brincam, pois a responsabilidade aumenta com as atividades que neste período e nas séries posteriores requer da criança mais tempo e dedicação.

Acreditamos que é possível introduzir os brinquedos nas matérias estudadas pelas crianças, os assuntos seriam mais interessantes e elas aprenderiam com mais facilidade, pois quando a cobrança é grande, a criança perde o foco, começa a demonstrar cansaço e desinteresse pelos estudos.

Tudo deve ser dosado, a criança não está mais na Educação Infantil, mas não deixou de ser criança, continua com suas fantasias e é preciso que a escola e os educadores percebam isto.

Continuando com a análise dos dados, destacaremos na sequência as entrevistas feitas com os pais das crianças que participaram dos testes projetivos, pontuaremos as falas dos pais da escola pública e da escola particular.

Foram entrevistados cinco pais da escola pública e cinco pais da escola particular, e as perguntas foram baseadas na afetividade. Achamos interessante discorrer sobre as respostas dos pais no tocante a questão dos afetos.

Pretende-se verificar nas respostas dos pais se há aproximação no que as crianças desenharam na técnica projetiva família educativa, já que as outras técnicas foram voltadas para observar o vínculo de aprendizagem e consigo mesmo.

Usaremos um pseudônimo para cada pai entrevistado, para isto usaremos pai 1, mãe 2, mãe 3, mãe 4 e mãe 5 na escola pública, na escola particular usaremos pai/mãe EP.⁵

1) Foi perguntado a princípio aos pais como definiriam o início do vínculo afetivo entre pais e filhos. Pontuaremos abaixo o que responderam em relação a este questionamento:

“Logo na concepção, quando os pais decidem ter um filho. Na concepção embrionária. Já ficamos felizes com o surgimento de um ser vivo”. Pai 1.

“A partir do nascimento já começa o vínculo de amor entre pai, mãe e filho”. Mãe 5.

“Ainda na gestação, pois é capaz de entender ainda que de modo subjetivo esta interação com o meio externo”. Mãe 1. Escola particular. EP.

“Desde os primeiros meses de gestação, o bebê já sabe os horários da chegada do pai e demonstra com movimentos antes de sua chegada em casa e também sabe se a mãe está triste, alegre, aflita, chorando etc., reage quando escuta a voz do pai ou da mãe”. Pai 2. Escola particular. EP.

As respostas são todas semelhantes, destacam que definiriam o início do vínculo afetivo ainda na gestação, todas as mães pensam dessa forma. O vínculo de afeto é fundamental em uma relação de sucesso entre pais e filhos. Podemos ver nas falas acima o quanto o afeto é importante.

Todos foram unânimes em afirmar que o vínculo afetivo se inicia ainda no ventre, com a gestação. Podemos ver na fala dos pais entrevistados que sabem como é importante o vínculo afetivo entre pais e filhos, não resta dúvidas em relação à colocação dos pais sobre a questão dos afetos e como é fundamental que seja apreciado e desenvolvido desde a mais tenra idade, como eles mesmos colocaram, ainda na gestação.

É interessante acrescentar que tanto os pais da escola pública quanto da escola particular responderam a mesma coisa.

2) Perguntamos se eles creem que demonstrar afeto pelos filhos fragiliza a autoridade dos pais, e por quê? Pontuaram o seguinte:

“Não fragiliza, você pode dá afeto e corrigir ao mesmo tempo o filho. Não podemos mimar demais, a criancinha um dia será um adulto, devemos dar carinho, atenção, cuidar, zelar, mas devemos punir quando for necessário, creio que dar carinho e punir o filho não fragiliza a minha autoridade de pai”. Pai 1.

⁵O procedimento será o mesmo usado com os gestores e os professores, destacaremos algumas falas, as demais estão em anexo neste trabalho.

“Não fragiliza, a criança precisa entender que dar carinho é uma coisa e punir pelo que fez de errado é outra, isso não fragiliza a minha autoridade de mãe”. Mãe 2.

“Com certeza fragiliza sim. A partir do momento que você dá afeto e não põe limite, você perde automaticamente sua autoridade de mãe, e tudo fica difícil, então eu acho que afeto demais fragiliza sim a autoridade dos pais” mãe 4.

“Não fragiliza. Pelo contrário, creio que se os filhos sabem quando é amado tende a espelhar-se nos pais, confia e respeita e obedece aos pais, pois sabe que é o certo, claro que desde que os pais tenham sabedoria para lidar com essas ferramentas, usar o amor e a disciplina, agindo assim teremos uma família unida e forte”. Pai 2. Escola particular.

As respostas dadas pelos pais que usar sua autoridade como mãe e como pai não fragiliza, pois as crianças precisam disso, elas recebem carinho, atenção, mas é necessário que saibam quando os pais devem usar sua autoridade. As respostas acima são coerentes e percebemos a confiança dos pais ao respondê-las.

Podemos ver ainda nas falas dos pais da escola pública que dar afeto aos filhos não fragiliza a autoridade dos pais, com exceção de uma mãe, que concorda dizendo que afeto demais fragiliza a autoridade dos pais. Como foi pontuado por uma mãe afetividade também é por limite quando necessário; não podemos permitir que os filhos façam tudo. Na fala de outro pai foi colocado que a criancinha um dia será adulto e com certeza ele levará por toda a vida o que foi ensinado pelos pais em casa.

3) Outra pergunta foi sobre eles (pais) acreditarem que um bebê percebe pela amamentação, pelo toque a aceitação ou rejeição de quem cuida dele e por quê?

Responderam:

“A criança sente sim, pois tem sensibilidade, o bebê sabe quem cuida dele, também percebe quando não é amado pela mãe, se tornando um bebê que chora muito, agressivo e futuramente uma criança sozinha e com problemas de rejeição, pois sentiu na pela a ausência de amor dos pais”. Pai 1.

“Sim, pois a criança ao mamar sente que a mãe dar amor, atenção e carinho, com outras mães que não agem assim, a criança percebe, chora muito e fica muito irritada com a falta de afeto”. Mãe 2.

“Sim, pela maneira que é cuidado, existem muitas mulheres que não era para ser mãe, são ignorantes e não tratam bem seus filhos, pode ter certeza, futuramente serão crianças ariscas sem afeto, pois não receberam”. Mãe 3. Escola particular.

“sim, desde o momento da concepção, já há o toque na barriga, o pai desejoso em ver o filho nascer, tudo isto é transmitido para ele, quando nasce mais afeto devemos dar, o toque é essencial, quando não existe, a criança sente”. Mãe 4. Escola particular.

Percebemos nas respostas acima que todos os pais concordam, quando a criança não recebe afeto demonstra tristeza, se isola, seu semblante é triste, as pessoas que ele mais queria atenção, amor, dedicação não fazem e não dão.

Todos os pais colocaram que a criança através da amamentação sente se é amada ou não. É um momento único entre mãe e filho, é a partir dessa relação que os afetos são construídos e a criança é valorizada.

4) Perguntamos aos pais o que eles haviam lido sobre a importância da afetividade entre pais e filhos.

Os questionamentos respondidos pelos pais estão descritos abaixo:

“Já ouvi, ler não li. Acho muito importante a relação de afetividade entre pais e filhos. Eu tento dar o meu melhor como mãe e procuro conversar muito com os meus filhos, principalmente com a minha filha”. Mãe 2.

“Nunca li nada a respeito, mas já ouvi. Acho importantíssima a relação de afetividade entre pais e filhos.” Mãe 3.

“Sim. Achei interessante quando o texto relatava que a afetividade entre pais e filhos é um processo, tinha muita coisa interessante, mas não lembro agora. Só sei que é essencial que existem afetos entre pais e filhos, se não a coisa não dá certo”. Mãe 1. Escola particular.

“sim, é uma leitura agradável que nos traz muitos ensinamentos”. Mãe 5. Escola particular.

Como elucidado todas as mães da escola particular já leram sobre a importância da afetividade entre pais e filhos, e conforme seus relatos cresceram muito como mães, foram leituras que as levaram a uma reflexão sobre a afetividade na relação pais e filhos. Aprenderam muito com o que leram. Isto é maravilhoso, se todos os pais fizessem o mesmo teríamos famílias mais ajustadas com filhos melhores.

Na escola pública nenhum pai leu a respeito da importância da afetividade entre pais e filhos, mas já ouviram falar e tentam dar o seu melhor como pai para fortalecer os laços familiares hoje tão deturpados e sem valor. Cada pai e mãe devem investir tempo de qualidade com filhos.

5) Foi pedido aos pais entrevistados se naquele exato momento poderiam descrever sobre momentos da sua infância em que seus pais lhe deram carinho, o que você recorda, e se foi bom. Os pais responderam:

“Recordo-me muito da minha infância, os meus pais tinham um cuidado muito grande comigo, sempre me protegiam dos meninos maiores, foram atenciosos e carinhosos, foram momentos bons”. Pai 1.

“Os meus pais sempre foram ótimos, carinhosos, atenciosos, e ainda hoje são. Tenho ótimas lembranças da minha infância, recordações muito boas”. Mãe 2.

“Que pergunta linda, só em você ler para mim já me emociona, pois tenho recordações maravilhosas de meus pais, todas as noites antes de dormir eles eram muito amorosos, carinhosos e atenciosos, ótimas recordações, parece que estou vivenciando isso agora mesmo, está tudo no meu pensamento” Mãe 1. Escola particular.

“Lembro que a minha mãe sempre agia e tem agido com muita paciência e com uma palavra de ensino, orientação para fazer as coisas corretas, isso tudo frente ao nosso comportamento quando criança. Só não foi melhor a relação de carinho e de amor porque sempre trabalhei desde pequeno, muito cedo”. Pai 2. Escola particular.

Foi visto que a pesquisadora propiciou um momento de reflexão para os entrevistados, pode-se ver o quanto eles pararam, refletiram e recordaram cada momento vivido quando criança na companhia dos pais. Observou-se que os pais foram muito sinceros em seus relatos.

Percebemos na fala dos pais que tiveram uma infância boa e agradável, todos colocaram que tiveram acompanhamento dos pais. Recordar a infância é trazer para o presente, pensamentos agradáveis. Entendemos que esta pergunta foi boa para os pais entrevistados, relembrar sua infância foi fazer uma viagem ao passado.

O interessante que os pais tanto da escola pública quanto da particular receberam atenção e carinho dos seus pais, não há diferença de classe social e econômica, entende-se que afeto, amor e carinho, estão em quem tem para dar, independentemente da situação sócio-econômica.

6) Perguntamos aos pais entrevistados se era difícil para eles tomarem a iniciativa do afeto, e por quê?

Temos nas falas dos pais as respostas pontuadas abaixo:

“Não. Porque para mim é fácil, não tenho problemas enquanto a isto. Converso muito com a minha filha adolescente e o meu filho de cinco anos. Mostro o afeto para eles conversando, me preocupando com eles, procurando saber como eles estão e o que está se passando. “Dou muito atenção aos meus filhos, e sempre estou perto quando vejo que eles precisam de mim” Pai A1.

“Não. Não é difícil, pois, sou uma mãe bastante presente, faço com os meus filhos o que os meus pais faziam comigo, sempre me deram atenção, e, se hoje sou uma mãe dedicada aos meus filhos devo aos meus pais, muitos falam que os pais são exemplos para os filhos, e é verdade, eu sou exemplo disso, via os meus pais conversarem sobre nós filhos, chamavam a gente para participar, tento fazer isso com os meus filhos. Vejo lá onde eu moro pais irresponsáveis, não se preocupam com os filhos, não dão carinho,

atenção e amor, vão ser filhos criados sem afeto e estes serão adolescentes problemas, foram criados soltos sem pai e sem mãe”. Mãe 3.

“É difícil, não conseguimos agir naturalmente em nossa casa com afeto, tenho uma filha de 15 anos e outra de 5, não existe uma relação de afetividade. Não é uma coisa natural a questão dos afetos lá em casa”. Mãe 5.

“Não. Pois cresci em uma família onde todos eram afetivos uns com os outros e eu sou assim em minha casa com o meu filho. Sempre houve iniciativas de afetos”. Mãe 3. Escola particular.

Os relatos acima nos mostram que não é difícil tomar iniciativa em relação aos afetos, todos os pais da escola particular se posicionaram dando sua resposta da melhor forma possível.

Como foi visto nos relatos dos pais da escola pública entrevistados, que a questão dos afetos é algo natural no lar de cada um. Que para eles é muito fácil tomar a iniciativa em relação à afetividade.

Vemos que apenas uma mãe disse não existir afeto em seu lar, que é muito difícil lidar com a questão dos afetos. Não aprofundamos mais na entrevista porque para nós o principal objetivo era saber como estava a questão dos afetos nas famílias, mas sentimos muito pelo que a mãe entrevistada nos falou, pois observamos em sua fisionomia que não estava bem, que a família não estava bem.

7) Dando continuidade a entrevista, perguntamos aos pais entrevistados se o afeto ou a ausência de afeto pode interferir na aprendizagem de uma criança, foi perguntado também se já leram, ou lhe disseram algo sobre o assunto.

Suas respostas foram:

“Em minha opinião a falta de afeto prejudica muito a criança no aprendizado. A criança que recebe afeto aprende melhor, se sai muito bem nos estudos. O meu filho gosta muito do colégio, não quer faltar um dia. Se não fosse uma escola afetiva, com certeza ele preferia ficar em casa. Eu nunca li a respeito desse assunto, mais ouvi um doutor falar da importância da afetividade na aprendizagem dos alunos no programa hoje em dia”. Pai 1.

“A falta de afeto atrapalha muito os estudos da criança. Quando ela recebe afeto aprende com mais facilidade. Nunca li a respeito do assunto, mas já ouvi na televisão, que a afetividade é muito importante para a criança aprender” Mãe 3.

“Sim já li que com afeto a criança se sente mais segura para expressar seus conhecimentos”. Mãe EP

“Sim, com afeto tudo é possível até a aprendizagem acontece melhor. Já li sobre o assunto e é verdade o que falei anteriormente”. Mãe EP.

Realmente com afeto tudo é possível, as crianças aprendem melhor, se posicionam, se expressa sem medo, opinam, tudo isto tem relação com a afetividade. Os pais se colocaram muito bem e sabem que com o afeto a aprendizagem é mais eficaz.

Nas respostas dos pais da escola pública sobre o questionamento feito em relação à afetividade ou ausência dela no aprendizado, todos os pais falaram da importância dos afetos na aprendizagem das crianças.

Relataram ainda que a criança que não recebe afeto tem muitas dificuldades para aprender.

8) Fizemos outra pergunta relacionada à aprendizagem significativa. Na ocasião perguntamos se já haviam ouvido falar sobre aprendizagem significativa e como a definiriam.

Suas respostas foram:

“Não. Não sei o que é aprendizagem significativa, mas vou dizer o que penso sobre isso: A gente escuta muitas pessoas dizerem que as crianças já chegam à escola sabendo de alguma coisa, eu concordo com eles, eu vejo isso como sendo aprendizagem significativa, mas vejo também que muitas crianças aprendem coisas negativas e levam para escola também”. Pai 1.

“Não. Mas quero que você me explique. Com a sua explicação eu entendi. O meu filho não sabia de nada sobre estudo, ele veio aprender na escola. Mas tenho certeza que muitas outras coisas ele aprendeu aqui em casa, o respeito ao outro, não bater no colega, embora eu bata nele, pois é muito danado”. Mãe 2.

“É a forma de aprender, entendendo que um novo conhecimento é admitido conforme prévia disposição conceitual válida dentro do seu campo de conhecimento. É utilizar um domínio de conhecimento da criança, ou seja, algo que ela já sabe e é reforçado na escola junto aos professores”. Mãe 1 EP.

“Não, nunca li a respeito, não sei o que é aprendizagem significativa”. Mãe 5. Escola particular.

Como vimos à maioria dos pais da escola particular não sabem o que é aprendizagem significativa, só uma mãe falou sobre o assunto porque leu em um artigo e achou interessante. Sabe-se que hoje em dia a aprendizagem significativa é relevante no ensino/aprendizagem.

Pelas respostas dos pais entrevistados na escola pública, vimos que não sabem muito a respeito da aprendizagem significativa, e sendo assim não souberam dar uma definição para este termo.

Foi visto também várias suposições enquanto ao termo usado na pergunta, entretanto foi observado o interesse de uma mãe em querer saber mais informações sobre as duas palavras, aprendizagem significativa.

9) Foi feita outra pergunta bastante significativa em relação à importância do vínculo de afeto entre professores e alunos, se esta relação interferia na aprendizagem.

Os pais deram as seguintes respostas:

“Acho fundamental, é importantíssimo este vínculo de afeto entre professor e aluno. Para mim não interfere no aprendizado, muito pelo contrário, só ajuda à criança a aprender mais ainda, quando não há afeto a criança não quer estudar e nem ir para escola”. Pai 1.

“É importantíssimo, quanto mais afeto na relação professor e aluno, melhor é o aprendizado. Para mim não interfere nem um pouco nos estudos da criança”. Mãe 2.

“Só faz com que a criança aprenda cada vez mais rápido. Quando damos atenção e amor a criança ela retribui, se não tratamos ela com afeto se isola e não aprende”. Mãe 5. “Acredito que sim” Mãe 1. Escola particular.

“Sem sobra de dúvidas, para que haja aprendizagem tem que haver comunicação, quanto mais claro for à linguagem do professor melhor o aluno aprende. Às vezes o professor domina muito o conteúdo de suas disciplinas, mas se ele não souber “vender o produto” e cativar os alunos, manter a atenção deles no foco da aula terá bom resultado e consegue transmitir seus conhecimentos e as crianças aprendem”. Pai 2.

Foi visto nos relatos dos pais que o vínculo afetivo não interfere na aprendizagem, mas sim um suporte a mais na aprendizagem das crianças.

Acreditamos que tudo deve ser dosado, porém em relação ao vínculo de afeto entre professores e alunos também, sem titubear sabe-se da relevância da afetividade na aprendizagem significativa.

Foi visto nas colocações dos pais entrevistados que todos acham importante o vínculo afetivo entre professores e alunos. Acreditamos que o vínculo afetivo é um fator positivo na aprendizagem, mas não só ele, os pais têm um papel fundamental, acompanhar e dar atenção aos filhos no que for necessário.

10) Finalmente foi feita uma última pergunta aos pais entrevistados. Perguntamos por que com tantos recursos e tecnologia continuamos com tantas crianças com

dificuldades de aprendizagem; perguntamos ainda o que estaria acontecendo com as relações humanas no século XXI.

Vejamos os relatos dos pais abaixo:

“As crianças tem muitas dificuldades de aprendizagem devido à má alimentação, às vezes não tem o que comer em casa, vão a escola para se alimentar. A falta de acompanhamento dos pais, os pais precisam acompanhar os filhos, saber se fizeram as atividades e se estão com dúvidas. Vejo as relações humanas no século XXI como uma geração perdida, a televisão não oferecer nada de útil aos nossos filhos, só ensina o que não prestam adolescentes desrespeitando os pais na malhação, casais traindo nas novelas, pessoas se comunicando a distância, não há compreensão entre as pessoas, vejo um mundo perdido”. Pai 1.

“Falta interesse dos pais em ensinar as crianças em casa, só esperam pela escola. Se os pais dessem atenção aos filhos eles não tinham dificuldades de aprendizagem, os filhos dos ricos tem um professor particular, os pais não tem paciência para ensinar os filhos, os pobres também faltam paciência, tempo eles têm e até demais, mas não querem acompanhar os filhos, por isso é que estão com tanta dificuldade de aprendizagem. As relações humanas no século XXI estão muito difíceis, devido à falta de diálogo entre as pessoas, o uso do álcool, os adolescentes usando drogas, as garotas sendo mães cada vez mais cedo. Está tudo diferente de antigamente” Mãe 2.

“São muitas questões que se aplicam para os supostos entraves na relação de aprendizagem das crianças na atual conjectura do século XXI. Podemos citar principalmente a falta de tempo dos pais com a educação dos filhos, falta uma maior dedicação, companheirismo, estar perto, conhecer de fato o mundo dessa criança, sua rotina, com quem convivem, seus amigos, anseios, tá faltando tudo isto e assim caminha a humanidade”. Mãe 1. Escola particular.

“Creio que a tecnologia quando bem explorada agiliza a aprendizagem, mas cuidado é preciso, vemos as crianças copiando tudo do computador e assim a aprendizagem fica prejudicada. Creio que a dificuldade de aprendizagem nesse século é devido à falta de tempo dos pais, não é justificativa, mas os pais parecem dedicar-se mais em outras coisas do que nos filhos” Pai 2. Escola particular.

Os pais colocam que as dificuldades de aprendizagens estão relacionadas à falta de tempo dos próprios pais; as crianças precisando de atenção, de acompanhamento e não encontram.

É pertinente o que os pais relataram, mas é necessário conciliar o tempo, as crianças precisam de acompanhamento diário, só assim terão uma boa aprendizagem sentem-se bem por ter alguém que se preocupa com elas.

Esta pergunta foi a que os pais mais falaram da escola pública, expressaram o que realmente estavam sentindo. Nota-se na fala de todos que as dificuldades de aprendizagem estão cada vez mais presentes nas famílias devido à falta de acompanhamento dos pais,

falta de incentivo e cobrança. As crianças precisam saber que existe hora para tudo e os pais devem sustentar sua fala, mesmo trabalhando fora, as crianças precisam entender que é necessário se organizar para aprender.

Outro ponto que merece destaque foi sobre as relações humanas no século XXI, cada pai entrevistado deu a sua opinião sobre a crise que a humanidade vem sofrendo.

Eles estão certos quando pontuam vários problemas e acham que não há solução. Estamos vivendo um momento crítico no que se refere às relações humanas no século XXI, no entanto devemos acreditar que muita coisa pode mudar, se nós formos humanos fizermos o que é certo e ajudar a melhorar a situação que nos encontramos atualmente.

A cada geração há novas mudanças, é necessário adequarmos a estas mudanças, contribuindo com o que há de melhor em cada um de nós, se cada um fizer e der o seu melhor, tudo será mais fácil.

Finalizamos este último assunto da dissertação, colocando que as falas dos pais da escola pública e da escola particular se complementam, fica visível que os pais da escola pública não são de ler, mas parecem estar informados sobre os diversos assuntos abordados nas entrevistas feitas.

Cabe à pesquisadora agradecer a todos que participaram desse processo tão importante para o trabalho em questão e dizer que a afetividade muda a vida das pessoas. Sem carinho, sem atenção e sem afetos as relações humanas ficam cada vez mais prejudicadas.

CONCLUSÕES

É pertinente iniciar estas considerações finais sobre este trabalho, destacando que desde a escolha em ser educadora formal, sempre houve da minha parte a preocupação com a aprendizagem dos alunos, e mais ainda com a questão dos afetos.

Por isso sempre ir a campo para colher mais informações sobre estas pessoas que fazem a prática do nosso trabalho, em sala de aula, nas pesquisas realizadas, trabalhos mais específicos, minuciosos porque há relatos verdadeiros de vários sujeitos que pensam, agem e tem sentimentos é extremamente importante, pois a experiência *“in loco”* confirma os estudos científicos sobre a importância da afetividade na construção da aprendizagem infantil.

Durante toda a minha trajetória acadêmica, a questão dos afetos e a aprendizagem significativa me inquietaram, e leva-me a pensar o que poderíamos fazer por estas crianças em nossas escolas, o que poderíamos fazer para despertá-las para a aprendizagem significativa e afetiva, pois sabemos que uma educação sem afeto não tem o mesmo “brilho”, o mesmo “prazer”; a afetividade faz toda a diferença na vida das pessoas, principalmente quando ela se inicia ainda no berço familiar.

Ser pai ou mãe, ter uma família; desejo que é próprio do ser humano. Quase todos esperam em seus lares a chegada de um filho, sonham, projetam, contudo é preciso entender que criar filhos e educar requer atenção dos pais e responsáveis.

É preciso entender que o mundo globalizado alterou os planos de muitas pessoas. O trabalho diário exige cada vez mais dos seres humanos, principalmente dos pais, e sendo assim o sonho de se tornar mãe e pai mudou nos dias atuais. É comum ouvir muitas mulheres dizer que primeiro farão uma faculdade, depois a independência financeira e, por último, ser mãe.

Uma realidade bem diferente de nossas periferias, muitas crianças e muitas mães esperando um bebê, vive em uma situação de pobreza que só cresce no país como o Brasil, tudo isto se chama desigualdade social.

Pudemos observar de perto entre as famílias entrevistadas, mas algo nos chamou atenção, com tudo isto os afetos são praticados entre muitas famílias, outras demonstram ter dificuldade com relação à prática dos afetos.

As relações afetivas entre os pares é algo muito significativo a se preocupar, a afetividade é algo maravilhoso, que faz ou deve fazer parte da vida das pessoas, e não há amor maior entre os seres humanos que o amor pelos filhos.

Na minha trajetória como professora nos Cursos de Pedagogia e Pós-Graduação atuando na Psicopedagogia Clínica, sempre fui convicta pelo embasamento científico e vivência prática. A esperança de que as dificuldades de aprendizagem podem ser minimizadas pelo reconhecimento das potencialidades, habilidades, competências e atitudes de cada ser humano. Esse reconhecimento está embasado no olhar, na escuta, no acreditar que são componentes essenciais do afeto em educação desde a Educação Infantil, em parceria escola e família com objetivo do desenvolvimento infantil, único e singular de cada criança.

Entretanto, apesar de todas as dificuldades pontuadas neste trabalho, a Educação Infantil no Brasil teve, em termos de afetos, um grande avanço, entre professores, pais e crianças. Porém ainda é necessário que se faça mais, todos juntos poderemos fazer a diferença.

A Educação Infantil é a base de todas as aprendizagens, é preciso mais investimentos nesta modalidade de ensino no Brasil. As creches melhoraram, mas faltam recursos materiais e humanos.

Torna-se precisa a questão dos princípios que norteiam uma vida digna junto ao grupo social e familiar, só assim teremos pessoas melhores e que farão desse mundo, um mundo melhor, sendo que, estes princípios e valores são repassados pela família, a primeira base de aprendizagem social e moral da criança.

Considerando os assuntos abordados e comentados nesta dissertação de mestrado, não posso afirmar que a aprendizagem significativa e as questões dos afetos estão excelentes entre as crianças, e os sujeitos envolvidos nesta pesquisa. Pelo que observamos, podemos afirmar que melhorou muito, mas ainda é preciso mais empenho, dedicação e compromisso de todos para uma educação de qualidade, onde o afetivo também seja discutido no meio educacional.

Na fala dos entrevistados pode-se ver que sentem falta de temas que abordem os afetos entre a comunidade escolar e familiar, a preocupação está mesmo com o conteúdo aprendido pelas crianças, os resultados, a premiação, entre outros incentivos do governo,

mas trabalhar com os pais e escola a temática da afetividade ainda é uma realidade distante.

A criança não está preparada psicologicamente para desenvolver as funções cognitivas como a escola realmente quer. Percebo que a criança na fase escolar infantil não está tendo a devida atenção. Atenção esta que merece ser vista pelos educadores e pela escola. Os pais ficam a mercê da instituição, acreditando no que ela lhes propõe, querendo que seus filhos sejam os melhores e para isto exigem muito mais do que podem e devem responder não valorizando as fases do desenvolvimento infantil que é de fundamental importância para sua saúde física e emocional.

É do conhecimento de todos que estão acompanhando a educação em nosso país (Brasil), que o processo de aprendizagem e suas interações com o ensino, têm sido analisados e estudados por muitos pesquisadores que acreditam em uma aprendizagem significativa para que assim possa fazer a diferença na vida do estudante. Todos os pesquisadores e teóricos científicos estão olhando para o processo aprendizagem/ensino/afetividade/família com um olhar que apontam para o mesmo ponto: as interações sociais que envolvem o aprendizado dos alunos.

Sabe-se que para aprender é preciso um investimento pessoal do aluno, mas também é necessário saber o contexto que este aluno vive, seja o da escola e principalmente o familiar.

Atualmente é muito discutida a relação familiar, mas pouco é feito para amenizar as situações desfavoráveis em que se encontram muito das crianças neste contexto social.

O que posso dizer sobre este final de trabalho, principalmente aos pais, educadores e as próprias crianças que trabalhei no decorrer desta produção, e acrescentar que a afetividade não se escolhe pela cor, etnia, condições sócio-econômicas, mas através do olhar, compreensão, entendendo que cada ser humano é especial, que os pais, os educadores e as crianças pratiquem sempre o afeto uns com os outros. O afeto é um sentimento que todo o ser racional deve passar adiante, até entre os animais irracionais existe afeto.

Coll (2004) fala que o mais importante é que as crianças tenham uma boa história de apego e uma adequada rede de relações sociais em que não falem os amigos, os pais e os professores.

O equilíbrio afetivo é fundamental para que ocorra a aprendizagem significativa. A criança precisa estar bem emocionalmente para aprender.

Charbonneau (1980, p. 2) comenta que a educação da criança parte da sua herança genética para estender-se até a que irá transmitir aos seus filhos. Destaca que para além do tempo, através do afeto e nele a criança se desenvolve e se transforma num adulto amadurecido e apto para a felicidade, ou - como uma flor mal cultivada e mal cuidada - murcha, transformando-se em um adulto neurótico (na hipótese mais suave!) que alimenta a sua própria infelicidade e se condena, bem como aos seus, a uma vida sem alegria.

O processo de desenvolvimento infantil se inicia na família, no meio cultural, nas vivências diárias. É na família que se determina até que ponto a criança será feliz, segura e estável. É neste sentido amplo da palavra que é dito que o desenvolvimento infantil é de natureza biológica e cultural.

Trabalhar com a afetividade no contexto familiar e escolar é uma tarefa que requer do pesquisador sensibilidade, confiança e acima de tudo prazer em dedicar tempo a outros seres humanos tão dispostos a contribuir.

Espero ter contribuído de alguma forma a levar os leitores a uma reflexão, mudança com relação à prática da afetividade no contexto escolar, social e familiar.

Considero este trabalho relevante no que diz respeito à educação dos afetos, pois foi visto de perto como as nossas crianças se encontram em relação à afetividade. Verificamos que não importa a condição sócio-econômica de suas famílias, há carinho, atenção, cuidado familiar nos lares das crianças entrevistadas, mas é pertinente destacar neste trabalho que toda a criança merece o melhor.

Acrescento que é importante relatar que o número de crianças que participaram desta pesquisa foram poucas se compararmos a um número tão alto de crianças que frequentam a creche e pré-escola em nosso município (Sobral), com certeza se ouvíssemos todas, talvez os resultados fossem bem diferentes, mas estamos confiantes de que a afetividade a cada dia que passa possa ser efetivada na família, escola e sociedade.

Acredito ainda que esta discussão, mesmo que parcial, é instigante, falar sobre aprendizagem significativa, afetividade, educação infantil, nunca é o bastante, sempre há algo mais a ser analisado, ser pesquisado, no entanto o que se buscou neste trabalho foi entender como a aprendizagem significativa acontece na Educação Infantil e como a afetividade impulsiona esta criança a aprender.

Este trabalho nos leva a uma melhor e maior compreensão sobre a Educação Infantil ligada às questões dos sentimentos, sentimentos estes tão presentes na vida da criança, na escola e na família.

Portanto, ao finalizarmos esta dissertação de mestrado, fica registrado que a afetividade deve ser praticada, que a criança precisa ser amada para poder amar os outros. Os educadores precisam ter uma nova concepção de ensinar e ao mesmo tempo saber lidar com as questões dos afetos tão pontuadas neste trabalho.

Que esta caminhada não possa ser encerrada aqui, mas possamos entender cada expressão de sentimento repassado pelas crianças no decorrer da nossa caminhada, para que assim possamos entender que a Educação Infantil atual é um processo em transformação, que precisa da nossa participação nos debates e conferências.

Posso afirmar que alcancei algumas respostas para as minhas inquietações sobre afetividade na Educação Infantil, familiar e a importância da aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOWICZ, Anete & WAJSKOP, Gisela. (1999). **Educação infantil: creches atividades para crianças de zero a seis anos**. São Paulo. Artes Médicas Sul.
- ALMEIDA, Ana Rita Silva. (1999). **A emoção na sala de aula**. São Paulo. Papirus.
- ALVES, Alda Judith. (1991). **O planejamento de pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo. Caderno de Pesquisa.
- ANTUNES, Celso. (1999). **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 3 ed. Petrópolis: Vozes,
- ANTUNES, Celso. (2001). **A construção do afeto** - como estimular as múltiplas inteligências de seus filhos. São Paulo. Ed. Augustus.
- ANTUNES, Celso. (2005). **Aprendendo o que jamais se ensina**. Fortaleza: Edições livros técnicos.
- ARIÉS, Philippe. (1981). **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro. Ed. du Seull.
- AUSBEL, David Paul (2008). **Aprendizagem significativa**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.
- AUSUBEL, David Paul; NOVAK, J.D. and HANESIAN, H. (1978). **Educational psychology: a cognitive view**. 2nd. ed. New York, Holt Rinehart and Winston.
- AUSUBEL, David Paul. (1963). **The psychology of meaningful verbal learning**. New York, Grune and Stratton.
- BARDIN, L. (2004). **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70.
- BARRETO, Ângela M. R. (1998) **Situação atual da educação infantil no Brasil**. In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Subsídios para o credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil. V. 2. Coordenação Gera de educação infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI.
- BOBBIO, Norberto. (1992). **A era dos direitos**. Rio de Janeiro. Campus.
- BOCK, Ana Mercês Bahia org. (2007). **Uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo. Saraiva.
- BRANDÃO, Israel R (2012). **Afetividade e transformação social**. Sobral – Ce. Edições universitárias.

BRONFENBRENNER, Morris. (1998). **The ecology of developmental processes**. In: W. Damon (Series Ed.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.). Handbook of child psychology: v. 1. Theoretical models of human development, ed. 5. New York, John Wiley.

BRONFENBRENNER, U.; EVANS, G. (2000). **Developmental science in the 21st century: Emerging** questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*.

BRONFENBRENNER, Urie. (1970). **Dois mundos da Infância**. (Two Worlds of Childhood). New York.

BRONFENBRENNER, Urie. (1996). **A Ecologia do Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre - RS. Artmed.

BRUNER. J. (1971). **O processo da educação**. Trad. Lólio L. de Oliveira. 2. ed. São Paulo – SP. Nacional.

BRUNER. J. (2007). **Acción, pensamiento y lenguaje**. Madrid. Alianza Privilegio, Madrid.

BRUNER. J. (2008). **La disponibilidad para aprender-Desarrollo cognitivo e educación**. Ediciones Morato, Madrid.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza (2007). **Psicologia da aprendizagem**. Ed. 36ª. Petrópolis-RJ. Vozes.

CAPELATTO, Ivan R. (2008). **Diálogos sobre a Afetividade - O nosso lugar de Cuidar** – Campinas-SP. Ed. PAPIRUS.

COLL, César et. al. (2004). **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. 2.ed. Porto Alegre. Artmed.

CHAPMAN, Gary; CAMPBELL, Ross. (1999). **As cinco linguagens do amor das crianças**. São Paulo. Mundo Cristão.

CHAPMAN, Gary; CAMPBELL, Ross. (2002). **As Cinco Linguagens do Amor Contadas as Crianças**. Thomas Nelson.

CHARBONNEAU. (1980). **Adolescência e liberdade**. São Paulo. E.P.U.

CHIZZOTTI, Antônio. (1991). **Pesquisa Em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo. Cortez.

COX, Maureen. (2010). **Desenho da criança**. São Paulo. Ed. Martins Fonte.

CUNHA, Eugênio. (2008). **Afeto e Aprendizagem: relação de Amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro. Wak.

DAMON, W. LERNER, R. M. (1998). **Handbook of child psychology, Vol. 1: Theoretical models of human development**. New York.

DESLANDES, Suely Ferreira. (2009). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Cecília de Sousa Minayo (org.). 28. Petrópolis – RJ. Vozes.

DIDONET, Vital. (2001). **Creche: a que veio, para onde vai**. In: **Educação Infantil: a creche, um bom começo**. Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. v 18, n. 73. Brasília. Ed. INEP/MEC.

FARIA, ANA Goulart de & PALHARES, Marina Silveira (1999). **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. São Paulo. Campinas.

FARIA, Ana Goulart de & MELLO, Suely Amaral (2005) **Linguagens Infantis - Outras Formas de Leitura**. Campinas-SP. Autores Associados.

FONSECA. João Pedro da. (1999). (et. al) **Estrutura e funcionamento da educação básica – leituras**. São Paulo. Pioneira Thomson Learning.

FONSECA. João Pedro da (1987). **A pré-escola no projeto de constituição** (Cabral II). Rev. Fac. Educ., vol.13, no. 2, p.73-84. ISSN 0102-2555.

FONSECA. João Pedro da (1978). **Educar, assistir, recrear: um estudo de objetivos da pré-escola**. Faculdade de Educação da USP, Dissertação de Mestrado, (publicada em 1081, na coleção “Estudos e Documentos” v. 19, da FEUSP). São Paulo.

GALVÃO, Izabel, (1996). **A Questão do Movimento no cotidiano de uma pré-escola**. São Paulo. Cadernos de Pesquisa.

GALVÃO, Izabel. (1995). **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis-RJ. Ed. Vozes.

GARCIA, Regina Leite (1993). **Revisitando a pré-escola**. São Paulo – SP. Cortez

GOMIDE, Paula I. C(2007). **Pais presentes pais ausentes: Regras e Limites**. Rio de Janeiro. Vozes.

GUTHRIE. M. (1948). **The classification of the Bantu**. Dawson of Pall Mall.London.

HADDAD, Lenira. (1997). **A ecologia do atendimento infantil: construindo um modelo de sistema unificado de cuidado e educação**. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação - USP. São Paulo.

HILGARD, Ernest R. (1966). **Teorias da Aprendizagem**. São Paulo. Ed. Herder.

HULL, C. L. (1943). Principles of behavior. New York. Appleton Century Crofts.

KISHIMOTO, Tizuko M. (2002). M.Bruner e a Brincadeira.In: **O Brincar e suas Teorias**. Pioneira Thomson Learning. (ORG.) São Paulo:Cortez.

KISHIMOTO, Tizuko M (1997). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**.(ORG). São Paulo: Cortez.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. (2001). **Sociologia Geral**. São Paulo. Atlas.

LARROSA, Jorge. (2004). **Psicologia e Educação: o significado do aprender**. Porto Alegre. Edipucrs.

LEARNIG,Pioneira Thomson (et al.), (1999). **Estrutura e funcionamento da educação básica**. São Paulo. Cortez.

LÉVI-STRAUSS, C. (1982). **As estruturas elementares do parentesco**. 3ª. Edição. Petrópolis: Vozes IN: MARTINS, Paulo Henrique. (2008). De Lévi-Strauss a M.A.U.S.S. (Movimento Anti Utilitarista nas Ciências Sociais): Itinerários do Dom. Revista Brasileira de Ciências Sociais.

MACEDO, Lino. (1994). **Ensaio Construtivistas**. 3. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MATURANA, Romicim Humberto & VERDEN ZÖLLER. (2004). **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. São Paulo. Palas Athena Editora.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (2009). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. Petrópolis-RJ. Vozes.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (2010). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12 ed.. São Paulo. Hucite.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (1998). Secretaria de educação fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília-DF.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2008) Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para educação infantil** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília-DF.

MONTSERRAT, Moreno (1999). **Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal na escola**. São Paulo: Moderna.

MORALES, Pedro. (2003). **A relação professor aluno: o que é, como se faz**. São Paulo. Loyola.

MOREIRA, Marco A. (1999). A Teoria de Ausubel. In: **Aprendizagem Significativa**. Brasília. UnB.

MOREIRA, Marco A.e ELCI, F. Salzano Masine (1982). **Aprendizagem significativa – teoria de David Ausubel**. São Paulo. Moraes.

MOREIRA, Roberto. (1999). (et. al.), **Estrutura e funcionamento da educação básica**. São Paulo. Cortez.

MORIN, Edgar (2002) **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo. Cortez

MOSS, Peter. **Para além do problema com qualidade**. In: MACHADO, Maria Lúcia de A. (2002). Encontros e desencontros em educação infantil. São Paulo. Cortez.

MUSSEN, Paul; CONGER, John; KAGAN, Jerome. (1977) **Desenvolvimento e Personalidade da criança**. São Paulo. Harbra.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima e SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. (2008). **Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos**. Fortaleza. Liber livro.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (1998). **O trabalho do antropólogo**. São Paulo. Unesp.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes (et. al.), (1992). **Creches: crianças faz de conta e Cia**– Petrópolis-RJ. Vozes.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes. (2000) (org.). **Educação infantil: muitos olhares**. 4ª. ed. São Paulo: Cortez.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes. (2008). **Educação infantil: muitos olhares** (org.) – 8ª ed. São Paulo. Cortez.

SOUSA, C. de Óscar (2008). **Do colo à construção da cidadania: por uma escola acolhedora**. Revista Lusófona de Educação, 2008,11, 105-112.

PALHARES, Marina Silveira & FARIA, Ana Goulart de & (1999). **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. São Paulo. Ed. Campinas.

PAROLIN, Isabel. (2010). **Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem**. 2. ed. São José dos Campos-SP. Pulso.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado & MACHADO, Maria Cristina Gomes. (2009) **A História da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional**. Campinas, n.33, p.7886, mar. Revista Histerdbr Online.

PIAGET, Jean. (1976). **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar.

PIAGET, Jean. (1971). **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro. Zahar.

PIAGET, Jean. (1974). **Educar para o Futuro**. Trad. Rui B. Dias. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

QUINTANA, Mário. (2006). **Livro caderno h..** São Paulo. 2ª. edição. Globo.

SALTINI, Cláudio J. P. (1997). **Afetividade & Inteligência**. Rio de Janeiro. DPA.

SAMPAIO, D. M. (2004). **A pedagogia do ser: educação dos sentimentos e dos valores humanos**. Petrópolis-RJ.:Vozes.

SKINNER, B. F. (1953). **Science and Human Behavior**. New York.

SOUSA, Ana Maria Costa de. (1996). **Educação infantil: uma proposta de gestão municipal**. Campina, SP. Papyrus.

TIBA, Içame. (1996). **Disciplina na Medida certa**. 69ª ed. São Paulo: Gente.

VIGOTSKI, L. S L; URIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. (1991). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo, Cone.

VIGOTSKI, L. S. (1984). **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI, L. S.. (1993). **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.

VISCA, Jorge (2008), **Técnicas projetivas psicopedagógicas e pautas gráficas para sua interpretação**. Buenos Aires: Ag. Serv. G.

- VISCA, Jorge (1995), **Técnicas projetivas psicopedagógicas**. Buenos Aires. Ag. Serv. G.
- WADSWORTH, R. S. & Marquis, Donald (1996) **Psicologia**. São Paulo: Nacional.
- WADSWORTH. J. Barry. (1996). **Inteligência e Afetividade da criança na teoria de Piaget**. 4 ed. São Paulo:Pioneira.
- WALLON, Henri. (1968). **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70.
- WALLON, Henri. (1975). **Psicologia da Educação e da Infância**. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa.
- WEBER, Lúcia (2005). **Eduque com carinho: para pais e filhos**. Curitiba. Juruá.
- WEISS, Maria Lúcia Lemme. (2004). **Psicopedagogia Clínica: Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro. DP&A.
- WINNICOTT, D.W. (1990). **Natureza Humana**. Rio de Janeiro. Imago.
- WINNICOTT, D.W. (1971). **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro. Zahar.
- WOODWORTH, R. S. & MARQUIS, Donald O. (1959). **Psicologia**. São Paulo. Nacional.
- ZAGURY, Tania. (2004). **Os Direitos dos Pais: construindo cidadãos em tempos de crise**. Rio de Janeiro. Record.
- ZAGURY, Tania. (2008). **Educar sem culpa: a gênese da ética-questões que afligem e reflexões que aliviam os pais modernos**. Rio de Janeiro. Record.
- ZAGURY, Tania. (2009). **O professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil**. Rio de Janeiro. Record.
- ZAGURY, Tania. (2012) **Limites sem trauma – construindo cidadãos**. Rio de Janeiro. Record.

APÊNDICES

Se o que lemos, estudamos e aprendemos não faz
de nós pessoas melhores, de que vale o
conhecimento adquirido? (Léa Barbosa de Sousa)

APÊNDICE I – ENTREVISTA COM OS PROFESSORES E GESTORES DAS DUAS ESCOLAS PESQUISADAS, PÚBLICA E PARTICULAR.

1. Conceitue a palavra afeto?
2. Para você qual a importância da afetividade na construção da aprendizagem significativa?
3. Comente a relação da aprendizagem significativa e afetividade?
4. Para você o que significa afetividade na relação educador/aluno?
5. Como você vê a atuação da escola em relação a afetividade?
6. Você se considera uma educadora afetiva? Por quê?
7. Qual o vínculo afetivo entre educador e aluno?
8. Você consegue distinguir a criança que recebe afeto da que não recebe?
9. Como você define a educação da afetividade no século XXI?
10. Como você vê a brincadeira na educação infantil e o desenvolvimento da aprendizagem?

APÊNDICE II - ENTREVISTA COM OS PAIS DAS DUAS ESCOLAS PESQUISADAS.

1. Quando você definiria que se inicia o vínculo de afeto entre pais e filhos?
2. Você crê que demonstrar afeto pelos filhos fragiliza a autoridade dos pais? Por quê?
3. Você acredita que um bebê percebe pela amamentação, pelo toque a aceitação ou a rejeição de quem cuida dele? Por quê?
4. O que você já leu sobre a importância da afetividade entre pais e filhos?
5. Se eu lhe pedisse nesse momento para escrever sobre momentos da sua infância em que seus pais lhe deram carinho? Do que você se recorda? Foi bom?
6. Para você é difícil tomar a iniciativa do afeto? Por quê?
7. O afeto ou a ausência de afeto pode interferir na aprendizagem de uma criança? O que já leu ou lhe disseram sobre o assunto?
8. Já ouviu falar sobre aprendizagem significativa? Como a definiria?
9. E a importância do vínculo de afeto entre professores e alunos interfere na aprendizagem?
10. Por que com tantos recursos e tecnologia continuamos com tantas crianças com dificuldades de aprendizagem? O que será que está acontecendo com as relações humanas no século XXI?

APÊNDICE III – DESENHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS DAS DUAS ESCOLAS PESQUISADAS

- 1- Par Educativo
- 2- Família Educativa
- 3- As minhas férias
- 4- O dia do aniversário
- 5- Fazendo o que mais gosta
- 6- Os quatro momentos do dia

APÊNDICE IV - TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu,.....autorizo a utilização dos dados fornecidos tanto em entrevistas , como em observação em outras fontes, para fins de pesquisa de campo com o tema: “Afetividade no Contexto Escolar da Educação Infantil: relevância para a aprendizagem significativa”. Por outro lado à pesquisadora Léa Barbosa de Sousa, estudante da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia – ULHT, sob a orientação da Dra. Maria Neves Gonçalves compromete-se a manter em sigilo os dados que possam identificar os sujeitos envolvidos evitando dessa forma, qualquer prejuízo que possa advir do uso dos mesmos, bem como, sua pesquisa não causará danos ao processo de ensino/aprendizagem proposto para o ano letivo de 2012/2013.⁶

⁶Os pais entrevistados, os gestores e os professores leram a carta de autorização das informações, mas perguntaram se poderia colaborar com a pesquisa sem utilização dos nomes. Sendo assim a carta está só como modelo nesta dissertação de mestrado.

APÊNDICE V - CARTAS DE APRESENTAÇÕES

APÊNDICE V.1- CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA DE DISSERTAÇÃO (COLÉGIO 1)

Instituto de Educação

Exmo(a) Senhor(a)
Diretor(a) do Colégio Ver Crescer , Rua
Clodoveu de Arruda, 575, Bairro
Domingos Olímpio, *Sobral* –Ceará
BRASIL

Maria Neves Gonçalves, Professora Associada da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, na qualidade de orientadora da Sra. Léa Barbosa de Sousa, RG 90001016542 SSP-CE e CPF 437.002.173-15, aluna regularmente matriculada no curso de Especialização, com Acesso ao Mestrado em Ciências da Educação, desta Universidade, venho solicitar a sua compreensão no sentido de receber a aluna supracitada, ao mesmo tempo assumir o compromisso de que a mesma fará um trabalho de pesquisa de campo fundamentada em princípios técnico-científicos, que possibilitem a construção da sua dissertação, cujo Título é: **Afetividade no Contexto Escolar da Educação Infantil: Relevância para a Aprendizagem Significativa.**

Toda a informação recolhida na Vossa instituição será anónima e exclusivamente destinada à elaboração desta dissertação.

Agradecendo desde já a solicitude possível, subscrevo-me atenciosamente,


UNIVERSIDADE LUSOFONA
DE
HUMANIDADES E TECNOLOGIAS
Prof.ª Doutora Maria Neves Gonçalves
Orientadora

APÊNDICE V.2 - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA DE DISSERTAÇÃO (COLÉGIO 2)

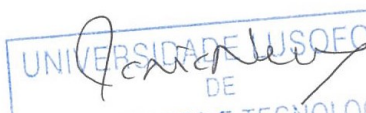
Instituto de Educação

Exmo(a) Senhor(a)
Diretor(a) do Colégio Netinha Castelo,
Avenida John Sanford, 757 - Junco,
Sobral-Ceará
BRASIL

Maria Neves Gonçalves, Professora Associada da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, na qualidade de orientadora da Sra. Léa Barbosa de Sousa, RG 90001016542 SSP-CE e CPF 437.002.173-15, aluna regularmente matriculada no curso de Especialização, com Acesso ao Mestrado em Ciências da Educação, desta Universidade, venho solicitar a sua compreensão no sentido de receber a aluna supracitada, ao mesmo tempo assumir o compromisso de que a mesma fará um trabalho de pesquisa de campo fundamentada em princípios técnico-científicos, que possibilitem a construção da sua dissertação, cujo Título é: **Afetividade no Contexto Escolar da Educação Infantil: Relevância para a Aprendizagem Significativa**.

Toda a informação recolhida na Vossa instituição será anónima e exclusivamente destinada à elaboração desta dissertação.

Agradecendo desde já a solicitude possível, subscrevo-me atenciosamente,


UNIVERSIDADE LUSÓFONA
DE
HUMANIDADES E TECNOLOGIAS
Profª Doutora Maria Neves Gonçalves
Orientadora

ANEXOS

“Os filhos não precisam de pais gigantes, mas de seres humanos que falem a sua linguagem e sejam capazes de penetrar-lhes o coração”. Augusto Cury (2003. p. 19).

ANEXO 1 - ENTREVISTAS DOS GESTORES DA ESCOLA PÚBLICA NETINHA CASTELO-SOBRAL-CEARÁ.

1- Conceitue a palavra afeto?

“É o acolhimento que sinto quando estou com as crianças, à maneira como elas se comportam com a gente”. Professora A1.

“Eu aprendi a praticar o afeto em sala de aula, a partir do afeto eu consegui avançar muito em relação à conquista em sala de aula. Através do afeto pude fazer muito em relação aos meus alunos. Uma coisa pude observar, quando abraçava e beijava os meus alunos eles não me respeitavam muito, a partir do momento que fui dosando as coisas eles melhoram muito. “É preciso saber a hora de abraçar e beijar, mostrar afeto não é só isso, é muito mais que isso”. Professora A2.

“O que define a palavra afeto é a atenção, quando você dar atenção a uma criança o resto acontece, vem o carinho, amor, tudo isto é consequência da atenção”. Coordenadora da Educação Infantil.

“A meu ver e entender é um tipo de relação cultivada, só vinga se for cultivada”. Vice-diretora da escola.

“Para mim é o cuidar, zelar, olhar, acompanhar de perto, ajudar sempre que for necessário”. Diretor da escola.

2- Para você qual a importância da afetividade na construção da aprendizagem significativa?

“Na conquista entre educador e criança, você consegue chegar à aprendizagem significativa, você dá tempo à criança, ela te responde coisas que você imaginava que ela não soubesse responder, para mim é aprendizagem significativa, ela aprendeu antes de chegar à escola”. Professora A1.

“O professor não ensina, mas abre caminhos para a criança aprender. A afetividade na aprendizagem significativa acontece a partir do momento que o professor dá sentido ao que ensina a criança. É uma troca de conhecimento, eu ensino o que já sei e a criança aprende o que não sabe”. Professora A2.

“Quando a gente faz o que gosta tudo acontece, assim também é com a aprendizagem significativa, se você gosta de estar com as crianças o que elas já sabem é importantíssimo valorizar”. Coordenadora.

“A afetividade entre pais e filhos mudam a forma de aprender, quando há afetividade há aprendizagem significativa, quando não há, a aprendizagem significativa perde o significado”. Vice-diretora.

“Super importante. Se dar bem com os meninos é o que mais valorizo como diretor. Quando você interage, procura entender os alunos você está abrindo portas para o relacionamento ser mais afetivo. Está contribuindo com a aprendizagem significativa”. Diretor.

3- Comente a relação da aprendizagem significativa e afetividade?

“Quando a criança está envolvida na sala de aula, ela consegue ter afetividade com os colegas e o professor, com isto, ela aprende mais e a questão dos afetos é bem melhor”. Professora A1.

“A partir do momento que eu valorizo o conhecimento do aluno, eu direciono o meu trabalho. As duas andam juntas, aprendizagem e afetividade, precisamos ter afeto para que cada criança aprenda com significado” Professora A2.

“Uma depende da outra, se eu tenho afeto por ele (aluno) vou respeitar o que ele já sabe a bagagem que ele tem e traz de casa, do seu meio social”. Coordenadora.

“Eu acredito que são duas vias de mão dupla, os pais que dão afeto, os filhos correspondem melhor ao que aprendem, sendo assim, a aprendizagem significativa acontece naturalmente. O afeto é importantíssimo na relação pais e filhos e a escola não ficam de fora”. Vice - diretora.

“As duas andam juntas”. Só afetividade não adianta, o aluno precisa entender e saber discernir o que é afetividade e o que é aprender a respeitar o professor. “Importante também ter domínio do conteúdo e da sala, não confundir os afetos dos direitos e deveres”. Diretor.

4- Para você o que significa afetividade na relação educador/aluno?

“A afetividade na relação professora/aluno acontece a partir do momento em que o professor tem contato com a criança e a criança tem contato com o professor. É preciso fazer com que ambos se aproximem e trabalhem o afeto, não é algo que acontece da noite para o dia, é na convivência diária que esta relação vai ser boa ou não”. Professora A1.

“É um fator importante na aprendizagem. Há alunos que não vão bem em determinada matéria, isto acontece por não se dá bem com o professor, por vários motivos, quando o professor conquista o aluno, tudo ocorre com sucesso, o aluno demonstra prazer em estudar e os dois, professor e aluno ficam bem. Hoje ainda existe professor que marca aluno e aluno que marca professor, eu não concordo com esta atitude, o certo é a conquista, indo por este caminho só temos a ganhar”. Professora A2.

“A ponte, só chego até ao aluno se ele chegar até a mim, me der abertura”. “Tem que haver um vínculo positivo entre ambos, este vínculo é construído a partir do momento que me encontro com o aluno”. Coordenadora.

“Enquanto professora, hoje não atuo mais, vejo que quando há afetividade na relação professor/aluno há aprendizagem com qualidade, quando não há esta relação de afeto entre professor e aluno a aprendizagem fica prejudicada, o aluno aprende menos”. Vice-diretora.

“Super importante esta afetividade. Precisamos cobrar mais do professor, dos funcionários da escola, mas primeiramente eu como diretor devo dar maior exemplo, saber mais sobre os meus alunos, se estão bem, como vai à aprendizagem, qual sugestões poderiam dar para melhorar o ensino, acima de tudo o respeito pelo aluno”. Diretor.

5- Como você vê a atuação da escola em relação à afetividade?

“Para mim a escola é a 2ª casa da criança, então ela precisa sentir-se acolhida pela escola como todo, quando me refiro ao todo, estou me referindo desde o porteiro que recebe as crianças todos os dias e seus familiares a serviços gerais que limpa o ambiente escolar. Para a criança sentir-se bem precisa ser bem cuidada por toda comunidade escolar não vejo acontecer essa aproximação dos funcionários da escola, cada um na sua”. Professora A1.

“A escola tem o poder de acolher ou não o aluno”. “Vai depender muito da relação escola-aluno”. Vejo que hoje a escola precisa melhorar na questão dos afetos, na educação infantil principalmente, é a base, vejo que todos são afetivos com a educação infantil, professor, coordenador, diretos, mas no fundamental I e II não existe afetividade. Professora A2.

“É muito relativo, há crianças e pais que são abertos. Quando há abertura há relação de afetividade entre educador e educando, vejo que a afetividade na relação educador/educando começa em casa, primeiro com os pais e depois na escola com os professores e outros funcionários, há crianças que não podemos chegar perto, para mim é reflexo do lar”. Coordenadora.

“Para mim a escola deve trabalhar nos encontros pedagógicos tema como este afetividade, só assim as relações entre professores e alunos melhorar, pois hoje atualmente não existe afeto entre os professores e alunos, o que para mim é lamentável”. Vice-diretora.

“Gosto muito de conversar com os meninos, lido melhor com os alunos com os meninos do fundamental I. Sempre procuro dá atenção ao que eles me dizem. Relaciono-me bem com educação infantil, mas com os meninos maiores há um diálogo mais coerente. A minha função de diretor me impede desse contato mais próximo, de perto, queria muito ter mais tempo para poder estar mais com os meninos e conversar mais com eles” Diretor.

6- Você se considera uma educadora afetiva? Por quê?

“Acho que sim, sinto que sou afetiva, principalmente quando chega o final do ano, quando percebo a carinha deles e dos pais sentindo saudade de mim, para mim é gratificante, pois vejo o quanto eu fui significativa na vida das crianças e dos pais” Professora A1.

“Sim, sou uma professora afetiva, existem muitos professores que não são afetivos, eu sou afetiva e procuro ser sempre assim, atenciosa com os meus alunos, com os pais, pois, lidar com educação infantil requer educadores afetivos, é a base, é o início, se não trabalharmos os afetos estas crianças não saberão ser amáveis com os demais. Quando tratamos bem as crianças e os familiares tudo fica melhor, o dialogo, a amizade, enfim, sem afeto nada caminha, fica tudo parado”. Professora A2.

“Sim, sou uma educadora afetiva”. O meu trabalho é com contato direto com as pessoas, só sei trabalhar assim, através do contato. A área de humanas pede isso, o contato com as pessoas, se você não gostar de estar com as pessoas e do que faz acaba se frustrando profissionalmente. Considero-me uma educadora que trabalha com a questão dos afetos. Coordenadora.

“Considero-me uma educadora afetiva, não me espanto com os conflitos na escola, procuro amenizar, conversar e ouvir os alunos e os pais, para mim isto é ser afetiva, se preocupar e dedicar atenção ao outro”. Vice-diretora.

“Na verdade quando há vínculo afetivo entre professor e aluno há afetividade. Considero um diretor afetivo, pois estou sempre falando aos meus professores a importância de valorizar o ser humano, pois o aluno além de ser aluno é um ser humano que pensa que sofre que tem uma família, que vive sem afeto, enfim, valorizar o outro é o caminho para a afetividade”. Diretor.

7- Qual o vínculo afetivo entre educador e aluno?

“Muito grande, a ponto de chorar, pois estão no infantil V, estão indo para o 1º ano. Me dediquei o ano todo a eles, ensinando a ler e a escrever e no próximo ano estarei com outras crianças, novo vínculo de afetividade será formado. Eles são tão apegados que é preciso muita conversa com as crianças, pois as mesmas gostam muito da professora e eles também sofrem no 1º ano, pois querem continuar conosco”. Professora A1.

“Uma troca, importar-se com o outro, se está aprendendo, se não está se preocupa com a criança, é a procura do resultado, mesmo sabendo que a criança tem o seu tempo e o seu ritmo para aprender”. A escola infelizmente busca resultados, números e isto para mim é ruim, mas sou cobrada e preciso ir à busca de resultados, que as minhas crianças aprendam a ler e a escrever até o final do ano. O vínculo entre educador e aluno é a cobrança por resultado. A educação infantil já passa por avaliação, as crianças são avaliadas com cinco anos. O avaliador pergunta o alfabeto, os numerais de 1 a 30, as figuras geométricas básicas entre outros assuntos. A cobrança é grande e vejo os meus pequenos ansiosos no dia da avaliação. Professora A2.

“Acredito que é um vínculo mais próximo possível”. Fazemos muitas vezes vários papéis, de mãe, psicóloga, assistente social, médica, conselheira de casamento, é incrível o que fazemos com as crianças e seus familiares. Para mim tudo isto é vínculo positivo entre educador/aluno/pais. Coordenadora.

“Muito bom, tenho uma relação muito boa com os alunos. Eu como vice-diretora não posso bater de frente com os alunos, tenho que ter um bom discurso para as coisas se encaixarem direitinho”. Vice-diretora.

“Muito bom. Consigo perceber este vínculo através das minhas atitudes em relação a eles. Percebo que há um vínculo afetivo entre mim e os alunos”. Diretor.

8- Você só consegue distinguir a criança que recebe afeto da que não recebe?

“Com toda certeza eles mostram logo que são crianças carentes de afeto através do comportamento, quando damos um pouco de carinho eles se satisfazem, existem outras crianças que percebemos que não se contenta com pouco, querem sempre mais”. Professora A1.

“Percebo que demonstra afeto aquela criança que recebe afeto em casa, não importa de quem seja, da avó, do avô, da tia, tio, percebemos no ato, há aquelas que pedem mais

atenção o tempo todo, vejo que são as crianças que os pais não dão amor, atenção e carinho. São crianças que sentem carência de afeto”. Professora A2.

“Sim. Através da forma de agir, de falar, o comportamento é diferente”. Coordenadora.

“Percebo através das atitudes dos alunos”. Quando uma criança recebe afetos em casa por parte da família e familiares, ela age diferente das que não recebe. “São atenciosas conosco educadores, nos respeita e faz o que a gente pede”. Vice-diretora.

“Percebo através das atitudes dos alunos, é claro e transparente a diferença entre a criança que recebe afeto da criança que não recebe” Diretor.

9- Como você define a educação da afetividade?

“As escolas antigamente recebiam alunos, atualmente, hoje, recebem filhos, além do conteúdo recebem carinho, atenção e amor, tudo isto não é recebido em casa. Defino a afetividade no século XXI dessa forma: o professor tem vários papéis ensinar, ser mãe e dar carinho, muito carinho as crianças” Professora A1.

“Vejo que ainda tá longe de existir afetividade, até parece que as pessoas nem sabem o que é isso, por isso acho pesquisas como esta, importante para a educação. Estamos no século onde educador e as escolas deixam muito a desejar em relação à educação da afetividade. Ainda é preciso muito trabalho na escola para os alunos e os familiares entender a questão dos afetos, se inicia no lar, eu diria que ainda no ventre. Se fosse fácil à questão dos afetos, não tínhamos escolas com alunos difíceis, incompreensíveis, agressivos e outras coisas mais. Eu acredito que sempre é tempo de se trabalhar os afetos na relação humana, precisamos querer e ter paciência para isto acontecer”. Professora A2.

“Acho que é uma utopia, quando três trabalham com a questão dos afetos, cem trabalham contra”. Coordenadora

“Em minha opinião está longe de existir, parece que quanto mais o tempo passa a questão dos afetos deixam de existir”. Vice-diretora.

“Precisa-se aprender muito sobre a questão dos afetos. Vejo que a afetividade no século XXI anda distante de ser uma realidade. Falta muita afetividade dentro da escola, acredito ser ainda mais difícil fora dela”. Diretor.

10-Como você vê a brincadeira na educação infantil e o desenvolvimento da aprendizagem?

“Essencial. Aqui na escola trabalhamos um programa do governo municipal que é Brincando aprende e aprendendo brincando. A prefeitura disponibilizou muitos brinquedos, o que proporcionou as crianças um aprendizado com mais facilidade. A criança que não brinca tem mais dificuldade para aprender. Para mim a aprendizagem significativa também acontece com que os pais disponibilizam aos seus filhos em casa, seja na conversa sobre um determinado assunto, sobre jogos e os brinquedos”. Professora A1.

“Eu acho fundamental, só que fico triste, pois, no 1º ano as crianças não brincam mais, hoje elas estão indo mais cedo para o 1º ano com 6 e 7 anos, para mim elas deveriam brincar mais. Acho que a aprendizagem significativa pede isto, muitas brincadeiras e muitos brinquedos e deveriam existir em todas as séries”. Professora A2.

“A brincadeira na educação infantil como em outras séries é primordial, acredito que a brincadeira é importante na aprendizagem significativa”. Coordenadora.

“A criança aprende brincando e a aprendizagem significativa começa a partir daí, o mediado orienta e deixa a criança a vontade para aprender a manusear os objetos, acho incrível o que elas fazer a partir da brincadeira”. Vice-diretora.

“Fundamental no processo ensino/aprendizagem. Quando a criança aprende brincando acontece a aprendizagem significativa, pois, foi orientada e motivada a aprender brincando. Para mim a educação infantil deve aprender brincando, embora na educação infantil V já exista a avaliação”. Diretor

ANEXO 2 - ENTREVISTAS DOS GESTORES DA ESCOLA PARTICULAR VER CRESCER. SOBRAL-CEARÁ.

1- Conceitue a palavra afeto?

“O afeto é um dos sentimentos que mais gera autoestima entre as pessoas, principalmente entre crianças, jovens e idosos, é um sentimento que garante o bem estar do corpo e da mente. Um conjunto de fenômeno psíquico que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões”. Professora titular da educação infantil V. B1. EP.

“O afeto é um sentimento importante que nem sempre é valorizado. Defino como sendo um sentimento que todo ser humano deveria ter e não têm. Cientificamente há muitas definições para a palavra afeto, entre elas amor, carinho, afeição por alguém que amamos entre outras. No mundo o que tá faltando é muito afeto entre as pessoas”. Professora auxiliar da educação infantil V. B2. EP.

“Uma demonstração de carinho ao próximo”. Auxiliar administrativo da escola. EP.

“conceituar afeto é dizer que tenho apreço por alguém e respeito. É amar e ajudar a quem precisa, é acima de tudo oferecer o que há de melhor em cada um de nós. Se temos algo bom, é porque somos pessoas afetuosas”. Coordenadora pedagógica da escola e do infantil V.EP.

“Conceituar afeto é difícil, mas vou tentar. Quando temos atenção ao outro, quando ajudamos as pessoas que precisam de nós, vejo tudo isto como uma forma de afeto, se não sou uma diretora afetuosa com os meus alunos, pais e demais pessoas que fazem parte do meu dia-a-dia e não as trato bem, não sou digna de sua atenção. A definição de afeto para mim é amor, afeição, carinho, dedicação e participação na vida um do outro”. Diretora da escola. EP.

2- Para você qual a importância da afetividade na construção da aprendizagem significativa?

“Eu acho importantíssimo à afetividade na aprendizagem, porém deve ser construída em casa e a escola só continuar. Não sei o que é aprendizagem significativa, por isso não vou falar”. Professora auxiliar educação infantil. B2EP.

“Faz com que a criança, o aluno aprendente sinta-se bem e seguro ao falar. Cabe ao professor estimular a aprendizagem significativa na educação, não só do infantil, mas todas

as séries, os alunos sabem muito e muitos professores o subestimam, não dando valor ao que o discente sabe”. Auxiliar administrativo. EP

“Muito importante, eu diria que é na abertura que o professor dá as crianças para falarem sobre o que já conhecem há também a questão dos afetos, estou dizendo que a criança sente-se valorizada a partir do momento que o educador dá aberturas as aprendizagens já existentes no sujeito”. Coordenadora pedagógica da escola e do infantil V.EP.

“Essencial, sempre falo nos planejamentos que o docente deve e precisa estar atento ao que os alunos já sabem, pois eles sabem sim de alguma coisa, eles não chegam a escola vazios intelectualmente, mas é necessário que haja estímulo por parte dos professores”. Diretora Escolar. EP

3- Comente a relação da aprendizagem significativa e afetividade?

“Ambos tentam ensinar de uma forma mais informal, trabalhar o que o aluno já tem de conhecimento”. Auxiliar administrativo escolar. EP

“Essencial, não consigo vê uma sem a outra, se complementam, e as crianças saem ganhando, agora, é necessário que haja estímulo por parte do professor. A família também exerce um papel relevante na relação da afetividade significativa e afetiva”. Coordenadora escolar e da educação infantil. EP

“Sem titubear, esta pergunta é importantíssima, sabe-se da relevância da afetividade na construção da aprendizagem significativa. Uma não vive sem a outra, é o que penso. Precisamos investir mais como escola os afetos no ensino e na aprendizagem significativa”. Diretora escolar. EP

4- Para você o que significa afetividade na relação educador/aluno?

“A questão da afetividade tem sido bastante discutida por pais e educadores, temos percebido sua importância na relação professor/aluno, e mais ainda no ensino/aprendizagem, no processo escolar do educando. No entanto, para a afetividade acontecer é necessária uma relação de confiança, confiança mútua”. Professora titular. B1 EP

“Significa confiança entre quem ensina e quem aprende. Saber ouvir, entender o aluno e saber que eles também têm suas limitações, mas com afeto tudo se resolve. Penso dessa forma sobre a pergunta feita”. Professora auxiliar. B2 EP

“Uma forma de ficar mais próximo do aluno, entender o que se passa na sua vida de bom e de ruim, para saber lidar com ele em sala de aula e fazer com que sua aprendizagem seja mais eficaz”. Auxiliar administrativo escolar. EP

“Indispensável na relação escolar, professor/aluno devem estar em sintonia, um se interessando mais pelo outro, aqui me refiro ao professor, é através dele que se inicia a relação de afetos, vai depender muito como este professor vai chegar perto do educando, a maneira como a relação acontecerá vai fazer a diferença”. Coordenadora escolar e da educação infantil. EP

“Interessante esta pergunta. Acredito ser uma questão relevante para a escola de hoje, mais do que nunca a educação através dos afetos devem ser uma prática em sala de aula, o professor dever incentivar esta relação mais próxima, amiga do educando, não só os professores, mas todos que compõem a escola”. Diretora Escolar. EP

5- Como você vê a atuação da escola em relação à afetividade?

“A escola deve garantir a aprendizagem de certos conteúdos essenciais como a leitura e escrita, para tanto devem utilizar como um dos recursos, a afetividade, pois isso ajudará na construção de um cidadão reflexivo, crítico e participativo”. Professora titular. B1. EP

“Vejo que a escola precisa trabalhar mais sobre esta questão, é essencial na aprendizagem da criança, porém sinto que falta mais diálogo sobre o tema, é preciso que ultrapasse os muros da escola e chegue até os pais, no entanto palestras devem ser um estimulante para educadores e pais”. EP

“Vejo uma relação muito boa”. Auxiliar administrativo. EP

“Temos trabalhado para efetivar isto na escola como todo, mas vejo que é necessário mais empenho e fazermos mais em relação à questão dos afetos na escola. Devo acrescentar que todos os funcionários da escola se respeitam e se tratam bem, exemplo bom nós passamos aos nossos educandos”. Coordenadora escolar e do infantil V.EP

“Vejo uma relação boa, convivemos bem uns com os outros, há respeito, companheirismo, e tudo isto é exemplo para os nossos alunos, mas sempre é bom trabalharmos mais, e com relação à afetividade na escola, reconheço que é preciso mais encontros para discutimos à temática que para mim é relevante no contexto atual”. EP

6- Você se considera uma educadora afetiva? Por quê?

“sim, porque o professor não deve preocupar-se somente com o conhecimento através da absorção de informações, mas também pelo processo de construção da cidadania do aluno. Para que tudo isto ocorra é necessário à conscientização do professor, do seu papel que é de facilitador da aprendizagem, ser aberto às novas experiências, procurando compreender o aluno numa relação empática, também os sentimentos afetivos, os problemas dos alunos e tentar levá-los a autorrealização”. Professora titular. B1. EP

“Sim, porque estou sempre preocupada com o meu aluno, não só com os conteúdos, mas com sua vida particular, seus problemas, seus medos e tento dar o meu melhor para ajudá-los”. Professora auxiliar. B2. EP

“Sim, apesar de fazer parte da administração do colégio”. EP

“Sim, estou sempre procurando saber como estão os alunos, os professores, se as crianças estão bem, estão entendendo as explicações, escutando os pais, dando mensagens de autoestima, enfim, me considero sim, uma gestora afetiva”. Coordenadora escolar e do infantil v. EP

“Sim, mesmo não estando em sala de aula, sou uma educadora, pois as crianças estão me observando e eu estou sendo exemplo para ela, estou educando através da minha postura, dos meus posicionamentos”. Diretora escolar. EP

7- Qual o vínculo afetivo entre educador e aluno?

“Os educadores devem estabelecer uma relação afetiva e verdadeira entre os alunos, pois dessa forma conseguirão estabelecer uma relação significativa entre o ensinar e o aprender”. Professora titular. B1. EP

“Com relação a mim, considero muito bom, pois há uma troca de ideias, por mais que sejam crianças em construção da linguagem e do pensamento. Eles são dóceis e muito bons de conviver e trabalhar”. Professora auxiliar. B2. EP

“Muito bom, diariamente”. Auxiliar administrativo. EP

“Excelente! Não estou em sala de aula, mas sou educadora, estou o tempo todo circulando entre os alunos, professores e demais funcionários”. Coordenadora escolar e da educação infantil. EP

“Ótimo, sou diretora, mas educadora. Quando preciso chamar a atenção chamo com carinho e respeito e eles me atendem, algumas vezes é necessário aumentar o tom da voz, nada que prejudique a relação educador/educando”. EP

8- Você só consegue distinguir a criança que recebe afeto da que não recebe?

“Sim, as que recebem afeto dos familiares são espontâneas, criativas, alegres e participativas, já as que não recebem são fechadas, caladas e demonstram um semblante triste”. Professora titular. B1.EP.

“Sim, percebo logo, as crianças que os pais e familiares tratam com afetividade são felizes, comunicativas, interagem. Enquanto as que não recebem, ficam quietas, não falam sobre a família, o que fizeram, noto essa diferença, posso estar errada, mas é óbvio para mim”. Professora auxiliar. B2. EP.

“Sim, a que recebe afeto é uma criança educada, feliz, sociável, e com muita facilidade para aprender, a que não recebe, tem dificuldade em tudo, observo isto no meu local de trabalho”. Auxiliar administrativo da escola. EP.

“Sim, percebo logo, fica visível, é retraída, não é de conversar, fica pelos cantos, a aprendizagem é mais lenta, a que recebe afeto demonstra outra desenvoltura, participa, colabora, chega junto, fala sobre a família, o que fizeram juntos”. Coordenadora escolar e da educação infantil. EP.

“Sim, a criança não consegue interagir, é como se algo não permitisse, uma criança que vive sendo repreendida pelos familiares, que não pode fazer nada, nem brincar. Já a criança que recebe afeto é espontânea, conversa, interage com os colegas, chega sempre junto querendo participar das brincadeiras, há uma abertura, é carinhosa com os colegas”. Diretora da escola. EP.

9- Como você define a educação da afetividade?

“O ensino no século XXI ainda segue o enfoque de uma pedagogia tradicional, centrada na figura do professor que domina o conhecimento e repassa a seus alunos de forma expositiva. Precisa mudar. Na educação infantil é diferente, mas ainda há predominância do ensino tradicional”. Professora titular. B1. EP.

“Precisa melhorar muito, a questão dos afetos é um tema bastante importante e deve ser discutido mais, até as pessoas absolverem sua importância nas relações humanas”. Professora auxiliar. B2. EP.

“Não tá boa, e parecem que a cada dia piora as crianças cada vez mais individualistas, os colégios deixando a desejar na questão dos afetos. Aqui é uma escola pequena e dá para observarmos de perto as nossas crianças, os pais, os responsáveis os professores e as escolas maiores que pensar só no mercado de trabalho, passa isto o tempo todos aos adolescentes. É preciso pensar em todos estes questionamentos”. Auxiliar administrativo da escola. EP.

“Vejo que não está boa, muita coisa é preciso ser feita. As pessoas estão muito individualistas, pensam no ter e o ser que é fundamental não existe isto é falta de valores, de afetos e de diálogos”. Coordenadora escolar e da educação infantil. EP.

“Não muito boa, mas acredito que os alunos desta escola ao saírem daqui farão a diferença. daremos mais ênfase a este assunto. Devo ressaltar que a partir de agora, depois dessa pesquisa, dessa entrevista, estou vendo o quando é necessária a discussão sobre afetividade na educação dos filhos, dos educando e dos educadores, a escola vai promover mais debates sobre o tema em questão”. Diretora escolar. EP.

10- Como você vê a brincadeira na educação infantil e o desenvolvimento da aprendizagem?

“As brincadeiras são muito importantes na educação infantil. O lúdico é um mecanismo estratégico de desenvolvimento da aprendizagem, pois propicia o envolvimento do sujeito aprendente e possibilita a apropriação significativa do conhecimento”. Professora titular. B1. EP.

“Importante para o aprendizado da criança. Para o desenvolvimento da aprendizagem significativa é necessário um facilitador”. Professora auxiliar. EP.

“Eficaz. Pois brincando estimula a aprendizagem da criança”. Auxiliar administrativo. EP.

“Fundamental. A aprendizagem significativa acontece se houver o lúdico nesse processo”. Coordenadora escolar e da educação infantil. EP.

“Essencial para o desenvolvimento da aprendizagem significativa, na criança”. Diretora escolar. EP.

ANEXO 3 - ENTREVISTAS DOS PAIS DA ESCOLA PÚBLICA

1- Quando você definiria que se inicia o vínculo de afeto entre pais e filhos?

“Logo na concepção, quando os pais decidem ter um filho. Na concepção embrionária. Já ficamos felizes com o surgimento de um ser vivo”. Pai 1.

“Desde o nascimento, ainda na gestação”. Mãe 2.

“Desde o momento que é gerado, o vínculo de afeto já se inicia entre os pais e o filho ainda na barriga” Mãe 3.

“Logo no 1º mês de gravidez, logo que sei que estou grávida já se inicia os laços de amizade entre mãe e filho”. Mãe 4.

“A partir do nascimento já começa o vínculo de amor entre pai, mãe e filho”. Mãe 5.

2- Você crê que demonstrar afeto pelos filhos fragiliza a autoridade dos pais? Por quê?

“Não fragiliza, você pode dá afeto e corrigir ao mesmo tempo o filho. Não podemos mimar demais, a criancinha um dia será um adulto, devemos dar carinho, atenção, cuidar, zelar, mas devemos punir quando for necessário, creio que dar carinho e punir o filho não fragiliza a minha autoridade de pai”. Pai 1.

“Não fragiliza, a criança precisa entender que dar carinho é uma coisa e punir pelo que fez de errado é outra, isso não fragiliza a minha autoridade de mãe”. Mãe 2.

“Não, pelo contrário, faz é melhorar o comportamento da criança, a falta de afeto dos pais com os filhos deixa a criança com medo. A autoridade é fundamental na relação pais e filhos, quando há afeto e punição, a criança sabe diferenciar as duas coisas, para mim não fragiliza, porque ensinei ao meu filho que existe a hora para tudo, então faça a coisa certa”. Mãe 3.

“Com certeza fragiliza sim. A partir do momento que você dá afeto e não põe limite, você perde automaticamente sua autoridade de mãe, e tudo fica difícil, então eu acho que afeto demais fragiliza sim a autoridade dos pais” mãe 4.

“Não fragiliza, a criança precisa entender que há a hora do amor, do carinho, mas há também a hora do limite, o que pode e o que não pode. Para mim não fragiliza a autoridade dos pais”. Mãe 5.

3- Você acredita que um bebê percebe pela amamentação, pelo toque a aceitação ou a rejeição de quem cuida dele? Por quê?

“A criança sente sim, pois tem sensibilidade, o bebê sabe quem cuida dele, também percebe quando não é amado pela mãe, se tornando um bebê que chora muito, agressivo e futuramente uma criança sozinha e com problemas de rejeição, pois sentiu na pele a ausência de amor dos pais”. Pai 1.

“Sim, pois a criança ao mamar sente que a mãe dar amor, atenção e carinho, com outras mães que não agem assim, a criança percebe, chora muito e fica muito irritada com a falta de afeto”. Mãe 2.

“Percebe sim, o jeito como a mãe trata o filho, sem carinho, sem atenção, tem muita mulher colocando filho no mundo sem amor, talvez elas não fossem amadas e coloca criança para sofrer no mundo, isso é uma maldade (...). Quando damos amor e carinho a uma criança tudo fica mais fácil”. Mãe 3.

“Percebe sim. Lembro quando estava amamentando o meu filho, estava com muita pressa, tirava ele do peito e ele começava a chorar e apertar o bico, quando eu estava tranquila e calma, ele ficava calmo também, não chorava e nem apertava o bico do meu peito, por isso digo que a criança percebe quando os pais não são afetivos”. Mãe 4.

“Sente sim, quando amamos de verdade passamos para ele através da amamentação, a criança sente se é amada ou não pela mãe”. Mãe 5.

4- O que você já leu sobre a importância da afetividade entre pais e filhos?

“Eu já ouvi muito falar sobre a afetividade na relação pais e filhos, ler nunca li. Eu como pai tenho muito cuidado com o meu filho, sempre estou atento ao que ele faz, cuido bem dele, levo e busco na escola, saio para passear com ele, pego na mão dele, procuro ser um pai presente”. Pai 1.

“Já ouvi, ler não li. Acho muito importante a relação de afetividade entre pais e filhos. Eu tento dar o meu melhor como mãe e procuro conversar muito com os meus filhos, principalmente com a minha filha”. Mãe 2.

“Nunca li nada a respeito, mas já ouvi. Acho importantíssima a relação de afetividade entre pais e filhos.” Mãe 3.

“Ler nunca li, mas já ouvi falar muito sobre a importância da relação de afetividade entre pais e filhos. Conversar com os filhos, dá conselho, ensinar o que é certo, para mim isso é também uma relação de afeto entre pais e filhos”. Mãe 4.

“Não li, mas acho muito importante. É uma relação que precisa ser cultivada dia a dia”. Mãe 5.

5- Se eu lhe pedisse nesse momento para escrever sobre momentos da sua infância em que seus pais lhe deram carinho? Do que você se recorda? Foi bom?

“Recordo-me muito da minha infância, os meus pais tinham um cuidado muito grande comigo, sempre me protegiam dos meninos maiores, foram atenciosos e carinhosos, foram momentos bons”. Pai 1.

“Os meus pais sempre foram ótimos, carinhosos, atenciosos, e ainda hoje são. Tenho ótimas lembranças da minha infância, recordações muito boas”. Mãe 2.

“Os meus pais foram muito carinhosos, eles brincavam muito comigo. As minhas recordações de infância foram muito boas. Os meus pais sempre foram dedicados aos filhos e carinhosos”. Mãe 3.

“A minha mãe era mais carinhosa e atenciosa que o meu pai, a minha mãe era a minha melhor amiga, o meu pai era mais grosseiro, era o que dizia e pronto. A minha infância foi maravilhosa, você me fez viajar agora a um tempo ótimo de minha vida”. Mãe 4.

“Sempre fomos de uma família pobre, meus pais sempre nos orientou e nos ensinou sobre a vida. Não tenho do que reclamar me recordando agora da minha infância tenho ótimas recordações”. Mãe 5.

6- Para você é difícil tomar a iniciativa do afeto? Por quê?

“Não. Porque para mim é fácil, não tenho problemas enquanto a isto. Converso muito com a minha filha adolescente e o meu filho de cinco anos. Mostro o afeto para eles conversando, me preocupando com eles, procurando saber como eles estão e o que está se passando. “Dou muito atenção aos meus filhos, e sempre estou por perto quando vejo que eles precisam de mim” Pai A1.

“Não. Porque para mim o difícil é disciplinar, por limite. Amor, atenção, cuidado, para mim é muito fácil dar aos meus filhos”. Mãe 2.

“Não. Não é difícil, pois, sou uma mãe bastante presente, faço com os meus filhos o que os meus pais faziam comigo, sempre me deram atenção, e, se hoje sou uma mãe dedicada aos meus filhos devo aos meus pais, muitos falam que os pais são exemplos para os filhos, e é verdade, eu sou exemplo disso, via os meus pais conversarem sobre nós filhos, chamava a gente para participar, tento fazer isso com os meus filhos. Vejo lá onde eu moro pais irresponsáveis, não se preocupam com os filhos, não dão carinho, atenção e amor, vão ser filhos criados sem afeto e estes serão adolescentes problemas, foram criados soltos sem pai e sem mãe”. Mãe 3.

“Não. Não acho difícil, porque nós somos muito carinhosos eu e o pai (esposo). O pai é mais que eu, ele sempre diz que quer das aos nossos filhos o carinho que ele nunca recebeu dos pais dele. Queria muito receber um abraço, um oi filho, como vai, nada disso recebeu dos pais dele, fico até triste quando ele fala isso. Sei que em nossa casa todos nós somos carinhosos um com os outros”. Mãe 4.

“É difícil, não conseguimos agir naturalmente em nossa casa com afeto, tenho uma filha de 15 anos e outra de 5, não existe uma relação de afetividade. Não é uma coisa natural a questão dos afetos lá em casa”. Mãe 5.

7- O afeto ou a ausência de afeto pode interferir na aprendizagem de uma criança? O que já leu ou lhe disseram sobre o assunto?

“Em minha opinião a falta de afeto prejudica muito a criança no aprendizado. A criança que recebe afeto aprende melhor, se sai muito bem nos estudos. O meu filho gosta muito do colégio, não quer faltar um dia. Se não fosse uma escola afetiva, com certeza ele preferia ficar em casa. Eu nunca li a respeito desse assunto, mais ouvi um doutor falar da importância da afetividade na aprendizagem dos alunos no programa hoje em dia”. Pai 1.

“Em minha opinião a falta de afeto atrapalha muito os estudos da criança. Quando a criança recebe afeto ela aprende mais e melhor e com mais rapidez. Eu nunca li a respeito da afetividade, mas já ouvi falar na televisão e eles disseram que a criança precisa de atenção dos pais”. Mãe 2.

“A falta de afeto atrapalha muito os estudos da criança. Quando ela recebe afeto aprende com mais facilidade. Nunca li a respeito do assunto, mas já ouvi na televisão, que a afetividade é muito importante para a criança aprender” Mãe 3.

“A falta de afeto atrapalha sim nos estudos da criança, porque a criança fica muito rebelde, não existe interação entre professor e aluno e mãe e filho. Quando há afeto as

coisas mudam. Nunca li sobre o assunto, mas a minha amiga me falou sobre a importância da afetividade na relação familiar”. Mãe 4.

“A falta de afeto prejudica muito a criança no aprendizado. Uma criança que recebe atenção e cuidado dos professores e dos pais aprende com mais prazer. Nunca li sobre o tema afetividade, mas já me falaram alguma coisa sobre isso”. Mãe 5.

8- Já ouviu falar sobre aprendizagem significativa? Como a definiria?

“Não. Não sei o que é aprendizagem significativa, mas vou dizer o que penso sobre isso: A gente escuta muitas pessoas dizerem que as crianças já chegam à escola sabendo de alguma coisa, eu concordo com eles, eu vejo isso como sendo aprendizagem significativa, mas vejo também que muitas crianças aprendem coisas negativas e levam para escola também”. Pai 1.

“Não. Mas quero que você me explique. Com a sua explicação eu entendi. O meu filho não sabia de nada sobre estudo, ele veio aprender na escola. Mas tenho certeza que muitas outras coisas ele aprendeu aqui em casa, o respeito ao outro, não bater no colega, embora eu bata nele, pois é muito danado”. Mãe 2.

“Se ouvi não me lembro”. Mãe 3.

“Sim. Ouvi um reporte falar sobre esse assunto. Minha filha ao começar a estudar sabia de muita coisa, aprendeu tudo lá em casa, para mim isso é aprendizagem significativa”. Mãe 4.

“Não”. Mas uma amiga me falou. Achei interessante. Mãe 5.

9- E a importância do vínculo de afeto entre professores e alunos interfere na aprendizagem?

“Acho fundamental, é importantíssimo este vínculo de afeto entre professor e aluno. Para mim não interfere no aprendizado, muito pelo contrário, só ajuda à criança a aprender mais ainda, quando não há afeto a criança não quer estudar e nem ir para escola”. Pai 1.

“É importantíssimo, quanto mais afeto na relação professor e aluno, melhor é o aprendizado. Para mim não interfere nem um pouco nos estudos da criança”. Mãe 2.

“Fundamental. Quando não existe afeto entre professor e aluno a aprendizagem não acontece. Quem disser que afeto prejudica o rendimento da criança nos estudos está mentindo, pois vemos o quanto é importante esta relação entre professor e aluno, vejo no

meu filho, o quanto ele gosta da professora, claro que ele gosta porque ela é atenciosa, na hora de chamar atenção chama, na hora de abraçar, abraça isto é tratar a criança com afeto”. Mãe 3.

“Não interfere, afeto nunca é demais, incentiva a criança a voltar no outro dia para escola. Acho importante a afetividade na relação professor e aluno. O meu filho gosta demais da escola e da professora”. Mãe 4.

10-Por que com tantos recursos e tecnologia continuamos com tantas crianças com dificuldades de aprendizagem? O que será que está acontecendo com as relações humanas no século XXI?

“As crianças tem muitas dificuldades de aprendizagem devido à má alimentação, às vezes não tem o que comer em casa, vão a escola para se alimentar. A falta de acompanhamento dos pais, os pais precisam acompanhar os filhos, saber se fizeram as atividades e se estão com dúvidas. Vejo as relações humanas no século XXI como uma geração perdida, a televisão não oferecer nada de útil aos nossos filhos, só ensina o que não prestam adolescentes desrespeitando os pais na malhação, casais traindo nas novelas, pessoas se comunicando a distância, não há compreensão entre as pessoas, vejo um mundo perdido”. Pai 1.

“Falta interesse dos pais em ensinar as crianças em casa, só esperam pela escola. Se os pais dessem atenção aos filhos eles não tinham dificuldades de aprendizagem, os filhos dos ricos todos têm um professor particular, os pais não têm paciência para ensinar os filhos, os pobres também faltam paciência, tempo eles têm e até demais, mas não querem acompanhar os filhos, por isso é que estão com tanta dificuldade de aprendizagem. As relações humanas no século XXI estão muito difíceis, devido à falta de diálogo entre as pessoas, o uso do álcool, os adolescentes usando drogas, as garotas sendo mães cada vez mais cedo. Está tudo diferente de antigamente” Mãe 2.

“As dificuldades de aprendizagem existem devido os pais não acompanham os filhos, não incentivam, não valorizam o estudo. Vejo as relações humanas difícil neste século, o principal fator é a falta de respeito entre as pessoas, às pessoas não se respeitam e nem se valorizam. Não há diálogo, qualquer coisa parte logo para briga” Mãe 3.

“As dificuldades de aprendizagem existem devido as facilidades que o mundo está oferecendo as crianças, na minha época queria muito estudar e não podia, hoje as crianças tem tudo, mas não valorizam, temos livros de qualidade, transporte escolar na porta,

merenda, computadores, tudo de graça e as crianças e os pais não valorizam. Na casa que sou faxineira vejo o sofrimento da mãe, o filho não quer estudar, tem professora particular, material escolar da melhor qualidade, estuda na melhor escola da cidade, mas não valoriza o estudo. Em casa tem tudo, é isso que estraga. Vejo as relações humanas no século XXI muito difícil, a prostituição cada vez mais aumentando, as drogas, tudo isto prejudica as relações humanas. Os adolescentes e as criança preferem o mundo da perdição, da vida fácil”. Mãe 4.

“As dificuldades de aprendizagem estão acontecendo devido à falta de interesse das crianças, os pais não incentivam e nem cobram delas. Falta acompanhamento, não estimulam a criança precisa de alguém que dê incentivo, que mostre a importância do estudo. As relações humanas estão cada vez mais difíceis, as pessoas não conversam mais, não se respeitam não se valorizam. Falta Deus em suas vidas”. Mãe 5.

ANEXO 4 - ENTREVISTAS DOS PAIS DA ESCOLA PARTICULAR

1- Quando você definiria que se inicia o vínculo de afeto entre pais e filhos?

“Ainda na gestação, pois é capaz de entender ainda que de modo subjetivo esta interação com o meio externo”. Mãe 1. Escola particular. EP

“Desde os primeiros meses de gestação, o bebê já sabe os horários da chegada do pai e demonstra com movimentos antes de sua chegada em casa e também sabe se a mãe está triste, alegre, aflita, chorando etc., reage quando escuta a voz do pai ou da mãe”. Pai 2. Escola particular. EP

“Ainda na gestação”. Mãe 3. Escola particular. EP

“Na gestação, sem dúvida nenhuma, é lindo e muito gostoso a sensação desse vínculo entre mãe e filho se iniciar na gestação”. Mãe 4. Escola particular.

“Nos primeiros meses de gestação”. Mãe 5. EP

2- Você crê que demonstrar afeto pelos filhos fragiliza a autoridade dos pais? Por quê?

“Não fragiliza. Na verdade a afetividade fortalece estas intenções de manutenção da autoridade e do respeito”. Mãe 1. Escola particular.

“Não fragiliza. Pelo contrário, creio que se os filhos sabem quando é amado tende a espelhar-se nos pais, confia e respeita e obedece aos pais, pois sabe que é o certo, claro que desde que os pais tenham sabedoria para lidar com essas ferramentas, usar o amor e a disciplina, agindo assim teremos uma família unida e forte”. Pai 2. Escola particular.

“Não fragiliza. Pois existem momentos de dar amor, atenção, e há momentos de dá educação”. Mãe 3. Escola particular.

“Não fragiliza. A criança sabe quando há amor, carinho, atenção, sabe que precisa também de educação, ser chamada a atenção, faz parte do crescimento saudável”. Mãe 4. Escola particular.

“Não fragiliza, pelo contrário só ajuda na educação dos filhos, afeto e autoridade devem andar juntos na educação dos pequenos. Sou assim: hora de dar amor dou hora de disciplinar também dou, ele agradece, sabe que faço isso por amor”. Mãe 5. Escola particular.

3- Você acredita que um bebê percebe pela amamentação, pelo toque a aceitação ou a rejeição de quem cuida dele? Por quê?

“Sim, pois são os primeiros contatos da criança com seu cuidador, e este vínculo deve desde modo, acontecer de forma positiva e amorosa”. Mãe 1. Escola particular.

“Sim, por inúmeras razões, desde o seu comportamento imediato como o choro, distúrbios do comportamento, insegurança, dificuldades, saúde ruim, alimentação ruim e mais tarde se vê ainda uma criança rebelde, que não respeita não aprende e outras coisas mais”. Pai 2. Escola particular.

“Sim, a partir do momento que são gerados, já há uma percepção”. Mãe 3. Escola particular.

“Sim, pela maneira que é cuidado, existem muitas mulheres que não era para ser mãe, são ignorantes e não tratam bem seus filhos, pode ter certeza, futuramente serão crianças ariscas sem afeto, pois não receberam”. Mãe 3. Escola particular.

“sim, desde o momento da concepção, já há o toque na barriga, o pai desejoso em ver o filho nascer, tudo isto é transmitido para ele, quando nasce mais afeto devemos dar, o toque é essencial, quando não existe, a criança sente”. Mãe 4. Escola particular.

“Sim, percebe, pois quando damos carinhos tudo é diferente, até o sorriso, quando não se isola é triste”. Mãe 5. Escola particular.

4- O que você já leu sobre a importância da afetividade entre pais e filhos?

“Sim. Achei interessante quando o texto relatava que a afetividade entre pais e filhos é um processo, tinha muita coisa interessante, mas não lembro agora. Só sei que é essencial que existem afetos entre pais e filhos, se não a coisa não dá certo”. Mãe 1. Escola particular.

“Sim. A bíblia, livro para maus, afeto e limite, pais desajustados filhos difíceis e outros artigos bem interessante, cresci muito como pai ao lê-los”. Pai 2. Escola particular.

“Sim”. Mãe 3. Escola particular.

“Sim. Muitos artigos e alguns livros”. Mãe 4. Escola particular.

“sim, é uma leitura agradável que nos traz muitos ensinamentos”. Mãe 5. Escola particular.

5- Se eu lhe pedisse nesse momento para escrever sobre momentos da sua infância em que seus pais lhe deram carinho? Do que você se recorda? Foi bom?

“Que pergunta linda, só em você ler para mim já me emociona, pois tenho recordações maravilhosas de meus pais, todas as noites antes de dormir eles eram muito amorosos, carinhosos e atenciosos, ótimas recordações, parece que estou vivenciando isso agora mesmo, está tudo no meu pensamento” Mãe 1. Escola particular.

“Lembro que a minha mãe sempre agia e tem agido com muita paciência e com uma palavra de ensino, orientação para fazer as coisas corretas, isso tudo frente ao nosso comportamento quando criança. Só não foi melhor a relação de carinho e de amor porque sempre trabalhei desde pequeno, muito cedo”. Pai 2. Escola particular.

“Sim, ótimas recordações, lembro muito das brincadeiras de boneca com a minha mãe, foi muito bom”. Mãe 3. Escola particular.

“Dos momentos que passávamos juntas, muitas risadas, brincadeiras correndo frouxas pela casa”. Mãe 3. Escola particular.

“O quanto eu era feliz, ainda sou, mas poderíamos ter aproveitado mais”. Mãe 4. Escola particular.

“Momentos inesquecíveis, que veio agora como um filme em câmara lenta, nunca esquecerei”. Mãe 5. Escola particular.

6- Para você é difícil tomar a iniciativa do afeto? Por quê?

“Não, felizmente isso é fácil e prazeroso”. Uma ótima forma de compartilhar esse carinho dentro do círculo familiar. Mãe 1. Escola particular.

“Não, tenho buscado ser pai e amigo, às vezes ou nem sempre aceito afeto, mais tô tentando”. Pai 2. Escola particular.

“Não. Pois cresci em uma família onde todos eram afetivos uns com os outros e eu sou assim em minha casa com o meu filho. Sempre houve iniciativas de afetos”. Mãe 3. Escola particular.

“Não, é algo natural, todos são afetivos um com os outros, não é difícil tomarmos iniciativa de afeto”. Mãe 4. Escola particular.

“Não, venho de uma família muito carinhosa e faço isso na minha família, todos vivem felizes”. Mãe 5.

7- O afeto ou a ausência de afeto pode interferir na aprendizagem de uma criança? O que já leu ou lhe disseram sobre o assunto?

“Sim, de forma direta pode construir ou destruir a capacidade dessa criança desenvolver seu aprendizado”. Mãe 1. Escola particular.

“Sim” Mãe 2. Escola particular.

“Sim já li que com afeto a criança se sente mais segura para expressar seus conhecimentos”. Mãe 3.

“Sim, com afeto tudo é possível até a aprendizagem acontece melhor. Já li sobre o assunto e é verdade o que falei anteriormente”. Mãe 4.

“Sim, sem afeto nada funciona, tudo piora, já li sobre o assunto e ainda hoje leio, pois acho interessante, quanto mais informações melhor é”. Mãe 5.

8- Já ouviu falar sobre aprendizagem significativa? Como a definiria?

“É a forma de aprender, entendendo que um novo conhecimento é admitido conforme prévia disposição conceitual válida dentro do seu campo de conhecimento. É utilizar um domínio de conhecimento da criança, ou seja, algo que ela já sabe e é reforçado na escola junto aos professores”. Mãe 1, escola particular.

“Não exatamente, mas creio que seja quando se consegue absorver pelo menos 60% do que nos é oferecido nos estudos”. Pai 2.

“Não sei o que é, e nunca ouvi falar, mas acredito que deve ser importantes para nós pais sabermos do que se trata”. Mãe 3.

“Não sei o que é e nunca li a respeito”. Mãe 4.

“Não, nunca li a respeito, não sei o que é aprendizagem significativa”. Mãe 5. Escola particular.

9- E a importância do vínculo de afeto entre professores e alunos interfere na aprendizagem?

“Só faz com que a criança aprenda cada vez mais rápido. Quando damos atenção e amor a criança ela retribui, se não tratamos ela com afeto se isola e não aprende”. Mãe 5. “Acredito que sim” Mãe 1. Escola particular.

“Sem sombra de dúvidas, para que haja aprendizagem tem que haver comunicação, quanto mais claro for à linguagem do professor melhor o aluno aprende. Às vezes o professor domina muito o conteúdo de suas disciplinas, mas se ele não souber “vender o produto” e cativar os alunos, manter a atenção deles no foco da aula terá bom resultado e consegue transmitir seus conhecimentos e as crianças aprendem”. Pai 2.

“Não, faz é ajudar, de certa forma é uma interferência boa na aprendizagem”. Mãe 3.

“Não, é importante que haja carinho e atenção do professor”. Mãe 4.

“Não, o vínculo afetivo é essencial na relação professor e aluno”. Mãe 5.

10- Por que com tantos recursos e tecnologia continuamos com tantas crianças com dificuldades de aprendizagem? O que será que está acontecendo com as relações humanas no século XXI?

“São muitas questões que se aplicam para os supostos entraves na relação de aprendizagem das crianças na atual conjectura do século XXI. Podemos citar principalmente a falta de tempo dos pais com a educação dos filhos, falta uma maior dedicação, companheirismo, estar perto, conhecer de fato o mundo dessa criança, sua rotina, com quem convivem, seus amigos, anseios, tá faltando tudo isto e assim caminha a humanidade”. Mãe 1. Escola particular.

“Creio que a tecnologia quando bem explorada agiliza a aprendizagem, mas cuidado é preciso, vemos as crianças copiando tudo do computador e assim a aprendizagem fica prejudicada. Creio que a dificuldade de aprendizagem nesse século é devido à falta de tempo dos pais, não é justificativa, mas os pais parecem dedicar-se mais em outras coisas do que nos filhos” Pai 2. Escola particular.

“A falta de tempo dos pais para acompanhar o desempenho dos filhos, pode ser um fator contribuinte”. Mãe 3. Escola particular.

“A falta de tempo dos pais”. Mãe 4. Escola particular.

“Os pais não tem tempo para acompanhar os filhos, e as crianças ficam a deriva, sem saber qual direção tomar”. Mãe 5.

ANEXO 5 - CARTAS DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO



CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a mestrande **Léa Barbosa de Sousa** a divulgar os dados coletados em sua pesquisa de campo nesta instituição municipal

Sobral, 30 de Outubro de 2013.


Assinatura de Edna Lúcia de Carvalho Lima
Coordenadora de Educação Infantil
Ato nº 7954/2009 - GP



Prefeitura
de Sobral



CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a mestrande **Lea Barbosa de Sousa** a divulgar as informações coletadas em sua pesquisa neste Estabelecimento de Ensino.

Sobral, 01 de Outubro de 2013.

Assinatura e Carimbo Diretor (a)

Maria Lucilene de Lima
ATO Nº 11464/2013 - GP
DIRETOR VI - DES - 04



COLÉGIO VER CRESCER

M. S. Oliveira Mesquita – ME

CNPJ 04.947.975/0001 – 82

Rua, Clodoveu de Arruda 575 – Domingos Olímpio

Fone/Fax: 0XX(88) 3611 0897 – SOBRAL/CE

E-mail: e_vercrescer@hotmail.com

Carta de Autorização

Autorizo a mestrande Lea Barbosa de Sousa a divulgar as informações coletadas em sua pesquisa nessa instituição de ensino.

Sobral, 01 de outubro de 2013.

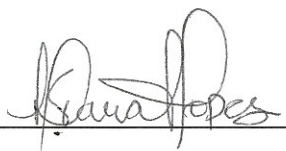

Socorro Mesquita (Diretora)
DIRETORA

ANEXO 6 - DECLARAÇÃO

DECLARAÇÃO

Eu, LIANA LIBERATO LOPES CARLOS, R.G.2004031095686, brasileira, professora de Língua Portuguesa, graduada em Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú sob o registro nº 221 e pós-graduada em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, sob o registro nº 9781, declaro, para os devidos fins legais, que realizei a revisão ortográfica e gramatical da Dissertação de Mestrado sob o título “*AFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELEVÂNCIA PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA*” da aluna, Léa Barbosa de Sousa, mat.: 108844-0, do curso de Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em parceria com o Instituto Superior de Teologia Aplicada-INTA.

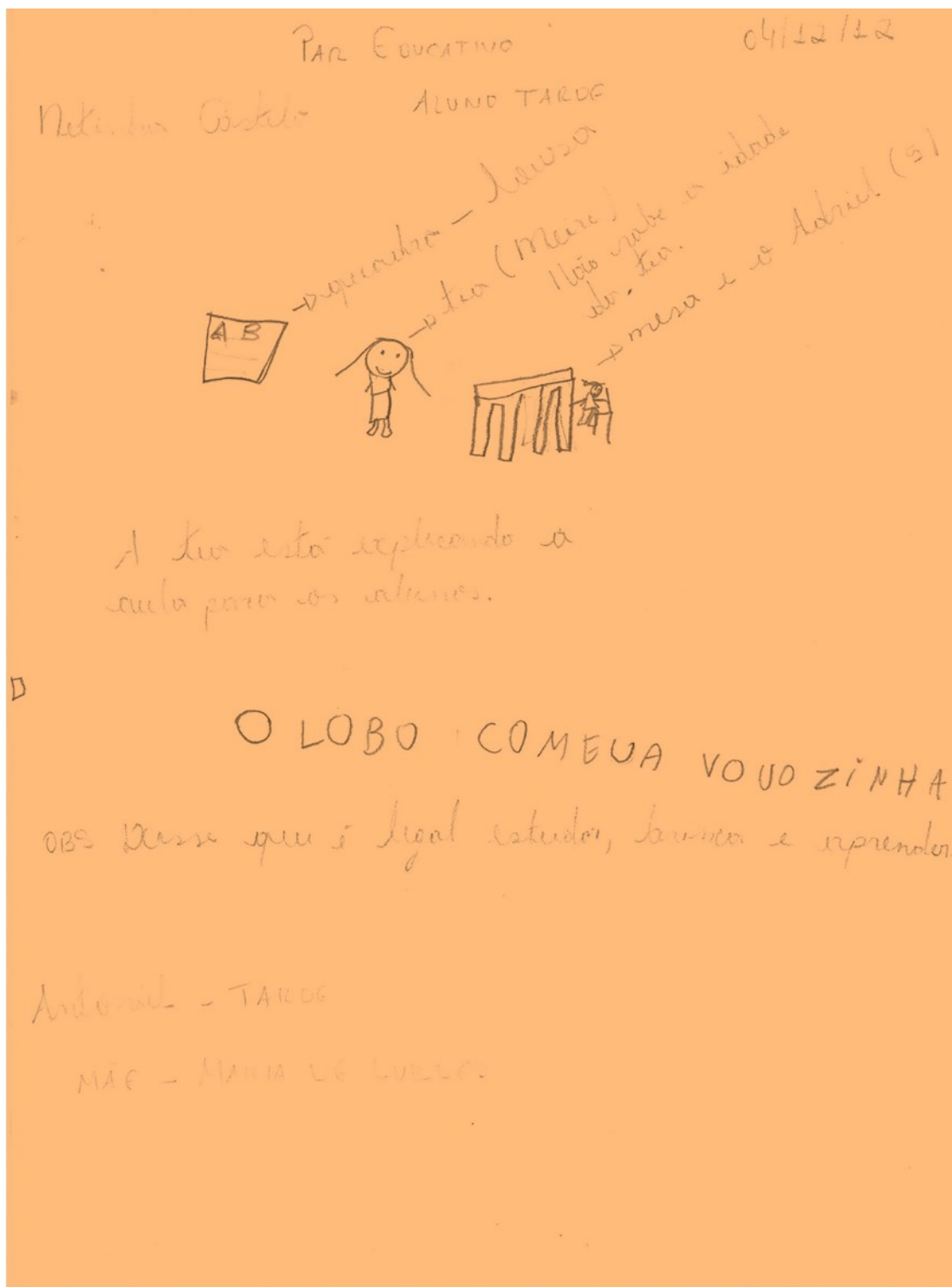
Sobral, 20 de novembro de 2013.



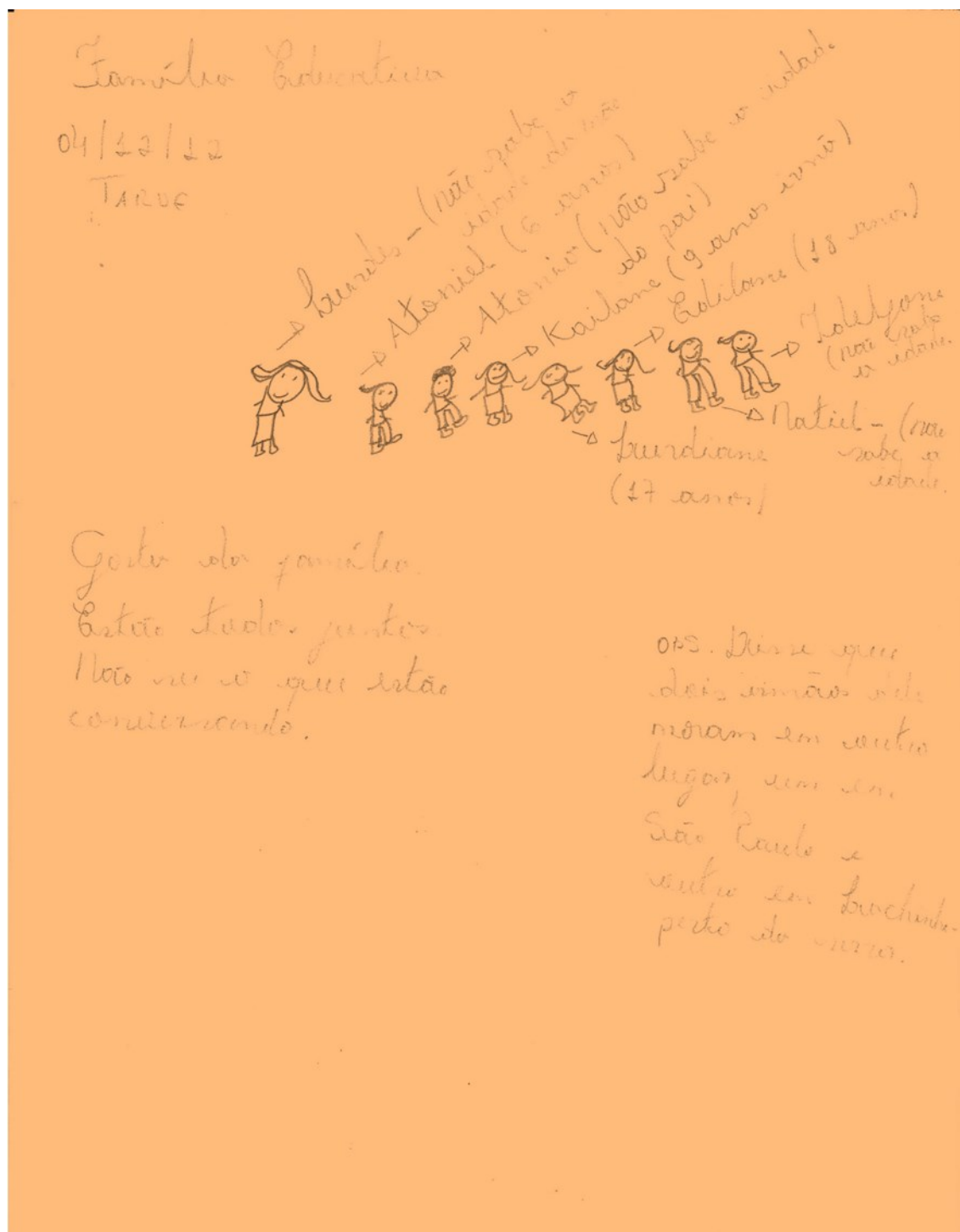
Liana Liberato Lopes Carlos
PÓS - GRADUADA EM ENSINO
DO PORTUGUÊS
REG: 9781

ANEXO 7 - DESENHOS DAS CRIANÇAS - ESCOLA PÚBLICA E PARTICULAR

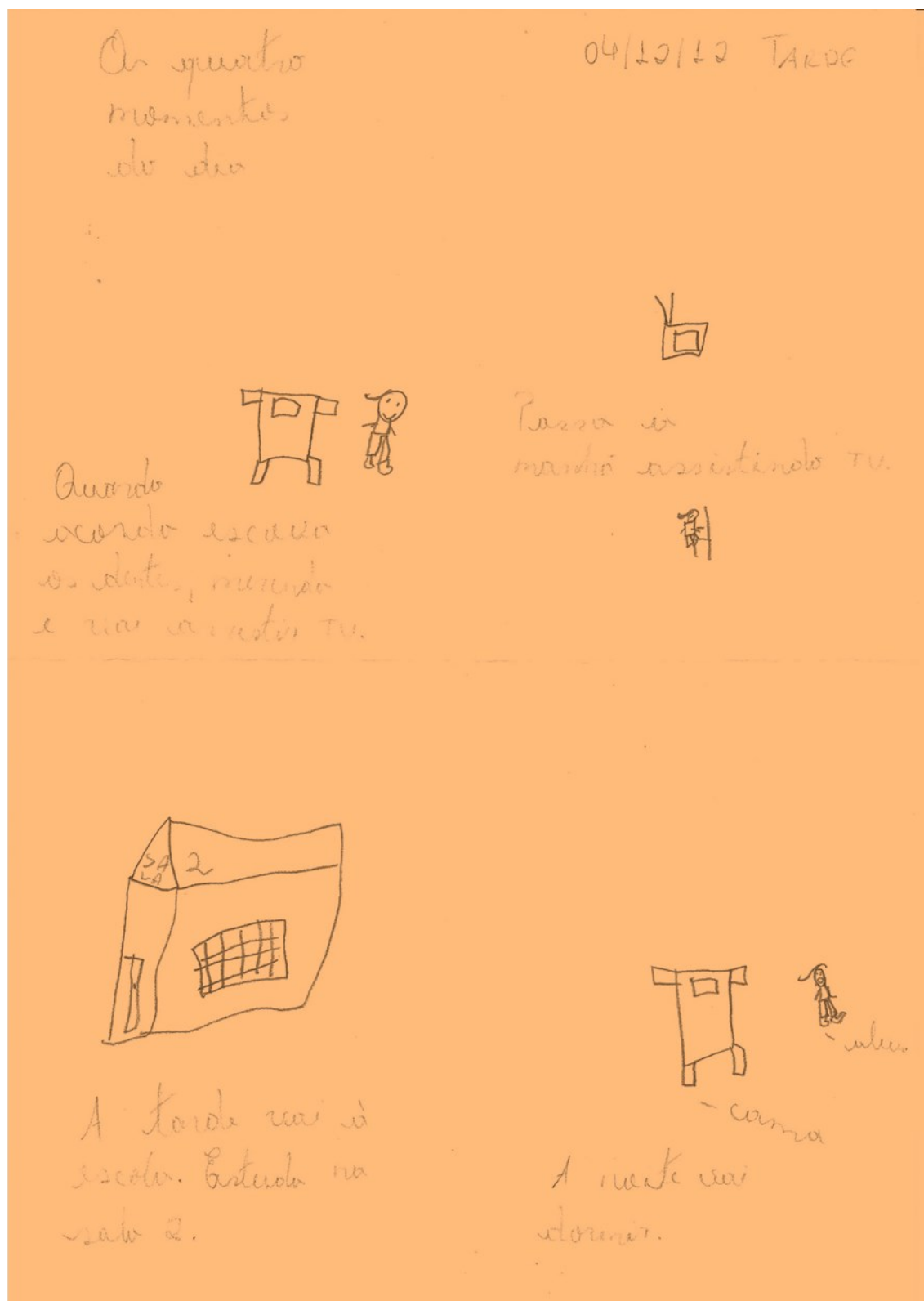
Desenho 1- Par Educativo- Escola pública



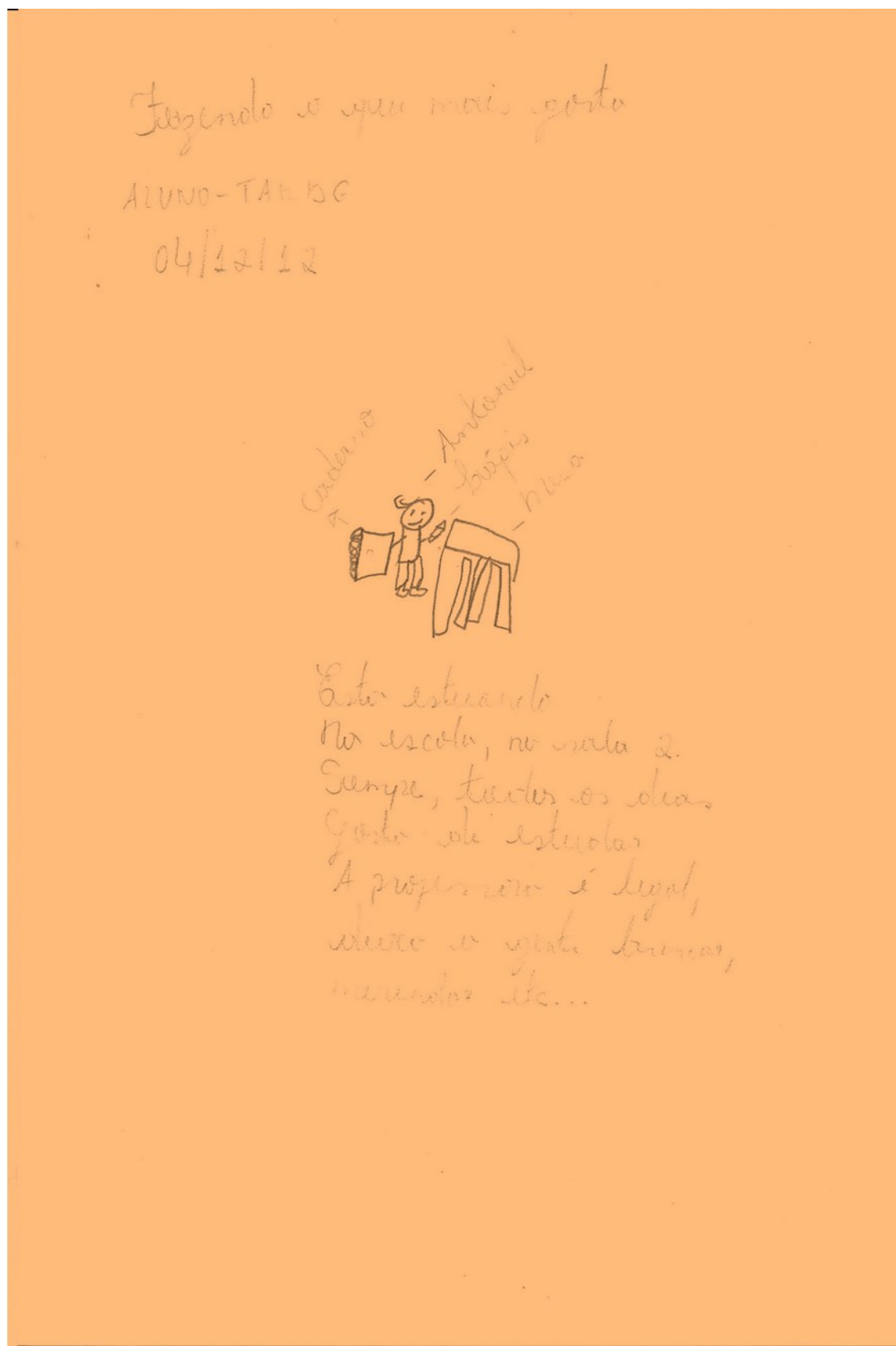
Desenho 2- Família Educativa - Escola pública



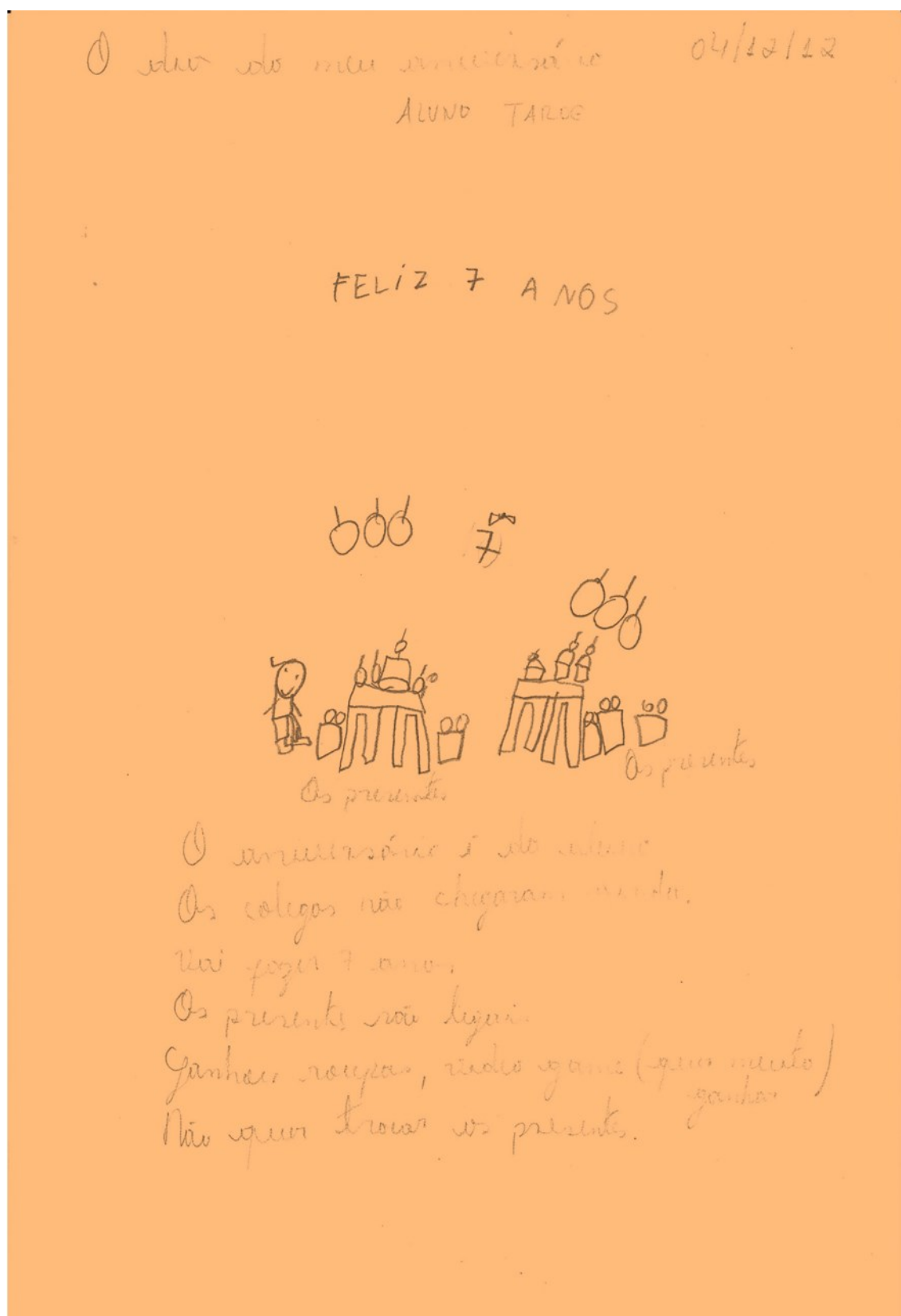
Desenho 3- Os quatro momentos do dia - Escola pública



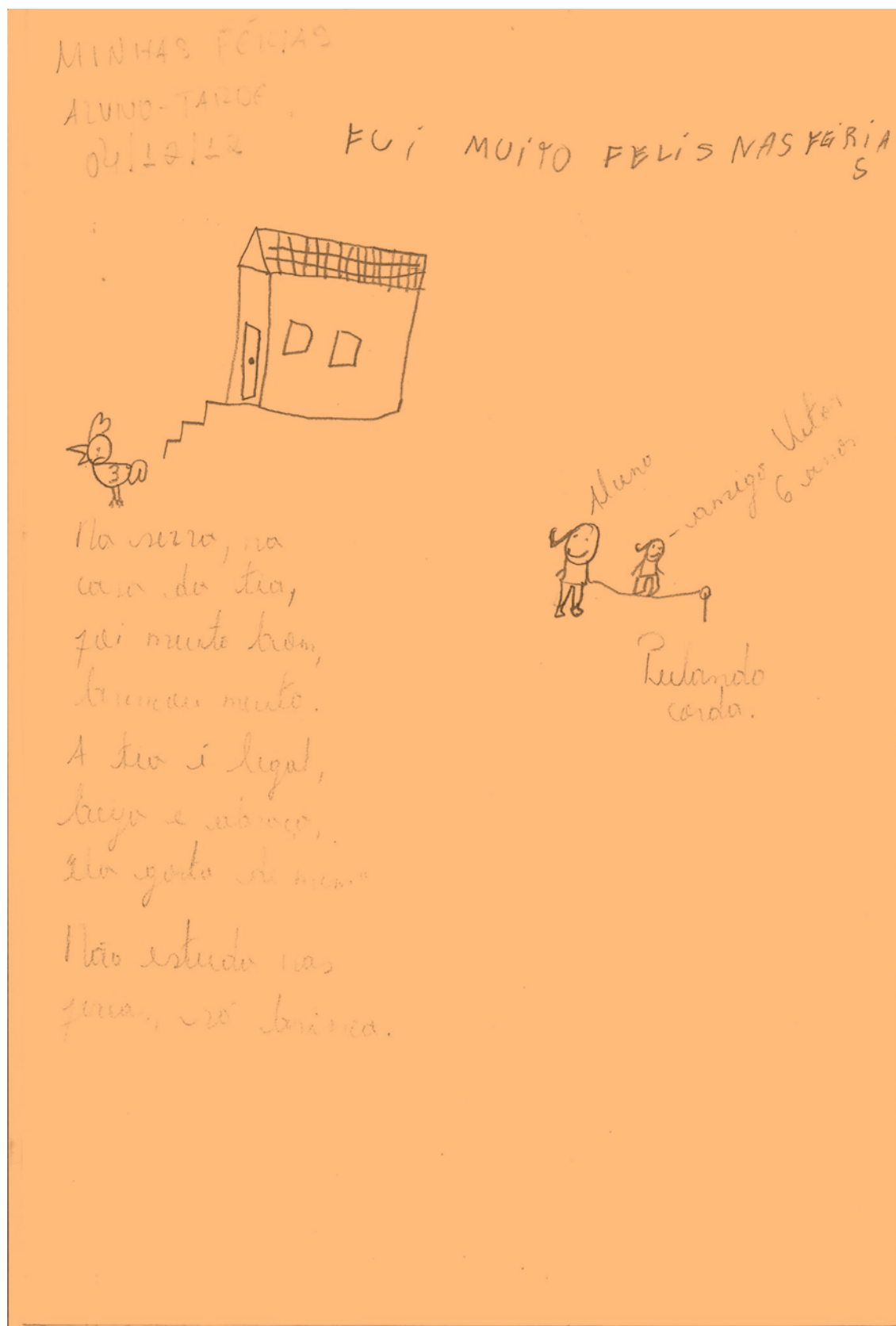
Desenho 4- Fazendo o que mais gosta- Escola pública



Desenho 5- Dia do meu aniversário- Escola pública

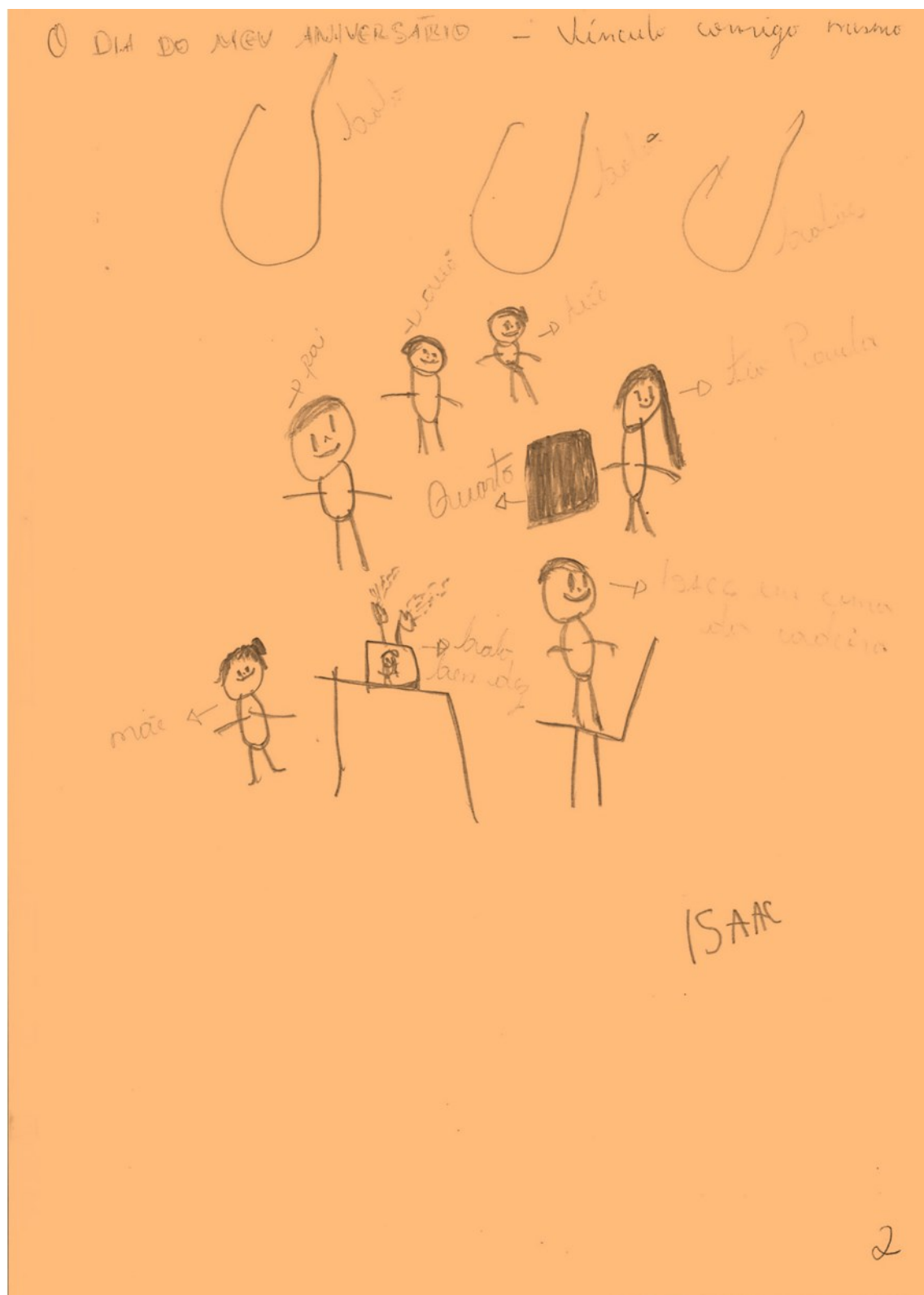


Desenho 6- Minhas férias - Escola pública



Desenho 1- Par Educativo- Escola particular

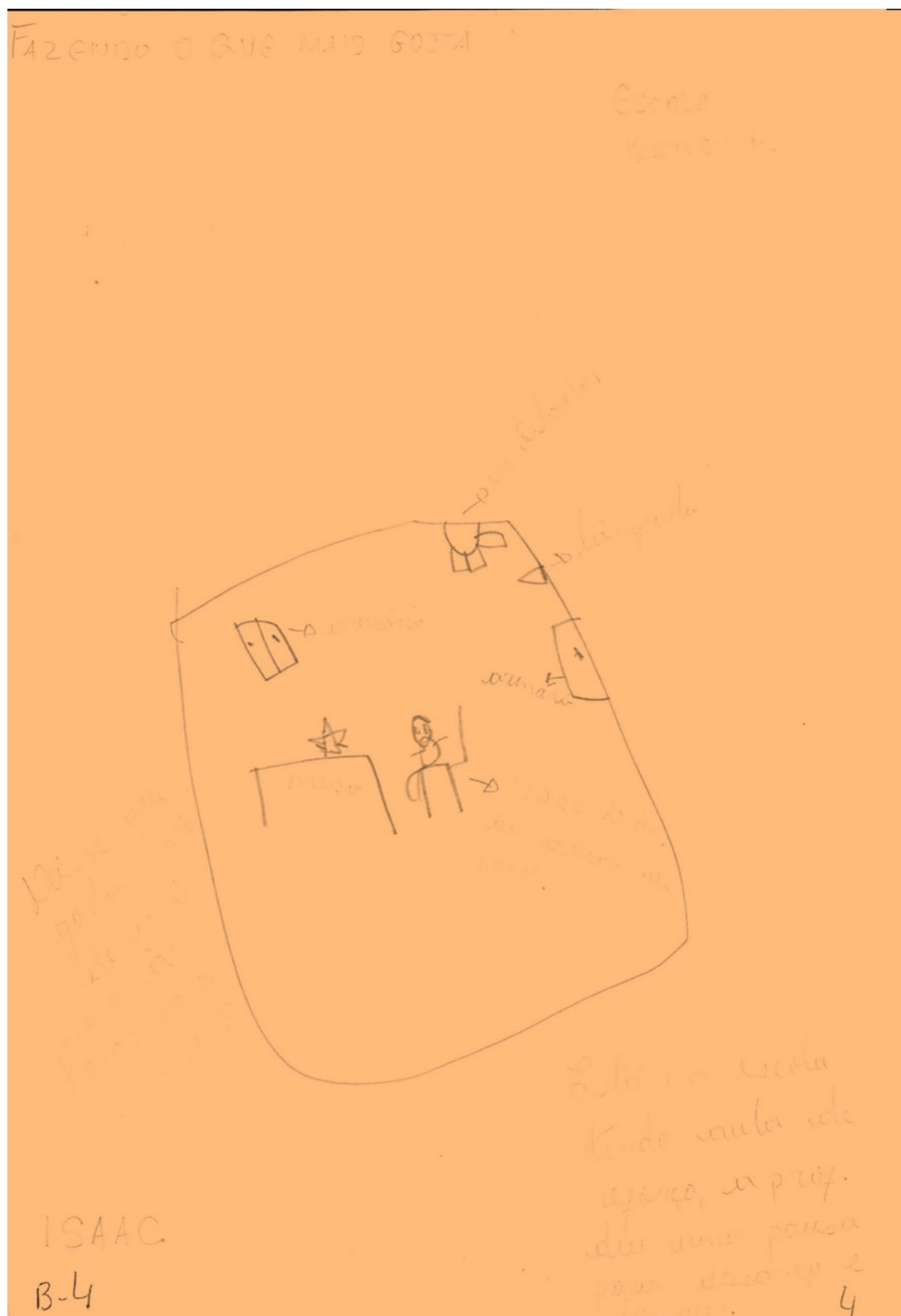
Desenho 2- Dia do meu aniversário - Escola particular



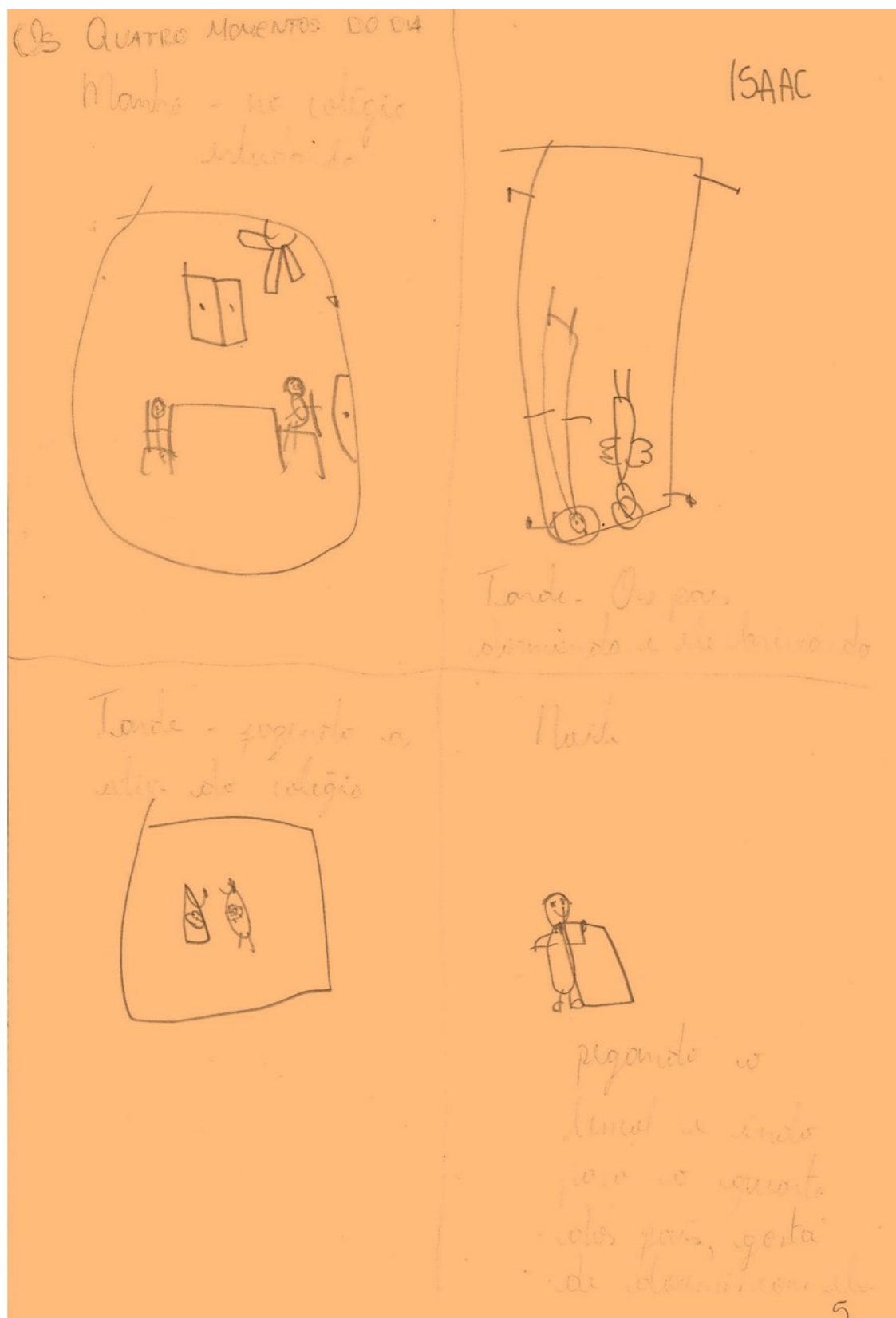
Desenho 3- Minhas Férias- Escola particular



Desenho 4- Fazendo o que mais gosta- Escola particular



Desenho 5- Os quatro momentos do dia- Escola particular



Desenho 6- Família Educativa - Escola particular

